



DR. SILVA JARDIM

SILVA JARDIM

APONTAMENTOS

PARA

A BIOGRAPHIA DO ILLUSTRE PROPAGANDISTA

HAURIDOS NAS INFORMAÇÕES PATERNAS E DADOS
PARTICULARES E OFFICIAES

POR

José Leão

O.R.
920
5586-1/2

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1895

7º DA REPUBLICA BRAZILEIRA

3941-94

PRIMEIRA PARTE

O HOMEM

Nasceu Silva Jardim a 18 de agosto de 1860, ás 4 horas da manhã, no lugar denominado Capivary de Cima, pertencente á Parochia de N. S. da Lapa, municipio de Capivary, comarca do Rio-Bonito, na ex-Provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro.

O facto deu-se em casa do avô materno e actualmente de propriedade do Sr. João Ferreira da Silva, um anno depois vindo habitar o sitio da *Sapucaia*, de propriedade paterna.

Nas suas *Memorias de Viagens* ha um capitulo intitulado *Meditação* onde o author descreve esta morada com as cores da saudade que uma ausencia longa imprime aos objectos queridos.

E' meu parecer que neste lugar seja erigido um templo escolar que perpetue a memoria daquelle que foi tão grande tribuno quanto professor emerito.

E para contribuir directamente para a aquisição de tal immovel é que foi emprehendido este trabalho, não por vaidade de figurar em publico.

E' além disso um preito de amizade ao companheiro leal e dedicado.

Ao Congresso Estadual cabe, por outro lado, perpetuar a memoria do illustre capivaryense mudando para *Seu Nome* o da cidade que é séde daquelle municipio.

4-020

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
485	9-7-51

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
IMPrensa NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
190	12-7-45

Era Silva Jardim filho legítimo de Gabriel da Silva Jardim e de D. Felismina Leopoldina de Mendonça Jardim, pequenos lavradores na então Província do Rio de Janeiro.

Pelo lado paterno era neto de Antonio da Silva Jardim, cujo nome adoptou e de D. Luciana Maria Cêa e pelo materno, de Leandro Freire Ribeiro de Mendonça e de D. Lauriana Leopoldina do Amor Divino.

O cognome ou appellido de familia remonta a seu bisavô paterno, o major reformado do exercito Anacleto da Silva Jardim, casado com D. Maria Candida de Azevedo.

Um filho destes casara-se com a filha de Ignacio Francisco Ferreira de Cêa e D. Maria Joaquina de Cêa.

Pelo lado materno era Silva Jardim, bisneto de Francisco Freire Ribeiro e D. Catharina Roza de Mendonça.

Deixo aos genealogistas o trabalho de apurar o valor desses nomes, todos elles entrelaçados em muitas das familias dos Estados do Rio e Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul e mais ainda os tataravós paternos, Francisco Ferreira de Cêa e D. Francisca de Andrade Quintanilha e pelo mesmo motivo os maternos Leandro Antonio de Andrade Quintanilha, irmão da precedente e casado na familia dos Mendonças...

A' excepção do Major Jardim, eram todos esses antepassados fluminenses, e como aquelle brazileiros por conseguinte, pois era o mesmo natural do Rio Grande do Sul.

Essa circumstancia é tanto mais honrosa quanto se pensa em geral que o Brazil vive a imitar a Europa.

Assim, pois, Silva Jardim era a encarnação do espirito nacional, atravez de tres ou quatro gerações, em que não se encontra entre os seus antecedentes, um só estrangeiro.

E em vista disto não admira que o espectáculo de um governo entregue ás mãos de um forasteiro desper-tasse nelle as coleras tremendas da indignação indigena!

Seu pae exercera o magisterio particular durante uns cinco annos, passando para o professorado publico, em 1870.

Nascido em 2 de julho de 1841, casou-se aos 18 annos, entregando-se aos misteres ruraes até 1865, em que por instancia de amigos fundou uma escola particular, que aproveitou á infancia de Silva Jardim.

Primeiro fructo desse casamento feliz, foi, o nascimento da creança, um acontecimento de grande alegria para o casal.

Em 1861 pelo mez de fevereiro, e contando já seis mezes de idade, foi elle baptisado pelo Padre Egydio Antonio Vieira, vigario da freguezia da Boa Esperança do Rio Bonito. Deste municipio é filho tambem o Sr. Valentim Magalhães, amigo de todos os tempos de Silva Jardim e um dos escriptores contemporaneos de maior nomeada.

Por essa razão tinha Silva Jardim por elle uma especial affeição, como que nascida desses laços communaes, que revelam no individuo o amor aferrado ao berço natal.

Sob a protecção de Nossa Senhora, foi levado Silva Jardim á pia baptismal, por sua avó materna, sendo padrinho o marido desta, mas tomando elle como se disse o nome do avô paterno.

E' costume entre as familias catholicas do Brazil tomar-se Nossa Senhora por *madrinha* e no caso actual é tanto mais natural quando se viu que o menino nasceu tres dias apenas depois do de Nossa Senhora da Gloria e porventura feliz sob tão benignos auspicios. Era pelo menos essa a intenção dos paes.

Silva Jardim, mais tarde, ligou verdadeira importancia a esse acontecimento, por ver que ainda neste dia consagra o Positivismo um culto particular á *festa da mulher*, a exemplo do que se fazia na igreja catholica.

Aos 11 mezes já andava e começava a fallar com extraordinaria precocidade. Era meigo, no dizer dos paes, cheio de desejos e vontades, revelando-se em muitas occasiões tenaz e resolutivo.

Apenas, porém, ensaiava os primeiros passos, foi acommettido de febres palustres que o prostraram por mezes, no anno seguinte de 1862.

E' um facto muito commum o que se observa nas creanças doentias. A molestia que os exclue dos brinquedos proprios da idade, crêa nellas o espirito da observação, tornando-as *sabias*. Não lhes sendo permittido envolver-se nos folguedos e distracções dos outros, observando de longe, registram na memoria os factos que vêem e tiram delles as ultimas consequências. Rara a creança que teve um longo soffrimento, não revelou mais tarde esses attributos que são a base de estudos valiosos da critica philosophica.

Assim é que em 1863 já attrahia a attenção com seus ditos, revelandó já espirito de observação, caracteristico das creanças doentias, si bem que já fosse forte de corpo, alegre e brincalhão.

Como todos os meninos da roça, andava descalço, montado em um cabo de vassoura, que, por uma phrase propria da pouca idade, chamava de *cavallo mar-cheiro*; outras vezes atirava-se a travessuras mais perigosas, exigindo grande cuidado e vigilancia por parte da familia, mas já revelando qualidades de temeridade que mais tarde lhe haviam de ser fataes.

Era fecundo em formar os derivados em *eiros*, o seu cavallo de pão era ao mesmo tempo *gallopeiro* e um dia em que chegaram á porta da casa o empregado da padaria e o vendedor de peixe, elle grita para o pae: aqui está o *padeiro* e o *carapebúseiro*!

As palavras *pão* e *carapebú*, tinham-lhe servido de mote para aquellas formações de termos, em que si o primeiro era trivial, o segundo não deixava de exigir certo esforço de intelligencia, o que n'uma creança de quatro annos era para admirar.

Estava ahi o germen do futuro professor, do syllogista implacavel em favor de um principio ou de uma idéa.

Eram as qualidades da *deducção* que se despertavam, essas mesmas qualidades, que, mais tarde, fizeram delle um orador convincente.

Desde pequeno affeiçãoara-se ás pessoas serias, afastando-se do commum das outras creanças.

E' justamente no anno seguinte, de 1865, que o pae abre uma escola, na propria casa de residencia, no sitio Sapucaia, á meia legua de distancia da villa, hoje cidade de Capivary.

Silva Jardim, com essa liberdade que teem as crias de casa, entrava a todo instante na sala das aulas, ora demorando-se, ora saindo, affeioando-se a este ou áquelle discipulo, conforme as inclinações proprias da idade.

Nos dous mezes decorridos pôde elle apanhar as primeiras noções da leitura e quando menos o pae se apercebe, já conhecia as lettras, repetia as syllabas e procurava soletrar os nomes, conforme era o methodo do ensino então.

Em abril deste anno, encontra-o o pae a querer decifrar um manuscrito.

— Quem te ensinou a ler, meu filho, lhe diz admirado?

— Foi Lulú, responde todo contente.

Assim, sem que o pae dêsse por isto, tinha aprendido os primeiros rudimentos da leitura, com quatro annos e meio, cabendo a honra de os ministrar ao Sr. Luiz Augusto de Sá e Vasconcellos, alumno daquella escola, ainda hoje vivo e feito tabellião publico, na cidade de Macahé.

E' então que o professor julga-se na obrigação de continuar a obra do discipulo e começa a leccionar Silva Jardim uma hora em cada dia. Essa predilecção em tão tenra idade, já era seguro indicio da verdadeira vocação para as lettras.

Em janeiro de 1866, já elle lia soffrivelmente, escrevia e contava, conhecia a *lettra redonda*, tinha principios de religião e certo desenvolvimento moral superior á sua idade.

Estudava então duas horas por dia, mas já era preciso obrigar-o a deixar o livro porque a paixão pelo estudo devorava-lhe o pequenino ser.

Não tinha outras distracções depois que se lhe abriram os horisontes da instrucção; era como uma febre, só queria ler, não se preocupando absolutamente com o mundo objectivo.

Em setembro deste anno, estava prompto no que concerne ao ensino elementar, como era então ministrado, sustentava discussões sobre assumptos de historias patria e sagrada, e repetia com gosto muitos pontos da geographia do Brazil.

O pae era o primeiro a maravilhar-se das habilidades do filho e sentia que não soubesse bastante para cada vez tornal-o mais illustrado.

A esse tempo foi a escola visitada pelo Inspector litterario da comarca, Dr. José Antonio de Mattos e Silva.

Ao entrar na sala, dá com o menino muito attento, a estudar, á meia voz, em um livro que tinha diante dos olhos. Acreditando que elle está *fingindo* que aprende, pergunta carinhosamente: Então nhônô, está aprendendo a frequentar a escola?

O pequeno olha-o pasmado da pergunta. O pae vem em seu soccorro e indo ao encontro do medico, que era amigo, além de superior, comprimenta-o e diz-lhe: Si V. S. quer se dar ao encommodo de arguil-o, verá que está relativamente mais adiantado do que parece.

A isto responde o Dr. Inspector:

— O Sr. Professor está a brincar?

— V. S. julgará por si, retrucou o pae de Silva Jardim, satisfeito da surpresa que essa revelação causava no animo da primeira autoridade escolar do districto.

Por espaço de mais de meia hora, o Dr. Mattos e Silva interroga o menino sobre pontos do ensino, respondendo este com gosto e atilamento, e ao terminar abraça-o, declarando perante o pae que os contempla:

«Que intelligencia precóce!

Felicito-o, Sr. Jardim; seu filho é admiravel! prodigioso mesmo! Mas, não consinta que nesta idade estude mais de duas ou tres horas por dia.»

Era já o medico que fallava pela bocca do educador.

O seu enthusiasmo por mais verdadeiro e natural que fosse não excluía os preceitos da hygiene.

Era a primeira sagração do talento de Silva Jardim e naturalmente a mais decisiva, pois fazia-o saborear o antegosto das futuras acclamações, no seu peregrinar em defesa de uma idéa.

Sem parecer suspeito, confessa o pae, que em 25 annos de magisterio publico e particular primario só encontrou com quem lhe igualasse em intelligencia, na progressão de um para quinhentos alumnos.

Accrescia que sendo Silva Jardim desde pequenino de proporções diminutas, nesta época, ainda se afigurava mais novo, por estar gordo e rochunchudo e enganar a despeito da idade.

Muito affavel com todos e dedicado á familia, era apreciado pelos parentes e não menos pelos jovens amigos, que lhe dispensavam todas as sortes de carinhos e attentões.

O pae cada vez mais captivo da intelligencia do menino esforça-se para desenvolver-lhe o entendimento. Por um espirito de rectidão, que o caracteriza, sente-se fraco para arcar com tão grande responsabilidade. Até alli leccionava mais por favor aos amigos do que por amor do officio, si bem que o magisterio fosse uma profissão que se coadunava com a sua natureza simples e abnegada.

Começou então a estudar com mais afincio para completar a educação do filho e assim passam-se dous ou tres annos mais em constantes labutares, em que o menino assimila um maior numero de conhecimentos, com aquella facilidade que todos lhe invejavam e chega a 1871 em que tem de exhibir-se em prova publica, na escola da Villa, para onde tinha vindo seu pae no character de professor régio.

Foi o exame presidido pelo Dr. Manoel Antonio de Abreu Sodré, sendo examinadores o Vigario da parochia,

o illustrado sacerdote Antonio José de Freitas e o Advogado Joaquim José da Cunha Lopes.

O resultado desse exame affectava a todos; si por um lado era prova da grande capacidade do alumno, por outro lado dava attestado de proficiencia do mestre; pae e filho rejubilaram-se a seu modo, medidas as distancias e os modos de ver em cada idade, com o resultado que lhes assegurava a admiração em tão tenra idade e o acatamento por parte da opinião publica, factos que vieram estabelecer a dependencia reciproca entre o professor e o discipulo.

Aos 11 annos estava Silva Jardim prompto em primeiras letras. Passa em seguida a auxiliar na escola, portandose já com aquella circumspecção e bondade que eram um dos principaes e mais estimaveis dotes do seu espirito.

Si tomar-se a serio o seu papel de coadjuvante e nem ha razão para não crel-o, o seu inicio na vida intellectual do paiz foi no magisterio que sempre honrou, já por vocação, já como meio de ganhar o pão, já como uma herança paterna que soube ennobrecer e augmentar com as fulgurações de seu talento.

Entre os novos discipulos já figurava uma sua irmã, mais moça do que elle, de nome Maria Amelia de Mendonça Jardim, a quem ensinava com gosto os primeiros rudimentos da leitura.

Depois de casado em S. Paulo, chamou-a a si, completou-lhe a educação, passando a matricular-a na Escola Normal sem pretender diplomal-a.

Era em tudo semelhante ao irmão, regulando as mesmas feições, tamanho, gosto e aptidão para os estudos. Essa infeliz moça, depois da partida do irmão para Santos e estada alli, veio em companhia do pae para casa deste em dezembro de 1886 e é depois da proclamação da Republica nomeada professora em Cabo Frio. Vindo residir com seus paes em Nitheroy, foi victima da grande epidemia que atra-

vessou aquella cidade em 1892, fallecendo a 31 de março deste anno, nove mezes depois do infausto dia da morte de seu idolatrado irmão!

Só a religião, quando consciencientemente professada, pôde amparar e fortalecer um coração de pae extremoso duplamente ferido no que tem de mais sagrado, no affecto pelos filhos que adorava, e quando já a immortalidade e o renome aureolavam a fronte de um e o amor, a ternura, a dedicação inflammavam a alma angelica de outra!

Silva Jardim em pequeno já tinha adquirido habitos de moralista, a sua função de escolar encarregado da disciplina das aulas, tinha-lhe avigorado as noções bebidas nas boas leituras.

Indo em cumprimento de alguma ordem paterna ou fosse levar carta ao Correio ou dar algum recado a alguem, nada o demovia do proposito, ou fosse o encontro de outras creanças ou o ensejo de colher qualquer fructa que apparecesse.

Esse principio de obediencia e respeito por seu pae, o afastamento de camaradagens perigosas, em tão tenra idade, valeu-lhe a amizade, e estima de seus conterraneos ainda os mais consideraveis do logar e todos lhe prophetisavam um futuro brilhante como premio de suas virtudes

Um dia por acaso entrou sem preocupações em uma casa de jogo e perdição, que são nos logares e villas do interior, um foco de dissipações e perversão dos costumes brasileiros, e lá encontrou um seu amigo, desses que, sendo já rapazes o tratavam com tamanho carinho, não obstante já terem vinte annos e impressionado com o espectaculo daquella especie de alcouce, agarrou-se chorando ao moço e fel-o retirar daquelle antro, assegurando-lhe circumspectamente que aquelle procedimento era muito feio! Assim praticava aos onze annos, talvez com a mesma emphase pedagogica com que mais tarde concitava os seus alumnos a serem bons cidadãos.

Em uma semana que seu pae adoeceu, tal já era reputada a sua competencia em materia do ensino, que foi pelo consentimento do Inspector escolar encarregado de reger a cadeira publica de professor, o que para elle constituia um novo triumpho por ventura mais ambicionado.

Ao espalhar-se a noticia do incidente, foram muitas pessoas, por mera curiosidade, visitar a escola e lá o encontraram, refestelado, serio, grave, como um verdadeiro mestre, no exercicio de suas funcções. O seu tamanho contrastava com a altura do assumpto, mas a sua palavra impunha-se e a sua força de vontade vencía o espaço de que a idade o separava.

Era sua consagração primeira no ensino publico como a outra o foi no particular.

Os que o viram neste mister sahiram maravilhados, dizendo que aquelle pequeno havia de ser *um grande homem...*

Nenhuma musica póde ser mais grata aos ouvidos de um pae do que essas notas da lisonja anonyma, porque é sincera.

Pouco e pouco vão penetrando a alma de um doce effluvio da verdade e gerando a convicção de que as expressões do vulgo são os prodromos da sentença da posteridade.

Impressionados com esse asserto, restringem os prazeres, cortam á larga nos gastos, sacrificam-se por annos e annos, com tanto que os seus filhos estudem e se tornem o objecto tão antecipadamente annuciado: *vox populi, vox Dei!*

Este esboço de predestinação popular tem arrancado da pobreza e da obscuridade muitos talentos que n'um meio illustrado desabrocham, vingando as trevas do seu passado modesto, e assoberbando a sociedade com a luz viva do seu espirito immortal.

As vezes é o vaticinio do povo o ponto de partida, na infancia dos grandes homens, e é por isso que se não esquecem esses dizeres e com elles se rendilha mais tarde a vida do varão illustre.

Essa grande verdade justifica esse logar commum a todas as biographias de semelhante jaez.

Na roça, como nas villas e cidades do interior, ha vinte annos atraz e mesmo ainda hoje, era objecto de admiração, onde não existiam aulas de latim, saber ajudar missa e executar as cerimonias do culto catholico em a igreja da parochia.

Os vigarios procuravam de preferencia os filhos das familias mais devotas e que lhes pareciam mais aptos, faziam-nos estudar o rithual, corrigiam-lhes as syllabadas e os admittiam ao mister de *côroinhas* ou *sachristães*, com applauso dos paes e alegria da multidão.

Silva Jardim não escapou á regra geral e occupou em 1872 esse logar na ausencia do sachristão effectivo.

Era uma distincção, por isso que não auferia lucro, a occupação daquelle posto que as suas habilitações mesmo haviam-lhe determinado.

Acontecia que o parcho do logar era muito seu amigo e a quem elle não saberia recusar um tal favor.

A esse tempo, como é facil imaginar, era religioso até á devoção, acreditava na intervenção da divindade nas cousas terrenas e deu provas de suas crenças e fervor catholicos; uma noite em que sua mãe, gravissimamente enferma, foi sacramentada, postou-se elle de joelhos a rezar diante do oratorio, exclamando entre soluços: «Meu Deus! Minha Nossa Senhora! Salvae minha mãe!»

Impressionava-o a posição sacerdotal tão approximada do Senhor e sendo obrigado a pronunciar-se entre as diversas carreiras sociaes, era de opinião em principio que mais valia ser padre do que bacharel em direito, medico ou engenheiro, porque o primeiro era ministro do *Rei do Céu* e os outros o mais que conseguiam era ser do *rei da terra*. Em outra parte me referirei ao gosto que tinha pelos trocadilhos. Ahi fica o germen, não obstante. Essa consideração póde ser um conceito philosophico, conforme o sentido em que for tomada.

Seria uma temeridade de illação ir procurar nessa observação as origens do republicanismo do biographado, mas, justificavel sob o ponto de vista da logica que domina todos os actos da vida de Silva Jardim.

A' vista dessas manifestações theologicas, a primeira idéa que surgiu sobre a educação do menino, que se mostrava tão religioso, foi a de ordenal-o e para esse fim fizeram-se tentativas no tocante a entrar elle para o Seminario.

O Sr. Dr. Cezario de Mello, ex-delegado na Capital Federal, e intermediario nesse empenho, arranhou-lhe a entrada para aquelle estabelecimento, pagando apenas uma modica pensão.

Julga ainda o pae que talvez ordenando-se fosse mais feliz ou antes que não tivesse um fim tão tragico!

Antes de deixar a casa paterna para ir estudar preparatorios, no correr da infancia, recebeu lições de amor ao trabalho, zêlo no cumprimento dos deveres de homem, de urbanidade no tracto, e de altivez na affronta.

Essas qualidades elle as possuia em larga escala mostrando-se respeitoso para com os mais velhos, affavel com seus iguaes e bondoso com os inferiores.

O pae interrogara-o por ultimo sobre a carreira que desejava seguir pelos fins de 1872, alguns mezes antes de sua partida. Já então disse :

« Eu não posso querer nem desejar formar-me, respondeu Silva Jardim, porque papae é pobre e tem numerosa familia. »

— Não, meu filho, tornou aquelle, eu posso, si bem que com sacrificio, manter-me com os pequenos rendimentos da javoura e gastar comtigo a maior parte dos vencimentos de professor, ainda que minguados.

« Oh! mas eu hei de ajudar a papae: logo que saiba algum preparatorio bem, leccionarei nas horas vagas. »

Silva Jardim cumpriu escrupulosamente esta promessa. Ensinava com gosto por amor do ensino, com persistencia por amor da remuneração. Gastava com economia mas sem

privações. *Calculava* em doze contos de réis a despeza feita em nove annos e sete mezes de estudos, sendo quasi metade ganha pelo seu trabalho e tudo mais a expensas do pae.

Depois de resolvida a partida do menino, em conselho de familia, para um estabelecimento de ensino secundario, em 23 de abril de 1873 seguiu para Nitheroy em companhia de seu pae.

Todos que deixaram um dia o lar paterno em busca de um futuro, em lugar distante, sabem quanto é dolorosa esta separação entre irmãos que se estreitam, filhos que se beijam e lagrimas que sobem dos seios maternas.

Chegados á então capital da Provincia, depois de uma viagem penosa a cavallo e por máo tempo, é Silva Jardim entregue aos cuidados dos dignos professores, amigos de seu pae, os Srs. Honorio de Carvalho e seu filho Felisberto de Carvalho, actual professor de portuguez do Lyceu de Humanidades daquella cidade.

Foi em casa da familia deste tratado sempre com o maior carinho, principalmente por occasião de ser acommettido de variola, de que, apesar de benigna, conservou durante a vida sensiveis marcas no rosto. Entre as pessoas que o assistiram nesse doloroso transe lembramos o nome dos dedicados amigos Carlos Augusto Mariz Sarmiento e Antonio Pereira da Costa Rios.

As multiplas occupações do Sr. Felisberto de Carvalho não permitiam-lhe leccionar, como desejava, ao menino, e de accordo com o pae deste, manda-o para o collegio *Silva Pontes*, regido pouco depois pelo bacharel Felipe de Sampaio Corrêa, nomeado, neste mesmo anno, Juiz Municipal de Campos. Ahi teve como professor, além de outros, o Sr. Francisco Antonio Cantarino.

Por aquelle motivo foi fechado o referido collegio e teve Silva Jardim de procurar em outro lugar a instrucção que o seu atarefado hospede lhe não podia ministrar.

Matriculou-se, pois, em 1874 por intermedio do mesmo Sr. Cantarino, no mosteiro de S. Bento, onde cursou as aulas de portuguez, latim, francez e geographia.

Em carta de 8 de julho de 1874, escripta de Nitheroy, em que dava conta de suas resumidas despezas e dos livros a comprar, confessava que ia bem de estudos e a prova é que terminava por este francez *macarronico*, mas que na bocca de um cascabulho, que apenas sabia balbuciar a formosa lingua, tinha certa graça e indicava a preocupação do momento : *Jè n'peut pas etre plus etendu. Jetez votre benediction, mon père et ma mère, sur votre fils q'il vous aime. Pardonez les erreurs et le papier. Antoine.*

Foi em Nitheroy, em casa do Sr. Honorato de Carvalho, que teve por companheiro Francisco Pessanha, hoje medico na Capital Federal, de quem foi sempre muito amigo.

Em S. Paulo, quando tratou dos papeis de casamento, recorreu ao Frei Santa Catharina de Mendonça Furtado, em virtude dessas boas relações, e obteve d'elle um attestado de confissão que com elle fez na melhor harmonia.

Este facto é tanto mais singular quando já sendo Silva Jardim *positivista*, foi obrigado a procurar um padre *catholico* para o absolver das culpas. Para casal-o, os representantes da igreja exigiam aquella formalidade, que torna o sacramento mais bem acceito e como Silva Jardim não estava disposto a renunciar a sua felicidade futura por meras questões de rito, sujeitou-se, escolhendo, para isso, o seu antigo director espiritual.

O que fosse essa confissão todos imaginam : uma exposição de doutrinas em que o reverendo abbade terminava invariavelmente por estas palavras :- *cala-te, Jardim, é assim!*...

Me lembra, como hoje, que fizemos, eu e outros companheiros, uma grande festa á exhibição do bilhete de confissão!

Silva Jardim tinha effectivamente se confessado. Frei Santa Catharina era incapaz de lhe fornecer este documento

sem que tivesse tentado chamal-o ao bom *caminho* e por outro lado o noivo era incapaz tambem de semelhante acto. Infelizmente, si elle procurasse sophismar, não faltaria por ahi além, no clero estrangeiro, seja dito em abono da verdade, e da dignidade do sacerdocio nacional, quem lhe proporcionasse o attestado sem exigir o acto correspondente, como succede a muitos.

O espirito de tolerancia de Silva Jardim foi além. Depois de casado, baptizou os filhos, assistiu a cerimonia religiosas, conservou com os padres de seu conhecimento as mais affectuosas relações. Os frades de S. Bento o distinguiram sempre e entre os poucos já existentes o Frei Bento da Trindade.

Os cursos de preparatorios mantidos á custa desta ordem foram desde muito um foco de instrucção inestimavel, um verdadeiro amparo aos moços pobres e applicados, que estudavam sem nenhum dispendio, disputando em épocas apropriadas os seus exames com a consciencia do saber.

O que mais admira é que o ensino ministrado era completamente leigo e que alguns dos professores eram verdadeiros *pensadores livres!*

Esse periodo da vida de Silva Jardim, por mais despercebido que corresse, foi de grande influencia no seu futuro. Foi ahi que iniciou-se na grande luta pelo saber conquistando reputação de estudioso e bem comportado.

O grande numero de materias que estudava ainda assim não o impediam de fazer litteratura e data da frequencia desses cursos a sua estréa jornalística no *Labarum Litterario*, folha redigida pelos alumnos daquelle estabelecimento de que era redactor-chefe.

Mais tarde a denominação que dá ao seu primeiro pamphleto critico é uma reminiscencia desta época.

A Academia de Direito em S. Paulo funciona no antigo convento de S. Francisco, no largo chamado deste nome,

hoje Praça de José Bonifácio, o moço, onde se ergue a estatua deste notavel tribuno e mais notavel poeta ainda.

Assim, pois, os frequentadores do curso, os academicos de então, não podiam, com grande propriedade, ser appellidados de *Gente do Mosteiro*, e Silva Jardim por seu lado não estava no caso de confundir duas cousas tão diversas, referentes a ordens religiosas por sua vez bem differentes.

E' que elle considerava aquillo uma cousa infantil, rudimentar, preparatoriana, e como tal assimilou o pessoal á creançada collegial, tal como elle observou na côrte entre aquella gente que frequentava o mosteiro onde havia estado.

Essa ironia do joven pamphletista não era menos cruciante que os conceitos da critica formulados sobre os rapazes de seu tempo.

Tendo muitas materias a estudar e repartidas por differentes horas do dia, sendo obrigado a cumprir com os deveres da hospedagem na casa onde se achava, em Nitheroy, consumia muito tempo nas viagens, além de expor-se aos perigos que ainda hoje ameaçam os passageiros das barcas-Ferry.

A' vista disso, solicitou e obteve consentimento do pae para vir morar na capital do Brazil, em companhia de collegas de sua escolha, que a esse tempo já os tinha.

Mudou-se então para o Rio, indo residir em *republica*.

O que é esta vida de estudante nas chamadas *republicas* só quem passou por ella poderá dizel-o! Ao par das privações de toda a especie, mais pela incuria do que pela falta de meios e sobretudo, devido a que os jovens espiritos preoccupados somente com o lado intellectual de seu sêr, descuram completamente o lado pratico das cousas e quiçá muitas vezes, o moral; soffre-se ainda carencia de relações de família, em cujo seio se possam cultivar as

affeições domesticas e reavivar o espectaculo do lar distante, dando isso logar a habitos revolucionarios que não se coadunam com o meio social.

Felizmente Silva Jardim nada perdeu de seus costumes severos e delicados e atravessou essa crise como muitas outras entre o estudo e a controversia das materias aprendidas, transformando a casa em palco ou tribuna e os companheiros em comparsas ou ouvintes.

Póde-se dizer] delle que desde muito cedo levou toda sua vida a ler e discursar!

Dos preparatorios que estudara nas aulas do mosteiro, Silva Jardim deixara apenas de fazer o de latim que requer mais tempo.¹

Tendo-se matriculado alli em 1874, no anno seguinte, fez na Instrucção Publica os exames de portuguez, francez e geographia e foi approvado em todos plenamente e com a nota de distincção no primeiro.

Depois deste brilhante resultado o pae consente em que deixe aquelle estabelecimento e se matricule no Externato Jasper, á rua do Rosario, em frente á de Gonçalves Dias, coincidindo essa frequencia com a sua moradia na cidade em companhia de outros collegas.²

Foram companheiros de casa de Silva Jardim os distinctos moços Raymundo Corrêa, matriculado no mesmo dia em Direito, Pedreira Franco, engenheiro, Pessanha e Liborio Seabra, formado igualmente, em medicina.

Em 1876 fez os exames de inglez, arithmetica e rhetorica.

No meio em que se achava falleciam-lhe recursos para uma vida mais folgada, sentindo-se pequeno diante de

¹ C - 28 - 10 - 77.

² Foram seus professores, além de Mister Jasper, os Drs. Zeferino, Malheiros, V. de Souza, L. Milagres e Vargas de Andrade.

tanta grandeza. Compreendeu que só o commercio podia dar-lhe os meios necessarios para satisfação de suas principaes necessidades.

Para cohonestar o seu natural despeito, invoca os motivos de pobreza e familia numerosa de que era sobrecarregado o pae, para quem uma vez já tinha appellado e cuja solução conhecia.¹

Neste anno, achando-se possuido daquellas idéas de trabalhar para ganhar a vida, pediu permissão para deixar os estudos tão brilhantemente encetados e empregar-se n'um escriptorio commercial.

Perorava dizendo que seu pae não podia com tantas despesas e elle não queria ser o algoz de sua familia.

Motivos de molestia tambem influiram para isso; mas, ao ter approvação da resolução favoravel do pae, que por telegramma a tinha annuciado, procurara o amigo que lhe promettera a arrumação e este lhe dissera peremptoriamente que julgando que o pae não o attendesse em seu pedido de seguir o commercio e estando elle com a escripta atrasada, apparecera-lhe um rapaz habilitado e acceitou-o, ficando assim com o logar, que lhe era destinado, preenchido por outro; que esse logar era por natureza o ultimo da casa e não correspondia ás suas habilitações como homem de lettras e teria de investil-o de attribuições proprias do guarda-livros, o que iria ferir justas susceptibilidades; de-mais accrescentara o commerciante, todas essas cousas que fazem o apparecimento de rivalidades entre empregados perturbam o equilibrio da casa de negocio.

E, concluindo, offereceu a Silva Jardim um logar de hospede em seu estabelecimento commercial, o que aquelle dignamente recusou.

Essa historia é por de mais conhecida no commercio do Rio de Janeiro, onde, alguns annos atrás, não havia espaço para os moços brasileiros...

¹ C. — 30-10-75.

As difficuldades materiaes eram que mais preponderaram nesta resolução a tomar, pois na mesma carta em que elle dava conta desses successos que ocorreram pela occasião em que já se achava em Santa Thereza, morando com seu primo, o Dr. Constante Jardim, em outubro de 1876, dizia emphaticamente:

« Estudar é meu fadario, porque nasci para o estudo, seja elle de qualquer profissão; o amor ás lettras não é questão do habito, mas sim uma lei innata, diante da qual o homem não póde fugir.

Mas que fazer? Vim pobre ao mundo, sem o cunho dos privilegiados da fortuna e estygmatisado pelo ferrete da fatalidade.

Ninguem póde fugir ao destino que a Natureza lhe deu, já dizia o poeta romano.

Pessoas ha que, julgando das cousas em these, reprovam minha resolução, mas que depois de ouvir-me em particular concordam plenamente.

De um ouvi: ¹

A sociedade é quem perde, ao passo que você ganhará, podia brilhar n'uma carreira litteraria.

Porém nunca saberiam comprehendel-o.

Foram estas as palavras de quem meia hora antes julgara minha resolução uma loucura, e que depois dizia-me ser prova de bom senso. »

A muitos respeitos torna-se esta correspondencia notavel, porque explica diversos pontos da vida do moço e nella se divisa o pensador e o homem de character.

Tudo o que faz é premeditado, discutido e posto em execução, embora mais tarde abandonado, si para isso houver motivos de força maior.

Nesta mesma data justifica-se elle de algumas observações que o pae julgou dever fazer-lhe, a pretexto de artigos

¹ Dr. Cesario N. de Souza Motta, companheiro de casa e collega do Dr. C. Jardim de quem se falará mais tarde.

por elle publicados em jornaezinhos, taxando-os de *exaltadinhos* e *acreançolados*.

« Os meus escriptos são todos litterarios como os que publiquei no *Labarum* sobre *Galicismos* e *Tiradentes*.

Quererá referir-se a este ultimo? Eu creio que não será crime manifestar alguém suas idéas, desde que não offenda a pessoa alguma.

O homem tem liberdade de pensar, diz o padre Barbe.

As idéas que expendo sobre Tiradentes nada teem de *exaltadinhas*, pois ninguém pôde deixar de concordar com ellas. Falla-se ahi de relance sobre o absolutismo... e quem o deseja?

Quem não quer a liberdade?

Tambem não teem nada de *acreançoladas*, porque muitos anciãos as seguem. Quanto a comprometter-me, não creia.

Antes assim fosse, porque era isso uma prova de que ligavam apreço á minha pessoa.

Era minha intenção concluir o *estudo sobre Tiradentes*, no qual pretendia mesmo ganhar algum dinheiro; mas, á vista de semelhante prohibição, não o farei.

As idéas que tenho a additar são consentaneas á maneira por que principiei o trabalho e não posso modificá-las. A todos devemos o respeito e veneração, mas a ninguém o sacrificio de nossa consciencia. As idéas expendidas são filhas da civilisação; quem actualmente fizer obras que tenham o cunho dos seculos XV ou XVI, esteja certo que nada conseguirá. Por conseguinte, não tenho receio de haver escripto cousa alguma que me possa comprometter.

E' verdade que quem me lêr sabe logo *quaes são minhas crenças*¹ *políticas*, mas terei sempre muito prazer nisso, porque não necessito occultá-las.»

E' uma bella pagina de psychologia esta carta, escripta aos 16 annos de idade, no meio de uma situação

¹ O grypho não é do autor.

desesperadora, em que se procurava furtar á carreira das letras e entrar para o commercio, afim de pôr termo ás necessidades da vida precaria de estudante pobre.

Ahi se encontra essa dualidade pedagogica e politica, ainda em germen, porém francamente revelada na capitulação dos dous unicos artigos que publicara.

Renunciava sobretudo, porque, repetia elle, não queria ser o algoz de sua familia.

Não ha duvida, taes sentimentos são generosos em tal idade, e poderiam servir de exemplo aos filhos prodigos, que conseguem bacharelar-se á custa do futuro de seus irmãos, solidarios com o pae na educação delles.

Na maioria dos casos, para que se conte um *doutor* na familia, gastam os brasileiros o peculio que possuem, com detrimento do bem-estar proprio, sem considerar que, desapparecido o direito de primogenitura, não assiste a nenhum dos irmãos a preferencia na distribuição dos deveres paternos.

Pôde tambem ser que no meio onde ora se agitava e na carencia de maiores recursos, em face da opulencia que dá o commercio do Rio de Janeiro, elle se deixasse tentar pela inveja das riquezas e quizesse escalar o templo da fortuna com as azas de Mercurio.

Por mais contrariado que estivesse, não sabia o pae negar nada ao filho idolatrado, e foi verdadeiramente penalizado, que consentiu no que lhe pedia.

Esteve por espaço de tres mezes em um escriptorio commercial, á rua Visconde de Inhaúma, (Vide pag. 173 e 174 das Mem. e Viag.)

Cedo, porém, comprehendeu que não nascera para aquelle mister. Na primeira oportunidade despediu-se do patrão. Tornara-se a encontrar com o seu professor e ex-director, e este o convidara para collaborarem juntos em um trabalho sobre lingua ingleza, cujo aproveitamento lhe conhecia.¹

¹ C. — 28-11-77 — Quitanda, 2º andar.

Ao retirar-se do emprego, o dono da casa, que soube apreciar o seu comportamento durante a curta estada no escriptorio, lhe dissera urbanamente: «Em minha casa de negocio haverá sempre um logar para o senhor.»

Annos depois, em uma conferencia publica, desposava como sua a causa dos caixeiros, desenvolvendo a theoria politico-economica entre os patrões e os obreiros de qualquer classe, para o fim de provar igualmente que aquelles tinham direito ao descanso nos domingos.

Este facto é coetaneo da sua propaganda e em occasião opportuna será tratado.

Após tão pequena experiencia, mas o tempo preciso para esquecer as magoas passadas, entrega-se com ardor aos estudos novamente e no fim deste anno é aprovado plenamente em latim e philosophia. Fizera o exame de historia, mas seu espirito recto não tolerou que o examinador trocasse-lhe o ponto, protestou, e, apezar de ter-se sahido bem, ainda assim foi inhabilitado por esse typo venal de professor.

«Para não estar só no Externato, escrevia elle, a convite do Peçanha, moro agora com este na rua da Quitanda n. 187, 2º andar, em um bom e pequeno quarto, que elle alugou. Tenho estudado bastante; creio ser feliz...

Adoptei em minha vida um novo systema, que estou pondo, á risca, em pratica: 1º, estudar muito, porém com methodo, sem prejuizo da saude; 2º, dormir o necessario (seis horas); 3º, limitar as relações com familias de meu conhecimento, de modo a só ser encontrado em dous logares, em casa e nas aulas; 4º, seguir em tudo seus conselhos sobre a direcção de minha vida, pondo de parte qualquer opinião dos *falsos amigos*; 5º, ser o mais modesto possivel; e 6º, finalmente, não apparecer em publico sinão em determinadas occasiões e sempre com um fim nobre e elevado. ¹»

¹ Carta de 28 de outubro de 1877.

Tem-se ali um verdadeiro programma de vida criteriosamente organizado e que denuncia um espirito preocupado com o seu destino social.

Invadia-o de novo a febre pelo estudo e a faina dos preparatorios perante á Instrucção Publica.

A campanha destes estava prestes a findar, faltava-lhe apenas geometria, e historia, que já era materia estudada, para se matricular em direito, onde não se requeria siquer o exame de algebra, que liga áquella a arithmetica, por elle já estudada.

Aquella mesma geometria, em S. Paulo, não passava da primeira parte; quando na aula do professor desta Academia, o Sr. Francisco Aurelio, de celeberrima memoria, começava a despontar um *ponto luminoso no horisonte*, que elle equiparava ao *quadrado da hypotenusa*, encerravam-se as aulas do *Curso Annexo*, sem a menor noção de geometria no espaço, do que, ao que se dizia naquella cidade, o illustrado mathematico ainda não havia explorado o mais elementar principio.

Quaesquer que fossem as noções geraes de geometria, a tres dimensões, que em outra parte se houvesse estudado, estava-se mais que preparado para fazer-se exame alli e sahir-se aprovado.

Em março de 1878 estava Silva Jardim preparado para fazer os exames que lhe faltavam; mas, si fosse esperar para fazel-os na còrte, perderia a oportunidade de matricular-se este anno, em S. Paulo, por cuja carreira de bacharel em direito se tinha já manifestado.

A familia obtem-lhe carta de empenhos, elle recusa-as com dignidade, havia entrado em todos os exames sem protecção e não havia de ser nos ultimos que iria mendigar um chamado antes do tempo. Offerece-se, entretanto, occasião de ser chamado em historia e presta exame com approvação plena.

Informaram-no da possibilidade de requerer em S. Paulo *banca especial*, que se concedia de praxe aos matriculandos a quem faltava uma só materia, escreve ao pae informando-o

de sua resolução, pede-lhe os meios de viagem e a 25 daquelle mez parte em companhia de seu distincto collega o Sr. Raymundo Corrêa, que se achava nas mesmas condições a respeito do exame de geometria.

São ambos apresentados ao conselheiro Pires da Motta, director da academia, pelo Dr. Siqueira Bueno, e no dia 27 fazem sem a menor difficuldade o preparatorio exigido, matriculando-se naquella faculdade em 1º de abril.

Estava vencida a campanha dos preparatorios e feito calouro aos 18 annos incompletos, o futuro critico da academia, o propagandista consciente do ensino, e factor imprescindivel da Republica.

Não era a unica nem a ultima das victorias, mas era aquella que porventura mais ambicionava.

Sobre este assumpto não tenho a accrescentar sinão transcrever um trecho integral da primeira carta que elle escreveu ao pae em data de 30 do sobredito mez de março, e que dá uma idéa exacta do estado psychologico em que se achava aquella grande alma:

« Muito se ha de queixar de mim, por não lhe haver escripto a mais tempo. Tem razão; mas, em compensação, as boas noticias que lhe dou nesta veem tornar nulla a minha falta.

Recebi do Sr. José Corrêa Porto 300\$. Desses entreguei 150\$ aos Srs. Amorim, Pereira & Costa, e reservei 150\$ para as minhas despesas de viagem. Escrevi-lhe mandando dizer que o prazo da matricula era até 30 de março; depois disto não lhe mandei dizer mais nada a respeito.

Sexta-feira 22 fiz exame de historia na côrte e fui aprovado plenamente; todos os meus collegas disseram que houve, quando não injustiça, demasiado rigor e prevenção commigo. Felizmente minha approvação foi plena; não importa o mais.

Vendo que não podia fazer exame de geometria na côrte, por não haver tempo, pois que só seria chamado no dia 1º (depois de amanhã), na segunda-feira, 25 do

corrente, por uma daquellas suas resoluções repentinas e precipitadas, arranjei a mala, tomei a estrada de ferro em companhia do Raymundo Corrêa (que se achava nas mesmas condições) e, depois de viajar um dia inteiro n'um vagão de 2ª classe, com a esperança por guia e a confiança em Deus, como estrella, cheguei a S. Paulo. Dormimos a primeira noite em um hotel, no outro dia fomos á casa do Dr. Siqueira Bueno, amigo do pae de Raymundo, que logo nos prestou os obsequios possiveis.

Por intermedio delle requeremos exame de geometria, e fomos plenamente approvados perante a banca do curso annexo da academia de sciencias juridicas e sociaes desta cidade.

O prazer que sinto ao escrever-lhe esta é immenso! Segunda-feira matriculo-me. Tambem o Raymundo; como hoje foi o ultimo dia do exame e amanhã é domingo, o director consente que nos matriculemos naquella dia.

Um anno poupado, economisado até á medulla dos ossos, um anno de academia, um anno de lucta para o futuro, um passo avante, uma barreira vencida!

Mas não paro aqui. Matricular-se significa estudar. Para muitos isto é bastante. Para mim ainda falta um *quid*: ganhar dinheiro para estudar.

Pois bem: o Dr. Cesario, ¹ que me tem tanto auxiliado aqui, em S. Paulo, me arranjou um collegio, onde, do dia 22 de abril em diante, começarei a explicar portuguez. Quanto ganho, não sei: creio, porém, que ha de ser cousa de 50\$ para cima. Nunca para baixo, foi o que me affiançou o mesmo doutor.

Assim, pois papae, tenho eu convicção de poder encetar minha vida academica, sem ser-lhe penoso, sem sacrificial-o. Até que emfim! » ²

¹ Dr. Cesario N. de S. Motta, actual secretario do Interior do Estado de S. Paulo (pag. 21, nota ¹).

² Carta de 29 de março de 1879.

Pela primeira vez falla-se aqui positivamente de dinheiro. E' preciso dizer que era esta e uma das preoccupações constantes de Silva Jardim, isto é, ganhar o necessario para não se tornar pesado ao seu progenitor. Já quando em Santa Theresa, elle pensava em poder auferir algum lucro do trabalho sobre *Tiradentes*, que encetara no *Labarum Litterario*, de que era redactor em chefe e é conhecida a razão que o demoveu disso. A resolução de empregar-se no commercio tambem relacionava-se com esse facto. Elle tinha uma comprehensão exacta da situação financeira de seu pae e nem um só momento olvidava-se de que era preciso a todo transe prover ás suas despezas pessoasas, alliviando seu pae dos compromissos com sua formatura.

Mais de espaço ver-se-ha pela propria correspondencia, que jámais abandonou essa idéa, o que lhe valeu sempre a reputação de bom filho.

Em abono da verdade devo dizer que este sonho do collegio logo no primeiro anno academico em S. Paulo nunca se realizou e que o seu esforço teve de ser aproveitado n'outro campo de actividade como revisor e collaborador da *Tribuna Liberal*.

Em carta posterior, de 3 de abril daquelle anno, descreve pormenores da academia, declinando nomes de lentes e fazendo apreciação de carestia da vida. Residia então á rua de S. José n. 1, a troco de 50\$ por casa e comida. Era seu companheiro de pensão Raymundo Corrêa, de quem ainda não havia se separado.

A carta seguinte, escripta a 19 do mesmo mez, dá medida exacta dos sentimentos de que se achava possuido o joven academico. E' uma nota romantica de muito apreciaveis consequencias e precursora do ruidoso successo que no mesmo anno adquiriu entre seus collegas:

« Ha alegrias que nos são tanto mais caras quanto mais se dilatam e reproduzem. O prazer de matricular-me no curso juridico, prazer que para alguns espiritos poderia

parecer a principio uma puerilidade, se transforma n'um sentimento puro e santo, porque representa um passo avançado n'uma jornada, cujo fim glorioso se traduz n'um nobre trabalho para o regozijo e felicidade futuros da nossa familia. Mais satisfeito fiquei, portanto, quando recebi sua carta de 15 do corrente em que diz ter recebido as minhas de 30 do passado e 3 deste.

Que papai tenha ficado satisfeito e contente, é acima de tudo o que mais eu almejava. Ainda mais: o matricular-me significava para mim um dever de filho e um dever do homem social.

Eu havia promettido matricular-me. Acima de tudo o dever.

Mas, quem dera que o que agora lhe digo aqui, no papel, por entre as distancias que me separam do seio da familia, pudesse fazel-o oralmente! Que *splein*, papae! S. Paulo agora não é uma cidade: é quasi um Capi-vary.

A mocidade academica retirou-se toda, para o Rio, uns; para as casas de suas familias, outros. A razão é que estamos em ferias. Temos quasi um mez de disponibilidade. Estudo: — eis ali o que faço.

Não tenho relações aqui em S. Paulo. Ou antes, tenho-as. Sou já conhecido por toda a mocidade academica, e bem conhecido, o que ainda é melhor, e S. Paulo é uma terra pequena: qualquer pessoa faz barulho; fiz um discurso n'uma sociedade, para a qual entrei depois de muitas instancias, e tanto bastou para que fosse o meu pobre nome reconhecido entre os *veteranos* do grande circulo litterario daa academia. Desculpe-me estas particularidades. Mas, quando nos achamos tão distantes, que só o progresso póde-nos reunir por meio do vapor, que fazer, sinão conversar por meio da palavra escripta, já que se o não póde fazer pela oral?»

Dous annos apenas haviam decorrido e aquelle rico programma do cascabulho aboletado n'um 2º andar da rua da Quitanda era rôto na parte mais importante do

seu conteúdo, a saber, nos §§ 5º e 6º, que tanto se recomendavam pela pureza dos sentimentos que delles resum-brava.

E' que a vaidade, o desejo de apparecer, de figurar, de causar ruido em torno de seu nome, era uma faculdade predominante do seu coração, que a sua intelligencia illuminava; mas que seu character impetuoso não tinha bastante força para conter e modificar. Ia n'um *crescendo* assustador em demanda da celebridade, que era o seu sonho dourado de moço.

A' vista de semelhantes expansões, tão verdadeiras quanto ingenuas, podia-se exclamar como os nossos antepassados latinos: *sic itur ad astra!*

Effectivamente S. Paulo em 1878 estava quasi no estado *rudimentar* ou *amorpho*. A vida commercial concentrava-se ao espaço pentagulado pelos conventos de S. Bento, S. Francisco, Carmo, Santa Thereza e Collegio.

Mas já se notava a tendencia para crescer e emancipar-se do despotismo esteril do academicismo.

De anno para anno dilatava-se pela planicie que ia do morro do Chá á Barra Funda, alargando-se no sentido dos pontos cardeaes. Sempre crescendo em commercio e nas industrias, em edificações pittorescas e modernas, attinge hoje um maximo de extensão, aformoseada com aqueductos e pontes sobre os rios do Anhangabú e Tamanduathy, offerece o aspecto da mais bella cidade central que possui o Brazil e approxima-se em riqueza e movimento com a propria capital da União.

Perdeu de ha muito a côr local, que fazia della uma cidade *sui generis* e facilmente percebida nas descrições romanticas de Macario ao encetar da *Noite na taverna*.

E' nesse momento de transformismo que se transporta Silva Jardim á Paulicéa, e a sua apreciação resente-se

do pedantismo fluminense que, mesmo longe do Rio de Janeiro, só tem diante dos olhos o estreito cano da rua do Ouvidor a refter de gente, como um tubo kaleidoscopico!

Ha factos na historia de um povo que se impoem aos proprios adversarios, pelas sympathias que despertam e de que enchem-se os corações bemfazejos.

Nesses casos está o movimento revoltoso conhecido sob o nome de Inconfidencia.

Entre os vultos que ahí se immortalisaram, destaca-se o de Tiradentes, que é o representante legitimo da aspi-ração patriotica, ou melhor, a encarnação genuina do elemento nacional.

Os proprios historiadores do imperio sentiram essa influencia benefica e revelaram sempre, apesar do sermão encomendado, um espirito generoso por esses primeiros martyres de nossa emancipação politica.

Ao iniciar os seus estudos de historia patria, Silva Jardim, ainda como estudante de preparatorios, procurou traduzir esse sentimento geral, que resalta das narrativas imperfeitas do tempo.

Em um dos jornaes para que escrevia, compoz um estudo ou artigo sobre Tiradentes,¹ cuja historia aprofundou durante a phase positivista e da propaganda e de que a conferencia feita no *Cassino Fluminense*, na noite de 21 de abril de 1890, no character de orador official, é a synthese mais completa e mostra quanto o papel desse patriota influenciou no character do seu moderno successor.

Era preciso para isto que desde cedo elle encontrasse em si verdadeira affinidade com aquelle prototypo da democracia colonial, para nunca mais perdê-lo de vista, mesmo no tempo em que o ideal republicano existia mal definido em seu espirito.

¹ Carta de 30 de outubro de 1876.

Elle falla de Tiradentes como si de si proprio fallasse, affirmando-o, com os historiadores que o dizem : « mui pontual nos seus deveres e sempre lembrado para as mais arriscadas diligencias, » ¹ qualidades estas que lhe eram communs a elle, Silva Jardim, esse novo Tiradentes, na abnegação e no sacrificio, levados ao extremo.

Ao entrar para a academia, elle volta a essa fonte de inspirações e subscrive um outro estudo ou artigo sobre os *Bardos da Inconfidencia*, onde, segundo um dos seus biographos e amigos, atravez de um estylo arrevesado e impertinente, arrebecado de gongorismo, descobre-se um solido censo critico, uma lucida e penetrante faculdade judicativa. ²

Esse trabalho sahiu á luz na revista *Direito e Lettras*, onde tambem publicou um outro sobre os *Rumores vulcanicos*, do Sr. Teixeira Bastos.

Foi, por assim dizer, a sua estréa no jornalismo academico de S. Paulo em 1878.

Morava com outros collegas á rua de Santo Amaro. Havia em frente á sua casa um poste de illuminação publica.

A' hora crepuscular vinha o empregado incumbido do serviço de accender os bicos de gaz. Silva Jardim, á falta de melhor distracção, entendeu debicar esse pobre homem, que, de inoffensivo que era, tornou-se um grandissimo malcriado para com os estudantes.

Essa troça, por me parecer original e dar uma idéa do bom humor do então calouro, é que a refiro, transportando-a ao tempo preciso.

Silva Jardim aguardava a chegada do homem e, antes que elle erguesse a lanterna, ordenava-lhe com

¹ Conf. cit. Pag. 2.

² V. Magalhães. « *O Paiz* » de 14 de julho de 1891.

toda emphase de quem commanda um esquadrão : *Accenda ahi !* A' primeira vez, o pobre homem olhou para elle, olhou para o lampeão e não disse nada ; accendeu. A' segunda, já redarguiu : Eu accendo, mas não é porque o senhor mande...

Silva Jardim repetiu a ordem em tom de quem não admitte réplica.

O empregado vociferou ! Nos outros dias, já de longe, ao avistar a troça de estudantes, vinha elle bradando os maiores insultos. Todos mantinham-se calmos. Ao chegar, ordenavam em côro : *Accenda !*

Póde-se imaginar o effeito que este espectáculo produzia na vizinhança. As gargalhadas mais confundiam o infeliz empregado, de quem afinal se condoeram, mas a fórmula tinha sido descoberta para *cacetear* (é termo paulista) os accendedores de bico de gaz, e a garotagem tomou conta della.

Lê-se nas suas *Memorias e Viagens* :

« Foi nessa rua que escrevi os meus primeiros ensaios para a imprensa paulista ; as *Idéas de Moço*, de collaboração com Valentim, em que se lê um conto, *o Grito na treva*, que nos pareceu o cumulo do byronianismo ; a *Gente do mosteiro*, pamphleto de represalia, contra a academia, que me vaiara ¹ e que difficilmente supportava meu temperamento muito rigido e irritante, uma critica acerba contra os escriptores mediocres e que me ia valendo uns conflictos difficeis ; ahi escrevi para a *Tribuna* folhetins litterarios, criticas e o mais. Dias inolvidaveis da existencia ! Emfim, ahi, no meu primeiro anno de direito, tomei-me de amores pela que cinco annos mais tarde foi minha esposa, perante o mundo e Frei Santa Catharina Furtado, meu antigo mestre no mosteiro de S. Bento, do Rio de Janeiro.

¹ Discurso no Theatro de S. José, na noite de 11 de agosto de 1878.

S. J. — 3.



Cousas de rapaz; resultados da formação de um ideal: uma mulher loura, entre menina e moça, estatura regular, talhe elegante, olhos grandes e castanhos, tez doce, nariz grego e correctissimo, labios còr de rosa, andar de deusa: ideal encontrado, um dia, na rua do Piques ¹ casa de sua avó, de passagem com Theophilo Dias, que entrara a receber uma ordem para a família, de quem era intimo; vestida de preto, graciosa, conversação de alguns minutos a sós em salão, o bastante para accender-me o fogo sagrado que me fazia dizer alguns dias depois, como o Camões:

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado(?)
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo

que fazia pensar horas inteiras no leito sob um cobertor de lã encarnada, procurando, ao menos, um horisonte roseo... na lã do cobertor... o que fazia rir muito o Valentim, que desconfiava do caso.....

.....
Nunca mais, ó amigos! poderemos esquecer essa rua (Santo Amaro), que cada um de nós tem a seu modo celebrado, nem os campos adjacentes, onde, ao pôr do sol das bellas tardes paulistanas, passeavamos recitando versos ou discursos, ou onde, ao calor do dia, nos iamós banhar em bando no corrego proximo e nem mesmo o seu macadam grosseiro, por nós trilhado, quando, ás 8 da manhã, o sino da academia nos chamava á apostilla do Dr. Benevides, nos tempos do ensino obrigatorio! (Pags. 77 e 78.)»

Muitas vezes Silva Jardim referira-me este encontro com a D. Margarida, então bem nova, na rua do Piques, onde tambem morava (n. 7) e onde mais tarde fundou-se o

¹ Julgo ser no n. 13, um casarão amarello, que pertenceu depois ao industrial, meu amigo, o Sr. João Adolpho, por compra aos herdeiros do conselheiro Chrispiniano de Toledo.

Centro Positivista, em minha casa. Donde se vê que ha logares que exercem uma influencia eterna no animo das pessoas. Mais do que Santo Amaro, tão decantada pelos contemporaneos e por si mesmo, como se lê acima, a rua do Piques exerceu muito maior influencia sobre elle nas duas grandes preocupações da mocidade, o amor e a philosophia, e entretanto só ligeiramente é mencionado nas suas *Memorias*.

Era em frente á praça da Memoria, monumento consagrado á quêda do despotismo napoleónico em 1815 na Europa e que o aulicismo fez erigir em fórma de obelisco pela satisfação que exprimentara a còrte portugueza por ver desaparecerem do mundo as causas social e politica que a fizeram cobardemente abandonar Lisboa em 1808, já desde então preparando-se a monarchia para regressar aos lares.

Esse logar é um dos mais pittorescos de S. Paulo, ahi tambem o meu espirito revolucionario e anarchico soffreu as influencias suaves do Positivismo orthodoxo que a insufficiencia caracteristica de meu organismo não manteve em todo rigor, e muito menos aspirou a uma perfeição absoluta, não eliminando mesmo certa dóse de intransigencia, que me fazia olhar com descrença para a hypocrisia daquelles que em publico prégavam suas doutrinas e que na particular punham-nas em contradicção com seus actos.

Sempre a mesma historia de Frei Thomaz...

Não maldirei nunca esses bellos dias de uma completa transformação em meu ser, de um verdadeiro renascimento em minha alma. Ainda hoje procuro adoptar, isento de qualquer tutela pontifical, todos os bons principios que assimilei e reputo verdadeiros, sejam de ordem moral, intellectual ou pratica.

Foi ainda no Piques, onde bifurca-se esta rua com a de Santo Amaro, que demos entrada na *Loja America* e donde pelos motivos que vão expostos em outra parte desta obra tivemos de recuar carreira.

Nesse primeiro anno, Silva Jardim relacionou-se com os estudantes de maior nomeada e para logo concebeu a idéa de tomar de assalto a fortaleza da celebridade, escrevendo um trabalho que attrahisse sobre si a vista, sinão a inveja, de todos.

Tinha elle feito com louvor alguns preparatorios, mas isso não o sagrava escriptor. Era preciso ir buscar inspirações fóra das fontes communs.

Em Portugal uma pleiade de escriptores attrahia as atenções do velho reino e transbordava até á velha colonia, transformada agora em patria republicana, com umas theorias muito repisadas sobre critica litteraria, mas posta em moda pelo *brilhantismo* da linguagem e o *sauispedalismo* dos conceitos. O arvorado chefe desta escola, que emergiu de Coimbra ou outro qualquer sitio de Lisboa, era o Sr. Luciano Cordeiro, cujos livros, á falta de melhor, eram o pasto litterario dos jovens criticos desde os primeiros mezes do decennio de 1870.

Essa filiação litteraria é corroborada aqui pelo testemunho ocular de um companheiro de casa.

Não era sómente nivelar-se ao commum dos contemporaneos, elle já no primeiro anno pretendia excedel-os.

Para isso era preciso ajuizar de todos, etiquetal-os e pol-os, cada um, em seu logar.

Concebeu logo um plano litterario e atirou-se á critica com unhas e dentes, como se diz na guria escolar.

« Leu Sainte Beuve, Planche, Taine, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, este principalmente, e de quem assimilou o *estilo saccadé* e artificioso; mas, leu-os attentamente, com proveito, annotando-os, joeirando-lhes os conceitos.

Foi com esses materiaes, que, feito o primeiro anno, onde na revista citada anteriormente, estreiou-se como critico, que atirou-se á rapaziada com vontade, escrevendo a *Gente do Mosteiro*, que effectivamente na academia angariou-lhe uma triste celebridade.»¹

¹ V. Magalhães O Paiz

A vaidade estava mais ou menos satisfeita, mas o compromisso tomado era grande.

Não pôde arcar com a furia dos despeitados e em 1879 fui encontral-o inteiramente desquitado da quasi totalidade academica.

A' minha collocação na *Provincia de S. Paulo* devi, em breve, pôr-me em contacto com o partido republicano paulista e com a mocidade academica, de quem aquella folha era um vehiculo ambicionado de exhibição publica.

Foi devido tambem a essa posição saliente na imprensa republicana, que procurei honrar, que cheguei a conhecer, em maio de 1879, o então trefego e rumorento estudante e néo-publicista, Antonio da Silva Jardim.

A situação em que me encontrava concorreu muito para estreitar nossas relações.

Preocupado mais com a propaganda politica, do que com a faina litteraria, ouvia sempre com prazer os commettimentos do joven critico, que se estreiera por um pampheto acrimonioso — *A gente do Mosteiro* — que muitos e successivos dissabores lhe acarretara.

Era nesse tempo a sua principal preocupação, e, si não fez muita litteratura, era porque cedo se incompatibilisara pela critica acirrada aos trabalhos de outrem e, ou teria de produzir obras excellentes, ou abster-se, como fez criteriosamente, de compôr versos ou escrever contos e romances.

A indisposição, que creara contra si na academia, mettendo-se a escrever sobre veteranos e criticar o character e os talentos de quem estava *muito acima* delle, o arredara do centro de seus condiscipulos e teve, por felicidade propria, de viver em um meio diverso, que lhe valeu uma intuição mais pratica dos negocios.

Por semelhantes razões, e pela affinidade de juizos sobre essa mocidade que continuava as tradições romanticas da Paulicéa, tornei-me para elle um ponto de convergencia,

porque fóra do circulo academico, para quem tinha amor entranhado ao estudo, só existia, em S. Paulo, nessa época, a sala da *Provincia*; onde os estudantes mais serios e reaccionarios mesmos se encontravam ao lado dos chefes politicos.

Por intermedio de Theophilo Dias approximou-se Silva Jardim primeiramente, da Familia Andrada e por intermedio desta, do Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, advogado distincto e residente hoje na Capital Federal.

O Dr. Inglez de Souza tornou-se para Silva Jardim um outro ponto de attracção, por ventura mais importante, apezar de seguir politica adversa á dos republicanos, mas isso prova o asserto de que a esse tempo o joven academico preocupava-se mais com a litteratura do que com os systemas de governo, de que mais tarde fizera questão de vida ou de morte. Sob o pseudonymo de *Luis Dolzani*, o Dr. Inglez de Souza publicou varios trabalhos litterarios, que punham em evidencia suas nobres qualidades de escriptor.

A ascensão do partido liberal em 5 de janeiro de 1878 restituia o conselheiro Martim Francisco á chefia do partido que sempre dirigiu a contento dos correligionarios paulistas e quiçá do imperio.

A' frente da imprensa achava-se, pois, aquelle distincto litterato e politico moderado, homem de plena confiança do chefe e ligado a elle por mais de um laço de sympathias.

Entre as seducções do poder de um lado e os amargores do ostracismo do outro, sem grande accentuação politica ainda, e attrahido por violenta paixão amorosa para o primeiro desses agrupamentos, na pessoa daquella que era e foi sempre a sua bem-amada, que movel poderia actuar no animo do irrequieto moço a se decidir entre a Republica, que era uma aspiração e a monarchia, que era uma dupla realidade?

Não escapou a nenhum dos interessados que a aquisição era magnifica, porque o talentoso academico era

desses homens que se destacam do commun do genero humano pelas qualidades inherentes aos grandes espiritos que só esperam tempo e estudo para darem a razão dos fructos apreciados. Todos mediam o valor dessas qualidades e attrahiam com promessas de um futuro proximo ou longinquo o novel escriptor.

A publicação da *Gente do Mosteiro* despertara a attenção publica sobre elle, mais pela reacção academica do que pelo valor do pamphleto. A critica era feita a geito dos *Coinbrãos* e pelos processos conhecidos do Sr. Luciano Cordeiro que então ainda preponderavam entre os litteratos incipientes como foi dito.

Um bello dia os muros da cidade appareceram encarvoados, desde a Luz até o largo de S. Francisco, nas paredes do jardim publico, nos logares de reunião, com o nome de — Silva Jardim — seguido de — outro — ou alternado com — elle — e que significava ao mesmo tempo uma ineptia da multidão estulta dos seus inimigos academicos, á maneira do que se lê nos *Mysterios de Paris* com o velho porteiro e o pintor bohemio, cujo nome ficou popularisado no de *Cabrion*.

Um dos seus biographos, o Dr. Sá Valle, narra com alguma parcialidade esse conflicto, como succede a quem vê as cousas através das distancias ou de órgãos interessados.

A' pagina 5 de sua obrinha, diz elle que a *Gente do Mosteiro* dividio a academia em] dous grupos, um a favor, outro contra Silva Jardim. ¹

Não era tanto assim. Os que eram a favor do critico eram em numero muito diminuto. A maioria era dos adversarios.

Por essa época surgiu uma turba-multa de pequenos folhetos, em fórmula de pasquins, atacando-o sem dó nem piedade. Os escriptores anonymos não se contentaram com os jornaes academicos. Empregavam todos os meios

¹ Traços biographicos do Dr. Silva Jardim. Rio de Janeiro, 1890.

de publicidade, não recuando nem diante do escandalo e da obscenidade, pintando os muros e paredes com referencias menos dignas, como tive occasião de narrar.

Silva Jardim resistio ao ataque, mas não voltou á mão. Entregou a gente do Mosteiro ao desprezo e tratou de ser cousa differente do que elles o apregoavam.

Assim é, que ao passo que outros por mais talentosos que sejam, só depois de sahirem dos bancos academicos é que conseguem fazer uma reputação digna de menção, elle desde aquelle tempo conseguiu assignalar-se e formou um nome quer nas lettras, quer no magisterio, que lhe valeu sempre o conceito do publico.

Essas luctas foram proprias do amanhecer daquelle grande espirito que abriu-se então para a luz e seguiu carreira bem differente da que lhe traçaram esses antecedentes.

Formou-se em sua consciencia a convicção de que viver era lutar e então, pago esse tributo ao romantismo expirante, acalentou-o a idéa de um methodo severo de vida e de um estudo serio da sociedade.

Quando a demencia litteraria desse mesmo romantismo enfebrava o grande cerebro de Camillo Castello Branco e fazia-o de manso e amoroso um escriptor hydrophobo e rabugento, em arremessos de raiva contra o Brazil, provocando um alarme geral com que contava para exploração de seus viperinos livros; Silva Jardim sentio vibrar a fibra do amor proprio e, confundindo uma estrategia de livreiros com um ataque á litteratura nacional, escreveu a *Critica de escada a baixo*, onde pretendeu rebater os golpes do malsinado libretista. O trabalho por sua vez pareceu despertar a cobiça e encontrou editor para elle em S. Paulo.

Esse facto já dava medida da consideração em que era tido o autor naquelle tempo em que os livreiros se escusavam até a receber obras á venda com 20% sobre o capital realisado, quanto mais empenharem-se nos riscos de uma larga edição.

Eram os ultimos bruxuleios de seu espirito academico; dahi por diante, não voltou mais a tratar da critica litteraria.

Começava a disciplinar o espirito para as luctas austeras da liberdade, aprofundava os estudos de portuguez, historia e philosophia, modificava seus impetos oratorios, lançando o esquecimento sobre o passado revolucionario.

Trancaram-lhe a tribuna academica por assobios em uma noite em que procurou chamar aquella desordenada gente ao bom caminho no Theatro S. José, bradando de um camarote: Mocidade, aquietai-vos... etc., e abriu a tribuna pedagogica que illustrou com seu esforço, dando maior brilho e realce.

Essa reacção, longe de acabrunhar Silva Jardim, incitou-o mais a proseguir na carreira litteraria em sua manifestação mais difficel e recebeu o stygma da mocidade séria que o apreciava, como da população intellectual da cidade que começou a ver no moço um reaccionario tímido e invejavel.

Os estudantes do Rio Grande do Sul formavam um grupo á parte e acolhiam com applauso Silva Jardim. Havia uma *republica* delles á rua da Palha n. 7, um casarão amarello, em frente á rua do Conselheiro Chrispiniano, onde confabulavam sobre direito, politica e litteratura, os mais intemeratos rio-grandenses como Assis Brazil, Julio de Castilhos, Homero Baptista, Pereira da Costa, Antonio Mercado, Victorino Monteiro, Alcides Lima, e outros com-provincianos, que se tornaram outros tantos amigos do espesinhado critico.

De outra parte, um grupo fluminense de grande valor intellectual, á cuja frente mas em anno superior estava Magalhães Castro, depois Valentim Magalhães, que sempre o acolheram com acatamento. Entre os contemporaneos, Affonso Celso Junior, á frente dos mineiros sizudos e operosos, patrocinava com seu grande prestigio academico,

os escriptos de Silva Jardim e mais provocava a reacção dos invejosos e feridos na sua mediocridade.

Com essa gente, que eram as guardas avançadas das idéas republicanas, das lettras, das sciencias, importando-se pouco com as sebatas apostillas dos cathedrauticos, rompendo com as tradições obsoletas da Coimbra brasileira ou paulistana, estudando por fóra e mostrando-se ao facto das lições dos mestres, com essa gente, digo, é que convivia Silva Jardim, estudando, discutindo pontos de direito, fallando de litteratura e arte, mas em casa ou na sala de redacção da *Tribuna Liberal*, onde deu entrada franca na collaboração da folha a convite do Dr. Inglez de Souza para escrever uma secção que capitulava de *Philagranas*.

Não frequentava absolutamente os clubs litterarios nem os cafés que eram as duas valvulas de expansão academica do tempo.

O incremento rapido que tomara a velha e legendaria cidade, sob o ponto de vista do commercio e da industria, suffocara a manifestação doutoril de outr'ora e o caixeiro havia, quer pelo numero, quer pelo valor monetario, sopitado o estudante nas reuniões publicas, aos domingos, nos passeios e nos theatros em noites de espectaculos.

A instrucção diffundira-se; já não era o Bacharel que dava a ultima palavra; fóra da Academia, discutia-se á vontade, e o empregado da taverna ou escriptorio, o guarda-livros ou moço de recados, tinham a palavra nas reuniões publicas e discursavam sobre abolição e democracia, como qualquer calouro entre salvas de palmas de veteranos, formados em quadrado no pateo do Mosteiro.

Em vista dessa nova feição que tomava a sociedade paulista, Silva Jardim comprehendeu que a *idéa nova*, a causa-mater do esforço humano, era o progresso, mal definido ainda para elle, repousando sobre a ordem, e que

a celebridade, a que infantilmente aspirava, não lhe advinha das luctas incruentas da Academia, mas de pôr o seu esforço ao serviço das classes conservadoras.

A Assembléa Provincial vota a creação do ensino normal e secundario por iniciativa do Dr. Inglez de Souza, que foi depois encarregado de organizar o primeiro estabelecimento deste genero.

Foi então nomeado secretario da Escola Normal e professor do curso annexo primario, Silva Jardim, sem que causasse extranheza ao partido republicano essa distincção do governo liberal, pela ausencia ainda de manifestação publica por parte do escolhido.

Até então Silva Jardim attrahira a attenção do publico paulista, como *litterato e critico* e só os intimos sabiam de suas sympathias republicanas.

A maior parte dos collegas o davam como um futuro representante da politica liberal, pelos laços de amizade que o prendiam á familia do Conselheiro Martim e pela esperança que nutria de vir a fazer parte della.

Si bem que seus escriptos na *Tribuna* fossem de caracter puramente litterario, todavia consagrava sua actividade ao engrandecimento da folha, para sua regular aceitação publica.

Ligado irmanmente ao Dr. Inglez de Souza, era de presumir que com elle commungara em idéas politicas.

Com a nomeação ou entrada para a Escola Normal assumia o papel serio de mestre, e novos horisontes se rasgaram diante de si e foi no ensino, o que havia sido na Academia, innovador e operoso, desenvolvendo esse bello aspecto de seu talento peregrino.

Por esse tempo o pae sentia-se contrariado por causa de um Inspector litterario que o perseguia sem motivo.

A carta que escreveu sobre este assumpto é uma verdadeira peça forense, arrasoadá por quesitos, e que mostram o gráo de relações que a esse tempo já tinha com a familia do Conselheiro Martim Francisco. Um filho deste, o infeliz mancebo, que trazia um nome illustre, era seu collega. Chama-se José Bonifacio de Andrada Sobrinho, e morrera no oceano, de torna-viagem da Europa, onde estivera em missão diplomatica. Era uma alma captivante, um espirito democratico, uma intelligencia lucida como as mais notaveis de sua familia.

Já ha tempo pensara em reunir toda a familia em S. Paulo, mas não se achava em condições sufficientes para fazel-o. Mais tarde ver-se-ha que as difficuldades se aplanaram e chegou um momento que a cousa tornou-se factivel.

Em quanto não se chega a este ponto, é bom de ver as reservas com que elle se exprime sobre o facto e em relação ás suas outras pretensões futuras.

Papae—S. Paulo, 10 de outubro de 1881.

Tencionava ir ao correio pôr uma carta para si, em resposta á que me escreveu ha dias, quando recebi a sua ultima, de 6, em que me ordena envide esforços no tocante a uma pretensão que Vm. tem perante o governo dessa Provincia. Confesso-lhe que fiquei muito afflicto: mas, parece-me que, depois de pensar maduramente sobre o caso, resolvi a questão pelo melhor dos modos. Si tiver errado, Vm. me o dirá.

Não acho probabilidade de Vm. achar emprego por aqui. O magisterio nada val, e não tem metade da consideração que em nossa Provincia: e é no magisterio que Vm. tem mais experiencia e estudo.

Não sei que outro ramo de vida se ajustará melhor com sua idade e vocação. Eu sou dos professores, privilegiado, e isto porque não pertenco á Instrucção Publica da Provincia, e sim a um ramo especial, á Escola Normal, sob a direcção de um professor meu collega e do proprio Presidente.

Demais, a difficuldade de transporte, o bairrismo deste povo que não gosta de ver apparecerem aqui os de fóra, a mania pelos *homens formados*, tudo isso impediria a realisação de qualquer tentamen.

Quanto á sua pretensão nessa Provincia, com uma unica pessoa poderia eu fallar a respeito e essa era o Conselheiro Martim Francisco. Mas o Conselheiro Martim, antes de tudo, não está aqui, e sim na Côrte, servindo no Conselho de Estado. Lembrei-me de ir á Côrte, encontrar-me com Vm., apresental-o ao Conselheiro e vermos o que era possivel fazer. Vi logo a impraticabilidade de tal idéa e pelas seguintes razões:

1ª, estou em vespéras de exame escripto e só eu sei as difficuldades em que me acho para evitar um máo resultado em meu exame. Seria, para ir á Côrte, necessario interromper meus estudos por alguns dias, fazer uma despeza grande, e dar faltas na Escola Normal;

2ª, o Conselheiro não tem grandes relações com o Martinho Campos, são de provincias diversas, ligam-os apenas os interesses geraes do partido. As relações entre elles não são taes que fizessem com que o Martinho Campos o nomeasse. Vm. sabe o que é politica; por maiores que fossem os pedidos do Conselheiro, bastava o Martinho proteger algum candidato de lá e esse candidato ter um protegido para qualquer das cadeiras de que me falla, para que o Presidente puzesse de lado a sua pretensão.

Cada um desses homens procura influir directamente em sua Provincia, o Conselheiro em S. Paulo, o outro lá. Em S. Paulo, o Conselheiro é tudo; ahi a influencia d'elle é quasi indirecta;

3ª, occupado como está o Conselheiro com a candidatura d'elle e do filho o Dr. Martim Francisco Junior, não teria tempo de tratar do seu negocio, sinão por meio de cartas de recommendações, de que tudo isto são palliativos politicos sem importancia alguma e com os quaes nada se arranja. Accresce que no dia 23 elle deve estar em S. Paulo para

tratar das suas eleições: não teria, pois, tempo de curar dos negocios de Vm;

4^a, ultima, e, para todos nós de uma importancia extraordinaria. Ligado á familia Martim pelos laços de uma amizade que generosamente me dispensa e que gratamente eu retribuo, vejo-me n'uma posição difficil em tudo que respeita a negocio em que della eu tenha dependencia. Assim é que até hoje não tenho recebido dessa digna familia sinão provas de estima. Nunca, porém, solicitei-lhe favores: apenas no meu segundo anno, como Vm. sabe, a Exma. D. Bemvinda, senhora do Conselheiro, offereceu-me uma carta de apresentação para o Dr. Inglez de Souza, redactor da *Tribuna Liberal*,¹ afim de empregar-me nessa folha. O meu emprego na Escola Normal é devido ao Dr. Inglez de Souza e a mais ninguem. Tenho razões particulares, que rogo-lhe não leve a mal, para não pedir nada a essa familia: mesmo porque é possível que tenha não longe de collocar-me em situação difficil perante ella, situação para a qual preciso ter-me antecipado por uma independencia de character a toda prova, por um desinteresse, uma abnegação sem limite; e preferia o maior dos sacrificios á vergonha da suspeita de que a minha amizade era interessada, filha da posição social dessa familia. No momento que tal suppuzessem, eu não cruzaria mais os humbraes da casa dessa gente, e para que tal nunca aconteça é mister que eu dê provas do meu desinteresse. Prefiro servir-os a fazer-me servir por elles.

Por Vm., porém, eu faria tal sacrificio, si, pelas razões já apontadas, não o julgasse improficuo. Assim remediamos o mal desse modo. Si a questão que Vm. tem com o Inspector versa sobre a casa em que Vm. mora e que julga má, eu me comprometto a enviar-lhe d'aqui, mensalmente, uma quantia determinada, afim de

¹... onde por Inglez de Souza fui admittido á revisão e á secção litteraria n'um momento difficil, em que quasi o estrangulava com um abraço si não fôra a carimonia, momento a que elle poz termo, garantindo-me a collocação (pags. 71 *in fine* e 72 das Memorias e Viagens)...

que Papae possa alugar ahi uma casa melhor e viver folgadamente. Posso, sem ficar lesado, enviar-lhe, rs... que não considero outra cousa sinão uma substituição ao que Vm. gastou commigo em outras épocas. Por este correio, envio-lhe o fructo de umas pequenas economias e do mez vindouro em diante enviar-lhe-hei mensalmente a quantia determinada acima. Quando puder, enviarei mais.

Si o Inspector faz questão da casa, julgo mais prudente desprezar esta ninharia e alugar uma casa para viver. Quanto ao mais, em que póde elle fazer-lhe mal? Não tem Vm. pelo seu lado a opinião do Director da Instrução e do Professorado da Provincia?

Não é Vm. um dos melhores professores e dos mais dedicados? Este expediente ficará estabelecido até que Vm. disponha as cousas do melhor modo, porém tomo o compromisso de, d'ora avante, não lhe faltar com a quantia mensal de rs... com que concorrerei para as despesas de minha familia e Vm. fará, quando a questão da casa estiver resolvida, o uso que lhe convier desse dinheiro. Si o aluguel exceder a isso Vm. me communicará. Si eu pudesse, dava-lhe metade do meu ordenado, mas tenho livros a comprar, matricula a pagar, além das despesas mensaes, e demais para não prejudicar a minha posição no logar que occupo, sou obrigado a despesas que como simples estudante não teria.

Por outro lado, de que é que se trata? De um Inspector importuno. Pois com esta, envio a Vm. uma carta para um deputado provincial dahi, em que se lhe recommenda a sua pessoa, e previne-se o caso. Serão dadas providencias afim de que o Inspector submetta-se e faça-lhe todas as vontades compatíveis com a justiça. Quem me offereceu esta carta foi um amigo intimo, o Sr. José Leão, de quem já lhe fallei quando ahi estive; é empregado da Thesouraria daqui e dá-se intimamente com esse deputado.

Vm. poderá dar um passeio á Nictheroy e fazer entrega da carta ou envial-a pelo correio, caso seja possível.

Acho melhor Papae dirigir-se mesmo ao deputado Marcondes.

Creio serem os dous alvítres por mim apontados mais convenientes que a mudança para perto de Nictheroy. Ahí a vida é mais cara, e a sua receita não dará para a despeza. Si papae está desgostoso ahí, si (o que não é de esperar) não é estimado, antes voltar para Capivary. Creio porém que estas difficuldades hão de passar desde que Vm. se reconcilie com o Inspector, e, como faz, trate-o com bondade. Não auguro bem de mudanças continuas para logares desconhecidos. Si entretanto minha resolução não lhe agradar, queira communicar-me, que porei toda minha dedicação a seu serviço. Póde contar, é escusado dizel-o, com a minha gratidão. Terei coragem: eu vou entrar breve na vida pratica e sei eu lá ainda o que vou fazer?! Fico ensinando provavelmente.

Desejava muito conversar comsigo, mas agora me é impossivel lá ir. Suas ultimas palavras recommendando-me coragem tornaram-me apprehensivo; peço-lhe queira fallar com franqueza: Aconteceu alguma cousa? Espera algum mal? Papae me abençõe, assim como minha querida mãe. Um abraço e um beijo nos pequenos. — Filho e amante amigo — *Antonico*.

P. S. Para que Vm. não se incomode em entregar a carta ao deputado Marcondes, vae ella directamente a esse Doutor, em Nictheroy. Entretanto vae com esta uma simples de apresentação. Desculpe essa nota a lapis. — A. »

Nada melhor do que essa carta póde dar uma idéa exacta do que era Silva Jardim em 1881, quando por assim dizer acabava de resolver o problema de sua subsistencia individual pela aquisição de um emprego decente que o garantia contra as privações e sacrificios de que tinha sido cheia sua vida abnegada. Nada tambem melhor para auferir os sentimentos filiaes de que sempre se possuirá. Tudo alli é previsto e discutido com calma.

Desde as *razões* pelas quaes escusa-se a fallar ao Conselheiro Martim Francisco a vir em auxilio de seu digno pae, pelos motivos que expõe e muito o honram, até o concurso material do dinheiro que põe á disposição da familia, tudo revela o character do bom filho, do amigo dedicado até o sacrificio.

Quem já não descobre alli a ponta do véo que envolve um pensamento delicado que occupa a imaginação do moço academico em relação ás difficuldades que sente sem que o diga abertamente em tractos com a familia daquella que é a sua bem-amada?

Essa carta é reveladora não só de um character puro á toda prova, como das delicadezas de um grande coração, alliados a uma intelligencia clara, que ao serviço deste tudo elucida, mede e prevê.

Eram essas qualidades que o faziam estimavel aos olhos dos que o conheciam, irritavam ainda mais os inimigos que o invejavam.

O Positivismo para que entrou no mez seguinte, não teve sinão que aperfeiçoar semelhantes manifestações de sua alma que uma Religião não menos pura e santa embellezara desde o berço pelo exemplo dos paes e daquelles que lhe foram os melhores guias espirituaes.

Ahi se vê a preocupação triplice de formar-se, casar-se e ser util aos seus.

Ainda a posição politica não se havia implantado no seu sêr e a concepção do amor da familia, como é natural, precedia de muito a do amor da Patria, que mais tarde para sempre o avassalou.

Antes de esboçar o periodo didactico que se seguiu a nomeação de Silva Jardim para professor do Curso Anexo da Escola Normal, convem insistir no papel que representou nos dous primeiros annos de vida em S. Paulo.

Matriculara-se em 1878 e no seu primeiro anno de curso frequentou com assiduidade a Academia, onde observou os costumes e usos escolares, julgando por si dos seus collegas, ascendendo aos outros annos e apreciando o valor de seus contemporaneos, a quem pôz em evidencia na *Gente do Mosteiro*.

A reacção que produziu o pamphleto foi, como se vio, completa e o receio de conflictos pessoaes o afastavam em 1879 da frequencia do curso, acompanhando por fóra a marcha dos estudos escolares.

Entre os condiscipulos, um houve que, devendo tornar-se seu amigo de todos os tempos, foi-lhe adversario, em principio irreconciliavel.

Dotado de inspiração ardente, era considerado o primeiro poeta academico do tempo e Silva Jardim fôra o primeiro em lhe fazer justiça, mas ainda assim temia ser empanado pelo espirito opulento de seu confrade nas lettras, gerando-se do attrito de ambos, em campos bem diversos, um odio reciproco que acabou por uma scena de verdadeiro pugilato ou aggressão á falsa fé, dando logar a um escandalo e tentativa de processo contra o subito aggressor.

Este facto passou para o dominio publico e si aqui o refiro é porque foi elle no tempo muito commentado. Ao passar pela rua da Palha ou Sete de Setembro, á noitinha, foi Silva Jardim aggreddido traiçoeiramente pelas costas por Theophilo Dias que ao enfrentar com o seu antagonista fugio cobardemente. O facto foi testemunhado por muitas pessoas principalmente da *Republica Rio-grandense*, pois dera-se quasi em frente á casa dos estudantes.

Não querendo tomar egual desforço, o que seria facil, Silva Jardim, já então no 4º anno de Direito, isto é, já de posse das praxes forenses,¹ tentou processar o adversario.

Ninguem mais do que elle sentia as consequencias deste maldito processo: quem sabe si o sacrificio de sua

¹ O Direito Criminal fazia parte do 3º anno do curso.

felicidade, de sua alegria, o sacrificio de sentimentos, que, depois dos que nutria por seus paes, eram para elle os mais fortes e das affeições que lhe eram mais charas?

Elle era já bem conhecido em S. Paulo e a prova é que este pequeno incidente havia repercutido por toda parte, mórmente pela voz dos seus multiplos inimigos que até para a imprensa do Rio fizeram expedir telegrammas.

Davam-lhe alli a importancia de uma perseguição tenaz, compensada felizmente por uma protecção decidida. Apenas estudante já o julgavam responsavel pelas opiniões partidarias que se degladiavam e conforme a facção politica tinha nelle amigos e inimigos. A garantia do seu modo de proceder illeso naquella idade estava, quando outra não houvesse, no sequito de desaffeições que arrastava consigo ao lado de sympathias manifestas. Invejavam-lhe tudo, elle não escrevia um artigo num jornal, não publicava um folheto, não praticava um acto, que não fosse analysado, estudado, commentado, calumniado, adulterado, por uma turma de idiotas de que elle proprio tinha compaixão!

Tinha bons amigos e affeições que o honravam. Na imprensa mesmo recebia elogios de todos os jornaes, com excepção de certa parcialidade academica. Si algum o queria atassalhar ia para os *Apedidos* daquellas folhas e até ás vezes nem lia o que se dizia delle, nem de bom nem de máo.

Voltando á questão Theophilo, insistirei nos pormenores segundo ouvi-os em tempo. Davam-se os dous muito. Tinham ambos relações em casa do Conselheiro Martim Francisco. Nesse interim Theophilo Dias quer casar-se com *uma das filhas* do Conselheiro e este oppõe-se.

Silva Jardim é nomeado professor da Escola Normal e aquelle vê nisso uma preferencia de pessoa que o humilhava. Corta as relações com a familia Martim ao passo que o outro continúa a entretel-as cada vez mais amistosamente. Theophilo consegue casar-se com a filha mais velha do Conselheiro contra a vontade deste, e começa a espalhar

infâmias a respeito de Silva Jardim. Este, entretanto, continuava a dar-se com a família de Martim Francisco, mas abstinha-se completamente de pronunciar alli o nome do adversario.

Desse attricto domestico é que nasceu o conflicto, tentado, ao que me parece, pelo desejo de afastar para sempre de perto daquella familia aquelle que o recém-casado sabia ser um futuro pretendente á mão de sua cunhada.

O velho Conselheiro, não obstante o parentesco que o ligava ao Theophilo, não deixou de approvar o procedimento juridico de Silva Jardim. Era homem da lei e tanto elle como a familia esforçavam-se em parecer agradaveis áquelle.

« Sentirei muito, dizia elle ao Dr. Bueno de Andrada, si o Conselheiro e sua familia magoarem-se com este modo de proceder meu, porém a minha dignidade manda-me que processe Theophilo Dias. » Ao que respondeu aquelle illustre engenheiro : « Nós não podemos dizer-te que *sim* nem que *não*; que *sim*, porque elle infelizmente, é verdade, acha-se ligado á nossa familia; que *não*, porque foste infamemente offendido e precisas de uma reparação (carta ao Pae em 22 de maio de 1881). Silva Jardim jámais interrompeu essas relações de amizade e o Conselheiro fazia-lhe em publico as melhores referencias, promettendo-lhe assim que se formasse a mais decidida protecção, o que cada vez mais fazia exasperar Theophilo Dias.

O processo correu com regularidade, houve inquerimento de testemunhas e vieram os autos a Silva Jardim para dar queixa ao Juiz de Direito, pois era sua intenção fazer pronuncial-o, prestar fiança e depois perdoal-o, ficando o réo, porém, sempre com esse labéo de criminoso.

Felizmente elle reconsiderou o caso e a conselho de outros amigos e meu, deu sumisso aos ditos autos, não levando por diante o seu desforço.

Por esse tempo pensou Silva Jardim em ir fazer o 4º anno em Pernambuco, receiando-se da parcialidade do lente respectivo em relação a esse procedimento.

Acontecia que além das intrigas de Theophilo Dias que alimentavam as fontes dessa indisposição entre discipulo e mestre, eram as aulas deste dadas das 10 ás 11 horas do dia, em que Silva Jardim leccionava na Escola Normal.

Assim pois cogitou de uma licença, por quanto não lhe ficava bem implorar piedade do lente, que sabia-o estar prevenido contra elle e tirar dessa questão de frequência argumentos contra si.

Felizmente, tambem, houve uma reconciliação e não foi preciso ir a Pernambuco para atravessar o 4º anno de Direito, por ventura um dos mais agitados de sua existencia.

Esta viagem realizou-se mais tarde em condições mais excepçionaes ainda.

Depois disto, Silva Jardim, que tão cedo já contava tantos inimigos, adquirira o habito de andar armado e acostumou-se cedo a affrontar a ira de seus adversarios.

Mais tarde, esses dous distinctos moços se reconciliaram, pelas mesmas razões, talvez, por que se repelleram antes, pois ambos effectuaram casamentos com filhas do Conselheiro Martim Francisco, o Dr. Theophilo Dias primeira-mente e Silva Jardim depois de formado.

Esse encontro que poz em evidencia a coragem do critico, revelou desde logo que o escriptor era capaz de sustentar suas idéas em todos os terrenos.

Não admira, pois, que mais tarde affrontasse os mais imminentes perigos em defesa da causa que abraçara.

Quanto mais se afastava da Academia tanto mais se immiscuia na vida jornalistica, publicando com Valentim Magalhães, seu conterraneo, um jornal diario intitulado a *Comedia*, em estylo gracioso, faceto, que atravessou um largo periodo e assignalou-se pela originalidade das concepções e pelo humor

com que tratava ainda das questões mais sérias e mais se divorciando do regimen academico de então, adoptava costumes completamente diversos e em opposição áquelles.

Silva Jardim era um mixto de gravidade e humorismo: em publico assumia um ar serio de representante da nação e na intimidade desabrochava em ditos causticos e tinha sempre uma graça hilariante. Cultivava a anedota, a pilheria espirituosa e o *truc* do bom tom.

Esse facto de pôr-se á frente de uma empresa jornalística provocou censuras de seu pae que sabia quão dispendiosos eram esses encargos, fazendo allusões ao titulo da folha.

Silva Jardim justifica-se de um modo muito original.

« O jornal chama-se *Comedia* e não me pareceu isto nenhum contrasenso. Dante escrevera a *Divina Comedia*; Balsac escreveu a *Comedia humana*. Parece-me que eu não sou melhor do que elles. Ninguém lembrou-se ainda de achar inconveniente o *Figaro*, o melhor jornal de França.

Figaro, entretanto, é o nome de um barbeiro. Quem conhece litteratura, não dá valor a essas pequeninezas; achei até estranho que um espirito como o de Vm. tivesse destes escrúpulos. O facto é que os jornaes todos receberam muito bem a folha, elogiaram-na muito e que até considerou-se extraordinariamente.

Já é a segunda vez que, pretendendo entrar para jornaes ou associando-me a taes empresas, Vm. num muito bem intencionado, porém erroneo modo de ver, me censura.

Quando comecei a escrever, Vm. censurou-me e si eu hoje alguma cousa valho, devo-o á imprensa. Cada um de nós tem em si mesmo uma vocação, que é uma força fatal que o impelle e que não ha utilidade alguma em contrariar.

Pois bem, creio que deve ficar satisfeito com esta noticia—sahi da *Comedia*! Mais por necessidade de repouso que por medo de perder dinheiro; sahi da folha

sem prejuizo algum que não fosse de tempo e trabalho que aliás dei-os por bem empregados. ¹ Pretendo descansar algum tempo e entrar depois de novo para a redacção da *Tribuna Liberal* para a qual fui ha dias convidado. (Carta cit. de 22 de maio.)

Effectivamente reentrou para aquella folha a convite do Dr. Inglez de Souza e continuava na faina litteraria.

Apezar dos desgostos que lhe trouxera sua estrêa litteraria, a vida lhe corria alegre, sem degenerar em bohemia. A sua qualidade de redactor da *Tribuna* dava-lhe entrada nos theatros e divertimentos publicos de cuja parte apreciativa se occupava no jornal.

Não havia maiores distracções em S. Paulo; de tempos a tempos, apparecia uma companhia dramatica e mais raro ainda uma lyrica, de segunda ordem. Silva Jardim não perdia espectaculo; encontravamo-nos no S. José, elle por parte da *Tribuna* e eu da *Provincia*. Alli, faziamos

¹ Retiro-me da redacção e gerencia desta folha. Sou levado a isso por motivo imperiosos que os muitos trabalhos que se acham a meu cargo me criam.

Aos meus companheiros de trabalho Srs. Valentin Magalhães e Gustavo Paes cabe-me agradecer sinceramente a delicadeza do tracto, a solidariedade jamais quebrada, a amizade enfim que sempre me dispensaram. Moços de invejavel talento, e de uma honestidade a toda a prova, a *Comedia* nas suas mãos tem um futuro o mais risinho possível.

Sinto ter de deixar tão amaveis companheiros, e tão dedicados amigos.

O mais difficil da tarefa está feito.

Os que se empenham na publicação de jornaes sabem o quão custoso é o começo de uma folha: a *Comedia* já tem o seu baptismo; resta-lhe agora apenas continuar a vida futura que tem levado, e que continuará a conduzir de certo, agora, que augmentou o pessoal dos seus redactores.

Retirando-me da redacção da folha não podia eu deixar de transmittir-lhes os protestos de minha estima e leal amizade.

S. Paulo, 13 de abril de 1881.— *Silva Jardim*.

Pela declaração acima vê o publico um grande claro aberto nesta folha.

Deixa-nos o nosso amigo e collega Silva Jardim. Os serviços por elle prestados á *Comedia*, fructo do seu talento e do seu trabalho, são por de mais notorios para que careçam de encomios.

A nossa amizade nem por isso partio-se. Os motivos da retirada do nosso amigo são justissimos, não o negamos, lamentamo-lo apenas.

Contudo, esperamos continuará a prestar-nos o auxilio da sua brilhante e vigorosa penna. Si a sua gratidão para connosco não é pequena, a nossa é enorme.

Deixamos de ser seus companheiros de redacção: continuamos seus devotados e sinceros amigos.

Deixa tambem de ser nosso companheiro de trabalhos o nosso amigo Adolpho C. Almeida Maia.

Obrigam-n'o a isso os muitos trabalhos e occupações que o sobrecarregam.

Lamentando a sua ausencia, desejamos-lhe mil venturas.

juntos a *critica* da peça, apanhando elle o lado *comico* e vulneravel.

O seu espirito era analytico, penetrante e regularmente caustico.

Tinha umas simplicidades adoraveis. Em uma occasião achou de um comico indizivel o titulo que eu dera a um folhetim theatral.

Era uma especie de reclame á distincta actriz que lhe servia de epigraphe e intitulava-se: *Beneficio da Senhora Lucinda*. E, como epigraphe de folhetim litterario, elle achava de uma graça inexcelsivel e repetia, pausadamente, a phrase, e ria, a bandeiras despregadas, porque sob o ponto de vista que elle encarava o caso, esse *burguesismo valia ouro*. Dizia que o assumpto era bem tratado, mas que o titulo: « Be-ne-fi-ci-o-da-se-nho-ra Lu-cin-da, » era unico! Confesso que nunca penetrei nessas subtilezas da critica.

Amava os periodos incisivos, como se depara da propria correspondencia, curtos, elegantes, agrupados em pequeno espaço, distanciado de outros, por trez pontinhos, como se usa no estylo *philagramatico*. Preoccupava-se excessivamente com a fórma, rendilhando os assumptos, ornamentando as idéas, repisando as phrases susceptiveis de trocadilho, ao geito do Padre Antonio Vieira, que muito amava.¹

Em toda sua vida preponderava o rithmo, era methodico até nas distracções e consagrava uma parte do dia a uma certa occupação, outra á outra, repartidamente, com exclusão, sem atropellos, conscienciosamente, como o grande Alfredo, que entre o dormir, governar e dizer orações, distribuia as vinte e quatro horas diarias.

Esse habito foi-lhe de grande utilidade no correr da vida, porque trazia os seus negocios em dia, era economico, financeiro mesmo; recusando com escrupulo os melhores offerecimentos. Não tinha luxos, regulava a sua pequena mesada, gastava pouco, e tinha a preocupação constante

¹ Vide: Collecção da *Tribuna Liberal*.

de viver sobre si e independente, auxiliando dentro de suas forças a educação dos irmãos e a subsistencia da propria familia.

Desde pequeno, ao que parecia, entregue a estudos de todo genero, sem methodo, tinha uma leitura variada, e jamais foi dado a conquistas amorosas.

A afeição que nelle despontava pela que foi depois sua esposa, tomou em breve as proporções de um culto, avassalando-lhe o coração e servindo de criterio a todos os actos de sua vida.

Frequentava com assiduidade a casa de familia do Dr. Inglez de Souza, onde, uma vez por outra, lograva encontrar-se com a virgem de seus sonhos.

Estes serões eram de um effeito magico na imaginação do moço apaixonado e muitas vezes fui confidente de seus amores ternos e das duvidas que então nutria quanto á realidade de seus maravilhosos castellos. Tinha consciencia que era correspondido ou antes que não era indifferente ao affecto de sua diva, mas dahi á realisação de uma unidade de vistas, de uma communitade de apego, de uma identificação de sentimentos, ia muito e o pobre enamorado soffria horrivelmente entre o desejo e a incerteza. Confesso tambem que nunca ouvi sentimentos mais puros e ideaes, em contraposição com o meio social.

De familia modesta, si bem que notavel, pareceria que a aspiração á mão de uma filha de illustre estirpe, era um calculo burguezmente determinado por ambições menos justas; mas, em face do modo por que eram resalvadas as apparencias,¹ do culto verdadeiro consagrado ao objecto de seu amor, ninguem diria que havia o menor vislumbre de interesse, quer academico, porque o pae fosse cathedratico, quer politico, no futuro porque fosse chefe considerado de um dos partidos monarchicos do Brazil.

¹ Carta de 10 de outubro de 1881, citada.

Essa lisura de pensar e sentir, junto ao modo de proceder, em relação aos parentes de sua bem-amada, valeu-lhe a adesão destes e entre as casas que frequentava a do Dr. Antonio Manoel Bueno de Andrade era uma das mais appetecidas, onde pela Exma. Senhora deste era acolhido como pelo esposo, como pessoa da familia e distinguido com todas as honras de que se tornava merecedor.

Para provar a exaltação de sua sensibilidade ternurosa muitas vezes acordava soluçando abraçado ao travesseiro num éstherismo de moça apaixonada. No outro dia, confessava-o ingenuamente, bem dizendo essas lagrimas que lhe alliviavam o peito tão cheio desse amor immenso.

Fôra elle quem me apresentara á familia do Conselheiro Martim Francisco, uma noite, em que me levou pela primeira vez á casa do Dr. Inglez de Souza. Sempre ousado, achei-o nesta occasião timido e modesto, pelo facto de estar presente aquella que lhe occupava a imaginação.

A familia do Conselheiro compunha-se d'elle e da senhora e tres casaes de filhos, o mais velho, do mesmo nome, e os dous já citados, Antonio e José; a esposa do Dr. Theophilo Dias, a menina Margarida e uma pequenita de nome Maria Flora.

O velho Conselheiro era um cidadão distinctissimo, affável, tolerante, prestimoso, amigo da mocidade, cheio de desvellos pelos seus, pondo seu prestigio ao serviço dos fracos, dos desamparados, prestando beneficios por amor do proximo, sem pretensões a recompensas, forte de seu valor, grande, magnanimo, apesar de não ser rico mas sempre generoso, nobre e inimitavel!

A Exma. Sra. D. Anna Bemvinda Bueno de Andrada, digna esposa do Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, era um espirito superior, de grande cultura

intellectual e trato social, amiga dos seus parentes e desejando para os filhos, não riquezas que poderiam advir posteriormente, mas posição, amor ao estudo, e representação no meio em que viviam.

Apreciava Silva Jardim, instigava-o a que proseguisse nos seus estudos, a que fosse professor ou cathedratico, que quanto a ella, era a mais bella carreira a do magisterio.

Dos filhos um cursava a Academia, outro se formara em Engenharia e quanto ao terceiro, na escala ascendente, era já Bacharel em direito.

No intimo, eram os tres soberanamente democraticos, amaveis, accessiveis, e dotados todos de talento. Silva Jardim mereceu de todos o mais honroso acolhimento que sempre soube prezar, tornando-se digno de hombrear com tão illustres membros daquella invejavel familia.

Respeitando as crenças politicas de todos elles, entrou para a *Tribuna Liberal*, onde escreviam simultaneamente, e houve-se por tal modo que em uma organização de chapa liberal lamentou-se que não tivesse a idade precisa para ser incluído nella como candidato do partido.

O mesmo não succedeu a seu antagonista, o Dr. Theophilo Dias, que, depois de se haver pronunciado francamente republicano, acceitou o convite para a representação provincial, annullando todo um passado brilhante de propagandista emerito.

A sua dedicação pelo Conselheiro emanava pois de um principio estranho á politica, mas teria sido irresistivelmente arrastado a ella, si um poder, por ventura mais forte, o não avassalasse de todo.

Essa resistencia heroica adveio-lhe da escola philosophica que no anno de 1881 abraçou e que presuppunha nos adeptos a qualidade indispensavel de republicano.

O velho Conselheiro era o primeiro a reconhecer que os partidarios desta escola eram moços na maioria serios e moralisados, e essa opinião não foi indifferente ao pronunciamiento de Silva Jardim pela nova philosophia que estava fazendo ruidoso successo entre a mocidade do tempo.

Antes, porém, de acceitar a nova ordem de idéas, meditou muito Silva Jardim, decidindo-se a final, pela força de argumentação e pelo seductor exemplo que davam os sectarios da escola, indo de uma provincia a outra evangelisar em nome da boa nova.¹

Não sei si a este tempo a familia da que foi mais tarde sua esposa já o olhava com *segundas intenções*, mas o facto capital é que não lhe desgostava o passo dado pelo joven academico, com quem entreteve, á puridade, verdadeiras discussões no sentido de se esclarecer a respeito.

Muitas vezes, depois de convertido e industriado nos principios philosophicos, que mais tarde escudaram a sua propaganda republicana, me dizia elle de volta da casa do Conselheiro, que outro não fôra o assumpto tratado entre elle e sua intelligente e illustrada sogra futura e que, apesar de parecer afastar-se da sua norma de conducta, reparava como podia todos os ataques atirados por ella em fôrma de objecções á doutrina e sahia-se de modo tal que si não conseguia convencer áquella a quem se dirigia, pelo menos, reconhecia que ella não era antipathica á sua nova phase de philosophar.

Era que o unico objectivo desses tempos era tornar-se agradável a todos, conquistar as sympathias dos parentes e chegar á realidade do casamento,² inda que fosse preciso ser *bacharel*, o que já não tomava a serio, em virtude da modificação philosophica por que passara.

¹ Em 1881, M. Lemos e em 1883, T. Mendes.

² Carta de 2 de março de 1883.

Como se vê, inda por este lado o culto da familia precedeu ao da patria, na evolução de seu character, de accôrdo com os ensinamentos da religião da Humanidade.

A 15 de novembro de 1881 fundava-se o *Centro Positivista de S. Paulo*, filial ao do Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Sr. Miguel Lemos, que alli compareceu secretariado pelo Sr. Generino dos Santos. A meu convite, reuniram-se em minha casa, á rua do Piques, os diversos sectarios do positivismo orthodoxo e entre elles sobresahia pelo fervor da idéa, Silva Jardim, que, com outros, assignou a acta de installação.

Não cabe aqui tratar o desenvolvimento que teve essa instituição nem o fim que levou pelo abandono de seus principaes installadores.

Somente quero accentuar a influencia que essa corrente de idéas, de sentimentos e actos, exerceu na vida do temerario propagandista.

Começou por disciplinar a intelligencia subordinando-a ao sentimento e actuando de accôrdo com os principios fundamentaes da doutrina. Dispersou os livros revolucionarios e procurou adquirir os indicados na *Bibliotheca Positivista* e isto se verifica pela enumeração que faz no cap. IV de suas *Memorias*, paginas 205 a 222.

Pequena era a bagagem litteraria que trazia; além da *Gente do Mosteiro*, havia publicado de collaboração com Valentim Magalhães dous outros pamphletos insignificantes: as *Idéas de moço*, composto de phantasias criticas ou suppostas philosophicas, contos, etc., o *General Osorio*, constante de um esboço entusiasta e nullo, sob o ponto de vista biographico, da vida do guerreiro gaúcho.

Na *Critica de escada a baixo*, de maior formato e muito mais largo folego, nada se encontra de producente.

Era um desenvolvimento de que a *Gente do Mosteiro* constituia o thema com applicação diversa. Assim como não tinha de que corar á lembrança desses trabalhos, nenhuma recordação grata lhe ficara delles e de bom modo trocara os habitos revolucionarios de jornalista e litterato pelas locubrações serias de philosopho e propagandista do ensino positivo.

Pôde então obter uma comprehensão nitida do homem e do mundo e todo o seu esforço dedicou-o ao estudo das sociedades.

Na escola primaria, de que se encarregara, dera o maior desenvolvimento á diffusão dos conhecimentos compatiaveis com as idades dos alumnos, fazendo-os ascender das concepções concretas ás abstractas, das ficticias ás positivas, passando em revista as idéas metaphysicas, e mostrando que o individuo acompanha no seu desenvolvimento a evolução da Humanidade.

Fez uma applicação aos processos da aprendizagem, da *lei dos tres estados*, e mostrou como a leitura havia passado pelos periodos respectivos, sendo a principio feita pela *syllabação*, correspondente ao fetichismo, depois pela *soletração*, phase intermedia, e, por fim, pela *palavração*, que era o estado definitivo. A' vista disto, decidio-se pela *Cartilha Maternal* de João de Deus e propagou-a com ardor. Como se sabe, neste livro ensina-se a ler não por syllabas nem soletrando, mas sim pronunciando já as palavras, pelo exame estructural dellas, indo das vozes combinadas mais simples para as mais complexas.

Tirou as ultimas consequencias, deste methodo, que é de lamentar não tenha entre nós continuadores, e chegou a resultados que o proprio autor não obteria melhores.

Foi em vista disso que mais tarde, a convite do Dr. Inglez de Souza, foi propagal-o entre os mestres do ensino, na

provincia do Espirito Santo. Esta viagem de propaganda do methodo de João de Deus constitue os pródromos das que annos depois realisou em ponto maior em favor da acceitação da idéa republicana.

Mostrava-se já ahi o propagandista incansavel da boa nova, preparando as armas que depois teria de terçar em defesa dos principios republicanos.

O afastamento do Dr. Inglez de Souza da imprensa paulista, deixou Silva Jardim entregue a suas novas idéas e muito concorreu para divorcial-o completa e inteiramente de qualquer adhesismo ao partido liberal.

Não o fez sem tentar um ultimo esforço e foi assim que lhe propoz leval-o como seu secretario para Sergipe, para onde primitivamente fôra nomeado Presidente. Esse convite foi discutido em sessão pelos membros do *Centro* e decidio-se que o confrade não devia acceitar o cargo por ser logar de confiança do delegado do governo e implicar um pronunciamiento monarchista. Levado mais pelo sentimento do que pela razão, Silva Jardim, máo grado á differenciação de idéas, estava disposto a acompanhar o amigo, a quem devia innumeras finezas, e em vista da resolução de seus correigionarios, não trepidou em recusar e foi com desvanecimento que mais tarde acceitou a commissão de ir propagar o methodo do ensino, segundo a *Cartilha Maternal*. Desapparecia ahi a premissa de confiança e nenhum outro inconveniente se apresentava a respeito desta nova commissão para que era convidado pelo seu ex-companheiro de redacção.

O Dr. Inglez de Souza fôra chamado á Presidencia por occasião de executar-se a eleição directa em que o

presidente do Conselho, o Sr. Saraiva, achava-se empenhado e que foi a morte politica do então ministro do imperio, o Barão Homem de Mello, que fez a indicação de seu nome; não porque se exigisse dos delegados do governo inteira isenção de animo no pleito e a prova é que, passado este, foi elle removido por não se prestar ao manejo dos politicações de Sergipe,¹ apesar das recommendações indirectas que recebeu para intervir em favor de alguns. Ao seguir, porém, fôra-lhe ordenado pelo chefe do gabinete toda imparcialidade, que, si bem a recommendara, melhor elle a pôz em pratica.

O fim principal de sua nomeação, dizia-se naquelle tempo, foi afastal-o de S. Paulo, ou antes, da Relação, em cujo logar de Secretario era apoiado pelas principaes influencias. O Sr. Barão Homem de Mello, que tinha um outro candidato, distinguio-o então com aquella nomeação e resolveu o caso por esse modo que estava em uso na politica decahida, como ainda hoje.

Não obstante reconhecer o mecanismo por que essas cousas eram feitas, o illustre moço tomara seu papel a serio e na segunda provincia para onde foi mandado, emprehendeu reformas de todo ponto indispensaveis.

Depois de melhorar completamente o systema de ensino, quiz juntar a pratica á theoria e conhecedor dos excellentes predicaos que assistiam a Silva Jardim para o magisterio publico e primario, encarregou-o de preparar o espirito dos professores, seus collegas, a executar os processos do ensino contidos na sua principal reforma.

As conferencias de Silva Jardim fizeram um verdadeiro successo e de lá voltou *coroadado de louros*, por uma commissão de senhoras que lhe offertaram uma riquissima grinalda com inscrições honrosas nas fitas pendentes.

Quem estivesse ao corrente destes successos, não estranharia ver, seis annos depois, o mesmo intemerato pro-

¹ Um candidato chegou a pedir para que ao menos o Presidente o deixasse, nas vespas da eleição, passear no cavallo de sella deste, pois isto só lhe asseguraria victoria dando-o como candidato official. E' bem de ver que não foi attendido.

pagandista levar o ensinamento da doutrina republicana a todas as cidades e villas por onde andou e ser coroadado dos mesmos resultados.

Na pessoa de Silva Jardim, os processos philosophicos aperfeçoaram os methodos do ensino de que foi um benemerito vulgarizador e estes por sua vez reagiram sobre aquelles, propagando o principio capital da doutrina, no tocante a realizar a *reorganisação social sem Deus nem Rei*.

Essa formula dos incyclopedistas do XVIII seculo occupou-lhe a attenção em quasi todo o decennio de 1879 a 1889, a principio, pela adhesão franca á Religião da Humanidade, depois, pela propagação externa da fórma republicana, não poupando em nenhuma dessas phases sacrificios de especie alguma.

Na primeira immolara, com espanto da familia, que o acreditava um verdadeiro crente, as suas idéas de bom catholico, que o fôra, e na segunda, o socego do proprio lar, que era para elle um outro culto santo.

Assim, pois, e por mais que repugne aos seus progeitores que se conservaram firmes nas suas crenças catholicas e verdadeiras, não se póde conscienciosamente historiar a vida do grande propagandista da Republica sem levar á conta do Positivismo as convicções que se geraram no seu cerebro e que uma vez accentuadas emergiram da profundeza da consciencia para a tribuna popular.

Emquanto que o philosopho gerava o politico, o professor apparelhava o tribuno.

As duas viagens feitas a S. Paulo para o mister da propaganda positivista, uma em 1831 pelo Sr. Miguel Lemos e outra em 1833 pelo Sr. Teixeira Mendes, deram a Silva Jardim a concepção da evangelisação de uma idéa por meio da palavra fallada.

Em todo tempo fôra assim, mas o vivo exemplo dos dous representantes do Positivismo o impressionou devéras.

Aprendeu pelos olhos que o effeito sobre as massas era mais prompto e na experiencia intermedia que realizou em 1882 convenceu-se sobre terreno, embora estranho á fé, que outro não devera ser o processo de qualquer vulgarisação de uma idéa.

Quando se encontrou desembaraçado dos preceitos religiosos de qualquer especie, atirou-se á propaganda da idéa, que elle considerava a salvação da *Patria em perigo*.

Nesse interregno tinha disciplinado o seu espirito, cultivado sua intelligencia, emancipado sua consciencia, aprofundado o estudo das sciencias sociaes, e mantido firmes as convicções republicanas. Tinha além disso um desejo ardente de celebridade, de renome, de ambição legitima do poder, sopitados pelos principios severos do Positivismo.

Segundo a lei da philosophia primeira, que quanto maior é a acção mais forte se torna a reacção, quiz realizar em pouco tempo o trabalho de longos annos e dahi essa febre de propaganda a todo transe, annunciando o advento da Republica pela revolução!

A litteratura não o satisfiz, a abolição encontrou-o a braços com a sua cathechese pelo Positivismo nos primeiros annos; ainda assim, antes de se declarar secretario de Augusto Comte, procurou filiar-se a sociedades secretas, onde mais se trabalhava em favor dos escravos.

Foi assim que o propuz para membro da *Loja Americana*, cujo *Veneravel* era Luiz Gama e onde, depois que se levantou e agitou no paiz a bandeira da abolição, não se tratava de outra cousa.

Fui eleito substituto do orador, que era Americo de Campos e que pouco frequentava a *Loja*, doutrinando á luz do dia na *Provincia de S. Paulo*; porque já viviamos muito conjuntamente, Silva Jardim e eu: o levei ás sessões, mas já nos ultimos tempos da minha frequencia.

Estou muito acostumado a ver, no meu mesquinho papel de abolicionista e republicano intransigente, muita *Gralha*, como diz o Sr. Lucio de Mendonça, ferido pelos mesmo motivos na sua grande alma de patriota, *se vestir com minhas pennas*, passando em silencio e lançando ao abandono o nome obscuro do companheiro que, tanto na tribuna como na imprensa, serviu com a maior abnegação a causa publica. Si não fôra isso, seria aqui cabivel uma reivindicação dos serviços prestados, quer ao lado desses dous correligionarios,¹ batendo-me pela dupla escravidão de minha patria, quer no meu posto de funcionario publico, donde fui impellido pelos idolatras da monarchia e por fim demittido pelos mais indignos ainda, *amigos* da Republica, na época em que se fez do thesouro publico um *syndicato*, sob a firma social *Ruy & Comp.*

Naquella celebre casa do Piques, que occupava o vertice de um triangulo de que a Academia e o principio da rua Direita eram os dous outros, terçou Silva Jardim mais de uma vez as armas em favor da abolição. Mas alli a gente se limitava mais a agir, e toda actividade era consumida em roubar negros e refugial-os, mandal-os para outras provincias, quando provindos directamente da Côte ou de outras partes.

Por este tempo estive refugiado na mesma casa, onde me achava hospedado, um escravo do então Ministro da Fazenda do Imperio, que era meu superior em gerarchia e creio que por esta razão me o coube em partilha, pois o seu senhor era um dos renegados da Republica, adhesos do gabinete 5 de janeiro de 1878 e muito se arriscaria quem lhe occultasse a *propriedade*. O Sr. José do

¹ Luiz Gama e Americo de Campos.

Patrocínio pôde dar testemunho disso, que foi quem o consignou em carta a Luiz Gama.

Mas, voltando ao caso da maçonaria, um bello dia *resolvemos* não frequentar mais as sessões, porque se me afigurou que como concepção não passava aquella de uma religião atrasada com pretensões a substituir o catholicismo, já por nós abandonado, por não satisfazer mais o ideal moderno, apesar das grandes qualidades moraes que possuía e ser sob o ponto de vista da organização social inatacavel.

Silva Jardim acompanhou-me nesta retirada e foi notavel o discurso que então proferio.

Pelas noções que possuíamos já então, toda religião compunha-se de tres partes: o dogma, o culto e o regimen.

A maçonaria professa o dogma da crença no *supremo architecto do universo*, que é Deus, e acceita os crentes de todas as especies, na esperança de convencer-os do seu monotheismo; quem uma vez penetrou nos seus templos não pôde pôr em duvida o culto que alli é manifestado pelo ceremonial religioso posto em pratica pelo *grão-mestre* e os seus acolytos, traduzido em palminhas triplicadas; palavras cabalisticassem a pompa das celebrações catholicas e a pratica da caridade constitue o principal ponto do regimen maçonico e fortes laços de fraternidade ligam entre si os irmãos da mesma familia, que para se considerarem mais verdadeiramente dignos deste concurso, se intitulam os *filhos da viuva*.

Assim, pois, a maçonaria, outra cousa não é que uma religião monotheica e por mais simplificada presume-se melhor.

Ainda hoje funciona de noite, como o christianismo em seu começo, e está só á espera de dominar as consciencias para sahir das trevas e dictar as suas leis na

praça publica. Si os factos consummados, a experiencia de longa pratica de vida, autorisam qualquer illação consensual com taes precedentes, é de crer que continuará a se revolver no escuro dos *valles* por muitos seculos, si cedo não mudarem de tactica.

Como se vê, sem a organização monumental do catholicismo, occultando na sombra os seus intimos desejos de mando, não está a religião maçonica em casos de competir com a catholica e muito menos de succeder-a na direcção das consciencias.

Foram esses pontos que se procurou esplanar, e depois de motivar a retirada pela impotencia da doutrina para alimentar espiritos já de si refractarios ao catholicismo, saímos amigos e camaradas, sem a menor hostilidade aos nossos irmãos.

Depois disso, para achar um paradeiro ao nosso ardor social, atirámo-nos ao Positivismo, como unica taboa de salvação, pois que todo o edificio do sobrenatural havia-se derruido ao sôpro da descrença.

Mas já então, de accôrdo com a doutrina, o problema da abolição tomava um aspecto novo, de que ainda não se havia cogitado.

Era mister dividil-o em duas partes principaes: emancipar e incorporar.

A emancipação não se afigurava tão difficil no ponto em que se achavam os negocios publicos como a incorporação desse proletariado immenso á sociedade brasileira.

Esse phenomeno se dera muito restrictamente no Norte, por causa de circumstancias estranhas ao trabalho dos abolicionistas, como ver-se-ha mais tarde.

Silva Jardim pedira licença ao governo para acceitar a commissão fóra da provincia ao serviço de outro presidente:

Quem não conhecesse-lhe os precedentes, diria que era effectivamente um presente de nupcias ou de fim de formatura ou de ambas as cousas igualmente. O certo é que, de volta, tratou, com as economias realizadas no ensino professoril e na supradita viagem, de montar casa e obter os demais accessorios indispensaveis ao bacharelado, tomando para isso também dinheiro a juros.

A comissão fôra um tanto lucrativa na altura do sacrificio e, a não ser talvez o duplo objectivo economico-social, teria sido dispersa em outros misteres.

O regimen positivista afastou em breve Silva Jardim dessas communs dissipações características do periodo academico. E, ao passo que essa conducta, pautada extrictica e virtualmente pelos preceitos religiosos, o preservava, no vigor da mocidade, dos perigos que acarretam a liberdade de agir revolucionariamente, em tal idade, lhe attrahia mais a mais a sympathia dos parentes de sua bem-amada e lhe garantiam o successo de um pedido de casamento. Esse pedido fez-se, algum tempo antes de formado, tendo tomado o gráo a 1 de dezembro de 1882¹.

A sua carreira academica foi escrupulosamente completada dentro do prazo de cinco annos, tirando sempre notas plenas. Quando no fim do anno, por accumulo de trabalhos escolares, no magisterio publico, que coincidiam com a época dos exames, na Academia, não podia fazer o *acto*, reservava-o para o começo do anno seguinte, estudava pelas férias e sahia-se sempre bem nos exames extraordinarios, que tinham, além disso, a desvantagem de requerer maior somma de estudos.

Na propaganda positivista, enquanto que eu fôra encarregado de expôr a doutrina, aos domingos, segundo

¹ Carta de 14 de abril de 1883.

as lições sobre os *Grandes Typos da Humanidade* de Mr. P. Lafitte, elle tomára a si a incumbencia das festas sociolatrias, ou commemorações patrias, realizando conferencias historicas sobre o 7 de setembro, Tiradentes, 14 de julho, morte de Augusto Comte (5 daquelle mez) e descobrimento da America em 12 de outubro.

As suas lições no *Curso Annexo*, como em qualquer outra parte que as dêsse, eram sempre em fôrma de prelecções, tendo em vista o methodo historico expositivo.

Não admittia compendio, incitando os alumnos a que tomassem suas notas ou apontamentos. Para os que pretendiam matricular-se na Escola Normal e mesmo os que frequentavam a cadeira de Portuguez, regida pelo Dr. Mamede até a sua entrada depois na Academia, dava elle aulas particulares em turmas, na séde do *Centro positivista*, á rua da Esperança n. 75, ao sahir no largo da Assembléa.

Por mais de uma vez ao annunciar-se concurso para professores, para preenchimento de grande numero de cadeiras vagas, fez circulars, que assignou commigo, propondo-se a preparar em breve tempo os candidatos aos differentes exames. Encarregava-se de leccionar portuguez, pedagogia e escripta, ficando eu incumbido das mathematicas, em que, como na maioria dos casos dos que estudavam então para direito, não era elle muito forte. Sem embargos, reconhecendo sua fraqueza neste terreno, como em outros dominios scientificos, e mesmo por necessidade do officio, Silva Jardim empreendeu uma revisão nesses estudos e muito aprendeu com o Dr. Godofredo Furtado, seu collega de magisterio e presidente do *Centro*. Em seguida enveredou pelas sciencias naturaes, estudando um pouco de physica e chimica e astronomia, procurando penetrar nos dominios biologicos, para melhor comprehender a sociologia, colimada pela moral, conforme a classificação de Augusto Comte.

Sustentava que um professor devia ser um homem encyclopedico e atirou-se com fervor ao estudo, embora

superfuncionário das sete ordens de conhecimentos que esta classificação científica preestabelecia.

Uma das theses do positivismo é arremetter contra o jornalismo, a academia e a litteratice, aquillo justamente que outr'ra constituia a aspiração primeira de Silva Jardim.

Desde os bancos collegiaes que elle escrevia e nem estudava sinão com fito em formar-se.

Mas para logo renunciou a essa triplice manifestação de seu espirito e dedicou-se ao ensino com todas as forças.

Convém notar que elle tinha para tal fim uma verdadeira vocação, estava, como se lá diz, na massa de seu sangue.

As qualidades de pedagogo e homem de combate elle as herdara de seu pai e antepassados. Na sua ascendencia, onde os consorcios pela legitimidade attingiam até a 4ª ou 5ª geração, contava officiaes do exercito, representantes desse generoso sangue rio-grandense do sul, ainda hoje derramado heroicamente nos campos daquelle Estado.

E nem se diga que, casando com pessoa de familia nobesca, elle ia enquistar-se por este modo na fidalguia dos Andradas, porquanto nenhum facto deve ennobrecer mais o homem do que esse encadeamento legitimo de seus antepassados, ainda os mais remotos, sem precisar dizer que entre elles muitos existiam de sangue azul.

Não obstante não escrever mais para o jornal, nem elle nem eu, faziamos com os adherentes ás nossas idéas uma propaganda completa pela tribuna das conferencias.

Esse systema não era em tudo semelhante ao que fazia o partido republicano paulista. Este, forte pela independencia material de seus adeptos, amoldava-se muitas vezes ás convivencias da situação. Não é aqui o logar

proprio para estudar a vida desse partido que se gerou e cresceu pelas deserções monarchicas; purificado pela mocidade das academias e do tempo, luctou *sabiamente* pela conquista do poder, o que conseguiu em 1889, implantando-se no Governo Provisorio e trazendo para elle essa especie de vêzo das colligações que se desenvolveu fatalmente na Republica sob a fórma do *adhesismo*. Quando estudar esse momento historico da vida de Silva Jardim, será occasião de apontar os processos por que elle se desenvolveu e medrou, com manifesto prejuizo dos republicanos puros que estavam no caso de exercer o poder.

Bastará dizer para caracterisar o meio politico e social em que o infatigavel propagandista se desenvolvia, que, na primeira eleição que realizou o partido liberal, pelo voto uno e directo, e a volta á divisão da circumscripção por districtos, levou esta circumstancia á assembléa provincial em 1881 tantos liberaes quantos conservadores, que desde muito tempo eram excluidos da representação, pelas camaras unanimes, como faziam quando estavam de cima.

Por essa occasião os republicanos elegeram tambem quatro ou cinco candidatos.

De sorte que si a representação provincial compunha-se, por exemplo, de 34 ou 35 membros, os liberaes contavam 15, os conservadores 15, e nenhum delles por sua vez possuia maioria para governar. A sorte dos partidos dependia, pois, da minoria republicana, que era, como alguem o disse na occasião, *o fiel da balança*: para onde ella se inclinasse, dava ganho de causa.

Nunca um governo se vio em maiores difficuldades e nem o regimen que elle representava pensou depender tanto do regimen que lhe era opposto. Nessa situação historica é que a *colligação* tornou-se um expediente perigosissimo, podendo ser supprido pelo criterio da justiça todo e qualquer conflicto em que as forças partidarias do monarchismo se equilibrassem na luta pela existencia, ou melhor, pela conquista do poder. Assim, porém, não

sucedeu. O partido republicano de S. Paulo, moldado um tanto á feição dos dous que se debatiam, tinha tambem suas velleidades de *querer governar* simultaneamente com qualquer delles. Assim é que, invocando principios de justiça, votava hoje com os conservadores para restituir um logar que lhe fôra arrancado, e amanhã tornava ainda a votar com os mesmos conservadores para dar a um seu coreligionario o empr ego que os liberaes, pelo facto de ser o primeiro adversario politico e o segundo republicano e *ipso facto* inimigo do governo, lhes haviam por uma lei legitimamente subtrahido. Por exemplo, uma assembléa anterior reunira os dous cartorios do Bananal em um só, ou fosse por conveniencia do fôro, que era pobre, ou por animadversão ao segundo notario, que era conservador, e dividiu o do Amparo, que era rico, em dous, ou para attender em sentido opposto á sobredita conveniencia ou para ferir o proprietario em seus interesses mais legitimos, pelo facto de ser um bom republicano. O que fez a minoria republicana? Pelo *mesmo principio de justiça* pendeu o *fiel* para os sobreditos conservadores para redividir o primeiro *em dous* e reunir os do segundo *em um só*. E' isso que chamo *sabedoria* partidaria, mas por cujo exercicio viam-se os republicanos, suppostos positivistas, na obrigação moral de não pactuar com o grosso do exercito democratico de S. Paulo e mais por não ter já se manifestado francamente abolicionista.

Em virtude desses conluios diariamente repetidos e sempre com o partido conservador, embora aparentemente mais distanciado, é que o partido liberal, cujo programma mais se approximava do ideal republicano, olhava com más intenções os democratas, perseguia-os, dando logar a novas tentativas de colligações. Por occasião da proclamação da Republica, outra cousa não se deu: *foram chamados os conservadores ao poder*; e tanto é assim,

que para o povo, em geral, não era a *substituição do regimen* que occasionara a *mudança politica* e sim a *quêda dos liberaes*, que estavam *de cima*. E' assim que a maioria das provincias, onde a disciplina partidaria não havia agremiado os republicanos dispersos, bem o entendia e proclamava.

Silva Jardim era, como todos os companheiros, sectario da mesma idéa politica, intransigente, aprendendo desde cedo a não pactuar com o maior numero, quando em flagrante delicto de applicação social da doutrina — e habituou-se a agir de moto-proprio, segundo os principios que adoptara.

Por isso, ver-se-ha mais tarde como foi embaraçado, perseguido mesmo, a titulo de taes conveniencias, invocando-se essa chimera do evolucionismo, por esses mesmos que estavam affeitos a estes manejos, por amor de prelibar umas tantas migalhas do poder, no momento de fazer a scisão no partido, por achar que a direcção deste não era muito conveniente.

Acontecia que o chefe do liberalismo então de S. Paulo, e a quem muito contrariava esse proceder dos republicanos, era aquelle de quem Silva Jardim procurava approximar-se pelos laços de parentesco e que pouco ao corrente da conducta excepcional do grupo a que esse pertencia, relutava naturalmente em ter como genro um coreligionario de semelhantes inimigos. Isso, porém, quando verdade, de nada actuava no animo do joven politico, quer no sentido de modificar sua conducta publica, quer de diminuir o affecto que consagrava á moça.

Os attributos do moço positivista preponderaram sobre as qualidades do republicano, confundido o typo dictatorial com o democratico.

Entretanto, como se vio, mais tarde o sentimento republicano sopitou o religioso, e o patriota ao apostolo de taes doutrinas, para se tornar essencialmente revolucionario, como convinha á sua época.

A viagem ao Espirito Santo dera-se pelo meio do anno de 1882. Em agosto deste já havia regressado Silva Jardim a S. Paulo.

No anno seguinte tivera igual convite para ir a Santa Catharina, mas não chegou a realizar esta viagem.

O pedido de casamento fôra formulado desde 1881 e em janeiro de 1882 não estava resolvido e por accôrdo das partes fora adiado para depois do concurso da cadeira de portuguez.

Muita grandeza d'alma fôra necessaria para se pôr acima das intrigas que forjavam a este respeito contra si. Entretanto as promessas eram favoraveis.

A' vista disso, estudava como louco para este mesmo concurso, pois delle dependia a sua felicidade futura.

Para melhor exercicio intellectual neste mez abriu uma explicação e, ao passo que estudava, ia applicando as theorias á pratica.

Mudara-se da rua Boa-Morte n. 33 para n. 6, onde estava muito bem accommodado.

Muito o preocupava o caso anterior de discordia existente entre o pai e o inspector litterario do districto.

Esse havia entrado na aula aos gritos e o professor chamara-o á or'lem. Dahi originou-se o conflicto que a ambos, pai e filho, tanto mortificava. Silva Jardim não era o unico filho varão. O Sr. Gabriel Jardim tivera outros, com uma circumstancia notavel, que entre os primeiros e os ultimos havia um intersticio preenchido por uma serie de insuccessos.

O primeiro grupo era formado por Silva Jardim, Carlos e Maria Amelia e o ultimo por Pedro, Egydio, Cesar, Jayme, Hermesinda e Gabriel.

O Carlos era e ainda é muito doente, e pela natureza da molestia muito preocupava o irmão. A cada passo na

vida estava pensando nelle e indagando qual o seu estado de saude.

Em abril foi nomeado definitivamente professor da cadeira do curso annexo da Escola Normal e considerado como vitalicio.

Em junho é que recebeu o convite do Dr. Inglez de Souza para ir ao Espirito Santo propagar o methodo de João de Deus. A provincia se incumbia de indemnizar os prejuizos que pudesse vir a ter com a ausencia do emprego. As cousas corriam-lhe, pois, favoraveis. Era uma diversão de dous mezes mais ou menos e que o elevava no conceito publico.

« Minha vida parece que não vai mal, escrevia elle. O conselheiro respondeu da Côrte que a minha pretensão dependia da mulher e da filha, mais desta, que da outra ; ora, a primeira declara não oppor-se a cousa alguma (sem, comtudo, tomar a iniciativa a respeito) e disse fazer o melhor juizo das minhas qualidades pessoases.

« O conselheiro mandou-me pedir o seu nome, naturalmente para tomar informações ácerca de minha familia, como é de estylo. Aguardo uma solução definitiva. » (Carta de 12 de outubro de 1882, datada da rua de Tabatinguera n. 32, onde já morava.)

A pretensão delle perante o conselheiro estava bem encaminhada. Contava ter uma solução definitiva logo após a formatura, que pelos calculos devia ser nos primeiros dias de dezembro deste anno.

As informações obtidas a respeito da familia eram excellentes. Accrescia que havia boa vontade em geral.

No dia 1º de dezembro de 1882 forma-se Silva Jardim, como já disse, em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo. O acto por si só não lhe mereceu grande consideração, sinão pelos effeitos que d'elle esperava em relação ao seu futuro. Disso dependia em parte a sua felicidade.

Todos sabem a mania deste povo pelos homens formados, seja em que sciencia for. E o que, na baixa esphera, é uma simples aspiração, na elevada é um dogma.

A nossa burguezia faz questão de que as filhas só se casem com *bachareis*, inda que de futuro venham a ser umas desgraçadas. A desigualdade da educação gera um tal antagonismo entre os conjuges, que só o sentimento da mulher brasileira pôde attenuar; mas ainda assim a desgraça é certa, porque nesses casamentos, onde só se attendeu a uma satisfação dos instinctos egoistas, a felicidade entra por muito pouco e o amor quasi sempre delles foge espavorido.

Raro allia-se uma ventura a outra e no presente caso haveria talvez uma excepção.

No dia 4 do mesmo mez, ás tres horas da tarde, á chegada do estafeta, espalharam-se pela Villa de Capivary, a terra natal, jornaes noticiando ter Silva Jardim tomado o grão de bacharel em direito. A noticia causou a mais agradável satisfação entre a gente que o conhecia e estimava como filho daquellas plagas.

Às 11 horas da noite do mesmo dia, bate elle á porta da casa paterna, sorprehendendo e alvoroçando agradavelmente toda a familia.

Entra na sala, abraça e beija a todos, dizendo para o Pai: Vm. queria um *bacharel*, pois aqui o tem!

Além da festa da familia, diversos cidadãos offereceram-lhe jantares em regozijo pela sua formatura, onde os

discursos manifestativos visavam todos um prospero futuro ao novo bacharel.

Por ahi demorara-se até 27, regressando a S. Paulo, onde havia deixado parte de seu sêr.

As suas esperanças iam ser coroadas de exito.

A resposta a seu pedido havia sido favoravel, e o nobre rapaz não cabia em si de contente.

Estava satisfeitissimo, cada vez via melhor a excellencia de sua escolha. «Minha noiva é um typo de bondade doçura, prudencia, bom-senso e belleza, alliados a uma instrucção pouco vulgar e a uma educação correctissima. Agora que, felizmente, conheço-a ainda mais, pergunto muitas vezes a mim mesmo como pude merecer tanto.» (Carta de 12 de março.)

Tratara de mandar correr os prégões em Capivary, mesmo na freguezia de N. S. da Lapa, onde propriamente nascera.

Não havia outra fórmula de casamento. Embora positivista, teria de se sujeitar a casar pela catholica.

Ao amor do pai, da mãe, dos irmãos e de todos os bons parentes e amigos, juntava o da nova familia a que ia ligar-se e principalmente o de sua querida noiva, que seria a companheira de toda a sua vida, a sua santa consoladora nos trabalhos, como nos lazeres, nas afflicções, como nas alegrias. «Nhanhã (Anna Margarida Bueno de Andrada) me estima muito. Estima-me desde o meu 1º anno; estou certo, mas profundamente certo, de que vamos ser muito felizes. Si lhe faço estas confidencias, é para dar-lhe mais uma prova de amizade e para garantir-lhe a minha felicidade actual.» (Carta de março.)

Os sogro e sogra queriam que fosse morar com elles, mas concordaram que era melhor não fazel-o, attenta a inimizade entre Silva Jardim e o seu futuro concunhado,

Theophilo Dias, que oppoz-se, pelos motivos já referidos, tenazmente ao seu casamento.

A esse tempo já estava regendo interinamente a cadeira de portuguez do curso da Escola Normal e preparava-se para tiral-a em concurso. Eram mais 50\$, que a que occupava vitaliciamente na aula annexa.

Era nesta esperança que ia começar a vida, feliz porque esperava no espirito forte, activo, economico da que ia ser sua esposa.

Tinha plena confiança no porvir, que havia de melhorar.

O esforço intellectual, o bom coração e o character digno muito podiam.

Obtivera dispensa de proclamas, sentia que o pai não assistisse ao casamento; por sua vez, não podia ir á casa da familia, estava atarefadissimo, aulas da escola e particulares, preparos de casamento, montagem de casa, e breve do escriptorio de advocacia e a preocupação, não menos forte do concurso.

« Papai.

« E' com o maior prazer que eu e minha esposa participamos-lhe o nosso casamento, realizado a 1º de maio.

« Sabedor de como Vm. havia de alegrar-se com esta noticia, assim como minha querida mãe, quiz dar-lh'a logo no mesmo dia; mas a falta do telegrapho para ahi impedio-me de realizar meu projecto. Nhanhã muito se lhe recommenda, assim como a minha mãe; muito deseja conhecê-los e espera-o aqui em junho. Em nossa casa, á rua 25 de março n. 105, sobrado, será Vm. recebido com modestia, mas com o mais sincero affecto filial.

« Escuso-me dizer-lhe quanto o meu casamento vem fazer minha felicidade. Sabe que ha annos amo minha noiva, hoje minha esposa; e que um estudo aprofundado das eminentes qualidades que ella possui: intelligencia, coração e character,

um estudo assim, repito, determinou-me a dar o passo mais decisivo, o mais grave da minha vida.

« Associo, pois, Vm. — e nem poderia deixar de fazel-o — á minha ventura, sem esquecer aquella que tanto desejava a minha união, por isso que me estima muito, minha mãe.

« Eu e Nhanhã pedimos-lhe sua benção, assim como de minha mãe assignamos — Filhos e amigos, *Anna Margarida de Andrada Jardim.* — *Antonico.* ¹ »

Casara-se á tarde, em Santa Cecilia, modestamente, sem apparato de qualquer natureza, apezar de pertencer a noiva a tão conspicua familia.

Morava a esse tempo commigo e fôra de minha casa, á Travessa do Piques n. 21, que sahio para casar, indo á noite com a mulher, para que tinha antes mobiliado, á rua 25 de março, em frente á celebre *Ilha dos amores*, onde os esperava a nossa cozinheira, que lhes servio de criada nos primeiros dias.

Após o casamento, parti para o Norte, onde me demorei perto de seis mezes, vindo encontral-o já regendo a cadeira de portuguez da Escola Normal, que obtivera por concurso, a que não assisti, mas que me disseram ter sido brilhantissimo.

Sei que se inscrevera para o mesmo o insigne grammatico Julio Ribeiro, mas que, ao approximar-se o tempo, desistira de o fazer. Emquanto não puzera em pratica essa desistencia, foi para notar o arrôjo do joven, professor que ainda assim, não se intimidava em ter de concorrer com o reconhecido e proclamado « mestre dos mestres ».

E' como professor cathedratico que desenvolve sua fabulosa actividade, simultaneamente com a de advogado, multiplicando as explicações e auferindo do ensino um

¹ Carta de 4 de maio de 1883.

lucro que lhe dava folgadamente para viver, já não direi com decencia, mas em plena abastança.

Elle, como se sabe, vivia do seu trabalho, e a noiva nenhum dote lhe trouxera, sendo preciso multiplicar de esforços, si não accumular funcções diversas, para fugir a qualquer genero de privação. Assim é que dispunha do tempo entre a advocacia e o professorado e inda lh'o sobrava para recepção de seus amigos, que sahiam captivados por tão interessante par de esposos.

A' mais simples inspecção, notava-se logo, á primeira, que alli houvera um casamento *por amor*, todos applaudiam de coração tão venturoso enlace, desejando a ambos longos annos de verdadeira felicidade.

Silva Jardim formara-se tendo uma comprehensão exacta do mundo e da sociedade, devido em grande parte ao exemplo da familia, mas, no geral, á doutrina philosophica que abraçara.

Os positivistas menos intransigentes entendiam que, desde que um candidato politico, filiado aos partidos monarchicos, se compromettesse a propôr e executar as idéas principaes do seu programma social e humanitario, como abolição, registros civis, liberdade religiosa, etc., poder-se-hia votar nelle sem escrupulo de trahir as proprias convicções.

Em 2 de janeiro de 1885 procedera-se á eleição geral, de consulta á Nação, sobre o problema da abolição.

O conselheiro Martin Francisco era candidato official, mas francamente abolicionista.

Silva Jardim, por este, como pelo motivo de parantesco, trabalhou para que fosse elle eleito e com elle outros *soit disant* positivistas.

A este respeito elle escrevia ao pai por occasião de haver este adherido á politica liberal e consultal-o sobre o facto.

Não sabia si elle fizera bem ou mal em adherir, só elle poderia avaliar.

« Eu não adhierei a nenhuma, e quando voto, voto no partido que mais parece estar approximado das minhas idéas, desde que se compromette a pugnar por um certo numero de medidas, que julgo necessarias á minha Patria. »

E' a chamada politica do *opportunismo*, a que fôz sempre infenso, e dahi por essa época uma tal ou qual divergencia com o meu coreligionario, a quem só mais tarde, por motivos de perseguição conservadora, de que fôz victima, encontrei no Rio, vindo residir de novo ao pé de mim.

Digo, *de novo*, porque quando dirigia elle a escola primaria « Neutralidade » e morava no n. 42 da Rua da Conceição, eu habitava o n. 38 da mesma rua, onde, pela minha mudança em fins de 1884, veio elle depois a residir.

Desta casa voltou para o *Paraíso*, no bairro de Santa Cecilia, na chacarita contigua á do conselheiro e a este pertencente, depois de melhora-la materialmente.

As relações com o Dr. Köpke haviam soffrido uma grande modificação e isto occasionou o afastamento das vizinhanças da escola, além de outras razões economicas.

Muito se preocupara com uma viagem ao lar paterno depois de constituir familia e ora era o estado da mesma, ora as aulas das escolas Normal e Neutralidade o que o impedia de ir apresentar o seu rico filho.

Já a esse tempo, a irmã, por quem nutria uma extrema affeição, morava com elle e estudava naquella escola, sendo outro estorvo áquella viagem de recreação.

Julgava-se feliz na expectativa de novos filhos — *são a riqueza dos pobres*—, como dizia, dava pormenores á familia sobre o desenvolvimento do primeiro, com cuja educação tinha o maior cuidado; já obedecia ao pai e á mãe, fazia-lhes caricias, sabia conter-se, não comia de tudo, queria andar e dizia umas cousas que só os dous entendiam, etc., etc.

Deixara a direcção e sociedade da escola « Neutralidade »; era ali simples professor; a posição era mais modesta, porém mais segura.

O Dr. Köpke, a par de excellentes qualidades intellectuaes e moraes, mostrava uma tendencia pronunciada para instabilidade, no pensar de Silva Jardim, para reformas, gastos, etc., e isso impossibilitava todo plano financeiro de seu socio. Assim, pediu Silva Jardim a sua demissão de co-director muito amigavelmente, contentando-se em ser mero auxiliar.

Ficou com um ordenado de 240\$ mensaes, correspondente a cinco horas de trabalho. Foi esse o primeiro convenio, porque logo depois foi-lhe proposto outro.

A advogacia difficilmente se combinava com a sua honestidade; só em casos muito excepcionaes poderiam combinar-se. Quanto a profissões politicas, felizmente, por suas convicções republicanas, estava impossibilitado de exercel-as, dando-se por mais feliz em ficar em paz com sua consciencia de homem que tem idéas, do que representar o papel triste dos *tergiversadores* de todos os tempos, para os quaes as pessoas sérias tiveram sempre uma desprezadora condemnação.

Já fallava em encarregar-se da educação de um irmão menor, o Pedro, o primeiro da segunda serie dos vingados, mas suas idéas eram dictadas pelos principios que adoptava.

« Não aconselho que o forme (escrevia ao pai); hoje taes carreiras são parciaes, prefiro que seja uma profissão pratica, o commercio, por exemplo, que, exercido com talento, é digno, util e lucrativo. De mim declaro-lhe que só contra a vontade seguirão meus filhos carreiras diplomadas e no mesmo sentir está minha mulher. O direito, principalmente, me parece hoje uma carreira difficil.

« Quanto aos homens, penso que o melhor, repito, é seguir hoje uma profissão pratica; e quanto ás mulheres, instruirem-se para educarem-se, que não para exercerem função publica de ordem alguma.

« Isto vai a proposito de Mariquinhas, que, como outr'ora lhe disse, concordo em que faça o seu curso na Escola Normal, mais para instruir-se, do que pelo facto de *empregar-se*, e é deste modo que tenho considerado e feito considerar sua estada naquelle estabelecimento.

« Assim, pois, o Pedro póde completar sua educação e collocar-se de um modo qualquer no commercio ou n'algum emprego normal de outra especie. A velleidade de ser *doutor* não compensa os sacrificios hoje feitos para tal. E' preciso preparal-o para ser, relativamente aos irmãos menores, o que eu pretendo ser em relação aos mais velhos e a todos, si isso me for dado. » (Carta de 30 de março de 1885.)

A assembléa provincial autorisou o presidente a fazer a reforma da Instrucção Publica, feita com o fim quasi exclusivo de introduzir umas tantas innovações, a que os positivistas eram contrarios, como ensino obrigatorio de gymnastica para as alumnas, cadeira de religião, etc., e encaixar candidatos amigos, como succede em todas as reformas.

O principal era a instavel situação moral em que ficavam os professores de opiniões diversas, uns em frente dos outros.

Era bem possivel que, si isso se dêsse, fosse Silva Jardim obrigado, pela coherencia de principios, a abandonar o ensino.

Nesse caso seguiria a magistratura, como mais estavel e fixa.

« Nada perdi a principio, escrevia elle, em deixar a *Escola Neutralidade*; mas, passado um mez, máo grado os compromissos tomados, inopinadamente, seu director, inspirado por sentimentos máos de instabilidade, cobiça e talvez inveja de official de meu officio, pretextou o querer metter-se em altas cavallarices de grossas reformas

para diminuir-me, *sem aviso*, os ordenados, de 240\$ a 70\$ e o numero de horas de trabalho por dia, embora compromissos moraes sobre ensino, que a minha situação de co-director, interessado na propriedade de um tal estabelecimento *regenerador* do ensino, fizera tomar. Supportei o golpe com calma, *não dei-lhe a honra de zangar-me*, acceitei o ensino que me reservou e publiquei (o que já projectava) que nenhum compromisso moral nem material tinha mais relativamente ao estabelecimento. Devo dizer-lhe que quando pedi demissão, além de outras razões, havia a de não merecer-me confiança plena o meu collega. Foi um golpe em falso, porque, sereno, não me abalou sinão em uma diminuição de rendas, de que, para dizel-o, no momento pouca falta me faziam, em verdade, attentos meus habitos de economia e ordem, já adquiridos. Demais, trabalho não me falta. Sómente veio avigorar mais o meu projecto da magistratura, mas quizerá realizal-o com socego, sem sahir do magisterio, e, si tal for possível, com muito empenho em não sahir da capital.» (Carta de 16 de abril, sexta-feira.)

Essas referencias ao Dr. Köpke pareceram mais filhas do despeito, que da verdade.

Durante a phase positivista, Silva Jardim manteve extraordinaria correspondencia com o seu chefe religioso, e é talvez um dos lados mais interessantes de sua vida, esse aspecto de obediencia prestada ao Sr. Miguel Lemos, a quem consultava sobre os menores actos de sua existencia.

Essa parte interessa mais á historia do desenvolvimento da idéa positivista em S. Paulo, quando tiver de apreciar os seus melhores agentes.

Com a retirada do Dr. Almeida Couto da presidencia, por ter sido eleito por sua provincia natal, a Bahia, nesse anno de 1885, o vice-presidente, que o substituiu, suspendeu até o anno proximo a execução do regulamento que reformou a Instrucção Publica e a Escola Normal, menos na parte que augmentava os vencimentos.

Este acto, emanado de influencia partidaria, encheu de jubilo a Silva Jardim e deu um quasi *ganho de causa* aos professores positivistas, daquela escola. Esta instituição tornava-se de ha muito suspeita á Administração. Tres de seus membros eram *orthodoxos* em materia de religião positiva e *republicanos* em materia de politica. Os alumnos sahiem dalli eivados de atheismo e republica e forçosamente teriam de reger cadeiras em toda a provincia e educar a mocidade nas escolas. As apprehensões eram verdadeiras. Nas aulas, nas explicações, nas conversas, atacava-se o governo sem dó nem piedade, nenhuma propaganda era feita com mais ardor nem com mais proficiencia. Dahi a *zanga* com os sectarios do Positivismo. As reformas, pois, visavam, sobretudo, nullificar essa influencia, por elementos oppostos e um pessoal que contrabalançasse ao suspeito e mesmo para fazer approvar por grande maioria em congregação as medidas tendentes a interesses partidarios menos confessaveis.

Em caso de rompimento, optaria Silva Jardim pela magistratura, acceitando um lugar de *juiz substituto* do Juizo de Direito, que, embora não rendesse o bastante, dava tempo a leccionar particularmente.

Elle pensava igualmente que os empregos não se medem pela renda e sim pela sua utilidade social.

A reforma, entretanto, ia ser posta em execução de julho em diante e, embora houvesse augmento de honorario aos Professores, que passariam a ganhar 300\$, todavia lá estavam consignadas as aulas de gymnastica obrigatoria para os dous sexos, a creação de duas aulas de desenho, *religião e biologia*, o que tudo mostrava a anarchia

do liberalismo reinante. O estudo era dividido em series e o curso total de *seis annos* !...

Silva Jardim na casa em que residia então dispunha de mais tempo, por força da retirada da Escola Neutralidade, passava uma vida mais patriarchal á sombra da politica monarchica. Distrahia-se mesmo em *cultivar os terrenos* de sua chacarita, visivelmente satisfeito com o accrescimento de honorarios e o novo regimen hygienico a que se submettia.

Por esse tempo escrevia : « surprehendeu-me sua pergunta sobre o baptismo. De facto, creio ter-lhe participado que meu filho baptisou-se a 1º de maio de 1884, recebendo o nome de Antonio. Dir-lhe-hei com respeito e franqueza que só o fiz em attenção ás crenças catholicas dos pais de minha mulher e dos meus e para sanar a insufficiencia ou antes a lacuna, no nosso paiz, do registro civil. Farei *provavelmente* o mesmo com o outro meu filho proximo a nascer, e pela mesma razão, accrescendo a de ter sido meus sogros, isto é, os *pais de minha mulher*, os padrinhos do primeiro, desejar que sejam os *meus* os do segundo.

Ahi fica o convite feito, em meu nome e no de minha mulher, para o caso de baptismo do 2º filho, si nascer vivo, forte e são, como espero. » (Carta de 4 de junho de 1885.)

Dava-se de ha muito um facto anomalo na vida dos partidos monarchicos. Ao galgar o poder, os liberaes realizavam as idéas de ordem que prégavam na opposição os conservadores, e, vice-versa, estes punham em pratica as theorias democraticas que formavam os programmas adiantados de seus antagonistas, no ostracismo.

Nem vale aqui a pena exemplificar os casos, pois sendo ainda tão recentes, estão na consciencia de todos.

A opinião publica e com ella os republicanos militantes indignavam-se contra esse proceder proverbial dos dous partidos e não achava razão de Estado que o legitimasse.

Pois bem : veio a Republica e as duas correntes de idéas que avallassavam os animos foram prezas do mesmo phenomeno politico.

Os partidarios da revolução queriam e prégavam a todo custo o advento da *dictadura civil*, máo grado a pécha de *doidos* que lhes atiravam os coreligionarios evolucionistas, proselyteiros da federação. O Brazil é testemunha de que no levante do dia 15, quem o exercito chamou ao quartel-general para realizar a conquista democratica e fundir a dictadura-civil-militar, indispensavel, imposta pela força dos acontecimentos, foram os federalistas, de que o Sr. Quintino Bocayuva era o chefe supremo, deixando Silva Jardim, que se sacrificava na vanguarda dos que ambicionavam aquelle systema inaugural, verdadeiramente obumbrado do esquecimento de seus compatriotas. ¹ Quando historiar essa luta no seio do partido republicano e que teve por scenario a cidade do Rio de Janeiro, e toda a Nação, que applaudia a scisão entre tão illustres adversarios, direi qual foi o procedimento mais digno, si do vencedor ou do vencido.

Entretanto, é licito concluir desde já que a Republica paga hoje os seus erros iniciaes e quiçá resgata seu passado, tão cheio de odio pelos proprios republicanos!

Compreende-se que ha grande differença entre a Republica *ideal* dos sonhadores platonicos e a Republica *verdadeira* por que se bateram os partidarios desse systema de governo, tantas vezes posto em realidade.

Uma é como o mysterio sobrenatural, que se crê e adora, mas que não passa de uma concepção theologica que representa o insondavel e o ignoto, e outra é mui semelhante

¹ Pela primeira vez li, ha pouco, em uma carta do Sr. B. Constant Filho, que o pai nessa noite memorial mandara chamar Silva Jardim : mas, ou o portador não o encontrou, ou desta missão encargara alguns dos seus desaffiegados. Silva Jardim não ignorando o facto.

á utopia scientifica, assentando em fundamentos reaes, intangivel, como o limite mathematico, para o qual tende o nosso espirito na escala ascendente da perfeição, sem nunca attingil-a. Desse esforço, porém, no caminho que leva á Jerusalém da verdade, representada na utopia republicana, derivam processos de um verdadeiro governo humano.

O que resultou, ao contrario, do chamado *Governo Provisorio* foram crimes sómente, attenuados pela generosidade dos immolados.

O anno de 1884 passou-o Silva Jardim a elaborar programmas para o ensino nos diversos cursos que realizava.

Fundou com o Dr. João Köpke um estabelecimento de ensino primario, á rua da Conceição n. 44, sob a denominação de *Escola primaria Neutralidade*, onde affluio a *flor da infancia paulista*. O companheiro de trabalhos de Silva Jardim era um nome feito no magisterio, uma das mais perfectas e completas vocações pedagogicas que jámais tenho visto.

Por ahi póde-se avaliar da natureza do commetimento e do successo assombroso que teve entre os alumnos.

Era um estabelecimento modelo e o nome indicava completa *neutralidade* religiosa, attenta a divergencia de pensamento entre os proprios co-autores.¹

Além do desenvolvimento e extensão que dava ao curso primario nessas aulas, fazia conferencias aos domingos, regia a cadeira de portuguez da Escola Normal e mantinha explicações para os alumnos dos tres annos de portuguez e ainda esboçava um curso de *sociologia* para os normalistas recém-formados! Este ultimo curso constava de lições sobre a historia geral da Humanidade, era de uma grande responsabilidade pela natureza do assumpto, mas

¹ Carta de 16 de abril de 1884.

já a este tempo Silva Jardim julgava-se preparado para enfrentar os grandes problemas das sociedades.

A 31 de janeiro desse anno nascera-lhe o primeiro filho, nove mezes justos após o casamento, e ao qual deu o seu nome e, ao que parece, será o herdeiro presumptivo dos talentos e qualidades moraes de seu progenitor.

E' difficil, nesse anno de 1884, fazer a summa dos trabalhos a cargo de Silva Jardim. Após o nascimento do primogenito, estando a mãe muito fraca, foi obrigado, para não ter ella o trabalho de subir e descer escadas, a deixar o sobrado da rua 25 de Março e mudar-se para o Arouche, enquanto remettia os moveis principaes para a rua da Conceição n. 40, pegado á Escola Neutralidade, de que era co-director.

A advocacia escasseava, e mesmo o ensino não lhe deixava tempo para ella; além dos setenta e tantos advogados do fóro, que viviam em regra, os pequenos, isto é, os novatos, sem ter que comer, pois em luta com o maior egoismo, a intrigarem, calumniarem *rabulejarem* (carta de 8 de abril), atravessavam os serviços alheios, n'uma guerrilha miseravel, para a qual seu character não sentia attractivo algum.

A' proporção, porém, que sentia que a advocacia diminuia, tratou de prudentemente dar largas ao ensino. Fel-o com o maior resultado, e seu nome adquirio tal nomeada nesta especialidade, que garantia-lhe a subsistencia em S. Paulo, mesmo quando lhe faltasse o apoio official. Entretanto não abandonou totalmente o escriptorio, associando-se ao Dr. Carlos Reis, que se encarregava do grosso do serviço, percebendo elle um tanto dos negocios que adivessem por seu intermedio (carta citada). Além das aulas de portuguez e interinamente pedagogia, que leccionava na Escola Normal, dava duas horas de trabalho na Escola Neutralidade. Este estabelecimento offerecia condições de merito excepcionaes. Quanto ao resultado primario, apenas compensava os esforços de seus co-directores. Apesar de algumas divergencias intellectuaes ou philosophicas, que devera ter com o Dr. Köpke, que era o director de facto,

estava de pleno accôrdo com elle no dedicarem-se pelo fim commum do ensino.

Desde que se casara e foi constituir lar independente, que se preocupava com a vinda de sua irmã para S. Paulo, afim de cursar a Escola Normal. Neste sentido solicitou muitas vezes ao pai que a trouxesse para S. Paulo, fazendo elle toda a despeza da viagem com ella, bem como o enxoval preciso, e em janeiro desse anno ponde matricular-a e afim de que ella fosse desde logo fazendo sua aprendizagem pratica no magisterio e tambem como auxilio á instituição, encarregou-a, a convite do Dr. João Köpke, de uma aula de leitura, percebendo uma pequena retribuição para alfinetes.

Ha muito tambem que cogitava de trazer para junto de si o Sr. Gabriel Jardim.

Neste proposito, tendo vagado a cadeira de Pedagogia, procurou ser nomeado interinamente para reger-a, como fito de preparar o terreno para a nomeação do pai, escrevendo-lhe neste sentido e instando para que accedesse o logar.

A questão anterior relativa á desavença com o Inspector se resolvera pela remoção daquelle professor para a Barra de S. João.

A principio, Silva Jardim, por necessidade do accumulo de serviço, pensou em repartil-o com o pai, vindo elle estabelecer-se em S. Paulo e viver do ensino particular. Podia ceder-lhe os seus alumnos de explicação de portuguez, prepararia outros para concurso ou admissão na Escola Normal, usufruindo o necessario para viver.

Depois de ter pensado nisso por muitos dias, teve outra inspiração mais efficaz e neste sentido escreveu positivamente ao pai, expondo-lhe o caso.

O Dr. Bulhões Jardim, professor de Pedagogia, havia pedido uma licença de seis mezes e era substituido interinamente por elle. Sabia-se que o mesmo professor não

voltaria ao seu logar. Ia, pois, vagar a cadeira. Era opinião corrente entre os membros da congregação da Escola Normal que o principal para reger a cadeira de Pedagogia era ter sido professor primario. O pai entraria em concurso e julgava as provas deste na altura de sua capacidade. Ao contacto d'elle, Jardim, e do Dr. João Köpke, pôr-se-hia em dia com os novos processos do ensino. Mas, para facilitar mais o negocio, encarregava-se elle de obter-lhe a nomeação interina. Não havia inconveniente de pai e filho estarem em congregação. O actualmente nomeado era elle, só podia ser outro nomeado depois que elle pedisse demissão.

O prazo da licença findara, a cadeira ia ser considerada vacante e o concurso só teria logar seis mezes depois desta data. Mas, a esse tempo, já o pai estaria preparado pelo curso que tivesse feito, theoricamente fazendo as lições diarias e praticamente levando os alumnos á aula annexa.

Era este um plano que muito honrava as qualidades nobres do filho, cujo desvelo é ver em torno de si a familia paterna bem acondicionada.

Silva Jardim previra todas as difficuldades e, suppondo que o pai accedaria semelhante arrumação, deu os passos necessarios, agindo em todos os sentidos.

« Sua nomeação, escrevia elle, está definitivamente promettida para dezembro. Meu sogro affiançou-me todo o concurso possivel. O presidente já está fallado, segundo disse-me meu cunhado, Dr. Bueno de Andrada, muito interessado nesses negocios politicos e influencia. O candidato liberal do districto, ¹ com quem tive longa pratica, disse não se oppôr de modo algum a isso, antes favorecer e

¹ Dr. Augusto Queiroz.

pedir a sua nomeação. De modo que conto-a como certa para o fim daquelle mez.

« Comtudo não foi sem difficuldade que pude conseguir tal arranjo. Candidatos teem apparecido, mas os que me constava serem, já amigavelmente arredei.

« Sua nomeação interina, por ser Vm. meu Pai, isto é, Pai de um professor já da escola e pelas minhas relações de familia aqui, afastará quaesquer candidatos, penso, porque ninguem arrisca-se a estas cousas sem esperança. Mas, não bastará isso. A cadeira já está em concurso, e bom fôra que Vm., antes que nenhum outro, para ella se inscrevesse. Porque, após inscripto Vm., poucos inscrever-se-hiam, o que lhe facilitaria a aquisição do logar.

« Isto póde ser feito já. Mande-me certidão de idade ou documento equivalente, com que prove maioridade legal, folha corrida, attestados de boa conducta civil e moral (art. 45 do Regulamento), e junte os seus titulos de nomeação para professor publico, ou publica-fôrma delles, e tambem procuração para inscrevel-o para o concurso da cadeira de Pedagogia da Escola Normal de S. Paulo, estimando que não careça pedir demissão de seu logar ahi.» (Carta de 23 de novembro de 1884.)

Ao passo que Silva Jardim tratava por todos os meios materiaes de obter uma collocação vantajosa para seu pai, ao lado d'elle, presentia que a sua presença poderia originar conflictos de outra ordem e na mesma occasião fazia um appello ás convicções paternas para que o deixasse socegado com as suas idéas.

Como todo cathecumeno, era fanatico e apenas a differença que o separava de todos os neophitos era o espirito de tolerancia, relativamente, que distinguia a religião positiva.

Com a mesma consciencia que previra todas as difficuldades, removera tambem esta.

« Meu Pai, creio assim cumprir meu dever, procurando-lhe um logar igual ao meu, fazendo-o melhorar de posição,

tendo-o junto a mim. Em troca não, mas como um favor, só lhe peço que: *vindo Vm. para S. Paulo ha de me permittir que em nada importar-se-ha com as minhas opiniões quaesquer, politicas, religiosas e scientificas, litterarias, sobre as quaes nunca poderemos estar de accôrdo. Convicto de sua moralidade, para veneral-o, amal-o e servil-o, não cogito de suas idéas; espero que Vm. me faça o mesmo; que possamos viver na mesma terra, amigos, auxiliando-nos mutuamente, sem tratar de assumptos para nós penosos; tendo cada um de nós a maior liberdade de acção. Espero que Vm. ponha sua personalidade de lado para só lembrar-se de sua felicidade e da minha. Desde que Vm. não procedesse assim, tornar-se-hia infeliz e far-me-hia arrepender dos passos tentados a um fim, que então teria falhado: a felicidade de nós todos. Si Vm. tem forças para manter-se neste terreno, queira escrever-me com a maior brevidade.*» (Carta citada.)

Nesse interim, o pai escrevera ao filho, mostrando-se irresoluto em vir para S. Paulo e enumerando diversas causas a que aquelle respondeu por uma capitulação de motivos pró e contra, em fôrma de arrazoado, mas não querendo tomar a responsabilidade de aconselhal-o.

« A irresolução em que Vm. está já me parece de máo agouro para sua vinda, e a verdade é que *nós só fazemos bem aquillo a que estamos decididamente resolvidos*; porque só a coragem é que mantem a firmeza necessaria então. Comtudo, rogo-lhe, logo que receber esta, decida de uma vez; o caso já está bem pensado. Segundo cálculo, partindo esta daqui a 29, póde estar em suas mãos no dia 1º; leva-lhe os cumprimentos do Anno Bom. E' o dia seguinte da eleição aqui e, como em carta de hontem lhe disse, após a eleição prometteu-me meu sogro fallar de novo ao presidente. Assim, Vm. responda-me e por telegramma; bastam as palavras *sim*, se acceita; *não*, *si não*.» (Carta de 28 de dezembro de 1884.)

A resposta fora consoante á negativa, retirando Silva Jardim o seu pedido e deixando o logar franco a outros candidatos.

Assim findara-se o anno de 1884 por um esforçado acto de dedicação levado a termo com muita habilidade e geito, embora não produzisse os fins desejados.

Todos os seus negocios eram maduramente reflectidos, desde a exposição em publico de suas idéas até a externalização, em particular, de seus pensamentos mais intimos.

A esse tempo a Escola Normal apresentava um aspecto de verdadeira anarchia mental. O seu director, por indole e mesmo por herança, era um *deista* improgressivo e perigoso, pois conservava os habitos de hypocrisia de quem já não era catholico verdadeiro e queria apparentar. Dous dos professores, exclusive Silva Jardim, eram, como este, *positivistas*, um terceiro, *padre*, e outro mais, *metaphysico*.

De modo que os pobres alumnos não viam como atter-se. Era um navegar perigoso entre *Scilla* e *Caribides*.

Accrescia, contra alguns delles, que davam explicações remuneradas, mas nem por isso responsabilisavam-se pela approvação. Muito mais coherente eram neste ponto os professores do curso annexo á Academia, de quem se poderia dizer que vendiam os exames.

Esse proceder não foi isento de pecha e censura publicas, porque este costume de *garantir approvação aos explicandos remunerados* estava nos costumes da velha Paulicéa, e nem se comprehendia como é que se fizesse excepção em favor da justiça da decisão.

Permittisse ou não o regulamento o ensinar particularmente, o facto era que quem pagava é porque queria comprar o exame, pois lições de graça já tinha nas aulas publicas!

As crenças de D. Margarida Jardim nunca se identificaram completamente com as do marido e a isto deve-se em grande parte uma volta aos antigos habitos domesticos em que fôra elle educado.

Como é de uso na sociedade brasileira, os homens são, na maioria dos casos, atheus, mas consentem e até concitam a que a mulher seja crente.

Ha nesse proceder um egoismo palpavel e condemnado, pois pensam elles que as esposas conservam-se mais puras pelo temor de Deus e ao passo que se entregam a habitos de livres pensadores querem estar descansados a respeito da familia a quem afivelaram ao rosto *a mascara da religião*.

Para elles esta não é freio nem tão pouco incentivo a actos bons, mas para as mulheres é tudo isso e mais uma demonstração do pundonor feminino.

Nasce dessa desigualdade de crenças muito conflicto que desappareceria si houvesse uniformidade de sentir.

Assim pois si mais tarde algum attricto houve entre a familia dos dous conjuges não se busque fôra outra razão.

O Conselheiro adorava os netos.

Motivo forte e seguramente de ordem privada houve para sua retirada, em 1886, depois da morte do Conselheiro Martim; não se comprehende, como elle podesse abandonar a cadeira de professor vitalicio e ir tentar o ensino particular em Santos, quando nenhuma ponderação de ordem publica o obrigava a renunciar aquelle beneficio.

De qualquer fôrma, não convem entrar aqui em desenvolvida analyse sobre as razões que teve para tal procedimento, incontestavelmente estas se prendem a negocios da familia de sua mulher em cuja communhão estava mais intimamente vivendo depois que fôra morar em Santa Cecilia.

Os seus habitos positivistas em muito entravam para eclosão desses desgostos domesticos. Por outro lado não foi estranha a morte de sua filhinha Clotilde por este anno.

Lê-se em suas *Memorias e viagens* á pagina 22 o seguinte a este respeito :

« Por que não hei de dizer que desgostos de mais de um genero tendo-me feito, após a morte de meu sogro e a de uma adoravel filhinha, a minha suave Clotilde Sophia tendo-me feito abandonar S. Paulo e me resolvido a pedir demissão do meu cargo de professor vitalicio que era, foi com muita difficuldade em Santos, com escassissimos recursos, que comecei ahi meu ensino? »

Não era entretanto estranha para elle a terra de Santos, reputado berço dos Andradas. Alli firmou sua reputação como educacionista, fundando a escola *José Bonifacio*, sob o ponto de vista do ensino leigo, como houvera feito em companhia do illustre Dr. Köpke, dous annos antes.

Naquella cidade, tinha banca de advogado o Dr. Martin Filho, seu cunhado, com quem se associou vindo a trabalhar no mesmo escriptorio pelo anno de 1887.

Foi por occasião de um banquete dado em honra do Sr. Quintino Bocayuva que Silva Jardim emergio das profundezas da reclusão systematica a que se havia votado, valendo-lhe este acto o rompimento com o incontentavel chefe do apostolado positivista no Brazil. Para este, o contacto com qualquer democrata ou revolucionario era crime de excommunhão maior e assim não poudo tolerar que um supposto sectario das doutrinas que com tanto afan apregõa, pudesse render publica homenagem á semelhante raça de incorrigiveis declamadores.

Silva Jardim procurou justificar-se, mas a verdade é que, no fundo da consciencia, elle havia se insurgido contra o jugo sacerdotal, que o asphixiara n'uma atmosphera de sentimentalismo piégas. As suas faculdades viris, seus éstos de patriotismo, seu ardente amor pela Republica, estavam pedindo habitos livres, expansão ás vozes secretas que lhe subiam do peito em defesa dessa terra, conspurcada pelo estrangeiro, prestes a implantar o seu dominio.

Os partidos tinham-se revezado no poder e os imperadores no throno. ¹

A molestia de D. Pedro II fazia progressos rapidos, a sua partida depois de uma febre viajeira numa agitação cerebral sem nome, trouxera a todos a convicção de que o segundo reinado agonisava!

Ao tempo da interinidade da regente, falava-se em abolição officialmente, porque a onda da redempção ameaçava alluir a monarchia pelas bases, si ella não capitulasse. O mesmo homem, que *mandara encarcerar os bispos*, tornara-se um verdadeiro *titere* do fanatismo imperial, na pessoa da catholicissima princeza regente. O marido desta arranjava negocios em Paraná e outras provincias, as aias ou damas do Paço ingeriam-se na politica, governavam com bilhetinhos aos ministros, em nome de sua ama, o imperador agonisava em plaga estrangeira, e, só quando o exercito se recusou ao papel de capitão de matto, ensaiou-se o drama da redempção em absoluto e por completo.

A princeza jogava a vida e o throno de seus antepassados por mais alguns annos de poder. Mas esse prazo era nada mais e nada menos do que o jugo ignominioso do estrangeiro, o advento do terceiro reinado, o predomínio no Brazil de um ramo dos Orleans, foragidos da França e por ella condemnados como inserviveis e ameaçadores da ordem publica.

Lavrava fundo o descontentamento nas classes conservadoras, a massa dos escravos fugidos assoberbava os caminhos deixando a braços com as colheitas proximas os seus senhores no desolamento impotente de um remorso tardio diante de interesses abandonados.

Todos comprehenderam a estrategia imperial e um protesto unanime se levantou contra o advento do terceiro reinado.

¹ D. Pedro II e Isabel I.

Não era a revolta contra a *Lei aurea* que fazia estremecer os corações brasileiros; era o perigo, ainda maior do que porventura a desorganisação do trabalho que se annunciava, de enfrentar com o governo jesuitico e sordido da princeza e seu esposo.

O Sr. Gastão de Orleans, denominado Conde d'Eu, havia adquirido uma reputação tal de mercenario que temia-se que o seu governo levasse á praça o paiz em almoeda.

A Camara Municipal de S. Borja, no Rio Grande do Sul, levantara com antecedencia a bandeira da resistencia a todo transe ao terceiro reinado. O brado de guerra repercutira por todo o imperio despertando os espiritos pensantes do lethargo semi-secular. Silva Jardim estremecera de um fremito revolucionario de patriota confesso. Todo elle vibrava de entusiasmo em presença da visão temerosa. Leu bem claro no futuro da Patria e arremessou-se na senda que o dever de cidadão e de brasileiro lhe havia traçado.

Santos, a primogenita de Martin Affonso, berço de José Bonifacio, que fôra o fundador da independencia nacional, arroja-se corajosamente nos rastos dos camaristas de S. Borja.

Silva Jardim encarna, em pessoa, o movimento. Em *meeting* convocado para tal fim abre o peito ás emoções da dor que o trucidam pela ameaça imminente da *Patria em perigo*. Jorrou uma catadupa de eloquencia que transbordou nos outros peitos entre aclamações de entusiasmo e morras ao príncipe herdeiro.

Havia por todo o paiz um rastilho de pólvora a provocar um incendio, desde o sul até o extremo norte.

A palavra ardente de Silva Jardim foi a faísca electrica que produziu a explosão.

Depois de grande luta em favor da abolição coroada pelo triumpho o mais completo, os patriotas haviam em grande numero ensarilhado as armas e entrado em repouso.

Só os republicanos mais intransigentes e irrequietos clamaram no dia seguinte que a nação tinha sido mystificada e que, feita a abolição dos pretos, era mister, em mais curto prazo, libertar os brancos.

Por uma lei do habito o organismo social voltava á agitação anterior; aquelles que se haviam entregado á propaganda abolicionista sentiam necessidade de continuar os esforços em favor de um outro ideal.

Entre os corypheus da abolição haviam se salientado alguns descendentes proximos da raça negra, mestiços de um valor intellectual que igualava sinão excedia ao de muitos representantes da raça branca, ainda os mais bem dotados e de uma sentimentalidade exquisita.

Esses tornaram-se partidarios da princeza, a cognominaram a *Redemptora* e de republicanos que muitos eram tornaram-se *Isabelistas*, para não dizer defensores do terceiro reinado.

Viram no movimento de reacção que se erguia uma volta á escravidão, uma violenta conspiração contra o throno, tramada nos comicios ruraes pelos ex-senhores, feridos nos seus interesses de morte.

Não tiveram a comprehensão do momento historico, não desvendaram como Silva Jardim, o apostolo da Republica, a visão do futuro, não entreviram como elle o seu caminho de Damasco; não sentiram que a regeneração social dependia de um ideal novo e por ventura mais completo.

Quizeram formar em torno de Isabel uma forte muralha com seus peitos.

Ameaçaram *esmagar com o tacão da bota* essa Republica que se erguia para submergir o throno expurgado de seus erros, como si a abolição não fosse uma simples preliminar da questão de independencia e liberdade no caso brasileiro.

A sociedade sahia dos velhos moldes e enveredava por vias novas que conduziam á regeneração a mais completa.

Os processos até então empregados eram improficuos, era preciso recorrer a meios mais violentos, concitar á revolução e levantar á altura de um principio o dilemma de combatente : ou *vencer ou morrer!*

A monarchia entre nós repousava apenas sobre a *força armada* e esta, tratando-se de uma causa sacrosanta, *desobedecia*, e era em favor dos *opprimidos*.

Debaixo da farda de cada militar palpitava um coração brasileiro !

Quem nos diria que, posto o problema social de salvação publica em equação, o exercito e a marinha, a força publica em fim, não fosse a favor dos insurrectos deixando a dynastia entregue aos seus proprios recursos? A experiencia não era difficil de tentar. Faltava um homem bastante temerario para sobre os destroços da abolição dos captivos levantar o grito da liberdade em favor dos escravizados de peor especie. Este homem foi Silva Jardim.

Elle atirou-se á lucta, não como a aguia implume que revôa sobre os pincaros elevados ou ponteagudos das montanhas, ensaiando os vôos para a conquista do espaço; mas, como o condor americano, que paira nas alturas, rasga o ventre das nuvens, remonta ás regiões « onde não chega o raio » no dizer do cantor de Lyndóia, com a coragem dos heroes, o sentimento de fogo e a razão do vidente, que se consagra inteiro á felicidade de um povo !

Silva Jardim não era daquelles de quem se costuma, em circumstancias analogas, dizer que nada — *tinha a perder*.

Occupava uma posição na sociedade, era advogado, tinha familia, e um nome já feito.

Atirando-se á lucta, no desempenho de uma missão sagrada, elle sacrificava essa Familia ao amor da Patria, batendo-se por esta em holocausto á Humanidade.

Que interesse lhe poderia advir dessa campanha ? Immortalisar o nome ? Conseguir posição ? Elle não se iludia a respeito do meio onde ia actuar. O espectáculo do partido republicano se reduzia na totalidade á inercia evolucionista, processo commodo de fazer proselytos depois de bem comer e melhor dormir.

Ainda hoje raros sacrificam suas pessoas aos interesses da Patria e escudam esse egoismo na evasiva insustentavel de que vivem para sua familia.

Silva Jardim forneceu as melhores provas de que se consagrava inteiro ao culto domestico, constituindo a felicidade do lar pelo amor entranhado ao trabalho, pelo respeito ás conveniencias sociaes.

A esse tempo, tinha dous filhos, sem fallar de Clotilde que fallecera, cuja morte muito o amargurou. Pelos nomes se verifica a influencia da escola, o espirito de seita, de que por fim emancipou-se. Junte-se a isto que ao primo-genito appellidou Antonio *Alfredo* e ao cadete Danton *Condorcet*, em honra aos dous grandes typos da Humanidade. A menina pela mesma razão tivera o nome que o Positivismo divinizou.

Era affectuoso com as crianças, tratando-as como si fossem pessoas grandes; meigo, carinhoso, terno, accessivel, como si tivesse a mesma idade. Esse trato não eximia a severidade, o respeito, a consideração em que tinha as pessoas de familia, procurando sempre harmonisar as crenças religiosas com as da propria esposa. Esta, tolerante e amiga, estremosa pelos seus, inda que não fosse uma cathecumena, sabia dar valor a taes virtudes. E era por ventura este o unico ponto em que aquellas duas almas puras não estavam de pleno accordo.

Ambições de gloria ? tinham-nas ambos. Nunca a mulher creou estorvos ao marido. Ella pertencia pelo coração e

pelo animo á geração forte dos desbravadores do sólo paulista.

Tivera ella um genio menos varonil e talvez não se abalancasse Silva Jardim a tão arrojada empreza.

Não entrou, portanto, nenhum calculo de ganho, a não ser o da causa, na resolução tomada no conchego do lar.

Apenas apresentava-se o momento de agir e a familia, por mais sagrados que fossem os laços que a prendiam, o amor da Patria era superior. D. Margarida Jardim assim o comprehendeu e resignou-se.

O seu exemplo neste ponto não era inferior ao das espartanas e poderá servir de modelo ás senhoras brasileiras que nada enxergam além dos horisontes estreitos da familia. Para ellas o marido é em muitos casos o proprio Deus. Faltando-lhes este, já não ha mais amor pela propria vida.

Raros são os que conhecem os prazeres do sacrificio e dahi deriva essa theoria do egoista de que fallei acima, que os homens na sua maioria consentem que lhes façam tudo, com tanto que lhes poupem as familias.

A essa conservação de sentimentos não era estranha a ruina da Patria, mais digna de melhores destinos e ainda hoje, apesar do grande sopro de patriotismo que electrizou a alma brasileira pela conquista da mais elevada prerogativa do direito, essa comprehensão dos deveres sociaes não é infensa á retrogradação do ideal politico.

As revoltas têm o apoio moral nesse indifferentismo condemnavel, porque é cobarde, e deriva dahi a anarchia que tenta assoberbar os mais solidos alicerces das sociedades modernas.

A paz, de que as nações precisam para seu desdobramento progressivo, não consiste na abstenção dos deveres civicos, na commodidade e conforto do lar, que della derivam, mas que não podem ser antepostos ao cumprimento desses mesmos deveres, sacrificando a propria ventura domestica pela felicidade da Patria.

Era assim que Silva Jardim o entendia e no seu posto de honra a divisa que tomava por senha era vencer ou morrer!

Raro se veem desses exemplos de abnegação, e si bem que a lista dos martyres não seja escassa, a dos que levam vida remanciada, com abandono de suas mais legitimas obrigações, é muito mais numerosa. Assim, a dos que tripudiam sobre o cadaver da mãe-patria é na razão de um para milhares.

Depois de 1792 com Tiradentes, de 1817 com o padre Miguelinho, de 1824 com Frei Caneca, de 1836 com os Farrapos, de 1848 com Pedro Ivo, o facto é que estavamos des-acostumados a esses espectaculos de haver quem se deixasse trucidar por uma idéa.

Felizmente não foi preciso á sanha do abutre mais o sangue dessa victima imbellé. A realeza no Brazil estava saciada de tantas victimas e a sua eliminação foi devida ao acaso, como a este se attribue a sua implantação nesta terra da America, tambem descoberta por *acaso*. E por acaso, é preciso considerar o conjuncto das leis desconhecidas para nós, como para a mesma realeza e que actuam independente das vontades, mui semelhante á concepção philosophica do destino.

A monarchia brasileira, tão parecida com a franceza, teve o seu 89 um seculo depois, que foi o tempo indispensavel á consolidação do regimen representativo, separado do absoluto por aquelle lapso de tempo, que na vida das nações conta-se por lustres.

Emquanto teve a seu serviço tropas estrangeiras, soldados mercenarios, como no fim do seculo passado e no primeiro quartel deste, cevou sua crueldade nas entranhas das victimas, esses proto-martyres da liberdade, como o chacal que se expande em gaudio á vista da preza. Mas quando o Brazil, retemperado pela meia independencia

de que gosava, chamou em sua defesa os nacionaes, estes houveram por mais acertado não espingardear os seus irmãos por amor de um unico estrangeiro, um unico assalariado, que vestia farda e representava os interesses dessa malfadada monarchia.

O partido conservador em S. Paulo, nesse periodo que vae de 1886 a 1888, em que Silva Jardim esteve em Santos, não correspondeu ás vistas geraes dos republicanos.

Eu já disse que era vezo dos chefes politicos destes colligarem-se com aquelles adversarios para obstruir a marcha do governo liberal. Assim, pois, subindo esses ao poder pelo meio da decada, era de presumir que tivessem para com seus alliados maior somma de preferencias. Assim não aconteceu e só quando foram substituidos pelos seus naturaes antagonistas é que lembram-se que tinham alliados na bancada republicana.

São daquelle tempo os espaldeiramentos ordenados pelo Dr. Pedro Vicente, presidente da provincia, e as celebres correrias que succederam ao motim do Quartel, provocado pelo chefe de policia Dr. Cardoso de Mello.

O partido republicano, entretanto, reforçado por um grande numero de adeptos, sahidos de ambos os lados monarchicos, mostrou-se mais bem orientado e agio por conta propria, sem distincções nem sympathias por esse ou aquelle lado politico, mas ainda preocupado com a vezania evolucionista, e a prova é que quando Silva Jardim vem de Santos a S. Paulo consultar o seu mais eminente chefe, sobre a necessidade de prégar a revolução, este acha bom que o faça em seu nome, mas não no do partido. (Memorias e viagens, pag. 35.)

Perseguido pelos mesmos conservadores, desde 7 de março de 1886, que me vi desalojado do emprego que então exercia na Thesouraria de Fazenda, obtido por concurso, sendo chamado ao Thesouro para dar contas de um proceder de que o ministro estava mais que convencido ser de inteira justiça e o mais correcto.

Addido ao Thesouro Nacional, como castigo, obrigado com os vencimentos de empregado de provincia a viver na Côrte, fui mais tarde arremessado para o Ceará, porque, dizia-se, era abolicionista e alli já não havia escravos! Esta remoção, por mais ironica e mordaz que seja, tem seu lado comico, por isso que foi decretada pela Princeza Isabel, a cognominada *Redemptora*, nos primeiros *despachos* que fez, depois da partida do imperador para Europa. Isso prova tambem que o alto functionalismo já estava de posse do *segredo imperial* e da incapacidade da regente, que os officiaes de gabinete governavam por detraz da cortina, sem imputabilidade, tal como se fez mais tarde quando já não se podia mais encobrir a *secreta loucura* que minava o animo do Sr. D. Pedro II.

Alludo de passagem a esses factos que me dizem respeito, porque elles foram publicos e notorios no tempo e concorreram para minha volta ao Rio de Janeiro, onde mais tarde veio me encontrar Silva Jardim, residindo ao pé de mim, na encosta occidental do morro de Santa Theza.¹ Não entra nos meus intuitos desviar a attenção do plano da obra com os factos que se relacionam independentemente com a minha pessoa, por mais symptomaticos que sejam para se dar idéa de uma época excepcional na vida de um povo e de onde emergio o principio da justiça que nobilitou esta nação.

O decennio que precedeu ao levante de 15 de novembro de 1889, homologado pelo povo brasileiro e convertido em Revolução social, é o periodo mais importante do segundo

¹ R. Augusta.

reinado e requer um estudo particular para o historiador republicano que fará surgir desse amontoado de factos as causas proximas da mudança do systema de governo. Tomarei alguns factos para exemplo, fóra da *dictadura militar*, que foi a nota predominante.

O problema da abolição devesse ser commettido ao partido liberal.

Assim o foi em principio, mas negou-lhe a corôa a confiança e teve de ceder o passo aos conservadores.

Si o imperador não recusasse uma segunda dissolução das Camaras, o Sr. Souza Dantas teria realizado a vontade da nação.

Parecerá justo a alguém que ao partido conservador cabia a solução final pelo facto de ter realizado a reforma do *ventre libre*. Essa conquista do gabinete Paranhos foi desvirtuada pela falta de cumprimento ao regulamento que baixou para a execução do decreto n. 2040 de 28 de setembro e as demais providencias a respeito.

A desidia dos conservadores no septenio que seguiu-se á reforma só pôde ser comparada com a negligencia do povo em não reclamar contra tão nefandos attentados.

Si o decreto n. 5135 de 1872 fosse posto immediatamente em execução mais cedo ter-se-hia realizado a abolição só pelo concurso das medidas alli enumeradas.

Foram os liberaes que, em 1878, por occasião de voltarem ao poder depois de dez annos delle afastados, realizaram as primeiras manumissões. Foi esse facto tambem que despertou a attenção publica, e impulsionou a propaganda. Mas bastaria que se cobrassem as multas impostas pela lei para que reunidas ao peculio dos escravos formassem o fundo de emancipação mais que sufficiente para libertar a raça escrava de então.

Estando a sua fonte, contentaram-se os conservadores com as glorias da Lei, sem se importar com os outros resultados por ventura mais importantes, que de futuro viria aquella a produzir.

Quando empregado em S. Paulo informei sobre o assumpto e por mais de uma vez verberei o procedimento das autoridades que desidiosamente concediam a relevação de multas constantes e repetidas, destinadas a formar o fundo de emancipação.

Tentei fazer uma estatística alphabetica de todas essas multas relevadas pela Presidencia naquella provincia e recuei diante da avultada cifra de milhares de contos sem chegar ao fim das letras.

Servi-me para isso do Livro da Portaria da Presidencia que ainda hoje deve attestar essa vergonha dos governos.

Accresce a isso o regimen do papelorio que precedia a cada despacho de relevação da pena.

O individuo que não communicava o nascimento, mudança ou morte do ingenuo ou escravizado, era multado de cem a quinhentos mil réis, recorria para o Presidente pedindo a relevação da multa, este mandava informar a Thesouraria e esta por sua vez ouvia o exactor, este dizia sobre o caso, aquella remetia o processo á Presidencia acompanhado da informação pedida e o Governo invariavelmente relevava a sobredita multa com inteira violação dos principios de justiça e humanidade.

Quando sobre este systema de depredação da liberdade me insurgia e invocava os mais sagrados sentimentos de amor ao proximo, o meu chefe se limitava a remetter em *original* a minha informação para indirectamente me indispor mais com o partido que estava de cima.

Era crime de lesa-magestade ser abolicionista, já não digo republicano, porque por essa e outras medidas deshumanas, vio-se que o Governo era o primeiro a encampar a lei.

Outra fóra a princeza e velaria, mesmo sob o reinado do pai, pela reforma que ella sancionara.

Os liberaes, todavia, si bem que seguissem, nesse tanto, o mesmo processo dos conservadores, por necessidade de proteger aos correligionariós, annualmente consignavam

uma quota nos orçamentos para a emancipação gradual, o que nunca praticaram seus adversarios.

Assim pois, cabia a elles a resolução definitiva do problema, que os outros puzeram em equação e não souberam ou não quizeram achar o valor da incognita.

Os grandes homens são um producto do meio. O seu apparecimento é um phenomeno sociologico susceptivel de demonstração como um problema algebrico.

Assim, quando o Egypto debatia-se entre as crenças polytheicas em que tudo era Deus, excepto o proprio Deus, na phrase de Bossuet, apparece Moysés prégando a unidade divina entre os povos israelitas. Para resumir por seculos e exemplificação deste facto, vê-se no fim do desmorrimento do imperio romano, quando os elementos de ordem se desaggregam pela ausencia de uma doutrina commum, surgir S. Paulo e prégear a disciplina christã em nome de Jesus. Mais tarde, Carlos Magno restitue ao occidente a unidade politica de que este necessitava pela confusão de crenças e dispersão do poder em focos locaes.

O Marquez de Pombal exerceu um papel analogo ao de Luiz XI, em Portugal, salvando a realza contra o predominio dos senhores feudaes.

Outro não é o papel de José Bonifacio, na nossa Independencia, implantando em solo da America a monarchia fugitiva dos thronos europeus.

Mais tarde Benjamin Constant concretisa debaixo da fórma republicana um movimento insopitavel dos quarteis.

Ao lado desses, vultos de 2ª e 3ª grandeza constellam o céu de nossa patria.

Silva Jardim é um delles, e pôde ser comparado vantajosamente á estrella do pastor que guia os povos ao berço da Republica.

Para completo desta demonstração preciso voltar ao inicio da formação do partido republicano, contemporaneo de minha estada no Rio de Janeiro, para mostrar como a opinião publica vae-se formando e accentua-se, produzindo os factores indispensaveis á realização de uma aspiração nacional.

Quando nos fins de 1870 desembarcara no caes Pharoux, circulava por todo o ambiente da capital do Imperio um sopro de republicanismo sem igual. Depois da subida dos conservadores a 16 de julho de 1868, os liberaes despeitados fundaram o Club dos Radicaes que na desesperança de voltarem em breve ao poder, em um bello dia, com surpresa de muitos e applauso de outros se declararam em assembléa republicana. O inesperado dessa resolução patriotica motivou mais tarde a deserção dos primeiros que encontram sua justificação na adhesão a contra-gosto do programma dos radicaes.

Essa tentativa teria morrido talvez ou seria fortemente desviada de seus fins, limitando-se á publicação do Manifesto de 3 de dezembro, si o exemplo da França não houvera perdurado. Grande era a affinidade entre esta e a patria brasileira.

Silva Jardim foi dos primeiros a vulgarisar essa correspondencia de vistas politicas entre a França e o Brazil, mostrando que a 1789 succedeu a morte do Tiradentes pelo insuccesso dos inconfidentes, que a 1815 seguiu-se o 6 de março de 1817, e ao 1848 francez não foi estranha a chamada Revolução praieira, etc.

Além disso, a geração de 1871 a 1881 comprehendeu a necessidade de propagar as doutrinas contidas no manifesto republicano de natureza puramente critica embora.

As escolas de Medicina e Central confraternisam nos mesmos principios e em 1872 apparece o *Centro Academico* redigido pela mocidade de ambas. Apparentemente não se ia fazer politica republicana, si bém que esta fosse a intenção dos principaes fundadores. O jornal dividio-se

em turmas de quatro para a confecção de cada numero. Houve um simulacro de eleição e os diferentes annos deram os seus representantes.

Eu figurava por parte do 1º anno da Escola Central. Foram meus companheiros de redacção os Srs. Drs. Lopes Trovão e Felisardo de Azevedo, pela Escola de Medicina, o Dr. Pedro Betim, do 5º anno e eu por aquella.

Póde-se dizer que foi essa turma que rompeu com a dubiedade do jornal, escrevendo o Dr. Pedro Betim o artigo de fundo francamente republicano, secundado por Lopes Trovão em outras columnas, com preterição de artigos accentuadamente monarchistas, como os do Dr. Jaguaribe Filho cuja autoria de desapparecimento me attribuiram.

Ao lado das manifestações publicas da imprensa organizavam-se os clubs republicanos.

Surgio o *Joven America* que publicou uma revista com o mesmo nome.

Fôra das Academias, o movimento expandia-se entre os moços do commercio, os empregados publicos, os artistas de toda a casta. A velha sociedade Ensaio Litterarios transformara-se em arena politica, com escandalo de seus velhos assistentes. Foi ella por muito tempo o centro dessa agitação não academica.

A primeira *Republica* deixara um traço luminoso na senda jornalística, além de que vulgarisava por preço diminuto a venda em avulso. A sua ausencia fez-se sentir no publico preparando terreno ao advento de um jornal igualmente democratico a — *Gazeta de Noticias*. O povo habituara-se a ler pelo barato. Uma questão de *Lazaristas* no theatro creara a celebridade da folha, que no fundo era republicana, apesar de que para melhor prégear essas doutrinas appellidava-se neutra.

As classes operarias convergiam em uma só *Liga* para sua unidade. Lá penetrou tambem a propaganda republicana. Veio em seguida a *Alpha Litteraria* e mais tarde o *Club Popular*, cujos socios eram na maior parte sahidos

dos *Ensaio Litterarios* e foi mais ou menos essa pleiade que fundou o *Tiradentes*.

Entre estes patriotas salientavam-se, pelo radicalismo republicano, Thimoteo Antunes, Jeronymo Simões, Hippolyto Campello, Luiz Leitão, Luiz dos Reis, o poeta Antonio Camargo (fallecido), Nicesio, Gomes Braga e muitos outros que sem ter afinidades academicas eram os melhores propagandistas do seu tempo.

Em 1878, por ocasião da grande secca, institui, como membro da commissão de soccorros do Rio Grande do Norte, as conferencias do Gymnasio, chamando para orador o meu antigo companheiro do *Centro Academico*, Dr. Lopes Trovão.

O successo obtido por essas conferencias, em que se prégara abertamente a Republica, permanece duradouro no animo de todos. Foram ellas que prepararam o movimento do vintem em 1881.

Nesta ocasião ter-se-hia proclamado o governo democratico, si os chefes federalistas não se recusassem a formar o *comité de salvação publica*, a convite do 7º batalhão de cavallaria, que destacou parlamentares pondo-se ás ordens dos insurgentes. Nem Saldanha Marinho, nem Ribas, nem Quintino quizeram tomar a responsabilidade da proclamação, segundo a opinião corrente.

O grande Enéas sahio triumphante.

Lopes Trovão, Ferro Cardozo, Pernambuco e outros tiveram que fugir á sanha dos pretorianos, nas barricadas da rua da Uruguayana, depois de vãs tentativas para organizar governo...

Depois desse insuccesso a propaganda republicana confundio-se com a abolicionista.

Podem-se filiar a este movimento as primeiras sympathias de Silva Jardim pela Republica. Fôra elle alumno de preparatorios no Rio de Janeiro e acompanhou com enthusiasmo esse torneio de oradores, em que a democracia era sempre coberta de louros.

A Lopes Trovão nessas conferencias succedera na tribuna José Tito, replicando a este, aquelle; seguiu-se o Dr. Soeiro Guarany, contestado pelo mesmo Lopes Trovão, prompto sempre para réplica e tréplica, improvisadamente, como é sua especialidade.

Appareceu por essa occasião Vicente de Souza e José do Patrocinio, já aureolados nas tribunas dos clubs litterarios.

Foi como o baptismo de fogo, a sagração no campo de batalha, esse acontecimento na vida politica de Lopes Trovão.

Ao lado de todos esses fazia o Dr. Ferro Cardoso ruidosas manifestações á fórma do governo republicano, de portas a fóra, ao sahir do theatro, provocando a ira das autoridades, com inteiro pasmo da população, desacostumada a esses espectaculos.

Esse impulso dado á propaganda fez com que o governo até certo ponto capitulasse, chamando aos conselhos da corôa republicanos confessos por occasião da subida dos liberaes.

A entrada do Sr. Laffayette Rodrigues Pereira, ao que se dizia com consentimento dos coreligionarios do Manifesto de 3 de dezembro e desapprovação unanime da nova geração, mystificou completamente a propaganda, aceitando muitos coreligionarios cargos de confiança politica, como delegados, subdelegados, inspectores, etc.

Apparece então a segunda *Republica* e novo manifesto é confeccionado, que assignam novos adeptos que não figuram no primeiro.

O vulto venerando de José Maria do Amaral domina o scenario, e entre os novos Pedro Tavares assignala-se pela dedicação no terreno dos sacrificios.

Desapparecida a *Republica*, surge sob a mesma inspição o *Amigo do Povo*, e em diversas datas a *Gazeta da Noite* e o *Combate*, que foram os jornaes de maior acceitação dentre os republicanos, que sahiam a lume, levando embora vida ephemera.

Quintino Bocayuva acastellara-se no *Globo* e no *Cruzeiro*, fazendo ao mesmo tempo propaganda e meio de vida.

Tramou-se no alto contra a dispersão dos propagandistas e indirectamente comprou-se a empresa jornalística em que escrevia o chefe do federalismo brasileiro e os *amigos* de Lopes Trovão proporcionaram-lhe os meios de transporte e promessa de mezada em terra estrangeira, afim de estudar direito em Pariz ou em qualquer cidade da Europa.

O parlamento e o governo, fazendo algumas *concessões* aos adversarios, appareentemente desaparece a agitação republicana, transformando-se o trabalho da propaganda em força activa em favor da abolição.

Só o Club Tiradentes resiste de pé a tamanho descalabro.

A propria sociedade Ensaio Litterarios, foco incendiario da demagogia, abysma-se nos archivos do Lyceu de Artes e Officios, por falta de dedicação e patriotismo.

Do Club Tiradentes sahe o *Lopes Trovão* sob os auspicios dos admiradores do tribuno republicano, alarmados pelo echo das privações que este soffria no exilio voluntario.

A sua presença é julgada necessaria na Côrte para formar um *pendant* a Silva Jardim, que se erguia nos horisontes da patria, prégando a boa nova.

Ao lado desses, factos de grande relevancia se tinham completado: o exercito estava em pé de revolta, e as classes conservadoras, cortado o cordão umbilical que as prendia á monarchia por meio da escravidão, queriam para si a mesma condição de *ente libre*, que o governo, coagido pela opinião publica, decretava em favor dos negros.

Faltava a esse meio social um homem novo, puro, accessivel, abnegado, franco, instruido, com verdadeira orientação politica do momento, respeitoso, sério, desprendido de preconceitos, amigo de todos, tendo em grande conta o futuro, confraternisando com o fazendeiro e o liberto e sabendo a que vinha e para onde ia.

Esse demagogo, esse apostolo da Republica, foi Silva Jardim.

O que Lopes Trovão, em tempo, fizera no âmbito estreito da Capital do Imperio, reproduziu-o elle agora em larga escala pelas cidades do interior do Brazil, nas provincias de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco.

Fizera sua educação litteraria nos periodos mais agitados, desde a escola até a academia, de 1870 a 1882, lera tudo, assimilara inconscientemente a idéa, continuara depois de formado a reunir os elementos indispensaveis á sua obra, e quando emprehendeu a propaganda estava armado cavalheiro para a cruzada, tendo por divisa a legenda da idade média: cumpre teu dever, aconteça o que acontecer.

Havia necessidade de consubstanciar na forma republicana todos os elementos dispersos de opposição.

A monarchia havia fatalmente preenchido o seu destino.

Já não satisfazia mais a aspiração nacional como forma concreta de governo.

Gastara-se em amor á causa propria.

Não havia no Brazil nobreza tradicional e em numero que podesse servir de pedestal á realza; o clero mantinha-se mais pelo obulo dos crentes do que pelo subsidio governamental e não correspondendo a quantidade das sinecuras, encontrava gorda collocação nas sedes e parochias do Estado.

O amor dos proventos excedia em todos o ardor da catechese e depois da prisão dos bispos, em 1875, a igreja insurgira-se contra o mesmo Estado, e podia-se francamente assegurar que o Imperador, que homologou aquella espalhafatosa prisão, já não podia contar com a cleresia, que a recebeu sem protesto.

Fóra desses dous classicos esteios, a monarchia só podia contar com a força armada; mas esta, nesses vinte annos, pela ausencia de guerras, como observa um escriptor nacional, approximou-se muito da educação civil.¹

¹ F. Freire Hist. Const. da Rep. pg 174.

Quer isso dizer que entrou na commum aspiração das classes dirigentes, perdendo esse caracter de passividade inherente á disciplina absoluta.

A ultima guerra mesmo foi um desastre para a dynastia reinante.

Quando os cruzados, pela successão das guerras e maior contacto com os mahometanos, reconheceram que entre estes, máo grado a diversidade de ideal religioso, havia varões illustres, de realçadas virtudes, concluíram que o seu deus não era unico em distribuir essas qualidades e dahi nasceu o principio de tolerancia, si não de duvida philosophica.

Assim aconteceu com a guerra do Paraguay sob outro ponto de vista differente.

Ao atravessar o solo das republicas platinas, vendo-as florescentes e prosperas, as nossas legiões chegaram á conclusão de que tambem se podia viver feliz sob um regimen diverso do que o que elles sustentavam, e que as virtudes do patriotismo não eram partilha de monarchistas, e que de um lado e outro havia grandes estadistas e guerreiros.

E esse facto foi tanto mais importante quanto a parte civil do exercito, formada pelo voluntariado, eram homens rusticos na sua maioria e que a unica idéa que tinham do systema de governo era o da monarchia, tal e qual como a exercia entre nós o Sr. D. Pedro II.

A imaginação desses foi materialmente impressionada pela repetição de tantas nacionalidades republicanas, e mais tarde, rememorando os feitos da campanha, contavam aos seus filhos as diversidades de povos e governos.

Essa geração vira de perto a Republica, e o que era até então um espantallo tomou as proporções de um acontecimento e não tardou que o desgosto, pelo abandono a que lançou-a o governo, receioso da preponderancia

que pudesse ter, gerasse nella uma vaga aspiração para um ideal de justiça que já lobrigara poder existir na Republica.

A guerra, pois, para sustentação de um capricho dynastico, foi um dos factores poderosos para extincção, em breve tempo, da mesma dynastia.

A discussão irradiava do centro para a periphéria e o estado de exaltação em certas provincias era igual ao da cõrte ou mesmo superior.

Em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, onde occorrem conflictos militares, pairava na atmosphera uma nuvem prenhe de tempestades.

De toda a parte annunciava-se a vinda do *messias* para salvação deste povo e os prophetas clamavam já no parlamento,¹ já fóra delle² na tribuna da imprensa ou das conferencias, numa fascinação de almas predestinadas.

O apparecimento de Silva Jardim não trouxe duvidas a ninguem: era elle o *precursor* da Republica, que se annunciara em fórma de Salvador, indo á tribuna das conferencias publicas, doutrinando o povo nos principios que professara.

De 1878 a 1888, em que sahio em peregrinação pela Patria, passou a estudar, embora em começo sob differentes criterios, mas sempre preocupado com aprender, sempre convicto de que a sciencia nobilita e engrandece as almas.

A sua ambição de mando foi muitas vezes sopitada pelo rigor da disciplina mental, seu orgulho dominado pelo concurso dos processos positivos; mas houve uma expansão desse amor proprio que não encontrou diques: foi a febre de saber, esta devorava-lhe o ser, occupava-lhe as horas, como quem pretende que não deve perder tempo,

¹ Padre João Manoel.

² *Post facto*, appareceram diversas prophcias.

e precisa estar prompto ao primeiro signal no cumprimento de um dever civico.

Aquelle homem pequenino, activo, laborioso, sentia necessidade de ser grande, contemplado e querido.

Preocupava-se por fim muito comsigo mesmo, gostava de ler o seu nome diariamente nos jornaes, e em momentos de intima expansão já se considerava com a vaidade satisfeita.

Esse desejo de approvação por parte do publico minou-lhe a vida inteira e foi-lhe um guia benevolo no ardor da propaganda.

Nos instantes mais perigosos de sua vida elle invocava intimamente esse principio e preferia morrer a desmerecer no conceito publico.

Satisfeito assim o desejo de approvação, como coefficiente da proclamação da Republica, não conseguiu que a ambição de mando, companheira inseparavel da vaidade, tivesse a justa e merecida expansão no Governo Provisorio, que os seus esforços haviam apressado como solução da crise por que passava o paiz.

E' isto o que se ha de mostrar depois de haver passado em revista a phase da propaganda.

Foram seus inimigos os proprios coreligionarios, que por motivos de uma scisão opportuna, que abriu no campo de peleja com a lealdade que o caracterisava em todos os commettimentos praticos, vingavam-se de sua ousadia e superior coragem em prégar abertamente a Revolução, indispondo-o e compromettendo-o perante aquelles de quem receberam investidura de governo. Essa ingratição de homens politicos só póde ser explicada pela necessidade da exclusão dos caracteres honestos para o tripudio sem nome do Governo Provisorio.

SEGUNDA PARTE

O PROPAGANDISTA

As theorias que prégava Silva Jardim no magisterio eram resultantes da doutrina geral que formava o fundo de sua educação philosophica. Em politica tambem não fez mais que applicar ao caso brasileiro as theorias de Aug. Comte sobre politica positiva.

Não era um educador phantasista nem um orador imaginoso.

O seu temperamento como homem de ensino e de combate é que era original.

Essas mesmas idéas expendidas por outrem tornavam-se massantes e fastidiosas; por elle eram sempre attractantes e fascinantes, participando o publico da opinião do autor, levado pela sympathia do commentador.

Elle conhecia a fundo o modo de interpretar os sentimentos das massas e em subindo á tribuna lançava um olhar em roda e logo apoderava-se do espirito do auditorio, que, em o vendo apparecer, sentia-se desde já influenciado por esse mesmo olhar.

Na obra litteraria ou politica delle, debalde se procura esse poder que exercia entre as massas, era um attributo de sua alma evangelisadora, uma como força

occulta e magnetica immanente ao seu ser, que, sem que se desprende-se delle para gravar-se em caracteres escriptos, influenciava docemente as outras almas, que se deixavam arrastar pela magia de seu verbo ardente.

Tinha invariavelmente um gesto expressivo. Antes de subir á tribuna, abotoava a sobrecasaca, dava uma expressão conveniente ao olhar e, como um grande hypnotisador, entrava valentemente no circo da acção, contando dominar as fêras—o povo!

Nenhuma profissão liberal desenvolve melhor as qualidades da vaidade e do orgulho, que se traduzem, a primeira por desejo de approvação e a segunda por ambição de mando, do que seja a de ensinar. Fallar para uma multidão que tem obrigação de nos ouvir, porque a nós está submettida, procurar tornarmo-nos agradável a todos com o fito de fazel-os esquecer que nos são effectivamente inferiores, é uma cousa que certamente lisonjeia nosso amor proprio, desperta-nos a satisfação n'alma, por ver que houve de parte dos ouvintes franca adhesão ás nossas idéas.

Uma outra propriedade deriva do magisterio e vem a ser o habito, em que se fica, de não soffrerem discussão as nossas theorias. Acostuma-se a gente a discursar para os alumnos, na certeza de que ninguem se atreve a contestar. Depois, quando se tem de fallar em publico, considera-se o auditorio como discipulos em classe e possue-se o orador do mesmo desassombro e superioridade que mantém nas aulas expondo a lição do dia.

Esse processo, que não era desconhecido de Silva Jardim, produz sempre optimos resultados e era muitas vezes por elle assimillado em suas viagens e excursões pelo interior, onde, exceptuado um ou outro ouvinte illustrado, o publico era mui comparavel a creanças ou collegiaes que procuram se instruir.

O povo, educado no regimen monarchico, pouco sabia do systema republicano, si bem que ainda sabia menos do representativo hereditario, que é mais complicado ainda, e

ávido ouvia as conferencias do infatigavel propagandista. E nem se diga que ha paradoxo em se ser monarchista ou mesmo republicano, sem conhecer a fundo qualquer destes systemas de governo. E' o que vemos todos os dias.

Muito mais difficil é conhecer os profundos dogmas do catholicismo, o que não impede que os sectarios desta religião sejam verdadeiros christãos.

Os interessados na conservação do regimen decahido pré-gavam que o povo *não estava preparado para a republica*, sem se lembrarem que a monarchia, tal qual havíamos implantado no Brazil, era, por sua complicação estructural, muito mais difficil de comprehender-se. Donde se deduz que, si o dito povo era susceptivel deste ensinamento, muito mais depressa adoptaria as praticas republicanas, incomparavelmente mais simples.

Ninguem reflectia que é sempre o menor numero que governa e que uma nação quasi que se reduz aos seus grandes homens — apezar de ser este o exemplo dado pela monarchia e máo grado seguido pela actual republica entre nós.

Nos ultimos tempos era o Senado o arbitro supremo dos nossos destinos, só contrariado por um ou outro aulico do paço.

Meia duzia de homens tinham monopolizado toda a sciencia, toda a industria, todas as artes, toda actividade nacional, emfim ou fosse sob o ponto de vista intellectual, moral ou politico.

Era dessas oligarchias que o povo estava farto, sem penetrar na razão de tal exclusivismo, e quando se lhe fallou que havia um outro governo de um por todos e todos por um, facilmente deixou-se convencer e o adoptou.

O que cumpria é que os successores do governo apregoado fossem homens honestos, que cumprissem a palavra dada; mas foi isso o que não aconteceu.

A ambição do mando, preponderando sobre os sentimentos altruistas, eivou-os dos mesmos vicios de seus antagonistas

e porque não eram veseiros nos manejos do poder, desprezaram os coreligionarios sinceros e cercaram-se dos adhesistas sahidos dos gozos monarchicos, que os trahiram no dia immediato áquelle em que lhes conheceram as poucas artimanhas.

Si Silva Jardim fosse um máo brasileiro, já não digo patriota, e vivesse, talvez encontrasse no seu amor proprio abatido motivo de regozijo, por ver a paga que tiveram os seus invejosos detractores, esses mesmos coreligionarios que por meios insidiosos o afastaram do poder, que lhe viera ás mãos por descuido, no remanso do lar, quando elle expunha a vida em plena luz!

Mas, ninguem ha que tenha coração que se possa rir das desgraças alheias e muito menos dos males causados á nação por falsos e máos patriotas.

No seu exilio voluntario a todos perdôou e de muitos falla exaltando predicados que não possuem.

Nisto mostra-se politico habil, que sabe calar as offensas por amor de suas idéas.

As suas *Memorias e viagens*, onde se historia a campanha de um propagandista, muito se diz dos homens e das cousas, mas ainda muito devera se ter dito das cousas e dos homens.

A injustiça nefanda que se realizou com o assentimento dos coreligionarios politicos que entraram para o Governo Provisorio ou d'elle fizeram parte mais tarde estava de antemão prevista e a victima devera se lembrar della, porque já antes da Republica se traduzira por ameaças.

Os ambiciosos, que igualmente previam estar proximo o advento do governo republicano, temiam-se da celebridade adquirida por Silva Jardim ao cabo de sua peregrinação politica pelo interior das provincias. Era bem possivel que a luz que irradiava de sua figura em breve eclipsasse o brilho que lhes emprestava um passado de propagandista, muito embora cheio de tergiversações.

Nunca, em um largo periodo de quasi vinte annos, haviam conseguido tanto, e temiam que, chegando o mo-

mento da divisão da preza, fossem excluidos por amor do denodado batalhador, cujas idéas, embora tendendo, como as suas, ao mesmo fim, sabiam divergir quanto aos processos.

A dissidencia francamente levantada por Silva Jardim nos arraiaes do Partido veio provar que elles não se illudiam quanto ao valor moral do homem que percorria as cidades e villas ao estrepitar dos applausos. Por isso, digo que, mesmo antes do dia 15 de novembro, já era Silva Jardim alvo dos invejosos.

Em seu regresso a Santos, depois de uma dessas jornadas de triumphos, na Estação Ingleza da Estrada de Ferro, que vai daquelle porto a Jundiahy, disse-lhe um daquelles sorrindo, quando mais uma vez era victoriado:

—Você está ganhando muita força... E' preciso dar-lhe para baixo. Você pôde tornar-se perigoso (*Memorias e viagens* pagina 169, *in fine*).

Esses mesmos homens que em 1888 reprovavam que se ganhasse força em propagar a Republica de modo a julgar preciso inutilisar esses esforços, porque, no fim de contas, o politico que assim o excedia em ardor social se tornava perigoso, no anno seguinte quando subiam ao poder, traziam mais fundamente accentuada essa inveja e puzeram em pratica todo aquelle programma de villezas...

Silva Jardim não se illudira a respeito e naquella occasião outro não fôra o presentimento que atravessou o seu espirito.

A' vista daquella advertencia amavel entre *um abraço fraternal e um sorriso acariciador* e reconhecendo o homem que lhe dirigia a palavra, cahio do mais alto de sua gloria n'um pélagos de reflexões medonhas, sentindo talvez a mesma sensação estranha, diante daquella bocca que se abria perversamente amigavel para ameaçal-o, que experimentou ao afundar-se nas profundezas da terra em face da cratera ameaçadora do Vesuvio!

Era a sensação da morte moral, como aquella devera ter sido da morte physica.

« E eu entrevi n'um momento os obstaculos á minha carreira politica, oriundos de uma desconfiança natural, mas muitas vezes injusta. O Imperio havia-nos abatido tanto, que não se acreditava quasi mais no exaltamento do patriotismo, sem um fim egoista. Mas estava resolvido a sacrificar-me á minha idéa...

Sorri tambem, mas nada respondi. (Loc. cit., pags. 169 e 170.) »

Nem havia da parte do propagandista razões de estranheza, elle devera saber que teria de lutar com os mesmos que já então lhe declaravam guerra, mas o seu coração generoso acreditou n'um jubileu perenne em frente do advento da republica em 1889 e entregou-se á discrição.

Foi o que ainda mais depressa o perdeu. Si elle tem levantado o espirito de independencia de entre essa população *bestialisada*, o medo teria feito retroceder do máo caminho a turbamulta dos seus invejosos.

Elle, porém, *tambem adheriu ao seu modo* ao Governo Provisorio, que se iniciou, excluindo-o, pelas razões expostas, do seu seio.

Quando ia-se já erguendo o protesto nacional em favor de seu ostracismo, entenderam dar-lhe um lugar de *membro de uma das muitas commissões*, e o pobre inditoso aceitou, para não se mostrar relapso a essas *manifestações de apreço* daquelles que até á vespera eram adversarios, porventura, mais perigosos que os monarchistas de ambos os partidos.

Como elle, os seus companheiros mais dedicados e que publicamente se expuzeram por motivos da scisão que abriu no partido, foram considerados homens perigosos, acercando-se o governo dos seus capachos e afastando para longe os republicanos sinceros. Decorreu dahi que teve de receber ou nspirações iproprias ou daquelles que, por mais desembaraçados, delle se acercaram, em pura perda das

idéas e dos principaes orgãos na imprensa e nos comicios populares.

Uma das cousas que mais custa a se fazer na vida é o que se chama a reputação publica do individuo.

Silva Jardim tinha consciencia disto e nunca perdeu de vista este objectivo. Era preciso que seus actos não destoassem do pensamento, que se impoz, de propagar a republica em um meio *soit disant* monarchico.

Assim nas suas relações com o publico guardava as maiores cautelas, afim de que as noticias a seu respeito não destoassem dos assumptos tratados, e muitas vezes inspirou esses trabalhos de redacção procurando os jornaes e confabulando com os *reporters*, afim de transmittir-lhes o pensamento geral da acção.

As suas *Memorias e viagens* são uma perfeita *Autobiographia*, illustrada com os seus feitos politicos, e dispensaria um trabalho desse genero, si não fosse a generosidade com que omitta certas circumstancias do tempo, que mais fazem realçar os seus serviços.

A esse livro precioso, como o legado de um exilado, terei de recorrer por vezes, como tenho feito, para que ninguem se persuada que para aqui transporto idéas proprias ou despeitos mais sopitados. Ninguem conhece melhor do que eu o preço de dizer a verdade inteira aos contemporaneos.

Mesmo escrevendo-se historia é presumpção que o autor deve ser commedido e não envolver personalidades, como si pudesse a gente narrar os effeitos sem referir-se ás causas.

Mas a sociedade está imbuida desse systema de hypocrisia, mil vezes peor que a carolice religiosa, e o traduz por esta fórmula — *que nem todas as verdades se dizem*.

Não preciso de levantar contra mim maior sanha do que aquella com que fui sempre recebido pelos meus coreligionarios, por amor de dizer as cousas com toda independencia de character, nem tambem me eximirei de repetir

o que então estava na consciencia de todos em relação aos actos politicos do momento, desde que me impuz o dever de escrever esse trabalho, por medo de despertar novas iras nos contemporaneos.

Tenho dado bastantes provas de abnegação e no meu isolamento mostrado que sei supportar as consequencias da minha intemperança de linguagem no tocante a dizer a verdade toda inteira.

Para se fazer propaganda em favor de qualquer doutrina é esta a primeira qualidade, que se traduz pela sinceridade das convicções, inda que para se ser *politico* tenha-se de renunciar a ella.

Dahi vem dizer que os antigos propagandistas, os republicanos historicos, não servem para governar. A razão de tal *asserto* é que se quer continuar a mesma politica de *mentiras* que seguia a monarchia.

Neste livro ha um lado pessoal ou domestico, e um publico e geral, impossivel de separar, porque de ambos resulta ora o homem, ora o propagandista.

E' indispensavel segui-o em todas as suas manifestações intellectuaes, moraes e praticas, a principio como filho, depois como irmão e esposo, como pai e preceptor, como estudante e jornalista, como advogado e politico.

Em Santos foi onde mais accentuou-se a sua individualidade como professor e director da escola primaria *José Bonifacio*, que fundou a 17 de maio de 1886.

O Dr. Inglez de Souza, que tão bons serviços de amizade lhe havia prestado em diferentes épocas, muito o auxiliara « na installação dessa escola, com o apoio de seu prestigio, da sua animação e das suas relações de advogado já excellentemente gravado de causas. (Mem e viag., pag. 22.) »

Esse começo do anno fôra cheio de revezes, morrerá-lhe a filhinha, em seguida ao sogro, o cunhado, de volta da Europa.

Fôra a principio com licença, hospedando-se em casa do Dr. Inglez de Souza, e animado pelas esperanças deste, augurando-lhe alli um bom futuro no magisterio, installara-se, vindo mais tarde a pedir demissão do cargo vitalicio que exercia em S. Paulo. Sua irmã o acompanhara e foi-lhe um grande auxiliar.

Em 18 de julho deste anno já contava 57 alumnos, incluindo 30 de um professor do logar a quem chamára a si e dava bom ordenado e achava-se satisfeito com a prosperidade do estabelecimento.

« Desta vez, escrevia elle ao pai, *accertei*, como se diz, na escolha do logar que fiz e na escolha da profissão, nesta cidade, onde posso prestar bons serviços e preparar-me um futuro regular. »

Todo o resto do anno e o seguinte entregou-se completamente ao exercicio desta profissão, de modo que já pensava de novo si as cousas lhe corressem bem como até então, estava resolvido a fazer proposta ao pai para vir fazer parte do pessoal da escola José Bonifacio, responsabilizando-se elle pelo seu ordenado fixo e duplo ou triplo do que obtinha como professor publico.

Examinarei algumas de suas theorias sobre educação e ver-se-ha que eram em tudo inspiradas na philosophia positiva.

Entendia Silva Jardim que a mulher só em certos e determinados casos deveria exercer funções publicas, para isso tinha razões de duas ordens, umas geraes e outras especiaes. As geraes são de, ao emvez do que se pensa, as senhoras, salvo caso excepcional, não devem exercer função alguma *publica*, isto é, official ou não.

Estudando essa questão, ver-se-ha que, á proporção que a civilização caminha, as mulheres se afastam da vida publica. Argumentava Silva Jardim que na antiguidade a mulher pouco vivia no lar: recebia entre os selvagens e mesmo entre os povos civilizados, como os gregos, a educação robusta que os homens, para que podessem na guerra, de um modo ou de outro, ser-lhes uteis. Onde mesmo existiu completo polytheismo (ou mythologia) as mulheres podiam ser sacerdotisas, rainhas, etc. Com o advento do Catholicismo vê-se, a par da dignidade da mulher, que se exalta, ella desapparecer da senda publica, deixando de ser sacerdotisa e cada vez mais os povos adiantados as excluem da sociedade, para collocar-as no lar, que é para ellas a melhor sociedade. Em França a lei salica impediu sempre ás mulheres o governo do paiz. Deve-se ver nestes factos simples acasos? exclama elle. Não; e sim um resultado da observação do *physico* e do *moral* da mulher.

Modernamente, com a decadencia da Religião e principalmente depois do protestantismo, que veio minar a educação catholica, as mulheres foram chamadas á vida publica para diversas funcções: professorado, burocracia, correios, etc., inclusive a medicina! Essa tendencia vem dos povos mais anarchicos, principalmente allemães, inglezes e seus descendentes, suecos, norte-americanos, etc. Será, porém, sensata? Evidentemente não: *a mulher nasceu para a Família e não para o Estado.*

Sem o homem, isto é, sem uma acção constante do homem no lar, na casa, pôde-se comprehender familia, educação dos filhos, etc., quando se encontra uma mulher digna; mas nunca conceber-se-hia tal com o homem apenas, por mais dedicado que fosse.

Não só o physico, mas ainda o moral e mesmo o intellectual das mulheres impede nellas um bom exercicio das funcções publicas. Quanto ao physico, sabe-se que sua organização delicada e sujeita a accidentes impede

uma assiduidade exterior, uma pontualidade, uma constancia, que todo officio publico exige; quanto ao moral, raro teem ellas grande ardor social, patriotismo, afim de dedicarem-se ao bom cumprimento dos deveres civicos e o fazem apenas por prudencia, ou melhor, medo de punição, pois que são submissas; quanto ao intellectual, sua intelligencia é sagacissima, porém, em regra, incapaz de grandes deducções. Entretanto seu coração é dos maiores e nenhum homem excede a mulher em dedicação ou seja mãe, ou esposa, irmã ou filha. Ellas são, em summa, tão uteis no lar quão prejudiciaes fóra d'elle.

Si a mulher é necessaria para a vida da Família, educação, cuidados, etc., que só ellas podem ministrar, si o seu destino é esse, é claro que, salvo excepção rara, *a mulher não deve sahir do lar.*

Para os que julgam que o magisterio publico é compativel com a mulher, hão de convir que essa mulher deve renegar á Família; porque é evidente, concluia elle, que si as que não teem empregos publicos teem o tempo absorvido com o cuidado dos filhos, as que o teem principalmente de magisterio que é penoso pelo tempo que toma e as preocupações intellectuaes e moraes correspondentes, as que o teem, repito, não teriam tempo algum para tratar do lar, ou realizariam imperfeitamente as duas funcções, que é o que se dá, sem proveito nem para a Família nem para o Estado.

Mas, o Estado não pôde dispensar professoras por estes 50 annos, dirão.

Talvez devessem dizer por esses 100 ou 150 annos; mas, o que dahi se conclue? O interesse do Estado pôde ser justo, quando prejudique a Família? O interesse o mais nobre não subordina-se ao mais grosseiro? E' possivel grande Estado, isto é, grande Patria, sem grande Família?

E depois, em rigor, o Estado pôde dispensar a mulher para o ensino, desde que o Estado preocupe-se pouco d'elle e cada Família eduque seus filhos. Si não houvesse profes-

soras, haveria maior numero de mãis que ensinassem aos filhos. Sabe-se que muitas não ensinam mais por falta de dedicação, que de conhecimentos. Nas grandes cidades vê-se muito isto: senhoras que gastaram annos a aprender, deixarem de ensinar aos filhos até o alphabeto, enviando-os ao collegio, internato ou não, ou chamando professores á casa.

Uma objecção ainda se póde apresentar, e é: si o Estado faculta á mulher um meio honroso de vida, por que a mulher pobre não ha de utilisal-o? Eis o argumento geral, que por si mostra a fraqueza da doutrina.

Si o movel ao emprego publico da mulher é obter *um meio de vida*, deixa de ser por um desejo de satisfazer as necessidades publicas e sim para realizar interesses particulares.

Cousa estranha: censurar-se-hia, em boa moral, um homem que exercesse uma funcção apenas como *um meio de vida* e não se o censuraria a uma mulher?!

E si aquelle que cuidasse dos interesses publicos, abandonando os domesticos (quando isso fosse possivel), como não censurar, na melhor hypothese, a mulher que dedica-se á educação dos filhos dos outros, abandonando a dos seus, porque fatalmente isso dá-se!

Assim cria esgotado o assumpto no ponto de vista geral; mas ainda é preciso notar que a mulher pobre encontra sempre pela nossa constituição social, pelos nossos costumes, subsistencia que lhe é fornecida pelos homens que com ella estão em contacto: pai, irmão, marido, filhos, etc. Justamente nas classes mais pobres e em regra mais ignorantes e pois em que as mulheres não podem ser professoras, isso dá-se, auxiliando a mulher ao marido ou pai, etc., com o serviço domestico, que de si é tão penoso, quanto importante; uma casa assejada, um jantar a horas, um fato limpo, valem bem uma lição publica. Assim, dizia Silva Jardim, eu penso que os homens deverão sempre, como até aqui, alimentar as mulheres; e estas auxiliarem

os homens com os serviços domesticos, por mais ricas que ellas sejam; nem uns devem abandonar seus deveres, de alimentação, etc., nem outras suas garantias de vida no lar.

Salvo o caso de extrema penuria, em que uma senhora vê perante si a desordem, a prostituição, a miseria. Entretanto eu não lanço o anáthema sobre aquellas senhoras que se destinam ás funcções publicas; principalmente porque ellas são a isso sempre impellidas pelos homens.¹ Vinham essas idéas em discussão sobre seguir ou não a irmã o magisterio publico, após ter feito quasi o curso na escola Normal de S. Paulo, e muito de proposito reservei para esta parte do trabalho, porque aqui, como em tudo, Silva Jardim não era ontra cousa sinão o verdadeiro typo do propagandista.

Descendo ao caso particular, escrevia elle ao pai em 1º de outubro de 1835: «não póde ser mais nobre o movel que anima Vm. Seu desejo é garantir o futuro de sua filha, ou melhor, de suas duas filhas. Todo meu intuito é provar-lhe:

1º, que ha outros modos de garantir seu futuro; 2º, que esse é inefficaz e não póde dar-lhe o que Vm. deseja, isto é, a felicidade, o bem-estar, que é o que Vm. e eu lhes desejamos.

Quanto ao primeiro ponto, o futuro material de uma mulher deve, conforme já disse e a experiencia o mostra, ficar sempre a cargo dos homens. No caso que nos occupa (trata-se especialmente da irmã mais velha), Vm., felizmente, constitue uma familia em que as circumstancias apresentam-se por esse lado muito favoraveis.

Com effeito, além de que Vm. é ainda muito moço, e comquanto ganhe pouco, é bastante economico e tem

¹ Correspondencia particular.

um filho com situação material um pouco melhor (refere-se a si) que a sua, e pois recebeu a educação academica, habilitado, mesmo diante das circumstancias especiaes em que se acha, a exercer muitos logares, quer officiaes, quer particulares. Por outro lado, nem a Vm. nem a mim, creio poder dizel-o sem jactancia, falta coragem bastante para o trabalho nem dedicação para viver para os seus. Nem um de nós tem mesmo impecilios de qualquer natureza por parte das respectivas familias; da de Vm. mui naturalmente, da minha de nenhum modo, attento o bom coração de minha mulher, que, nisto como em muitas cousas mais, differencia-se muito do commum das esposas, em regra egoistas; da familia della muito menos, já porque é naturalmente delicada para procurar entreter em assumptos de minha mera competencia, já porque minha autonomia é bastante firmada para que, si tal jámais acontecesse, o que nunca é de esperar, eu fizesse ouvidos de mercador a quaesquer ditos explicitos ou implicitos a proposito da protecção aos meus. Mas ainda ha outros irmãos homens e, si bem que, além das pessoas citadas, eu e Vm. e estes irmãos, que hão de crescer e educar-se neste principio do dever de olhar para a familia, minha irmã não conta outras pessoas em quem possa certamente fiar-se para sua subsistencia, comtudo seria desesperar muito em crer que nem um desses lhe bastasse. Ainda é preciso prever uma outra hypothese e é de que ella case-se, hypothese que implicitamente Vm. parece arredar nos seus planos de assegurar-lhe o futuro, mas que eu não o faço, pois si é certo que ella não possui as qualidades que actualmente attrahem unicamente os homens ao casamento — belleza e riqueza — muito felizmente quanto á ultima, por outra possui dotes de coração, de intelligencia e de character, realmente raros e que fazem aos olhos das almas boas que mais procuram a felicidade propria e alheia que satisfações egoistas, o *jus* á boa união. Não arredo tanto mais a hypothese do

casamento, quanto sou levado a concedel-a por theoria e espero sempre por pratica e experiencia como a situação em que mais felicidade possamos encontrar.

Assim francamente não é confiar pouco nos esforços proprios, nos meus, e nos dos irmãos que breve serão homens o ter uma preocupação tão directa quanto ao futuro della. De mim lhe repito o que não só a Vm. como a ella tenho dito desde muito tempo: que, longe de ser-me penosa ou desagradavel sua companhia, ella me é, e a minha mulher, muito boa e que desejaríamos muito mesmo que residisse sempre connosco. Longe de nos ser difficil a sua conservação entre nós, ser-nos-hia até facil, attento o espirito de cordialidade que manifesta e de contentar-se com o muito ou pouco que possamos ter. Vm. sabe muito bem que esses sentimentos são de minha parte muito antigos e de minha mulher datam desde a chegada della em nossa casa.

O essencial seria para garantir a subsistencia das mulheres de familia que, conservando nós sempre nossos empregos (salvo mudança para melhor), preparassemos os outros homens para em tempo serem-lhes uteis; para o que tenho-lhe sempre offerecido meu apoio, referindo-me ao mais velho dos meninos ou outro qualquer, conforme as circumstancias e conforme combinar.

Eu estou certo que quando um dia, por uma fatalidade, Vm. nos viesse a faltar, o que ousar esperar não seja neste seculo, eu e os irmãos mais moços, desde que elles me tomassem para centro, como a idade e a situação o indicam, para o que Vm. póde concorrer pela educação, — eu e elles, digo, teríamos dedicação e elementos sufficientes para a garantia de nossa mãe, nossas esposas e filhos e irmãos. ¹

¹ Carta de 6 de outubro de 1385.

Silva Jardim, não obstante essa prolixidade nas missivas paternas, quando o assumpto, como este, lhe corria á feição, bem como com qualquer amigo ou coreligionario, conhecido ou estranho, deixava sempre de suas correspondencias minutas regulares, que me tem servido para reconstruir o passado sob diversos pontos de sua vida.

Sobre o assumpto que me occupa e por sua natureza importantissimo, qual o do destino social da mulher, escreveu elle ainda duas outras cartas, em que expoz a serie de razões que tinha para de sua parte oppôr-se a que sua irmã se occupasse com o magisterio publico. Esta campanha de outra especie, por mais individual que pareça, por isso que é tratada entre pai e filho e sobre pessoa que a ambos affecta, conserva, todavia, o cunho de elevação com que costumava tratar assumptos sociaes desta natureza, em que se mostra na altura dos melhores educacionistas modernos.

A sua alma era dotada de todas as modalidades proprias para o bem e si o ensino lhe quadrava, é porque nelle achava a valvula necessaria para expandir admiravelmente o seu genio desinteressado, o seu amor immenso pelo proximo, procurando educar e moralisar.

Segundo aquelle feliz habito, de conservar do que escrevia notas precisas, será facil resumir o assumpto reproduzindo na sua integra muitos trechos da quarta e ultima carta que dirigiu ao pai e que é um monumento em extensão, synthese e perfeição no genero, e bem dispensa o conhecimento das duas anteriores, porque não só as resume, como explana excepcionalmente.

Toda essa correspondencia, como a anterior, de que tratei na primeira parte, a contar do fim do anno de 1881, era datada segundo o calendario positivista, em que vem o dia, o mez, o anno, o santo do dia, sua correspondencia com o Gregoriano, mais a hora e não raro os minutos, como facilmente se depreheende da seguinte.

Sabia elle muito bem que o pai era infenso a essas particularidades, mas não impedia isto, por mais amor

que lhe tivesse, de cumprir o preceito religioso de propagar, depois de ter adoptado, o referido calendario.

Até então não comprehende porque haja certa repugnancia em adoptar essa reforma social do Positivismo, que aperfeiçoando a instituição divina da consagração do tempo, a tornou scientificamente humana, artisticamente bella, mesmo para as pessoas estranhãs á religião da Humanidade. Si em plena desorganisação do catholicismo, como nos seus melhores tempos, foi o calendario Juliano aceito, e o é hoje a reforma de Gregorio VII e em que os mezes são cognominados na sua maioria pelos deuses mythologicos Janus, as Furias, Marte, Maia ou Juno, etc., que escrupulo póde haver para os povos christãos de adoptar o novo calendario, em que esta substituição é feita por personagens historicos, entre elles o proprio decretador do primeiro destes calendarios.

Astronomicamente é perfeito, a divisão em mezes, tendo por base a semana, é soberanamente muito mais racional, o seu ponto de inicio é universalmente aceito como o começo da *era* modernissima; accresce que está expurgado de todo polytheismo, e que só um preconceito social impede de ser espontaneamente aceito pelos governos, que receiam, pela sua adopção, ser suspeitados de participação religiosa com o Positivismo. Si havia effectivamente uma reforma que se impuzesse aos espiritos emancipados, era esta, cujo defeito está, ao que parece, em ter partido do fundador da religião da Humanidade.

Silva Jardim estava convencido de suas vantagens e invariavelmente o empregava em sua correspondencia publica ou particular. Assim pois datava suas cartas pela forma da que se vai ler adiante.

S. Paulo, sabbado, 3 de Frederico, o Grande, de 97 (Fellippe de Commines), 7 de novembro de 1885, 9 horas da noite (data do começo desta).

Papai.

A 1º do corrente escrevi-lhe accusando suas cartas de 12 e 15 do mez passado, dizendo-lhe só responder a ellas,

quando Vm. me dissesse ter lido e meditado minhas ultimas, declarando-lhe que meu modo de pensar permanecia o mesmo e que Vm. e minha mãe poderiam ter a certeza de ver-nos, a mim e a Mariquinhas no fim deste anno, grato dever que realizarei. Eis que hoje chega-nos ás mãos a sua de 31 do passado e, portanto, é occasião de responder a ella, bem como ás citadas de 12 e 15 de outubro, as quaes, si por um lado não exigem resposta, pois Vm. chega a um accordo, por outro, pedem-na, pois desejo motivar bem as razões de minha conducta na questão que deu logar ás quatro cartas minhas, sinão levar, para sua tranquillidade, convicção plena a seu espirito.

Recapitulando, pois se faz mister, essa nossa correspondencia, sem que *eu receie tornar-me incommodo, pois a um pai amante as palavras de interesse de um filho pelos seus, jámais podem tornar-se importunas*; recapitulando, digo, minha primeira carta, abordava directamente uma questão que desde muito tempo me preocupava: a principio, quando ainda eu era estudante, com interesse, mas sem soffreguidão, pois tratava-se de um futuro pouco provavel, qual o de Mariquinhas abraçar o professorado; depois, ao vir ella para S. Paulo, mais fortemente, até chegar ao ponto de, posta de lado essa complacencia da fraqueza, que nos faz adiar indefinidamente questões importantes de nossa vida, procurar discutir o assumpto, franca e respeitosa com Vm. E por que o fiz eu? Estou certo de que nenhum movel menos respeitador actuou sobre mim e que só tive o fito do interesse de minha familia, de minha irmã, e a necessidade da paz de consciencia. Uma convicção não se muda com facilidade, quando ella é scientifica, demonstrada, quando ella se apoia em sentimentos generosos de dedicação: essa, sobre a carreira de Mariquinhas, me era de tal modo familiar, que perante a incoherencia para commigo mesmo e a certeza de que meu silencio já era covardia prejudicial a mim e aos outros, não hesitei, embora correndo os riscos

de magoal-o, expandir-lhe francamente, com a autoridade de irmão um pouco dedicado, filho agradecido, a minha opinião.

Presuppondo, o que esperarei sempre para meu justo orgulho filial, que *Vm. não é um homem que deixe-se apenas governar por interesse, por um cego egoismo*, mas que a demonstração dos factos, o appello aos principios, ás convicções, podiam em muito motivar sua conducta, julguei de dever a delicadeza, em resposta a uma parte generica de sua carta de 15 de setembro, expor-lhe as razões de duas ordens, que tinha para não deixar que minha irmã fosse *professora*; umas geraes, e outras particulares, sendo objecto dessa carta (1º de outubro) as razões historicas e sociaes, pelas quaes penso não dever a mulher deixar o lar, sendo sua missão consagrar á familia todas suas forças, correndo ao homem a obrigação de nutri-la. Promettia provar, quanto a Mariquinhas, que em primeiro logar, *havia outros meios de garantir-lhe a felicidade material*; em segundo, que o meio projectado era inefficaz para garantir-lhe essa mesma felicidade.

Na 2ª carta (6 de outubro), em demonstração de que havia outros meios a garantir o futuro material de Mariquinhas que não o professorado sómente, eu lembrava a Vm. as boas condições de familia por Vm. constituida, abundando em homens; Vm. moço ainda, corajoso e dedicado; eu, sem falsa modestia, nem vaidade vã, podendo até certo ponto considerar-me tal, em situação material regular e com elementos bons a lançar a mão, em necessidade: mostrava-lhe não haver *de nenhuma parte impecilios quanto ás familias*; quanto á minha, comprazia-me em citar a *bondade de minha mulher e dizia não intervir a familia della em taes assumptos*; lembrava-lhe mais, que *os meus irmãos e seus filhos são todos, salvo uma menina, homens*. Admittia ainda em *hypothese* a possibilidade de casamento para Mariquinhas, attentas suas boas qualidades. Perguntava a Vm. si uma preoc-

cupação tão directa sobre o futuro della, nessas condições, não era uma desconfiança dos esforços propios, dos meus e dos futuros de meus irmãos; dizia-lhe, como garantia de dedicação, que Mariquinhas podia ficar sempre commigo, sem me ser pesada, como tenho-o dito de muito, e, accresentarei hoje, segundo *um desejo de muito tempo formulado, desde solteiro, de que ella residisse em minha companhia*, julgava eu, então, essencial, que conservassemos nossos logares, salvo melhora, e preparassemos os meninos afim de nos auxiliarem, para o que offerecia apoio, certo de que um dia, *tendo-me para centro, auxiliariam a familia*.

Assim terminava eu o que podia dizer-lhe na minha citada.

Ponderei na 3ª (11 de outubro) que, *quando uma mulher emprega-se abre mão implicitamente dos recursos dos parentes honens*; entretanto si é solteira idosa ou viuva, a posição social de mestra difficulta os encargos da manutenção, de modo a não bastar o ordenado para si e para algum parente annexo.

Si morando com o pai, além da subordinação dos interesses de uma das duas familias á outra, considerando a mulher neste caso por si uma familia e a do pai, conforme exige a lei, ainda esta cohabitação difficulta-se perante os ordenados actuaes. Si casada, além de não poder educar os filhos, corre o risco de habituar (o que é possível, mesmo com as melhores intenções) o marido a viver á sua custa della. Ponderei ainda que o ter escola pouco auxilia a educação dos filhos, pois só podem ahi ficar as meninas e estas mesmas não podem evitar mãos contactos n'uma escola publica. Applicando as considerações geraes ao caso de Mariquinhas, perguntava eu: sendo ella professora, não desonera os irmãos de assistir á sua subsistencia? E assim sendo, tendo de ficar com Vm. (pois não é solteira idosa nem viuva), poderá Vm. achar cadeira para ella ou para si no mesmo logar, com

a lei de categorias dessa provincia? Vm. quereria viver só com o que ella pudesse ganhar? Si casar-se, não expõe-se ao que eu disse já, e não dá má prova de si o homem que casa contando com os recursos da mulher para qualquer fim? Accrescentei ainda, que aqui Mariquinhas não poderia ser professora, pois eu não deveria consentil-o, já porque seria incoherencia, já por desnecessidade; nessa provincia só com exame prévio na Escola Normal, exame que importa preparação anterior, despezas, etc., e que deverá ser subsequente á posse do titulo, por mais tarde esquecerem certas materias, etc. Assim, concluia eu, não vejo utilidade em Mariquinhas tirar o titulo, e promettia na seguinte ver as condições da situação em que devia ficar no presente.

Nessa (20 de outubro) eu mostrava a utilidade da educação, digo de uma instrução solida para as senhoras, não só para poderem em tempo prover á educação dos filhos, si os tivessem, como para, *em caso ultimo*, proverem á sua subsistencia pelo ensino particular, ou, em ultimo analyse, mesmo publico. Sem procurar ser professora, cada senhora, e pois Mariquinhas, deve estudar como se fosse para tal.

Accrescentava que a preparação della não estava completa; tem, é verdade, estudado regularmente algumas materias, mas a Escola Normal, mesmo que frequente, póde fornecer-lhe ainda mais completo preparo, e fóra della aprenderia alguma cousa de musica, como, por exemplo, tocar um instrumento. Dizia eu, porém, e hoje repito, embora seja questão vencida, que não via necessidade em que ella fizesse exame. Ella, por muito docil, subordina-se a qualquer solução; prefere, porém, a que dou.....

As minhas idéas são, pois, para o presente, e si olho o futuro, é para prevenil-o.

Daqui a 50 annos, mais a 100 ou 200 ou 500, ou mesmo mais, extinguir-se-ha a escola primaria.

Mas áquelles que veem claro o estado social presente e futuro corre o dever de pôr sua conducta de modo a

melhorar a humanidade. O mais é viver aborrecido com a concepção do seculo, com o vicio, a ignorancia, a miseria, a molestia physica e moral, e viver della, sem procurar remedial-a. A indole, a historia, as tradições, os principios, pois, de nossa nação, estão com as idéas que defendo e pratico neste ponto, conservadoras e tradicionaes; justamente não desejo as reformas que já começam para a mulher; reformas não: revolução e anarchia das bases da familia, e repito sua phrase, os principios sãos, as verdades eternas, se hão de realizar, apesar da vontade do trabalho dos sabios e inovadores.

Para evitar revoluções, é que os homens de bem e patriotas, como nos prezamos de ser, devemos pelo exemplo pessoal, domestico e civico, evitar a dissolução social.

E' isto utopia? Ah! si assim fosse, a honra, a dignidade, valor, o seriam, e o mundo estaria irremissivelmente perdido.

A revolução franceza podia ser feita, diz Vm. muito bem, sem sangue; podia ser evitada até, accrescento com profundos historiadores. Evitemos pela moralidade e pela sã instrucção a revolução na nossa sociedade brasileira, *revolução mesmo armada*, ¹ a que os demagogos querem *leval-a* e de que a medida que Vm. defende, com as melhores intenções, é um dos meios indirectos.

A França não chegou ainda ao progresso que se póde esperar della, mas seu passado, ora imprevidente, ora fecundo, sempre generoso, é a melhor garantia de seu futuro: a historia, nossa mestra, como diz Vieira, nol-o mostra como o centro e o pharol de nosso Planeta e da Humanidade que o habita.

Qual o progresso dos Estados Unidos? Progresso material, de estradas de ferro e telegraphos, semelhante á do ente que se julga feliz por ter boa roupa e boa mesa! Progresso intellectual, onde? No paiz em que mais vendem-se cartas de doutores, sómente porque ha muita escola em que

¹ E' meu o gripho

se aprende para ganhar dinheiro? E qual o progresso moral dessa nação? Politicamente, ainda maior corrupção eleitoral e governamental que no nosso: socialmente, sem familia nem religião, como já tive occasião de referir em outro logar. Si a França nos tem dado o espectaculo das grandes loucuras, são as loucuras generosas que inspiram compaixão: não as da agiotagem, do mercantilismo, que inspiram aversão.

Si tratei deste ponto, foi por delicadeza, para responder um dos topicos de sua carta, afinal elle tem mais relação com o assumpto geral.

Especialisemos.....

Todas as theorias são boas, desde que Moraes, quer os individuos sejam ricos ou pobres: a moral é uma, em fundo, porque a natureza humana é uma e os homens são irmãos.

A theoria de que o que serve a um paiz não serve a outro, levaria a que — o que serve a um individuo não serve a outro, o que serve a uma familia não serve a outra: si ha shi um fundo de verdade exagerada, ella tira toda a responsabilidade de regras communs de moralidade e sociabilidade.

Ninguém póde ser completamente independente, como diz Vm., só ha uma independencia relativa, muito relativa, digo eu: é a da moralidade e da instrucção.

Tudo mais póde falhar de um momento para outro, mas não o que se tenha adquirido de coração, de espirito e de caracter: das cousas instaveis é a mais estavel.»¹

Torna-se escusado reproduzir todo esse debate, iniciado ha tempos e continuado nesta epistola, começado a 3 de novembro e terminado a 22, ás 10 horas da noite, data da conclusão.

Não ha a menor duvida que taes doutrinas inspiravam-se no estudo do Positivismo e por isso mesmo e pelo muito que são taes idéas hoje propagadas em politica, reconhece-se que ha contradicções palpaveis entre esta conducta do edu-

¹ Carta citada.

cador e a do demagogo, que prêga mais tarde abertamente a revolução, que aqui se condemna.

As nobres inspirações dessa peça foram-lhe conforto para a alma de pai, de filho e de irmão, que, sabendo pesar as conveniências do presente, encontrava nessas aspirações um incentivo a seu amor pela família, como mais tarde, um pouco em contradicção com aquellas, só se lembrava do bem da Patria, empregando sempre a mesma logica para convencer seus antagonistas.

Em uma cousa empenhavam-se invariavelmente os positivistas, era em catechisar, na sua primeira phase de adhesão, aos seus parentes mais proximos, aos seus amigos mais intimos e pessoas mais sympathicas, com o fim unico de fazer proselytos.

E' esse pensamento que domina todo o discipulo de A. Comte, digno desse nome, e a razão é que quem está convencido da supremacia de qualquer doutrina, a primeira cousa que faz é procurar divulgá-la. Ora, entre os que nos cercam estão os que nós verdadeiramente mais amamos e por quem mostramos mais interesse. De posse da felicidade que resulta de uma doutrina completa que constitue a nossa harmonia vital, a primeira idéa que nos vem é fazer felizes todos esses desgraçados, que, como nós, se debatem entre os horrores da anarchia moderna.

Silva Jardim estava convencido desta verdade e não foi outro o processo que empregou na sua campanha.

O Positivismo o convencera e fortalecera de que a república era melhor fórma de governo que a monarchia, e, si, bem que elle não prégasse a dictadura republicana, tal como a instituiu A. Comte, todavia convenceu-se e fortaleceu-se na idéa de que muitos individuos jaziam em erro, porque eram adversos daquella fórma de governo, e procurou catechisal-os com o seu ardor social nunca desmentido.

Não aventurarei que Silva Jardim houvesse assimilado inteira e completamente as doutrinas do Positivismo, o que é privilegio dos espiritos de eleição; mas apanhara

o aspecto geral dessas doutrinas e as propagava com a sinceridade de um discipulo e de um crente.

Na sua carreira do magisterio não fizera outra cousa, com inteira approvação dos proceres deste systema philosophico e religioso.

No resumo da conferencia publica realizada na Escola Normal de S. Paulo em cumprimento do regulamento, na noite de 21 de abril de 1884 e que intitolou a *Reforma do Ensino da Lingua maternal*¹ já fazia prevalecer estas doutrinas em face da congregação, composta de lentes de todos os credos religiosos, ensinando que a linguagem, construida sob o impulso do sentimento para satisfazer a necessidade de comunicação entre os homens, devia ter seu destino social.

« Por ella é que os entes collectivos, a Família, a Patria se nos revelam, influindo na nossa natureza: os esforços isolados dos sabios seriam incapazes de formar uma lingua.

E' ella que nos subordina continuamente ao mundo exterior, assim como a subjectividade á objectividade, mantendo nosso equilibrio moral. Por ella recebemos de nossos antepassados as grandes noções scientificas, abstractas e concretas, sobre o mundo, a sociedade e o homem. »²

Nas diversas exposições, que fez da doutrina, mostrou-se na altura dos assumptos e tratando, como o fazia constantemente, de motivos patrios nas commemorações publicas procurava fazer sempre uma applicação dellas ao caso de que se occupava.

Em toda a campanha, como disse, não fizera outra cousa, embora sem aquella unção religiosa que dá aos sectarios verdadeiros dessas doutrinas um character de apostolos de uma nova divindade.

Antes de ir para Santos, em 1886, estava elle verdadeiramente instruido desses ensinamentos na familia e como já se alludiu não foram essas disposições antagonistas de todo estranhas á sua partida.

¹ S. Paulo. Typographia a vapor de Jorge Secheller & Comp. 1884.

² Obra citada, pags. 9 e 10

S. J. — 10

Tendo em agosto do anno anterior subido ao poder os conservadores, adversarios do conselheiro Martim Francisco, esperava Silva Jardim, já pelas idéas que francamente professava, já pelo clamor publico contra a Escola Normal, onde o seu espirito superior, ao lado de outros positivistas, preponderava nas cousas do ensino, já pelas relações do parentesco com aquelle illustre chefe liberal, que os novos governantes não o poupariam, e depois da morte deste entendeu não dever continuar mais no magisterio publico e fundou a escola primaria José Bonifacio.

O programma deste estabelecimento era calcado nos moldes do anterior que com o Dr. João Kopke fundara naquella capital, já então melhorado e mais consoante aos seus principios.

Tratando-se de fundar uma escola que honra a memoria do illustre professor, outro não devera ser o programma nella admittido, nem differentes os processos de ensino dos naquella adoptados.

Os tres ultimos quartéis de 1886 e todo anno de 1887 gastou-os nesta faina, como se disse, bem alheio ás agitações politicas de então.

Tendo sua mulher neste anno adoecido gravemente, e achando-se elle accumulado de misteres, já com a direcção intellectual e moral, já com a material do estabelecimento, concebeu a feliz idéa, para a Republica, de traspasar a escola e viver de advogacia, que até então tinha sido para elle uma pura diversão de seu espirito.

Tendo alli escriptorio de advogado o seu cunhado e amigo, o Dr. Martim Francisco Junior, com este se associou, segundo uma razoavel participacão nos lucros.

Si persistisse nessa carreira, bem depressa conseguiria ser o que havia sido na anterior — um mestre dos mestres.

O profundo conhecimento que dos homens e das cousas do seu tempo tinha o Dr. Martim Francisco Filho, o aspecto de nossa historia patria, por elle desdobrado, as tradições da familia naquella mesma cidade que guarda os restos

mortaes do fundador de nossa Independencia, as suggestões de taes grandezas, foram outros tantos estímulos para Silva Jardim pretender exaltar seus meritos tanto de orador, que se reputava, como de politico que se deixa dominar por um ideal patriótico.

Até então, pela noção que tinha dos republicanos democraticos, cujo governo constituia uma tyrannia demagogica e fatal, como a monarchia, pela anarchia de suas concepções, não cogitava de fazer propaganda como elles, aceitando a solução positivista de uma transformação politica, de que o Sr. D. Pedro de Alcantara se constituiria, segundo as exhortações de seus confrades, em principal órgão.

Dahi adviria a dictadura scientifica, por elle ambicionada para felicidade da patria brasileira.

A ausencia, porém, dos mesmos confrades, as suggestões de seu companheiro de escriptorio, naturalmente partidario de outras idéas, foram relaxando suas convicções orthoxas e fazendo-o aceitar as soluções democraticas.

Em todo esse tempo e exceptuando os casos de abolição e seus conflictos, apenas se apresentou um ensejo de mostrar Silva Jardim que era republicano. Foi o banquete offerecido ao Sr. Quintino Bocayuva naquelle anno. A sua presença nesta festa motivou a ruptura delle com o *Apostolado Positivista do Brazil*, como disse e deu testemunho em *Circular explicativa*

Este facto o precipitou definitivamente no terreno movediço das contemporisações e só lhe faltava um lugar, si não um pretexto, para deitar o verbo ás turbas.

Sede de applausos tinha elle, que vivera os mais bellos annos de sua vida enclausurado nas malhas do Positivismo, como prégaria um revolucionario. Nem se enganara a respeito de seu temperamento o illustre presidente do mesmo *Apostolado*, vindo em seguida sua conducta civica provar que outros eram então os sentimentos que o estimulavam.

Final, o pretexto foi descoberto, chegando o momento pyscologico da explosão.

A camara de S. Borja, como se disse, fora quem descobrira a fórmula precisa de pôr em equação o problema do 3º reinado.

Silva Jardim achou que era occasião de apparecer e secundar os esforços daquelles vereadores, que sob a capa das leis arremessavam um projectil de desconfiança ao olvidado Conde d'Eu.

A este respeito diz o Sr. Oscar de Araujo: « A emoção produzida pela iniciativa audaz da modesta camara municipal da provincia, que o telegrapho se encarregara de transmittir aos quatro cantos do Brazil, é enorme.

O governo resolve castigal-a, os jornaes tomam a si o incidente e discutem a legalidade do acto. Silva Jardim aproveita-se da occasião e enceta a campanha que resolvera emprehender, realizando em Santos o seu primeiro *meeting* republicano e revelando-se o que sempre foi, orador eloquente, cheio de fogo, ao mesmo tempo que politico habil para conduzir e arrastar a multidão.

O seu *meeting*, a que o governo não ousa oppor-se, é um triumpho. ¹ »

A iniciativa do motim não partiu a bem dizer de Silva Jardim, nasceu das circumstancia do facto mesmo.

« A noticia do acto de S. Borja, transmittida pelo telegrapho, produziu uma commoção de alegria intima entre os republicanos santistas (Memorias e viagens pag. 16). »

A principio acharam espirituosa a idéa, mas logo depois veio a reflexão. Procedendo o governo como era de seu dever, castigando aquelle acto de rebeldia, para logo tomou a imprensa parte interessada nelle, discutindo sua legalidade.

Essa discussão generalisou-se e, como se disse, serviu de pretexto áquelle que anhelava por momento opportuno de entrar para o campo de batalha.

¹ Memorias e viagens, pag. 6.

Vendo as boas disposições do povo, escreve Silva Jardim, *veiu-me a idéa de exprimir-a e augmental-a.* ¹

Santos é o escoadouro industrial de S. Paulo. Primeiro porto de mar deste poderoso Estado, julga-se superior á capital deste na importancia e extensão commerciaes, como centro de actividade mercantil, de transacções de toda especie para outras capitaes brasileiras, para os paizes da America e os mais distantes do velho mundo. A sua população, como todos os habitantes do littoral, é alegre e entusiasta, generosa e hospitaleira.

Campinas, que disputa-lhe a primazia e entre as demais cidades de S. Paulo, não tem esse predicado.

Parece que a presença do mar actua benevolmente no animo das populações ribeirinhas.

O espectáculo vivo de suas revoluções diarias, o seu reboliço continuado, a sua ruidosa alegria, traduzida pelos constantes marulhos, assim como suas coleras tempestuosas, os prantos intimos manifestados pelos *seus soluços brancos*, no dizer do poeta, transmittem ao espectador a imagem viva da natureza humana e fal-o possuir dos mesmos dotes, agindo ao seu modo, confraternizando com elle, e recebendo em seio amigo os hospedes de todas as nacionalidades.

Assim, ao lado da bonhomia de coração se acha a exaltação das idéas, e a perseverança no trabalho para levar ao fim um projecto generoso.

Silva Jardim, como natural do interior, não desconhecia esses accidentes. Bem outro, porém, era o seu temperamento.

Um escriptor contemporaneo resume em poucas palavras o seu physico.

« Pequenininho, nervoso, entre gordo e magro, pés e mãos delicados, de creança, cabeça redonda, proporcional á estatura, olhos de extrema vivacidade, nariz adunco, de azas afflantes e abertas, bocca energica, com um geito

¹ Ob. cit. pag. 17.

de altivo desdém, queixo saliente, indicativo de pertinacia — quem observava com attenção reconhecia immediatamente estar em face de um homem não vulgar, de uma organização singular, de linhas fortes, salientando-se do vulgo com um bello alto-relevo de força, energia e resolução. »¹

Com essa infibração apresenta-se em publico para exprimir o sentimento patriótico dos santistas e denunciar ao mundo os perigos da sociedade brasileira.

Era a primeira vez que se achava diante de um tão grande auditorio. Referirei as suas impressões particulares e a satisfação em mencionar os nomes das pessoas que por mais de um titulo lhe attrahiam a especial affeição :

« Quando cheguei á tribuna, e olhei a multidão, senti esse inexplicavel acanhamento que sente o homem deante da superioridade do povo, que representa a Patria; é essa invasão insensível da alma popular na alma do orador, que estabelece a sympathia entre este e os ouvintes. Fui recebido por uma chuva de applausos, sem nenhum protesto; e, enquanto cada um se preparava para ouvir e o silencio se fazia, senti-me suavemente aquecer ao calor da animação popular, sem perder a serenidade necessaria para a sondagem continua da impressão que as palavras produziam, e para não cahir em divagações ou perder-me, esquecendo a filiação dos assumptos. »

O logar escolhido era o theatro Guarany, que uma enorme massa de todos os partidos, classes, posições, fortunas e nacionalidades occupava, tornando repleto o espaçoso salão da platéa, camarotes, torrinhas, etc.

« E eis-me agora só, deante de todo o publico, timido ao principio, e pouco a pouco animando minha voz á proporção que sentia o olhar geral de approvação. Estava alli na platéa o Porchat, que era todo um gesto de applauso; Martim, que era todo cuidado; Souto, todo reflexão; os moços, tantos, que seria difficil agora citar-lhes os nomes; o Carvalho, dono de uma loja; o Mesquita, o Wonswit, um preto que

¹ V. Magalhães, *Paiz* de 14 de junho de 1891.

fôra militar, muito intelligente, activo, honesto e sempre muito fallador contra as instituições; creio que tambem o Augusto Bastos; um guarda-livros, que escrevia perfeitamente, e muitos outros. Estava Moniz de Souza, que uma viagem de negocio trouxera a Santos, o antigo collega, de merito intellectual não vulgar, excellente jornalista, e Benedicto Carmo, que de um camarote acompanhava ancioso a oração, e que no incidente produzido por um homem, que se erguera, resmungando qualquer cousa, no que o combatera o publico com signaes de reprovação, exigindo minha intervenção conciliadora, me envíara rapidas, mas firmes palavras de animação: Estavam alli chefes conservadores e liberaes, que applaudiam silenciosamente, e outros que sentiam não poder protestar sinão pelo mesmo silencio.

Pouco a pouco, o publico se anima, anima o orador, e dahi por deante segue-se o discurso, durante duas horas, ora movimentado pela satyra, ora serenado pela demonstração, ora exaltado pela apostrophe; segue coberto de interrupções, de applausos entusiasticos, de risos estrepitosos, que difficultavam a mesma exposição. Levados pelo contagio, os ditos monarchistas haviam rido á vontade, acompanhando o combate e ridiculo ás mesmas instituições que diziam sustentar.

Os Braganças e os Orléans haviam sido largamente analysados; tinha-se passado em revista o estado de saude de Pedro II, o seu reinado, o de seu pai, a dynastia dos Orléans, o conde d'Eu, a evolução das aspirações liberaes do Occidente e do Brazil, a individualidade da Princeza regente, os perigos do terceiro reinado; e, quando senti o espirito popular assaz aquecido, mais por seu proprio entusiasmo que pela minha palavra, terminei, erguendo-me o possivel ao assumpto, propondo a moção de apoio ao acto dos vereadores de S. Borja, e de protesto contra o acto do governo imperial.

Applausos prolongados tinham coberto a moção.

A causa estava ganha, e o primeiro *meeting* republicano realizava-se, sem que o throno se animasse á violencia.

Estava tirada a prova real. Os republicanos podiam animar-se a um combate mais activo. »¹

A impressão geral do discurso foi excellente e grande o entusiasmo. Expedio-se telegrammas para os diversos centros mais importantes do Imperio em termos encomiasticos e outros são recebidos, abundando em applausos á realização do feito.

Importante era o papel que neste época exercia o jornalismo affeiçãoado á Republica e o manifestamento declarado adverso á monarchia.

Na Capital Federal o *Paiz*, entregue á direcção do Quintino Bocayuva, e a *Gazeta Nacional*, a cuja frente se achava Almeida Pernambuco; em S. Paulo, a *Provincia*, onde escrevia Rangel Pestana, e o *Diario Popular* de José Maria Lisboa, em que o estylete de aço de Americo de Campos era mais do que uma penna aparada, era uma arma violenta, que vibrava a morte em cada golpe; ambos na Capital, sem contar o denodo da *Gazeta de Campinas*, solidarios na conquista das liberdades patrias.

No Rio Grande a *Federação* de Porto Alegre, sob a direcção de Julio de Castilhos; no Pará, A *Provincia do Pará*, de uma democracia ultrarepublicana, e áquem desses dous extremos, o *Norte*, redigido pelo talento prodigioso e dictado pelo character immaculado e o bondadoso coração de Maciel Pinheiro, chefe do partido republicano de Pernambuco.

A principio passara despercebido ao governo o incidente do motim; mas, ligando-lhe os jornaes certo vulto, appareceram nos ineditoriaes do *Jornal do Commercio* artigos assignados pelos pseudonymos officiaes, procurando desfazer o effeito que poderia ter causado na opinião publica.

Era a monarchia o regimen da ficção. Verdadeira dictadura em systema, apresentava desvelo pela liberdade,

¹ Memorias e viagens pags. 40 e 41.

e arrochando ao tronco o corpo e ás algemas os braços do captiveiro, declarava-se abolicionista em honra aos principios de humanidade.

No Ceará havia-se realizado não só a emancipação (24 de março de 1885), como a encorporação do proletariado restante á sociedade regional. Esse phenomeno dera-se por excepção e segundo leis que não puderam ser previstas.

Mas, não obstante, esse facto foi decisivo sobre o resto da sociedade.

A secca de 1877-1878 fôra o principal factor desse acontecimento.

Acoçados pela fome, os proprietarios de escravos, vendendo-os, fosse por que preço fosse, resolviam o duplo problema da vida, eliminando uma bocca de mais e recebendo uma certa quantia, que prolongava-lhes o martyrio do soffrimento pela aquisição dos meios de sustento. Verdade é que nem todos os escravos foram vendidos, mas os que foram poupados, quasi que se lhes não pôde dar este nome.

Em regra geral só não se alienaram os individuos que se relacionavam com os senhores *pelos laços do sangue e parentescos de familia* e esse facto, que constituia uma excepção, assignalava desde então que o logar desses seria no seio da propria familia, mesmo sob a capa do captiveiro, mas inteiramente encorporados a ella e com ella identificados na vida social. Assim, desde então, de facto, estava feita a abolição, sendo o trabalho recente dos abolicionistas acolhido fraternalmente, porque ainda sobre esses residuos do captiveiro com as seguranças dos laços de amizade, vinha derramar capitaes benevolmente respeitados.

Por outro lado, foram os escravos nortistas, que mais tarde, ao saberem da libertação de sua terra natal, determinaram a fuga, arrastando consigo os proprios crioulos.

Esse phenomeno da encorporação do escravo ao resto da familia deu-se em toda zona assolada pela calamidade

cosmica e assim estendeu-se a outras provincias vizinhas, vindo esse contingente de todas ellas em tempo armazenado no sul a engrossar o enorme exodo que nos dous ultimos annos que [precedeu a Lei-Isabel] assoberbou a lavoura.

Quando Silva Jardim erguera o seu protesto, as fazendas estavam abandonadas, e os ex-senhores a braços com as maiores difficuldades.

Ao exodo dos negros seguiu o dos brancos, dos arruinados da monarchia para as paragens indefinidas da republica.

Eram duas ordens de captivos que se libertaram igualmente de seus senhores. E por que havemos de ter commiserção pelos primeiros e sómente desdens pelos ultimos?

Assim como a escravidão era o laço que prendia-os entre si, a conservação criminosa dessa execranda instituição presuppunha o apoio dos escravocratas ao governo nefasto que mantinha esse *estato quo*.

Dupla era então a corrente dos *libertos*, embora, entre si, fatalmente divergentes. Outra não era a aspiração de se declararem *livres* perante a lei de qualquer especie dos captiveiros alludidos.

Assim, a emancipação dos ex-senhores, isto é, sua repulsa á causa da monarchia, que se mostrava impotente para manter a posse dos ex-captivos, precedeu a lei da declaração dos direitos da raça escrava e succedeu ás primeiras fugas em bando, que a noticia da libertação das provincias nortistas ia determinando pelas senzalas das fazendas.

Dessa deserção não se póde queixar o imperialismo, pois ella é tão logica como a que em tardas e más horas havia ella motivado.

Por esse tempo agitara-se uma outra questão em S. Paulo, porventura de character anti-patriotico, a *do culto*

separatista. Eram coripheus dessa cruzada os representantes e adherentes da familia patriarchal dos Andradas.

O apparecimento de Silva Jardim, pertencente a esta familia pelos laços consanguineos, prégando a *unidade* da Patria Brasileira, neutralizou essas vistas antipathicas.

Silva Jardim como filiado ás doutrinas positivistas era partidario entusiasta do unitarismo em republica.

Era em nome dessa idéa, vendo por outro lado a *Patria em perigo*, que elle se levantara para protestar contra esse estado de cousas actuaes.

« E agora, ver-me-heis seriamente preocupado com a idéa de que se continuasse a campanha encetada. Confesso que já me eram penosas as minhas duas horas de lição pela manhã, e que só o dever me fazia continuar os meus estudos juridicos. Porque eu os fazia, por esse tempo, e conscienciosamente, esses estudos, já por prazer theorico, já pela necessidade de minha profissão de advogado. O patriotismo é na mocidade naturalmente impaciente, e eu via que em realidade perdia-se um tempo precioso. »

Imaginava então o seu plano escursional pelo interior das provincias, começando pela de S. Paulo, e tendo em vista a região encantada das terras róxas do oéste. Planeava novas conferencias, em que a propaganda politica seria auxiliada pela historia e pela philosophia.

Foi então que escreveu a Francisco Glicerio propondo-lhe se fizesse em Campinas reunião igual á de Santos, offerecendo-se a ir com a sua presença arrostar a sorte dos companheiros. Elle havia-o visto dias antes, quando, de volta do Rio-Grande do sul e das republicas do Prata, elle passara por Santos e haviam trocado um rapido abraço de animação mutua.

Os modos francos e decisivos de Silva Jardim, organização refractaria ás conveniencias do momento, apesar de sua anterior comparticipação na politica activa, estavam em contradicção com as maneiras fugitivas e cautelosas deste chefe campineiro e os processos a empregar,

sabia-o elle, destoavam dos postos em acção até aquelle periodo agudo da propaganda, differiam completamente dos usados nas emboscadas republicanas.

O partido republicano de S. Paulo tinha a mania dos congressos e manifestos desde os tempos de sua organização.

Guiou-se este pela declaração do Club Radical da Capital, após o manifesto de 3 de dezembro de 1870 e que foi seguido pelos de Campinas, Amparo, Itú e Rio-Claro.

Em 17 de janeiro de 1872 «assentaram-se as bases de *organização do partido* para ser dirigido por uma comissão eleita pelos delegados dos nucleos locais». ¹

No dia seguinte deitaram circular ao publico, assentando na norma de proceder, tendo muito em vista conciliar a expansão das liberdades, sem a comprometter com a abolição, confiando na *indole do povo* para facilitar a solução mais justa deste delicado assumpto.

No anno seguinte realiza-se o *primeiro congresso*, que toma a denominação de *Convenção de Itú*, por ter tido lugar nesta cidade a 18 de abril de 1873. Em virtude das deliberações ahi tomadas reune-se em 1º de julho do mesmo anno, mas já então na capital, a *primeira assembléa*, em que se fizeram representar 29 dos mais importantes municipios.

Essa forma de *representação* era em materia electiva muito elementar e melhor lhe caberia o nome de *designação*.

Na terceira sessão do congresso fôra eleita a *comissão permanente*, que apresentou o *primeiro manifesto*, assignado por todos os membros do congresso.

Assim, em pouco tempo, de uma simples *reunião* (17 de janeiro de 1871), passaram a uma *convenção* (18 de abril de 1873), e em seguida a uma *assembléa* ou *congresso* (julho do mesmo anno), terminaram por uma *comissão permanente*, encarregada de redigir o *manifesto* do partido.

¹ Hist. Const. da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Em 5 abril de 1874 reuniu-se de novo o congresso e approvou o projecto de constituição, redigido pela comissão permanente para servir de base á organização de S. Paulo, *como Estado Federal dos Estados Unidos do Brazil* e autorizou mais a criação de um jornal, órgão do partido. ¹

A 4 de janeiro de 1875 appareceu a *Provincia de S. Paulo*, que sob a direcção de R. Pestana e A. de Campos, fez carreira atravez de todo o obstrucionismo imperialista e prestou relevantes serviços á propaganda, valendo por todas essas reuniões, convenções, assembléas e congressos anteriores.

Em 1876 apresentou-se o *primeiro candidato* á assembléa legislativa, tendo lugar por essa occasião o *primeiro accordo* com um dos partidos monarchicos.

O imperador andara por S. Paulo (1875) e notara a agitação dos espiritos, que acompanhou nos annos seguintes (1876 e 1877), em cujo biennio elegeram os republicanos tres candidatos provinciaes.

Assim, julgou produzir a debandada nos arraiaes republicanos, chamando em 5 de janeiro de 1878 os liberaes ao poder, tirando daquelles arraiaes um illustre signatario do celebre manifesto.

Effectivamente esse *alvitre imperial* levou o desanimo a muitos, e o facto é que nas eleições seguintes nada conseguiram, ainda nos municipios que haviam eleito aquelles tres candidatos.

Só a *Provincia de S. Paulo* ficou de pé e na brecha.

Em 1881 apresentaram novos candidatos e ainda desta vez ladearam a questão da abolição e bem assim em 1883, em que *adheriram* ao programma anterior, dando em resultado a eleição dos Srs. Drs. Prudente de Moraes e Campos Salles.

Já vimos de que modo Silva Jardim enfrentava esses problemas, segundo as normas do Positivismo, e igualmente chamou-se a attenção para o odio dos democratas.

¹ Esses dados foram extrahidos do Sr. F. Freire, e A. Braziliense. Hist. Const. e Prog. dos partidos.

Embora divorciado com as principaes doutrinas que em boa mente elle prégara, não se julgava que fosse menos suspeito.

Não querendo agir por conta propria fóra do municipio de sua séde, mas sentindo necessidade de levar por diante a acção de sua efficaz palavra, dirige-se naquelles termos ao Sr. F. Glicerio, um dos coripheus da democracia federalista e chefe prestigiado da localidade. Antes não o fizera, porque teve occasião de mostrar-se tal qual era e poder a vir a tornar-se perigoso para o futuro, como effectivamente o fez, abrindo a dissidencia no seio do partido, e oppondo á inercia commoda dos evolucionistas a acção temeraria dos revolucionarios.

Realizara-se dest'arte o motim de Campinas, organizado a esforços do mesmo Sr. Glicerio.

« Viera de Santos na ante-vespera, um tanto fatigado e havia-me repousado em S. Paulo, baluarte monarchico, como eram então todas as capitaes brasileiras. No trem pensara no meu discurso, que não passaria de uma adaptação do já proferido com alguns topicos a mais de indignação que os ataques dos adversarios autorisavam...

A mostarda começava a subir-me ao nariz. ¹ »

Estava nas intenções de Silva Jardim cercar aquelle *baluarte* por Santos e Campinas e tomal-o de assalto n'um momento dado.

Entretanto dizia elle « uma agitação intima apoderara-se de mim ; o receio do insuccesso politico, quasi até o receio do insuccesso oratorio. Começava a sentir o peso da responsabilidade que ia attrahindo sobre os meus fracos hombros.

Uma ordem do governo podia paralisar os nossos esforços.

¹ Memorias e Viagens, pag. 53.

Consegui acalmar essa agitação fugitiva, mas que ficara funda ; entretanto, eu hemdigo esse anseio patriotico ; *possa eu morrer amando sempre minha Patria a ponto de soffrer pelo resultado dos menores dias de sua vida, a ponto de ter a DÔR de suas DORES e gosto de suas alegrias.* ¹

Por que essas exclamações ao recordar esse simples episodio de sua vida de propagandista ?

Não fóra Campinas a unica cidade por elle percorrida. Seguramente a sua *imagem*, despertada por outros *signaes*, acordavam-lhe *pensamentos acabrunhadores* e geravam *idéas sinistras*, que o acaso se encarregava de tornar verdadeiras.

Morrendo por amor desta Patria, elle, porque para melhor servir-a exilou-se voluntariamente, sentiu essa *dôr* aguda que era a reproducção das grandes *dôres* por que, por esse tempo, ella passava.

Para aqui transcrevemos as suas impressões pessoais :

« E foi, não obstante o calor de fevereiro, que abrazava, dentro daquelle theatro de S. Carlos, aliás bem soffrivel no que toca á commodidade e á arte. Podia ser calculado em 2.000 o numero de ouvintes ; não ficava, pois, inferior ao da reunião santista. Toda Campinas lá estava, e, si me assistira o elemento liberto, aqui me applaudiam os operarios. Estava tambem presente o chefe de policia, compadre do conde d'Eu.

O Glicerio acclama presidente da reunião o Dr. Antenor Guimarães, digno medico republicano, que me dá a palavra. A oração segue mais completa, mais tribunica e emocionada que a de Santos, e o auditorio acompanha com applauso as mais ardentes explosões de indignação, como aquella em que peço para o principe estrangeiro e expatriado a pena ultima, si elle resistisse ao movimento libertador no dia de sua retirada. E' verdade que um silencio glacial,

¹ Ob. cit.,, pags. 59 e 60. O grifho é meu.

verdadeiro medo da coresponsabilidade de uma tal ousadia, passou claro um segundo sobre todas as cabeças...; momento difficil, em que o minimo protesto individual podia levantar uma celeuma funesta e terrivel...; mas, além dos recursos oratorios anteriores, eu tinha podido levantar ainda mais a revolta contra o terceiro reinado, pela revelação dos projectos guerreiros do futuro imperador em relação á Republica Argentina (Vide meus *Discursos, Opusculos e Manifestos*, actualmente no prélo, em volumes, vol. 1º, notas ao segundo discurso). »¹

Os maiores appausos cobriram essa oração, tendo sido por fim proposta a moção contra o 3º reinado, habilmente redigida e acceita pela assembléa popular, entre palmas prolongadas.

A noticia dessa campanha sympathica e homogenea foi se espalhando por todo o paiz e novos oradores appareceram a contento da população, mas nenhum delles estava destinado a fazer o ruido que Silva Jardim levantou em torno do seu nome.

Elle aproveitava com rara habilidade as forças impulsivas da imprensa e dos telegraphos, captivando-lhes a benevolencia e redigindo por si ou inspirando as communicacões relativas a seu modo de propaganda.

Onde chegava a todos procurava e estava sempre apparelhado para o *reclame*, pois bem sabia o effeito que a magia da popularidade produz nas correntes de opiniões.

Si por um lado lisongeava a vaidade, por outro via surgir a autoridade de que precisava para impôr-se em nome da Republica.

Isso não impedia de despertar serios enthusiasmos e ter em seu favor o julgamento desapassionado dos contemporaneos.

« A' proporção que a abolição ganhou terreno, diz o Sr. Dr. Felisbello Freire, pelos esforços dos proprios repu-

¹ Memorias e viagens, pag. 62.
Esta edição frustrou-se, sem causa justificada; ao que me consta, era della encarregado o Sr. Serafim José Alves.

blicanos, a propaganda tendia a accentuar-se e a generalisar-se, chegando á phase aguda de que fallámos, em 1888.

Si a abolição vinha lançar na vida economica do paiz os elementos revolucionarios, as questões militares já tinham alterado profundamente as relações da autoridade para com a força. Deste concurso de factos originados em pontos tão differentes, resultava o enfraquecimento das instituições e a generalisação democratica.

« Sem o apoio de forças tão conservadoras, sem o sustentaculo da classe agricola, das classes armadas, a instituição monarchica ficaria em uma situação accentuadamente instavel. Eram estas as suas condições em 1888. Já profundos resentimentos distanciavam o exercito da autoridade e a lavoura do throno. No seio social, desfalcados estes contingentes, o que ficava como apoio das instituições? As classes liberaes entregues á luta pela vida, indifferentes á sorte dellas, tinham em seu seio o germen da desaffeição e do retrahimento, pelas difficuldades em que se debatiam em face do programma centralizador da politica, que levou o Estado a absorver o individuo.

« Assim tambem nas classes intellectuaes, as instituições não lançaram suas raizes, porque já se achavam em um adiantado processo de emancipação pela divulgação das sciencias naturaes. Com a cultura veio a descrença e fortaleceram-se as tendencias de rebeldia e de revolta. No proprio clero, que a historia registra como alliado secular do throno, sangrava ainda bem fundo o golpe desfechado pelo principe na questão dos bispos. Ficavam por conseguinte na massa popular como o leito das instituições o funcionalismo publico e os politicos. Comprehende-se facilmente em que situação instavel chegam as instituições de um paiz, quando da massa popular, que é o terreno onde ellas proliferam-se, desenvolvem-se e criam raizes, desfalca-se o contingente de uma notavel maioria. Era esta a situação em que se achava a instituição monarchica em 1888. As causas de transformação, os

elementos revolucionarios, os factores do processo historico, já vinham de longa elaboração contra ellas. Então a propaganda assumio um periodo febril, destacando-se o vulto proeminente de Silva Jardim. Elle representa a maior força mental do movimento, a par de um jornal, que de alguns annos se tinha constituido como uma sentinella avançada — *O País*.

« Passemos ao detalhe dos factos:

« Silva Jardim é a organização moral mais integrada, a dedicação mais sincera, o ardor mais pronunciado pela victoria da idéa que de todo o dominou, a audacia mais requintada em affrontar as iras do preconceito, e o espirito mais affeito á propaganda, de todos quantos nella tomaram parte em sua segunda phase. Espirito rebelde, intransigente, autoritario e insubordinado, poz á causa da republica toda sua actividade, todo o seu concurso. Pouco affeito ás difficuldades da organização, para que não se sentia com as condições precisas, era entretanto um homem feito e talhado para a propaganda. Podemos mesmo dizer — della é a figura mais proeminente.

« O Dr. Silva Jardim, dizia Rangel Pestana, comprehendeu bem a disposição dos espiritos no movimento republicano e tomou a rota que lhe pareceu melhor, convidando a acompanhá-lo os que revelam a coragem de affrontar os perigos.

« A dictadura do Dr. Silva Jardim é, portanto, producto natural do meio d'onde ella brotou. Fomos todos nós que a levantámos.

« Elle é o unico homem que até hoje nos apresentou o movimento revolucionario, porque só elle tem sabido caracterisar os sentimentos nacionaes, dando-lhes pela sua energia, pelos seus trabalhos, pela sua acção intelligente e bem definida, a representação na luta com a monarchia. Reconhecer isto é ter a franqueza de proclamar a verdade.

« E' possivel que elle se enfraqueça por haver commettido o erro de exceder-se no seu rigor de concentrar a direcção,

impondo um tanto violentamente a sua autoridade e deixando claramente posta a sua dictadura.

« O enthusiasmo e a fé do moço talvez tenham inutilisado em parte o grande trabalho de preparos para o ataque ás velhas instituições, sem garantia da organização da Republica.

« E' fóra de duvida, porém, que só elle hoje reúne as condições de chefe do movimento revolucionario, ainda que o não seja do partido republicano.

« Atrás delle deviam estar os homens da organização, os espiritos directores, capazes de medir friamente o effeito de sua ousadia de agitador e de assegurar a victoria em um momento dado e de assentar em bases fortes o edificio da Republica.

« Mas... parece-me que elle é a unica vontade que vence tudo, que procura meios de acção por toda parte, e que reúne em redor de sua individualidade sympathias, enthusiasmo, admiração e confiança, esse conjuncto de factos que annunciam a elevação politica de um homem á chefia de uma revolução.

« Podeis eleger commissões, tentar reunir homens que se illudam de boa fé, que esterilisam esforços communs por cortezia, que se annullam pelas reciprocas provas de uma desnecessaria cordialidade, que se fiscalisam olhando-se de soslaio por um falso respeito á popularidade; tudo isso complicará as funcções partidarias e apresentará a agitação revolucionaria. Esta é a minha convicção.

« O Dr. Silva Jardim continuará a ser o homem da revolução onde quer que elle appareça. » ¹

De facto era assim.

O movimento republicano, que lavrara em todas as provincias no anno da abolição, já reclamava duas especies de collaboração mental: daquelles que se deviam constituir seus organisadores e dos que fossem no meio social plantar a nova idéa.

¹ F. Rangel Pestana — *Memoria Política ao Congresso Republicano Paulista*, pag. 15.

Daquelles, cuja acção se restringia á direcção intelligente do movimento, entregando-o á acção das leis evolutivas, sem quererem precipital-o nas aventuras de um golpe de audacia e daquelles que no ardor da luta appellavam para os meios radicaes, até mesmo para a revolução, convictos de que só elles correspondiam á contingencia das instituições monarchicas e ás especulações com que já se preparava o advento do terceiro reinado.

Antes, porém, de estudarmos essa dupla corrente de opiniões, que já se operava no seio do partido republicano, precisamos ver as causas e os factos que a motivaram.

Si antes da abolição, a propaganda republicana, ainda que tivesse assumido o character de uma sensível actividade, obedecia, entretanto, á influencia do desenvolvimento natural da idéa democratica, depois da promulgação da lei que operou no paiz uma radical transformação, ella precipitou-se, principalmente pela intervenção de Silva Jardim. Basta dizer que até 13 de maio se tinham organizado uns 60 clubs republicanos e desta data até dezembro de 1888 organisaram-se 80.

Sua entrada na propaganda liga-se á consulta dos vereadores de S. Borja ás outras camaras em janeiro de 1888, para que se consultasse o paiz sobre a oportunidade desde logo da destituição da monarchia pela morte de D. Pedro, visto como o herdeiro do throno era uma princeza fanatica, casada com um principe estrangeiro. Este brado de revolta, que foi acompanhado pelas camaras do Rio Grande do Sul e S. Paulo, desperta as iras do governo, que procura castigar os vereadores de S. Borja, dando logar a uma notavel polemica da imprensa sobre a legalidade da consulta. Então Silva Jardim annuncia seu primeiro *meeting* e sua primeira conferencia em Santos, em 28 de janeiro de 1883 — a *Patria em perigo*, por convite do radical republicano Francisco Lobo. ¹

¹ Ved. pagina 149 desta obra. (N. do A.)

Ahi abre elle sua campanha de propagandista, devotando então toda sua actividade á victoria da idéa, no intuito de generalisal-a pelas camadas populares. Dahi segue a percorrer cidades e villas de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, attrahindo as multidões, que o ouviam, prezas pela eloquencia, energia e convicções de sua palavra.

.....
.....
Ouviram-n'o as populações do Rio Claro, Limeira, S. Carlos do Pinhal, Campinas, Jacarehy, Pindamonhangaba, Taubaté, Guaratinguetá, Lorena, Rezende, Barra Mansa, Pirahy, Vassouras, Valença, Parahyba, Juiz de Fóra, Petropolis, Friburgo, Cantagallo, S. Fidelis, Campos, Macahé, Barra de S. João, Capivary, Rio Bonito, Itaborahy e Nictheroy, em uma excursão de 30 dias.

Por onde passou deixou o germen revolucionario.

A agitação crescia e os clubs se organisavam em toda a parte.

A nota vibrada pela palavra de Silva Jardim já echoava no norte, onde a imprensa republicana feria polemica com os órgãos dos partidos constituidos. Na capital do Imperio os esforços de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Esteves Junior, Silva Netto, Rodolpho de Abreu, Henrique Deslander, Julio Diniz, Annibal Falcão, Sá Valle, Polycarpo, Almeida Pernambuco, Julio do Carmo, Mathias Carvalho, Jeronymo Simões, Valentim Magalhães, Cyro de Azevedo e Barata Ribeiro mantinham a mesma effervescencia que grassava no interior. As instituições monarchicas e seus servidores acordavam do somno que lhes tinha trazido a victoria abolicionista e resolveram dar a primeira prova de resistencia. Ella não veio em começo por meio da suspensão de garantias dos direitos constitucionaes, como a liberdade da palavra e da imprensa, e sim por meio de uma sociedade composta de homens de côr, organizada para garantir as instituições em nome do sentimento de gratidão da raça negra pela abolição.

Era a *Guarda Negra* o órgão pelo qual o throno preparou-se para resistir contra as conquistas da propaganda republicana. Nascida na capital do Imperio, generalizou-se por todas as provincias, obedecendo em toda a parte aos mesmos principios que a tinham organizado na capital do paiz, votando o mesmo odio aos republicanos e promovendo as mesmas desordens nos auditorios que ouviam a palavra convicta dos propagandistas. A sua primeira façanha foi na conferencia que Silva Jardim fez a 30 de dezembro de 1888 no salão da Sociedade Franceza de Gymnastica, á *Travessa da Barreira*.¹

Em muitas dessas localidades deram-se episodios de maior monta, que attestavam um plano combinado para fazer esbarrar a corrente da propaganda, ainda nos rochedos tenebrosos da morte e do assassinato.

A 2 de julho de 1888 estava em Santos, quando recebeu um telegramma do Rio Claro, em que era convidado para ir até aquella cidade fazer uma conferencia.

Havia posto seu negocio em ordem, regulando as contas com seu cunhado e socio na advogacia. Este encarregara-se de certo negocio, em que recebeu, por conta de maior quantia, 1:000\$000.

Embora as condições do ajuste fossem outras, tomou de 500\$ e deu-os a Silva Jardim, levando á conta de seu concurso.

Esse já estava superexcitado, e ao receber aquelle cobre só se lembrava da Patria.

— Com este dinheiro, vou derrubar a monarchia ! exclamou.

E foi.

Havia-se traçado o seguinte plano, que mais ou menos executara :

¹ Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brazil, pags. 126 a 131.

A 4 de julho Rio Claro, a 5 Limeira, a 6 S. Carlos do Pinhal, a 7 Campinas e a 8 S. Paulo.

No Rio Claro fora recebido pelo distincto cearense Lucas do Prado, presidente do *Club* local, o mesmo que lhe telegraphára para Santos.

« Ninguém me convidou para esta empreza (campanha de propaganda) e vou pôr muita gente em difficuldade : não importa, diz Silva Jardim, farei as conferencias por minha conta e risco; e si alguém nellas soffrer, estarei a seu lado : tambem eu tenho mulher e filhos.

O que é preciso é consolidar a abolição, desviando a indignação contra a princeza e contra o throno e de um projecto de indemnisação para a aspiração á Republica : é isto que é preciso proclamar e instituir. (Memorias e viagens, paginas 99 e 100.)

Feita a conferencia em Rio Claro, seguiu para Limeira e dahi para S. Carlos, onde encontra seu velho companheiro de lides academicas, o Dr. Egas de Andrade.

A colonia italiana secunda os seus esforços e as cousas se passam no maior enthusiasmo do mundo.

Desde o anno anterior instituiram-se em Campinas, no salão do Rink, uma serie de conferencias, á frente das quaes se achava o moço academico Herculano de Freitas, já então muito chegado ao Sr. Francisco Glicerio, chefe politico daquelle districto.

Ahi se exhibiram, além dos oradores indigenas, os Srs. Saldanha Marinho, Ubaldino do Amaral, José do Patrocinio, Cyro de Azevedo, e outros.

Cabia ao passar por alli ao instituidor dessas conferencias a honra do dia, a qual declinou em favor de Silva Jardim e onde este enfrentara a seu modo a desorganisação militar, que sob a fôrma de dictadura disfarçada governava então, motivando protestos do representante do exercito, que alli se achava para agarrar pretos fugidos.

A 8, estava de volta em S. Paulo, onde conferenciou com R. Pestana e outros coreligionarios, dando conta dos

sucessos obtidos. O animo daquelle se havia já melhor conformado com este modo de fazer propaganda.

Assim é que no congresso paulista se expressara pela fórma que vimos a respeito de Silva Jardim, que considerara o homem da revolução, onde quer que appareça.

Neste mesmo congresso concluiu Silva Jardim seu notavel discurso por estas palavras:

« O momento é o mais opportuno para a instituição da republica no Brazil, é o mais adequado para a sua instituição sem grande abalo social; a nação inteira está mesmo á espera de um novo estado de cousas, sente-se nas vespervas de uma reorganisação. O partido dito conservador invade o terreno das reformas liberaes, o partido liberal arvora a bandeira da federação, que bandeira arvoraremos nós? Certo que a da republica immediata, e pois a da revolução.

Estejamos, senhores, á altura do momento historico, sejamos politicos habéis, façamos a revolução para fazer a republica, para fazer a ordem e o progresso da Patria. O perigo, em que ella se achava, de perder o regimen de liberdade e de trabalho, pela oppressão clerical e pela guerra, deve animar o nosso patriotismo para a luta victoriosa ou para o martyrio.

O periodo final, que era um compromisso, fez-me lembrar a viagem do dia seguinte.

Quanto a mim, senhores, para juntar a palavra á resolução, vos direi que estou ao vosso dispôr, quer para morrer no combate, balbuciando as esperanças de futuro, quer para no dia do triumpho entoar as acclamações da victoria. »

O Dr. Rangel Pestana, que abundara em semelhantes idéas, era de opinião que fosse e proseguisse a campanha encetada; elle mesmo, mais tarde, reservara-se o direito de *fazer um reconhecimento e organizar o partido para satisfazer os convites que tinha recebido.*¹

¹ Memorias e Viagens, pag. 110.

Assim, pois, tirada a prova da propaganda regional, o mais eminente órgão do partido republicano de S. Paulo não duvidaria em homologar o trabalho do illustre conferente, mas os restantes conservaram-se no ponto de vista evolucionista, achando que a revolução era um perigo.

Foram estes os que mais se locupletaram do acto revolucionario que eliminou a monarchia.

Tencionava Silva Jardim a 9 de julho estar em Jacarehy, 10, em Taubaté, 11 Pindamonhagaba, 12 Guaratinguetá, 13 Lorena e entrar a 14 (Festa da Bastilha) na sua provincia natal, em Rezende.

Este percurso foi apenas alterado em pontos insignificantes.

Em Guaratinguetá, Oliveira Braga, não obstante ser de politica adversa, viera prestigiar a sua chegada com a sympathia de que era alvo.

Os telegrammas vão em todas as direcções inflammando os peitos, e o orador, apesar de seus modos pacatos, apparece aos olhos do governo como um *homem perigoso*.

« Um homem perigoso! me chamavam muitos, *sorrindo*. Mais tarde a rivalidade fez com que *alguns quizessem fazer crer isso a serio, mas N'OUTRO SENTIDO.* »¹

E' escusado dizer que entre estes *alguns* não figura o illustre jornalista, cujos conceitos aponte.

Ahi, em Guaratinguetá, falla-se pela primeira vez em perturbação da ordem publica por um grupo hostile aos republicanos. Mas o tom conciliador que Silva Jardim dera ao seu discurso, provocando applausos á direita e á esquerda, sitiando o tal grupo, impediu-o de fazer qualquer motim.

Comprehende-se que tantas conferencias sobre um mesmo thema não podiam differenciar muito umas das outras.

« Em geral, diz Silva Jardim, ellas eram todas mais ou menos identicas, pois que os auditorios eram differentes, o assumpto o mesmo, e não havia razão para que não

¹ Memorias e Viagens, pag. 120. O grifo é meu.

repetisse os argumentos que haviam produzido impressão; soffriam, porém, a adaptação aos logares e ás circumstancias, sendo a fôrma sempre improvisada. Nunca esquecia as recordações locais, e as referencias que mais pudessem agradar, inclusive as grandezas da povoação. Um rio, um edificio notavel, serviam-me ás vezes de base para uma imagem. Em regra, porém, eu mostrava as forças e as tradições do nosso partido, demonstrava o atraso e a inutilidade da fôrma monarchica, desenvolvia as vantagens do regimen republicano, analysava a Constituição Política, mostrando como o Poder Moderador absorvia todos os outros, descrevia o estado do paiz, em linhas geraes, mas precisas, a politica da casa de Bragança, os perigos do terceiro reinado, o estado de saude do Imperador, incapaz de governar, a inaptidão da Princeza Regente, as pessimas qualidades de seu marido; citava os testemunhos dos estadistas brasileiros contra o throno; enfim, demonstrava a incompatibilidade do regimen monarchico com o sentimento do paiz, americano, e pois fadado para a republica.

Não descia, porém, a detalhes quanto á organização desta: era questão para mais tarde. Pedia, porém, a descentralisação, a separação da Igreja e do Estado, etc. Essas conferencias eram resumidas pelos jornaes; e a que fiz no Rio de Janeiro, *A Republica no Brazil*, é, por assim dizer, a summa de tudo quanto nellas disse.»¹

Póde-se juntar a tudo isso uma forte dóse de positivismo ou ao menos uma pura intenção de applicar ao nosso caso as idéas de Augusto Comte.

Interpellado sobre este ponto, elle refere ao seu confrade e discipulo, o Sr. J. F. de Paula Costa, que reserva-se o direito de applicar a doutrina á situação actual do paiz, realizando-a quanto póde pessoalmente. Não tem preocupações philosophicas nem religiosas, acceita, todavia, a obra do mestre.

¹ Memorias e viagens, pags. 121 e 122.

Segue, pois, a mesma linha anterior, com uma ligeira attenuação. *E' preciso ser mais tolerante.*¹

Neste ponto elle nada tem de commum com a direcção do *Apostolado Positivista do Brazil*.

Debalde se busca na obra do Sr. Teixeira Mendes, 1º volume, uma referencia ao que em geral passa por ser um dos factores da Republica ao lado de Benjamin Constant e do marechal Deodoro e outros.

A intolerancia, porém, chega ao ponto, por motivos bem faceis de prever, de, em uma *Nota* de Annibal Falcão sobre a proclamação da republica, inserta nas Peças Justificativas do *Esboço de uma apreciação sintética da vida e obra do Fundador da Republica Brasileira* «dever prevenir ao leitor que esse demagogo foi apenas um dos órgãos mais condemnaveis de uma agitação demolidora, totalmente desnecessaria ao advento da republica no Brazil», (Benjamin Constant, 2º volume, pag. 226. *Nota!*)

Silva Jardim pertencera ao Centro Positivista do Rio de Janeiro, como membro do filial de S. Paulo e desligou-se, como se disse, por uma questão que elle se apressou em tornar publica em uma *circular*, sob o titulo *Explicações necessarias*, datada de 25 de Moysés de 100 (25 de janeiro de 1888), poucos dias antes de encetar a campanha de um propagandista.

A este respeito refere o Sr. Valentim Magalhães:

«Com o estudo e a pratica das doutrinas positivistas ganhou immenso o espirito de Silva Jardim em vigor e methodo de trabalho, lucidez de analyse, calma de investigação, logica de raciocinio e firmeza de convencimento, além de que ellas só concorreram para nelle profundamente se radicarem e solidificarem as suas idéas politicas e sociaes.

¹ Obra citada, pag. 123. O gripho é meu.

Subjugado ao código de Lippe da igreja de que o Sr. Miguel Lemos é cardeal, acarneirado a esse regimen monastico de cilícios moraes e de jejuns intellectuaes, Silva Jardim teria sido um grande sabio, talvez mesmo um santo; mas não prestaria nunca ao seu paiz os enormes serviços de que lhe é elle devedor confesso.

Uma vez emancipado daquella tutoria feroz, elle, sem renegar suas idéas, sem maldizer seus chefes e companheiros, sem deixar de ser um discipulo de Comte, entrou a ser aquillo de que mais precisava a Patria — um sementeiro de idéas, um agitador de opiniões, um elemento poderoso da dynamica politico-social.

Comprehendeu que a propaganda já não era para ser feita no recolhimento do gabinete, em conferencias doutrina-rias a que só os iniciados assistem, entre as quatro paredes de um *Centro*, ou em folhetinhos seccos, dogmaticos, redigidos em linguagem cathedratica e orthographia hilariante — especie de frascinhos de « extracto de carne »... mental, muito alimenticios sem duvida, mas muito menos appeteciveis do que um bello *roast-beef* macio e sangrento.

Comprehendeu que era preciso proselytar entre as classes médias e inferiores; que nas superiores a propaganda era ociosa, porque não era a falta de convicção que as estagnava, mais sim o interesse, e que para aquella arriscada e patriotica empreza só de duas cousas se havia mister — convicção e coragem. »

O Sr. Teixeira Mendes diz na sua: « Não á dever mais arduo do que o de julgar os omens! Tão arduo é ele, que o Mestre sublime, o fundador dessa Religião de cuja vitoria final Benjamin Constant estava tão certo como da inconcussibilidade das concepções jeometricas, Augusto Comte, proclamou constituir tal dever a mais difficil das funções sacerdotaes.

« Os nossos atos dependen de nossas cualidades intrinsecas, da educação que recebemos, das vantajens que encontramos no Mundo, das circumstancias sociaes en que

nos desenvolvemos, da oportunidade, que se nos depara, de manifestar-nos no correr da vida..... Contemplai a mais obscura das ezistencias; pensai en todos esses coeficientes; e quantas vezes não ficareis perplexo interrogando-vos sobre o valor real dos omens!

« Dizei-nos o que não serão tantos e tantos que ali vemos, arrastando uma vida ingloria, si porventura nos fosse dado proporcionar-lhes os ensejos que tiverão a felicidade de encontrar aqueles que constituen o objeto do nosso justo reconhecimento...

« Pois ben! desses elementos, á um que sobrepua a todos: é a morte; porque só ella ten a irrevocabilidade da Fatalidade, como o proclama uma das mais profundas sentenças de Clotilde de Vaux, a ecelsa Inspiradora da Religião da Umanidade. Só a morte nos permite formar um juizo definitivo sobre cada ezistencia umana; mas tamben quantas vezes uma morte prematura não determina que as grandes cualidades de uma alma passem despercebidas! » (Benjamin Constant. 1º vol. Biographia, pags. 467 e 468.)

E foi inspirado em tão justos conceitos que o vice-presidente do Apostolado Positivista do Brazil julgou, depois de *uma morte prematura*, o seu ex-confrade Antonio da Silva Jardim.

O Sr. Teixeira Mendes, apesar de todo zelo social de que está possuido e toda irrevocabilidade fatal de seu julgamento, perdeu uma boa occasião, perante os seus contemporaneos, de se conservar calado e mostrar-se mais tolerante!

Ah! o ódio religioso!!!...

O sentimento que impulsionou tal pensamento justifica plenamente a anterior apreciação do Sr. V. Magalhães sobre o Sr. Miguel Lemos e sua igreja, comparando mal, já se vê.

Na tarde de 14 de julho saudava elle a provincia natal ao atravessar a divisa que separa o Rio de Janeiro de

S. Paulo. A primeira parte do programma estava cumprida escrupulosamente. A segunda capitulava desta sorte: a 15 em Barra Mansa, a 16 na Barra do Pirahy, a 17 em Vassouras, a 18 Valença, a 19 Parahyba do Sul, a 20 Juiz de fóra (Minas), a 21 Petropolis e a 22 Rio de Janeiro, onde pretendia descansar um pouco e seguir pelo norte desta provincia.

Na Barra do Pirahy, em Vassouras, como em Valença e Parahyba do Sul, deram-se conflictos e perturbações, que bem revelavam a intenção de impedir pelos meios violentos a acção da propaganda.

Silva Jardim bem o comprehendeu e revestiu-se da maior calma para affrontar os perigos.

Fôra coadjuvado nessas localidades pelos Srs. coronel Lindolpho, commendador Benjamin de Salles Pinheiro, Drs. João Barcellos, Torquato Villares e major Teixeira Leite, Dr. Sebastião de Lacerda, barão de Palmeiras, Martinho Campos Filho e muitos outros coreligionarios.

Em Valença, dous libertos mal intencionados obstaram-lhe a passagem ao sahir do theatro, reclamando a intervenção do commendador Pinheiro.

— Que é isto, rapazes? Dão licença...

E passaram adiante. Na Parahyba passaram da ameaça ao ataque. Fallava Silva Jardim em um salão de um sobrado, quando foi interrompido da rua; não deu importancia a essas interrupções, continuou; atiraram a primeira pedra, que bateu contra a vidraça da janella que lhe ficava ás costas; abriu essa e a outra mais, entre as quaes estava collocada a tribuna, e o seu vulto destacou-se erecto e ameaçador aos olhos dos sitiantes, que o viam por detrás, proseguindo desassombrado na prédicta republicana.

Recrudesceu o ataque; a casa foi horripelmente apedrejada, e o conferente obrigado a ir terminar o discurso na residencia do Dr. Macario Figueira de Mello, que dizia, referindo-se aos coreligionarios conservadores:

— *Canalhas! miseraveis...*

Estava triumphante no poder o gabinete 9 de março, e já passava pela mente do Sr. João Alfredo a *guarda negra*, primogenita filha de sua dedicação ao throno imperial.

Assoalhava-se entre os libertos do interior que a republica vinha reescravisal-os e que Silva Jardim era pago pelos fazendeiros para derrubar a princeza e quejandos.

Era, pois, a monarchia quem excitava á revolução.

« Quanto á minha pessoa, escrevia elle ao Dr. Pessanha, a luta começa a tornar-se sombria, mais proxima do apostolado possivel do martyrio, que do triumpho politico; mas isso não me preocupa. Que fazer? Toda a existencia é cercada de um certo conjunto de fatalidades; e antes morrer assim, mesmo sendo lapidado como Santo Estevam, como parecem pretender estes infieis, do que ingloria e indignamente esticar a cannella na burgueza pacatez de um estomago bem conservado. »

Em Juiz de Fóra o apparato da resistencia toma um caracter diverso e quiçá bem ridiculo.

Estava reservada á cidade mineira a gloria desse espectáculo, que aliás attesta o ardor eleitoral dos partidos naquella provincia, o que ainda hoje constitue um titulo de honra popular.

« A conferencia foi interrompida por apartes calorosos entre liberaes e conservadores, que já ameaçam engalfinhar-se visitando-se respectivamente os costados com as cadeiras á mão. Vendo ser impossivel contel-os, e que muitos galgavam o tablado, d'onde fallava, sentei-me serenamente n'uma poltrona, em pleno publico, e tomei a attitude da espera. Cobrem-me olhares de surpresa: espero que os senhores acabem de brigar, para proseguir. » (*Memorias e viagens, pags. 156 e 157.*)

E continuou a fallar por espaço de tres longas horas, tomando a conferencia esse character parlamentar da discussão e apartes apropriado da propaganda republicana aqui no Sul, e, para bem dizer, admittido em pleno dia por

Lopes Trovão, a quem podia faltar o folego oratorio, mas que anciava pelo momento para externar a réplica eloquente.

Havia occasiões nas suas primeiras conferencias do Gymnasio, em 1873, a que já alludi, em que diversos *oravam*, tal era a extensão dos apartes, e a todos dava elle resposta cabal.

Negando Silva Jardim que o conde d'Eu merecesse o epitheto de bravo, e narrando, segundo informação que tivera, a simplicidade do combate de *Perrrrribebuhy*, interrompe-o o delegado de policia:

— Quanto a isso, não apoiado; lá estive e vi como Sua Alteza se portou.

— Onde estava, *sua alteza*?

— Como general, estava na retaguarda do acampamento, responde a autoridade victoriosa.

— Olhe, cidadão, ponha-me na retaguarda de um acampamento, replicou Silva Jardim, e colloque-se o senhor na frente a fazer bravuras, que eu lhe mostro como me porto valentemente no combate. » (Obra citada.)

O resultado foi um accesso de riso, difficil de dominar.

Em Petropolis foi recebido pelo major Cesar e o pharmaceutico Eugenio, travando em seguida conhecimento com o Dr. Porciuncula. No dia 24 realizava no Cassino uma conferencia, nesse *mesmo salão em que a princeza realizava os seus concertos classicos*, assistindo um publico selecto de senhoras e cavalheiros de diversas nacionalidades.

Sob o mesmo ponto de vista tanto é ousadia seguir o conde em sua excursão ás provincias do norte, embarcando no mesmo vapor, como vir conferenciar na residencia de verão do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Petropolis era, porém, um paiz conquistado para a Republica, e si no tempo do imperio tornava-se notavel pela preferencia que lhe dava o monarcha para sua residencia, hoje não descahiu como séde do governo do Estado e a primeira entre as cidades deste.

Lá onde o Piabanha as terras banha
E a noite da montanha baixa cedo
E o dia surge tarde da montanha,
N'um solo de rochedo
Jaz a cidade de belleza estranha! ¹

Aqui havia o Dr. Porciuncula tirado a prova ao eleitorado.

Mandado á assembléa provincial com o concurso liberal e sendo obrigado a enfrentar as questões politicas, como republicano que era desde os bancos academicos, teve de renunciar ao mandato, pedindo a sua reeleição, em circular, o que conseguiu com o applauso geral do partido e admiração dos monarchistas, que viam a cidade imperial *assoberbada pela avalanche republicana*. ²

A sua vaidade ganhava alentos e era-lhe grato, antes de *proseguir* pelo norte do Rio de Janeiro, saber Silva Jardim a impressão que a sua marcha triumphal causava na còrte.

Para alli se dirigiu a 25, indo hospedar-se com seu amigo Valentim Magalhães.

«Eis aqui o caminho que foi da casa paterna. Ha meia hora que nelle marchou. Sahi da villa, onde passei parte da infancia, e vim visitar esta casa. Atravesssei os correços e os banhados pantanosos, em que as arvores são pobres de seiva, e agora penetrei neste pedaço de matta. E' manhã, cedo, e o sol levanta no horisonte os seus raios de fim de julho, doces, mas já quentes. O cavallo, comprehendendo-me, marcha vagaroso, e de tempo a tempo firmo-me no estribo esquerdo, pendendo para elle o corpo, e abandonando o direito na attitude do descanso,

¹ Petropolis, *Quadros Naturaes*, por José Leão, inédito.

² Felisbello Freire.

a meditar. Estou só, e não espero encontrar semblante conhecido na casa que foi paterna.

Cheguei ante-hontem á villa saudosa. Venho de muito longe; e, embora tivesse descansado na capital, a viagem seguinte fatigou-me ainda. Trago recordações das dificuldades e dos triumphos; em Friburgo, onde entrei só, sem um rosto amigo a reconhecer-me, fui eu mesmo quem deu os passos para obter o local do meu discurso, quem obteve as cadeiras, quem tudo preparou; physionomias indifferentes ou afastam-se, ou limitam-se a indicações vagas; se bem que em Cantagallo, Padua, S. Fidelis, Campos, Macahé e Barra o acolhimento fosse sempre festivo, com as ligeiras alternativas de má vontade dos adversarios, compensada pelo enthusiasmo dos amigos.

Não me queixo, nem me orgulho; si o insuccesso é devido ás vezes á falta de partidarios, o successo é quasi só a estes devido. Comtudo, mesmo na villa suissa, minha palavra obteve adhesões, terminaram em expansões de sympathia, e em casa daquelle alegre major Augusto de Castro delineou-se o nosso gremio. Cantagallo apresentou-me Baptista Lapér, honrado medico e fazendeiro, velho e intransigente republicano, e Damasceno Vieira, advogado liberal e jornalista, mas muito nosso camarada; os apartes do talentoso Dr. Miguel Carvalho, e o seu discurso subsequente, pedindo ao seu partido não se pronunciasse antes de ouvir a palavra do seu chefe o conselheiro Paulino, não puderam destruir o effeito produzido. A Padua fui de passeio, entre a hora da chegada de um trem e a de partida de um outro, n'um entroncamento; mas Ernesto Coelho, companheiro de infancia, Gomes de Souza, ardente coreligionario, e outros, contiveram-me, obrigando-me a fallar ao povo.

Em S. Fidelis, Virgilio Pessoa organisa a manifestação republicana, e, embora ameaçada, a conferencia corre applaudida pelos mesmos libertos, que me dão razão contra um antigo abolicionista; porque eu, pergunto-lhes com elo-

quencia, e respondendo-lhes presto, que regimen é mais liberal, si aquelle em que uma familia privilegiada fecha o horizonte ao povo, ou aquelle em que o ultimo preto, homem escravo, póde sentar-se na cadeira presidencial, desde que seja honrado, intelligente e bom? E no dia seguinte a festa do *Club dos Aventureiros* eleva-me novamente á doutrinação enthusiastica, applaudida pela multidão, depois de ter ouvido Laurindo Pitta, que fez nome em S. Paulo, que presidio a provincia do Espirito-Santo, e agora anima aqui o partido.

Estou ainda cheio de recordações de Campos, a cidade livre por excellencia, na minha terra. Cheguei a ella, tendo tomado o Parahyba em S. Fidelis. Que belleza de margens! A agua, por vezes còr de barro, rola por ahi além, emquanto o vapor me conduz proximo á ribanceira, cuja florescencia exuberante contemplo. E agora, como é formosa a cidade, que parece inclinar-se de uma elevação para o rio! E depois, quando, ao braço de Pedro Tavares, um character de ferro, um espirito intransigente, quasi intolerante, um velho trabalhador de todas as liberdades, embora moço em idade, quando entro na cidade, e vejo as ruas modernas, os edificios regulares, os theatros, a illuminação á electricidade, que derrama pelas suas noites um clarão de luar, quando lhe vejo o commercio activo, e, tomando um ramal, visito-lhe as plantações de canna, em que os engenhos se succedem n'uma divisão de pequena propriedade, não me admiro da recepção triumphal que me foi feita, nem das ovações das conferencias de duas noites seguidas, em que o recinto do theatro foi pequeno para conter os espectadores, e em que nas ruas que levavam ao meu hotel colleava um novo Parahyba, agora humano, que viera de longe engrossando, e que aqui rebentava em vagas de applausos á boa nova republicana.

Dahi sahira, sentindo não ver Nilo Peçanha, ausente, e despedindo-me de Francisco Portella, de Pedro Tavares, de Sá Freire, redactor da *Gazeta do Povo*, e dé muitos

outros, e dirigira-me a Macahé. Antes porém conversara com Carlos de Lacerda, o trabalhador abolicionista, que me visitara. Diziam que os libertos pretendiam matar-me, e elle se me apresentara, como no *meeting*, garantindo todos os seus esforços no sentido da ordem. Naquelle mesmo theatro, pouco tempo antes, o abolicionismo vira scenas de sangue.

Macahé recebera-me com o prazer da presença de Francisco Peçanha, o meu camarada de collegio, em Nitheroy, quando, tendo partido desta casa de que me approximo, eu entrei para a direcção do velho professor Honorato de Carvalho e de seu filho Felisberto. Como, depois da conferencia, levemente interrompida por um monarchista, que confessou não conhecer a constituição do imperio, e que o publico declarou não querer ouvir, como nos recordámos dos tempos da nossa juventude! daquella casa onde, longe dos meus, eu quasi morrera de variola, tratado com carinho paterno pelo velho mestre, e dos nossos estudos com os professores Silva Pontes e Sampaio Correia, e depois, no mosteiro de S. Bento, desde a aula de religião de Frei Bento Cortez, o calmo secretario, até a de Frei Santa Catharina Furtado, o latinista pachorrento, passando pela de Frei Lourenço, feroz deante de uma syllaba; ao longo do claustro, aturando os bedéis, conversando com Clovis Bevilacqua e Pedreira Franco, planeando o *Labarum*, e atravessando, de volta á tarde, a bahia, na consciencia tranquillada da lição sabida e na anciedade do estomago de rapazes, desejosos de satisfazer-se na frugal refeição de estudantes!

Foi por aqui que eu passei para lá chegar, por este caminho da casa paterna, que vou visitar. E' uma peregrinação quasi religiosa esta. Vim da Barra de S. João, onde tambem orei, e depois margeei a Lagôa de Juturnahyba. Hontem vi a villa, onde ainda discurssei, com o auxilio de Carlos Haffeld e de Pinto de Figueiredo, os velhos amigos; a villa onde meu pai teve a segunda escola; porque a primeira foi alli, naquelle pedaço de terra que já daqui diviso,

escura, na casa da fazenda primitiva, que foi destruida, e que só mostra os tristes alicerces nús.

Passei por ella, pela escola: como eram diferentes os meninos! e o professor era tão outro! As ruas são sempre as mesmas; mas ha agora estação de estrada de ferro. A igreja, porém, não mudou; ao vê-la, no alto, branca, as andorinhas a esvoaçarem-lhe em torno da cruz, com o seu pobre campanario ao lado, afigurou-se-me que o padre, já fallecido, o vigario Freitas, de physionomia intelligente e respeitavel, nobre e severo aspecto, entrava pela porta da sacristia, vestia-se, e ia ao altar dizer missa, ajudado por mim! E ainda aos meus ouvidos estavam as suas palavras, quando, voltado ao povo, nos dias de festa, coberto o altar de incenso, dizia através dos seus oculos, que brilhavam: — *Orate Frates!* ou *Dominus Vobiscum!* — *Et cum spiritu tuo!* respondia-lhe o côro de musicos, que vinham de longe juntar-se á banda local nos dias de festa.

O cemiterio é o mesmo; lá no alto, repousa minha avó, mãe de minha mãe, e minha mãe outra, como a chamava. Não tenho idéas que bem me lembrem todo o seu e o meu amor. Mas esta recordação do cemiterio leva-me a bem longe; ao alto da Consolação, em S. Paulo, onde a minha Clotilde, olhar fanado, tez marmorea, corpo de anjinho, penetrou uma tarde no seio da Terra, porque era muito boa para os homens... Ha mortos no meu coração; mas ha vivos tambem; e a imagem dos dous rapazes, o Antonico, de olhar brilhante e vivo, moreno, sempre em movimento, e do Danton, louro, roseo, gordo e tranquillo, fazem-me o sorriso no espirito, enquanto o cavallo segue a passo, inclinado o meu corpo ao lado esquerdo, nesta attitude de repouso e de meditação.

— Oh! da casa! gritei á porta.

— Entre!

Não entrei, não tive animo.

Com o olhar timido lancei vista ligeira a tudo; aquelle quarto, o das minhas férias, em que a imagem della,

da minha amada, apparecia-me como um doce tormento chamando-me á aspiração de um nome para possuil-a, alli, o quarto materno, de minha mãe, a figura alta, magra, morena, seu cabello negro como aza de nambú, dividido ao meio, seu aspecto bom, grave, cuidando de tudo, um sorriso descuidado de coragem, um olhar de observação e de emenda; noites perdidas na dôr dos filhos doentes ou moribundos, momentos de alegria em unica paga que bem lhe bastavam... minha mãe! Tudo aqui falla della: este regato, em que a vi dirigir e mesmo fazer o serviço da rouparia; este fogão, de que a vi tanto approximar-se, e a voz severa de meu pai a dizer-nos a lição, e a voz infantil de minha irmã a esboçar o colloquio com a sua boneca. Não entrei. Não tive animo.

— Obrigado, até mais ver, respondo ao habitante admirado, que me offerecia o descanso, e a sua chavena de café. E volto, lançando o olhar a estes morros, que me circumdam, este, de floresta virgem, onde os animaes bravios roncavam com ameaça, este outro, de cafezal, que o corria baixo a cima, como carapinha de preto, e que pegou fogo; este outro, abandonado... e alli, n'um canto, d'onde se levanta ao céu pardacento uma nuvem de fumo, a casa de sapê do portuguez Sapucaia, que tirara o nome do sitio, onde a velha sapucaieira erguia-se magestosa, a casa do meu compadre, para onde eu fugia em pequenino, a descansar no regaço das moças, e para onde mais tarde me dirigia a ouvir-lhe historias que lêra no *Lunario Perpetuo*.

Vai, peregrino! Segue teu caminho através da vida! Segue teu destino, que todos o teem! Olha: a trajetória das existencias está de antemão idealmente traçada, por leis eternas, naturaes, mas que jámais o homem conhecerá! Feliz de ti, peregrino, si te guiares bem, de modo a tirar dessa linha as asperezas do mal, na curva dos teus esforços para attingir feliz o ponto extremo, ou nas quebradas

que teus erros traçarem na dura lição da experiencia! Vai, peregrino, segue tua linha, embora de tempos a tempos pares no caminho, como agora, só e constricto deante da natureza e do passado, a pensar no futuro, a ligar tua existencia á dos bons, e a procurar o meio melhor de suavisar a dureza da trajetória do teu destino!

No dia seguinte estava no Rio Bonito. Ahi conferenciei, com o apoio de Alves Vianna. Como a terra era proxima da minha, e como ahi os meus haviam tambem vivido, foram-me sensiveis as tentativas de perturbação do meu discurso. O Dr. Durval Mesquita, não ainda republicano, mas nosso sympathico, estava a meu lado, no incidente, aliás sem importancia.

Depois cheguei a Nictheroy, onde fallei com exito. Com o auxilio de Limpo de Abreu, velho combatente, de Carr Ribeiro e de outros, Alberto Torres organisara o nosso partido. Voltei em companhia deste a Itaborahy, que recebeu com festa a propaganda republicana; Ribeiro de Mendonça, Fidelis Alves e outros foram ahi nossos auxiliares.

— E agora? perguntava-me Alberto Torres, no trem, depois de narrar-lhe resumidamente as impressões de toda a viagem.

— Estou resolvido a dar combate ao Rio de Janeiro. Pretendo voltar a Santos, trazer a familia, e assestar bateria diante de S. Christovão...

Apertou-me a mão, e nossos olhos luziram de esperanza.

Em outra parte já referi-me a essas paginas sentidas e que aqui reproduzo como tributo á terra nativa e prova de exuberancia daquelle grande coração de patriota.

Silva Jardim da primeira vez que estivera no Rio de Janeiro procurara relacionar-se com os coreligionarios e de volta dessa 2ª excursão offereceram-lhe alguns destes um banquete no hotel do Globo, presidido pelo Dr. Saldanha Marinho.

Por essa occasião discutio-se a ida á Parahyba do Sul para realizar uma nova conferencia, e julgou-se inutil o sacrificio da vida, visto como fallava-se em reacção e mesmo em morte.

Até então todos estavam accordes em fazer a propaganda, mesmo segundo o tom que lhe imprimio Silva Jardim. Por sua vez, o Sr. Quintino, Cyro de Azevedo, Nilo Pessanha, Alberto Torres e outros haviam realizado conferencias republicanas pelo interior, com successo.

Havia uma grande excitação, principalmente oriunda das rebelliões militares.

Quem estivesse ao corrente dos factos, antevia a republica em poucos annos. Os mais dedicados servidores do Sr. D. Pedro II appellavam para a morte deste para aceitarem a revolução.

Moralmente sabia-se que o homem era um *corpo morto*. Governava-se em seu nome e até suppunha-se haver quem assignasse os despachos, falsificando-se o *garrancho imperial*, tão facil de ser imitado!

O medico do paço regulava as horas da audiencia e decidia, em nome da hygiene, dos casos politicos, si não das mais complicadas questões sociaes. Em torno dessa impunitabilidade reinava a oligarchia mais desbragada dos ministros e senadores, das damas de honra e dos famulos de S. Christovão.

O conde não se apresentava de frente, mas dizia-se amigo dos liberaes e tecia a intriga para ser chamado este partido ao poder. O partido conservador, feita a abolição, já se sentia fraco, pela poeira que havia levantado e pela grita dos republicanos.

Removido pelo Sr. F. Belisario para a thesouraria de Fazenda do Ceará, pelo facto de ser *abolicionista*, já na interinidade da princeza, e negando-se-me os meios de transporte, não segui, sendo obrigado a cuidar da subsistencia propria e da familia.

Não podendo exercer nenhuma industria ou profissão, para não dar logar a ser demittido, recorri ao ensino, que para muitos é a melhor das industrias e para mim a mais nobre das profissões, isto depois de haver perante o Sr. João Alfredo recorrido do despacho que me removeu e esse ter confirmado essa indigna sentença. Agora, já não era por ser abolicionista, e sim *republicano*, que se me perseguia, juntando-se a aggravante, em face do 3º reinado, de ser reconhecidamente *atheu* ou *positivista* no sentido em que vulgarmente empregam este qualificativo.

Institui um collegio em Santa Theresa, na rua Aprazivel n. 13, onde veio me encontrar Silva Jardim, meu antigo companheiro de trabalhos, como referi. Morando alli perto, convidei-o a leccionar a aula de historia patria, realizando algumas prelecções com aquelle ardor e proficiencia que eram caracteristicos de seu brilhante temperamento.

O collegio era accentuadamente republicano e em honra dos meus constituintes devo dizer que nenhum recuou diante desta declaração, que precedia á matricula, e portanto ao recebimento de qualquer paga, declarando, ao contrario, que quando os filhos fossem homens, outro não era, com certeza, o systema do governo adoptado.

Folgo de referir entre parenthesis que muitos desses alumnos tomaram armas na ultima revolta em favor da legalidade e para maxima satisfação de seu ex-director. E' grato, entre outros, consignar os nomes de Eduardo de Abreu, Celestino Quintanilha e Carlos F. Crockatt de Sá.

A pedido de Silva Jardim recebi, no character de professor primario, o seu futuro secretario, Luiz Pires, moço pobre e que lutava pela vida, sacrificando-a muitas vezes por amor da propaganda.

Resolvido mais a entregar-se á advocacia do que ao ensino, dirigio, todavia, uma circular impressa aos amigos politicos, recommendando o meu estabelecimento e alli ia muitas vezes communicar-me os seus planos revolucionarios e referir factos da propaganda.

A redacção do *Correio do Povo* era um ponto obrigatorio de palestras, além do *Escriptorio* em commum com o Dr. Sá Valle.

Pela convivencia ao lado do velho chefe, foi Silva Jardim se convencendo que a actual situação requeria outra direcção mais energica.

A propaganda official fazia-se pela *columna republicana* do *Pais*, como mais tarde se fez pelas do *Diario* e *Gazeta de Noticias*.

Isto que se evidenciava aos olhos deile não passava despercebido aos dos outros e para logo, cada um por sua vez, entre os que mais tomavam a peito a prédica da republica, imaginou substituir-se ao chefe que o tempo e outras circumstancias haviam consagrado como tal.

Dessas pretensões desencontradas nasceu a convocação do congresso em 1888.

A commissão directora, onde foram contemplados alguns desses candidatos á chefia, não foi bastante e convocou-se uma segunda reunião em S. Paulo para decidir essa *questão de hyssope*.

Esses congressos republicanos de quasi nada valiam, attentas as formas electivas sobre que se baseavam. Eram uma inoffensiva ostentação da força, um simulacro artificial de organização, levados a effeito, sobretudo, para se fazer crer aos outros partidos que o republicano tambem tinha os seus *medalhões*.

Por isso mesmo nenhuma influencia exerciam sobre a propaganda; esta fazia-se pelo esforço individual, sem coordenação possivel, em uma época de completa desorganização social.

A unica theoria em circulação era a regeneração, segundo os principios de A. Comte, já orthodoxa e systema-

ticamente propagada pelo Apostolado Positivista do Brazil na sua capella da Humanidade, já pelos adherentes a esses principios, que em diversas épocas se haviam afastado systematicamente da religião...

Esse grupo expandia-se no *Grito do Povo*, onde, em forma de pamphleto, se fazia a autopsia das instituições.

Annibal Falcão era a cabeça directora. Collaboravam com o mesmo ardor os Drs. Teixeira de Souza e Julio Diniz. Essa trindade homogenea influenciara definitivamente em Silva Jardim.

As condições psicologicas em que se achava contribuíram em grande parte para esses resultados.

Elle tambem era um *desertor* e folgava de encontrar homens de um talento superior e escudados nas mesmas doutrinas, com quem se harmonisasse perfeitamente. Para logo deixou-se influenciar por esse grupo, que mantinha intactos os odios democraticos e eis ahi o motivo principal da scisão contra a grei federalista, de que era chefe o Sr. Quintino Bocayuva.

Accrescia que a doutrina propagada era mais organica do que a esteril democracia.

A rivalidade proveniente da pretensa aspiração á chefia dividio, por sua vez, os mais conspicuos membros do partido, máo grado a offensa que resaltava de toda essa elaboração de projectos conspiratorios contra a memoria veneranda do illustre democrata ¹

Silva Jardim não estava extreme dessa tentação.

Procurava o mais possivel attrahir sobre si a attenção publica e ousou fazer uma conferencia na chegada do Sr. D. Pedro II da Europa e em que arrostando com a capangagem policial.

Por outras vezes aceitou a incumbencia de defender o *descanso aos domingos* e tornou-se o orgão dos *caixeiros*, que pleiteavam contra os *patrões*.

¹ Discussão entre Quintino e Aristides:

O seu discurso, baseado sobre o principio fundamental da obediencia dos fracos para com os fortes e da protecção dos fortes pelos fracos, como doutrina nova entre empregados e patrões, estranhos á politica positiva, produziu uma bella impressão na classe caixeiral, porque, em conclusão, pedia o repouso, consagrado em todas as religiões, de um só dia ao termino da semana de trabalho.

Dahi por diante suas conferencias eram assistidas por esse ramo commercial, bastante numeroso e convicto da supremacia de suas doutrinas.

Outrotanto fez em relação a uma questão de *aguas*, que escandeceu aos proprietarios e capitalistas. Consequia assim ter de seu lado patrões e caixeiros, senhores de predios e inquilinos, toda população, emfim, balda de preconceitos monarchicos.

Entendia que era preciso *romper a onda*, ou *melhor*, *mover esta besta* que chamavam de povo e que só existe como figura de rhetorica.

Foi nesse intuito que planejou a viagem ao Norte por todos nós aconselhada como a suprema prova. Não houve, como no geral se pensa, coincidencia nesta partida, ella devia ser tentada como o supremo esforço em prol da chefia, que corajosamente elle assumira depois de consummados certos factos.

Um chefe revolucionario deve conhecer o momento opportuno de acção e tudo empregar para ganhar prestigio na opinião publica.

Era preciso que não se puzesse em duvida a sua coragem, e elle previa o successo como se determina um phenomeno astronomico. Emquanto elle assim se sacrificava por uma idéa, o que faziam os seus rivaes, de posse da direcção official do partido? Deitavam manifestos prenhes de promessas consoladoras no futuro da propaganda.

Um acto de tal ordem nada perde por ser premeditado; já o disse, em Silva Jardim, tudo era medido e estudado nos seus mais remotos effeitos.

Não encontrando na arena com quem combater, porque compungia-lhe a alma ir degladiar-se contra os *isabelistas* que outr'ora foram republicanos, tomou para thema de suas discussões os discursos proferidos na camara dos deputados pelo Sr. Joaquim Nabuco e abriu uma série de conferencias para responder áquella que elle julgava ser a unica força viva que se erguia em favor da instituição agonisante da monarchia.

Por esse tempo já se tinha organizado a celebre *guarda negra*, a quem o Sr. João Alfredo, sem o menor estatuto, confiou a missão de zelar pelas pessoas inviolaveis da familia imperial.

« A *guarda negra* era, pois, a expressão da reacção monarchica.

O movimento republicano já tinha conquistado bastante terreno para a monarchia não permanecer na indifferença da vaidade do Sr. João Alfredo, na phrase atirada ao partido republicano — cresça e appareça. Aos olhos dos republicanos a resistencia era uma realidade. Compreenderam então que a luta no terreno material ia começar. A situação moral das instituições e a indifferença de que ella era objecto no coração do povo, do qual já se tinha desfalcado uma não pequena somma de concurso e de apoio que francamente já convergia para a republica, não deixava de ser perigosa e fraca em face do recurso de uma guarda composta de libertos e assalariados, que affrontavam a propaganda sob a suggestão de um sentimento de gratidão e reconhecimento. Sem offerecer apoio moral nem mental, não passaria de um contingente transitorio, e que só servio para salientar o plano de decadencia a que já tinham chegado as instituições. E esse signal da reacção monarchica, que chegou ao extremo de um edital da policia prohibindo vivas á republica e reuniões republicanas, plantou nos arraiaes da propaganda uma dualidade de opinião ácerca do processo que devia ella seguir, — si pelos meios radicaes, sem retroceder nem mesmo da luta material, si pelos processos brandos e

convincentes. Um grupo e não pequeno do partido aceitou a primeira orientação. »¹

O congresso de 9 de outubro de 1883 não resolvera o caso para que effectivamente fôra convocado.

Os Srs. Saldanha e Quintino aconselharam a *maior prudencia e cautela nos meios e processos a empregar*. Era a condemnação tacita da conducta seguida por Silva Jardim.

Assim é que nas ultimas conferencias em resposta a Joaquim Nabuco, estava como que entregue ás inspirações proprias e realizou-as independente do apoio da commissão directora, si não contra o expresso voto de seus principaes órgãos.

« No momento em que discutia a questão da immigração chinesa, combatendo-a, Luiz Pires, sempre attento, grita:

— Ahi veem elles!

Realmente sentia-se um grande rumor na rua. Os gritos chegavam até nós.

Subito, ouvimos o ruido dos projectis e dos tiros que lançavam contra a frente do edificio. Todos são preza de uma agitação enorme. Muitos correm para a entrada, e para o andar superior, afim de repellirem os aggressores.

Estabelece-se uma luta horriavel, que dura cêrca de uma hora.

Fechada a principal porta, um grupo defende-a dos esforços, que faziam os aggressores para pô-la a baixo. Estes atiravam pedras e disparavam tiros. Por duas pequenas janellas lateraes, a modo de setteiras, os nossos respondiam não menos valentemente.

Conservei-me de pé, na tribuna, protestando não me retirar dalli, máo grado sollicitações geraes em contrario. Tirei o meu revólver e dispuz-me a defender a vida com a liberdade de pensamento. Ahi fiquei para bem symbolisar esse direito; era alli que devia morrer, ou continuar a fallar. De resto, era um melhor ponto para dirigir o

¹ Hist. const. da Republica dos Estados Unidos do Brazil, pags. 273 e 274.

combate. As pedras vinham cahir-me aos pés, e o ruido dos tiros chegava-me cada vez mais forte aos ouvidos. »¹

Esta scena violenta, por elle bem descripta no livro citado, abalou profundamente o animo de Silva Jardim e desvendou-lhe todo um futuro de ameaças á sua pessoa e o indifferentismo official de seus coreligionarios, partidarios do evolucionismo. Então vio a conveniencia e commodidade dessa posição em que se collocavam os suppostos directores espirituaes e revoltou-se indignado contra semelhante processo de fazer avançar a republica. O dia 30 de dezembro de 1888 encerrara tragicamente todo um anno de lutas pela liberdade, inscrevendo com as rubras cores do combate mais um triumpho assignalado para os partidarios da Revolução.

Enclausurou-se cinco dias em sua casa e escreveu a celebre *carta politica* de 5 de janeiro, em que desvenda aos olhos de todos a situação do paiz.

Depois de expôr as peripecias do conflicto e attribuil-o de facto e de direito ao ministerio de 10 de março, a que coube a gloria de libertar os pretos para constituir com elles a *garantia das instituições e a defesa do Sr. D. Pedro II e da Sra. D. Isabel* (discurso do Sr. João Alfredo na recepção da Guarda Negra no dia de seu anniversario, em que esta o foi comprimentar), raciocina Silva Jardim pelo modo seguinte:

« Si não foi ferido o propagandista da republica, si não foi ainda morto o que ri do despotismo monarchico, collocado, de facto, fóra da lei, entregue ao odio dos sicarios, sem confiança no poder publico, e sem um exercito por si, sinão o esparso na enorme floresta da idéa republicana, comtudo vio feridos a amigos e irmãos de fé e mancharam-lhe a face as gottas do sangue delles. A luta está, pois, travada; e foi a monarchia quem, atacada pelo pensamento e pela palavra, rompeu com a arma e com a revolução. Nós iamos fallar, nós iamos nos reunir; fomos atacados pelos

¹ Memorias e viagens, pags. 329 e 230).

que queriam combater, pelos que queriam matar. Combatemos tambem; provavelmente tambem matámos para viver; viver pela nossa Patria!»¹

Nessa importante peça politica passa em revista os serviços prestados á idéa republicana de accordo com o que aqui hei innumerado e a que accrescento o *meeting* de 5 de maio, de adhesão ao exercito e á armada; a conferencia paulista — a *Salvação da Patria*; o discurso no congresso de S. Paulo, que deu causa ao manifesto de 24 de maio, publicado sob o titulo *Revolução*; sua excursão por 9 cidades paulistanas, 21 fluminenses e 10 mineiras; o seu *Movimento republicano*, e o *Exercito e Nação*, tudo realizado naquelle anno; e depois do que concluiu propheticamente:

« E a Revolução Brasileira deve estalar pujante e victoriosa em torno dos paços ministeriaes e do palacio de S. Christovão no anno de 1839. Não além! Si muito além, quem sabe si não seremos perdidos?! O castello fluminense deve cahir no anno excepcional em que cahio no pó dos tempos a fortaleza de Pariz!

Não além! Para nós, como para toda a humanidade, este anno solemne é de bom agouro para a liberdade. Não sei que espirito tal de ligação existe entre o grande povo central e o nosso povo extraordinario, a minha patria amada, que estou certo será a presidente da America e em breve o refugio dos sedentos de justiça, si não o berço, a residencia augusta da liberdade no mundo! Ao 1789 francez mostrámos que eram já nossos tambem os resultados do progresso occidental, e apresentámos a Republica que aureoreava a cabeça de Tiradentes em bemdito holocausto; ao 1830 na revolução de julho, offerecemos o banimento do despota e do devasso, e o baquear da tyrannia; ao 1848, com Luiz Fellippe! o avô do expatriado! o corpo de Nunes Machado banhado em sangue perante os muros da Veneza Columbiana; ao 1870, ascensão da republica e quêda do

¹ Leia-se *Carta Política ao Paiz e ao Partido Republicano*, do mesmo autor.

mesquinho descendente do despota maldito, o reerguer-se do partido republicano; oh! povo francez, que á explosão da luz do centenario de tua Revolução adorada, instituas a tua paz inabalavel na Europa; oh nação brasileira! que á essa paz bemdita respondas com a ultima de tuas guerras: a guerra aos teus assassinos, a guerra ao teu throno, rebente a tua revolução, e instituas e proclames a Republica!»²

Já tive occasião de referir-me a este paralelo, entre a França artica e a *França antartica*, que prova a nossa filiação intellectual ao povo *central* e que por mais de uma vez Silva Jardim puzera em evidencia. E presentindo um futuro proximo, accrescentava adiante o vaticinio proprio, que não teve coragem para executar, á vista de seu grande amor pela republica.

E' doloroso traçar a norma de uma conducta, quando não sabemos si teremos força bastante para executá-la.

« ... enquanto não for destruida a monarchia, que é a infelicidade do Brazil e a desharmonia da America, e não parar mesmo diante da instituição da nova patria, porque *será preciso talvez ser então um dos que fallem ao povo a verdade inteira*, para admoestação na obediencia ao novo regimen, ou *para a advertencia aos erros de que elle for capaz* na ccntingencia da fraqueza humana. »²

Não o fez, mas não se lhe queira mal por isso. A republica, o sonho de toda sua vida, não passava então de uma aspiração.

Nessa memoravel *carta* assume elle a autonomia de que precisava para agir com independencia, implorando todo concurso, quer moral, intellectual ou material de parte de seus coreligionarios para levar avante a obra da revolução.

Esse appello não foi inutil. Elle quer a republica, conforme o manifesto do Partido Republicano de Pernambuco, com a mais completa descentralisação administrativa, plena

¹ Carta citada, pag. 25.

² C. P., pags. 45 e 46. O gripho é nosso. Loc. cit., pag. 28.

S. J. — 13

liberdade espiritual e do ensino, separação da Igreja do Estado, e era para a propáganda republicana que preparava a revolução brasileira e solicitava o triplice apoio de que fállei.

Esta *carta politica* encerrava em seu seio a futura dissidencia. Com a eleição do Sr. Quintino, como chefe, extremaram-se as idéas.

Muito confiava este nos processos empregados do uso da maior cautela e prudencia nos meios, para a *dilatação da influencia dos principios republicanos por uma vasta zona da opinião nacional*. (Manifesto de 22 de maio de 1888.)

De toda parte vieram-lhe adhesões á causa da revolução.

A 25 de maio deste anno publicava o seu *Manifesto ao país*, e não em janeiro, como diz o Sr. F. Freire (pag. 226, obra citada), de volta de S. Paulo, onde fôra tomar parte no congresso *reunido nos fundos de uma casa da rua de S. Bento* e em que fez ver, não obstante a extranheza que lhe causava aquella violação de praxe anterior em deliberar ás claras, a gravidade da situação, o arriscado do passo e a importancia da responsabilidade da escolha por tal modo e com taes poderes, visto como nem todas as provincias se achavam representadas.

Em resposta ameaçaram-lhe com *cortar-lhe as azas* e um dos meios era eleger ainda irregularmente um *outro chefe* para o partido.

Incontestavelmente no ponto em que se achava a agitação republicana, si o *congresso* da rua de S. Bento fosse mais bem inspirado, outro devera ter sido o seu eleito.

O Sr. Quintino com todo o seu talento de polemista, sua correcção proverbial, sua amabilidade gentil, sua requintada polidez, não era seguramente, depois dos factos do dia 30 de dezembro, o homem indicado para a direcção revolucionaria, não porque lhe faltasse coragem civica e dedicação patriótica á causa commum, mas por necessidade de mocidade e vigor para guiar os combatentes aos perigos,

pois a luta travava-se já entre a monarchia e a republica no terreno da força bruta.

A sua longa e proficua propaganda no terreno das idéas estava por natureza indicando-lhe o posto de conselho, bem como os antecedentes revolucionarios de Silva Jardim, a situação aguda a que chegava a propaganda exigiam para o commando um homem da sua tempera.

Podia ter-se assim poupado o espectáculo de uma divergencia no seio do partido, si bem que este facto indicava fortaleza e não enfraquecimento deste; e mais ainda do que isso, os actos de reacção provenientes desta discordia.

Mas alguns politicos de S. Paulo estavam empenhados em cortar as azas ao destemido republicano, que pretendia arrebatá-lhes a chefia das mãos e queriam a todo transe *dar-lhe para baixo*.

Silva Jardim o comprehendeu e nem sequer assistio á sagração do novo chefe, obra desse grupo que, presentindo, como todos, a approximação da republica, pretendia monopolisar o poder.

E nessas condições convinha-lhes o Sr. Quintino, que era de sua inteira confiança.

Além disso, estava nos moldes dar homens por si, ficar sempre de fóra, enquanto não chegava a occasião de metter-se lá dentro de uma vez.

Nada mais facil, visto que havia a rivalidade entre os chefes fluminenses, que seguiam correntes oppostas, do que eleger-se para director supremo da politica republicana o Sr. Glicerio ou o Sr. Campos Salles, que bem estavam no caso de receber os suffragios do mesmo congresso que elegeu o Sr. Quintino Bocayuva.

A vantagem, porém, dessa eleição saltava aos olhos para o grupo paulista; elle contava com o chefe para tudo, visto com elle achar-se identificado desde longa data.

Accresce que, elegendo um de fóra, mostrava-se mais desprendimento e isenção de animo.

Em face da sua carta-manifesto e da situação que havia creado, tornando-se o chefe activo do movimento revolucionario que recebera o baptismo de sangue na resistencia heroica de 30 de dezembro ultimo, Silva Jardim contava com a adhesão de todo o partido para levar por diante a sua obra de propaganda e comparecendo ao congresso experimentou uma forte decepção em presença do furor e ameaça dos proprios coreligionarios em cortar-lhe as azas, pois que estava-se tornando um homem perigoso!

Perigoso a quem? á sorte da monarchia ou da republica?

E' que o partido republicano paulista, em tudo semelhante aos partidos conservador e liberal, era tambem governado por uma olygarchia e como tal inimigo da liberdade do pensamento e independencia de acção.

Allegando molestia real ou ficticia em pessoa de sua familia, retirou-se precipitadamente para o Rio e ahi chegando consultou os amigos e ficou resolvido pelo exposto que cevera abrir a dissidencia no partido para melhor agir, independente da inercia evolutiva.

Então a viagem ao Norte, esboçada na promessa de 5 de janeiro, tornou-se uma necessidade para o reforçamento do seu partido, pois o grupo que mais fortemente o proclamava era oriundo, na maior parte, daquellas provincias.

O Brazil não era só o Rio de Janeiro e quiçá S. Paulo e, assim como elle havia descoberto os *minerios* republicanos do Sul, qual outro bandeirante, atirava-se ás plagas nortistas, onde as tradições de 1817, 1824 e 1848 ainda estavam vivas nos corações patrioticos.

Na Bahia, em Sergipe, Pernambuco e Rio Grande do Norte o partido republicano estava organizado.

Em Alagôas com João Gomes e na Parahyba do Norte com o Dr. Eugenio Toscano de Brito, estava em via de organização. No Ceará, depois da abolição, tendiam para ahi os espiritos emancipados, e no Maranhão com o Dr. Belfort Duarte tinha-se certeza da vida do partido.

No Pará e Amazonas a corrente de opiniões facilmente, se dirigia em favor dos nascentes votos para a republica, visto como a politica republicana, sendo de paz e predominio da industria, toda a região do rio monstro tendia para esse futuro proximo.

O proprio Piauhhy, apesar do seu retrahimento maritimo e sua vida pastoril e infensa á politica, despertava á voz dos moços, a contrastar com a incuria dos feudatarios.

Tudo levava a estabelecer a unidade da acção em face de taes elementos, e Silva Jardim era o homem apropriado para essa empreza.

O manifesto pernambucano inspirado por Annibal Falcão havia sido homologado por elle e perfilhado em sua *carta politica* de 5 de janeiro, e, levantado esse estandarte de guerra, só faltava leval-o ás partes mais remotas do paiz.

Antes, porém, devera estabelecer os motivos de sua divergencia com os chefes evolucionistas e foi o que elle fez no seu *manifesto de 25 de maio*, depois de haver o Sr. Quintino, nas vespervas, publicado o seu.

Esperava-se anciosamente por esta peça politica, porque nutria-se a esperanza que, investido do poder, elevasse-se elle á altura das necessidades do momento.

Mas, em vista dos mesmos postulados conhecidos e graças aos mesmos processos, pretendia-se *em um periodo relativamente curto dilatar a influencia dos nossos principios por uma vasta sona da opinião nacional*.

A propaganda havia-se deslocado dos velhos moldes democraticos ao impulso vigoroso da palavra de Silva Jardim, e a attenção publica tinha ganhado em agudez.

O scenario era diverso e a aspiração republicana irrompia indomavel para a reivindicacão de todas as liberdades.

A republica poderia vir, como veio, entre flores e applausos, semelhante á abolição, mas depois do pronunciamiento de toda a Nação; e o que convinha era levantar bem alto o espirito brasileiro, a que não punha mais peias o regimen da escravidão.

Em um paiz na sua maioria composto de analphabetos, onde pouco se lia, tornava-se precisa a propaganda oral levada a todos os cantos, afim de influir nas massas.

Era essa parte da população que mais precisava impressionar e assim a habilidade do politico consistia em aproveitar o momento psychico para actuar.

No primeiro manifesto de 5 de janeiro, de que destaquei alguns periodos, teve Silva Jardim a origem da malquerença do grupo paulista, que veio a preponderar no Governo Provisorio alliado ao fluminense, que não o acompanhou, e a ameaça no Congresso de lhe *cortar as asas*, como antes o fizeram na *Estação Inglesa*, no começo de sua propaganda, de *dar-lhe para baixo*; no segundo, de 25 de maio, cavou mais fundo essa adversidade, gerando o odio entre os coreligionarios, que nunca lhe perdoaram essa temeridade, e, como elles foram os escolhidos dos valentes, vingaram-se como adversarios cruéis.

Hoje poder-se-ha achar razão nesse proceder, em vista dos termos do manifesto; mas quem diria que, feita a revolução, que era o ideal por amor do qual se batia aquelle patriota, fosse elle posto de lado pelo principal factor da insurreição militar de 15 de novembro?

Si bem que Silva Jardim fosse o chefe apoiado e ostensivo, a cabeça pensante era Annibal Falcão e porque menos em evidencia ou por mais habil servia ás vezes de laço entre os divergentes, mas nem por isso era menos suspeito.

A 11 de novembro de 1889 escrevia elle em nota para uso do Sr. Teixeira Mendes: « fomos prevenidos por um enviado de Benjamin Constant de que estava elle resolvido a tentar, apoiado na força armada, um movimento revolucionario, afim de ser instituido no Brazil o regimen republicano.

Já nós o desconfiavamos, á vista do que tínhamos observado em algumas reuniões havidas no escriptorio do *Correio do Povo*, onde apparecera reiteradas vezes, nos ultimos dias, o Sr. Francisco Glicerio, delegado dos republicanos paulistas.

Os nossos companheiros encarregados da direcção daquelle jornal guardavam, entretanto, connosco maximas reservas.

Fôra-lhes determinado, ao que me constou, por desconfianças do Sr. Quintino Bocayuva para com Silva Jardim, a quem attribuia intenções anti-patrioticas, desde que o mallogrado republicano alludio a declarações feitas reservadamente no congresso republicano, recentemente reunido em S. Paulo.

Benjamin Constant, porém, não hesitou em reclamar o concurso de Silva Jardim e o nosso.

Na mesma noite de 11 reunimo-nos varios republicanos e decidimos prestar-lh'o, desde que se definisse accentuadamente republicano o objectivo da revolução.»¹

A pessoa que na noite de 14 para 15 de novembro foi incumbida, segundo o testemunho do Sr. Benjamin Constant Filho, de avisar o Sr. Quintino Bocayuva e outros, inclusive Silva Jardim, ou não encontrou-o, o que não é plausivel, ou foi desnortado, por acreditar nas intenções anti-patrioticas que lhe attribuiam.

O facto é que Silva Jardim, avisado como estava, pois se havia reclamado seu concurso, não esteve presente ao acto da proclamação da republica e ahi *brilhou pela ausencia*, segundo a phrase secular.

Essas desconfianças ainda na vespera da proclamação da republica e que se continuaram atravez do Governo Provisorio até a morte de Silva Jardim, foram devidas aos termos positivos em que rompeu a dissidencia.

Esse documento, que foi a base da acintosa exclusão do mallogrado republicano, já não digo do governo, mas do Congresso Constituinte, a que tinha incontestaveis direitos, deve ser conhecido do maior numero e ficar preso a seu nome, como attestado de seu grande espirito revolucionario.

Não parou ahi; na *columna republicana* da *Gazeta de Noticias*, commentando o acto, desceu a factos e particula-

¹ Benjamin Constant., Peças justificativas, pags. 225 e 226.

risou casos, o que ainda mais exacerbou os partidarios do evolucionismo politico. ¹

« Permanecendo de accordo com a attitudo philosophica e politica de minha carreira, e de um modo especial, com a assumida no meu manifesto politico de 6 de janeiro do corrente anno ² completa pelo do discurso proferido no banquete que me foi ultimamente offerecido em S. Paulo — cumpro um dever de coherencia, de respeito á opinião publica e á de meus coreligionarios, de amor á causa da Republica e da minha Patria, vindo declarar que não reconheço a chefia do Partido Republicano Brasileiro ultimamente supposta conferida ao Sr. Quintino Bocayuva, jornalista, redactor do *Paiz*, e membro desse partido, vice-presidente do deposto Conselho Federal, reeleito ha tempos para a direcção da politica republicana nacional.

As razões que determinaram este meu acto são de ordem tal, que obrigam-me mesmo, mais que a independer da acção qualquer do pretenso chefe,— a negar-lhe radical e completamente o meu concurso á sua obra politica.

Primeiro, não o julgo legitimamente investido da autoridade suprema do partido, já pela constituição do supposto Congresso, onde provincias houve que não foram representadas, onde a representação das que compareceram foi diminutissima no todo e em parte (no qual, direi de passagem, absteve-me de votar), já pelo seu acto principal de reforma da lei organica do nosso agrupamento politico, sem poderes especiaes para tal, já pela sua reunião, effectuada illegalmente em S. Paulo, já pela reserva inutil que guardou — falseado o regimen republicano de fiscalisação de discussão publica, falseado o regimen representativo,— para que se dêsse a dictadura de um pequeno grupo paulista, não

¹ A situação republicana (questão da chefia do partido), Rio de Janeiro, 1889.

² *Carta Política*, datada de 5 e sahida a 6 de janeiro no *Paiz*.

concorde com o mesmo partido, como o futuro o demonstrará e os protestos oriundos de S. Paulo o revelam.

Segundo, descubro na sua eleição, o que eu sentia de longos mezes:— uma conspiração de alguns velhos elementos do Partido Republicano gastos para a acção patriótica, e sómente capazes da intriga para a cobiça do poder,— aliada á falta de comprehensão da situação historica actual, com o pretencioso fito de paralyzar a agitação republicana; — por medo dos perigos que ella continuasse a trazer; — pela incerteza do gozo do poder, e pela aspiração mesquinha das posições que possa dar um eleitorado republicano dentro do regimen monarchico; — e ainda, o que tem mais importancia do que pudera parecer, attenta a utilização dos homens para o serviço politico, pelo receio do predomínio moral dos novos elementos republicanos em acção,— o que está na consciencia publica — e que obrigou mesmo a certa reserva a antigos e eminentes batalhadores, e especialmente ao de mais merito que os guiava, porque uns e outros tinham a franqueza de fallar a verdade ao seu partido e aos suppostos chefes do seu partido.

Terceiro, penso que o Partido Republicano, sob pena de covardia, deve, ao menos, não recuar da actual phase de agitação politica, em que por vezes não cedeu, mesmo diante das armas, repetindo solememente e realizando com coragem os compromissos dos seus manifestos anteriores, principalmente os do manifesto paulista de 24 de maio do anno passado, — comprometteu-se a combater o terceiro reinado em todos os terrenos; — e o Sr. Quintino Bocayuva não tem, nem deseja ao menos ter, um tal projecto, como se vê do seu discurso em S. Paulo, em que erradamente se acastellou no terreno da theoria da evolução, que jámais foi ensinada para justificar a fraqueza; — nem possui no terreno material os habitos de bravura pessoal no arrostar o poder, affeito á submissão á força regular ou irregularmente armada, e á submissão á força do capital, pelo modo fatalmente dependente por que exerce a sua profissão.

Quarto, entendo que, para honra do Partido Republicano Brasileiro, e para que forme seus credits de capacidade politica directora, tão abalados pela incompetencia e impericia de muitos dos seus chefes, elle tem o dever de formular o programma a realizar no governo republicano, quando este lhe seja commettido; — e o Sr. Quintino Bocayuva não reúne as condições de habilitação para tal, já por ausencia de educação intellectual apropriada, o que o seu manifesto evidencia, já por uma educação civica inteiramente feita dentro do regimen monarchico.

Quinto, e principalmente, porque, conservando o solido principio fundamental do Partido Republicano, e as suas gloriosas tradições guerreiras e pacificas, já é tempo de dar-lhe uma melhor direcção politica, mais scientifica e mais patriotica, quanto a doutrinação e processos; direcção não vasada unicamente nos moldes democraticos, que o confundiram no passado com o partido liberal e no presente revelam o perigo de fazel-o absorvido por este partido, o que obriga aos republicanos a não aceitarem o modo por que, por falta de estudo conveniente, o Sr. Quintino Bocayuva concebe a republica; modo vago, esteril, anarchico, atrasado e utopico, segundo a cerebração já retrograda de 1870, e pois perigoso na sua applicação ao nosso paiz, quando nas nações onde tal regimen se realizou, partidos em massa pedem a sua reforma.

Torno-me, portanto, solidario com todos aquelles que — e não serão poucos, máo grado os manejos da conveniencia politica levada até o sacrificio das opiniões — tacita ou explicitamente repellirem, por um motivo de desejo de acção ou por uma questão de principios, a chefia do Sr. Quintino Bocayuva; e pois, com o órgão do Partido Republicano de Pernambuco procurando corresponder aos votos que em nome daquelle agremiamento faz quanto á minha obra politica, no que toca á organização de um partido republicano constructor, preliminarmente revolucionario, em que realmente se deseje para a Patria uma

presidencia poderosa, instituida pela vontade popular, a principio por aclamação, sujeita em seguida ao suffragio universal, — capaz de ser autoridade, na qual se deposite uma cautelosa confiança, inteiramente fiscalisada pela Assembléa Nacional, camara financeira, e pela opinião publica, por meio de todos os seus órgãos, — tornada assim o delegado representativo da Patria, synthese da liberdade; — e pois Governo, na combinação feliz dos dous elementos que esta palavra resume: — Poder e Povo; — programma *verdadeiro e pratico* do Partido Republicano, que prometto em breve desenvolver, com a autoridade que me dão meus serviços, o applauso publico largamente manifestado, e com o auxilio das luzes de eminentes companheiros.

Nestas condições, convicto de que cumpro um dever, evitando ao partido os perigos de uma direcção que julgo má, e não querendo, pela solidariedade, ser responsavel pelos actos della, não reconheço a chefia do Sr. Quintino Bocayuva, a quem, de resto, respeito pelos seus serviços intermittenentemente prestados á propaganda republicana « *revolucionaria no terreno moral* », desde 3 de dezembro de 1870 até 13 de maio de 1888, a quem estimo como a um republicano mais velho, máo grado nossa divergencia, e a quem agradeço o cavalheiroso tratamento pessoal que commigo tem commerciado.

E tendo maduramente reflectido no conjunto da nossa situação politica, na grande obra que é dado fazer á nossa geração, e nos impecilhos que os fructos pecos da arvore monarchica querem oppor á vanguarda republicana, — termino este manifesto preliminar, denunciando solemnemente e sob minha responsabilidade a todos os republicanos o plano, consciente ou não, de paralyzar a nossa acção, cobrindo-a com principios á primeira vista attractivos, e — o que é peor — o de, na hypothese da luta, aceitar a victimação dos mais ousados, não em prol do bem publico, e sim dos interesses da ambição pessoal de governo, — expondo largamente ao publico, si necessario for, as razões da minha profunda convicção.

Sei que assim crio inimigos implacaveis, sei que arrisco-me a perder a popularidade, sei que junto elementos de combate ao odio dynastico, que para mim realmente se volta, e que abro mão das migalhas de poder, que em nome do povo me teem sido offerecidas. Sou, porém, simples e unicamente coherente com o meu passado e com as minhas affirmações publicas, lamentando o egoismo, a fraqueza e a incompetencia de muitos, que não querem ser fortes, para serem irresponsaveis. Nem faz mais com isto que cumprir um dever para com sua Patria quem tem sacrificado a commodidade de sua pessoa, de sua familia, gozos e socego do lar, pequenos elementos de fortuna, — que tem posto em risco sua mesma vida e liberdade, em bem da liberdade e da vida da Patria, — e que não recebeu apoio das multidões, animação dos homens serios de seu partido, nem tomou compromissos solemnes, para depol-os fraco e resignado perante quaesquer influencias alheias á marcha da politica republicana, ou abatido e vencido, diante das ameaças barbaras do poder publico. Ainda quando sua voz fosse a unica — que não é — ella seria patriotica, e pois seria honrada pela Posteridade, como um digno protesto na historia do Partido Republicano. E, si não for patriotica, que o publico a julgue e a Posteridade a castigue. O certo é que jámais essa voz será cúmplice do que suppõe um ataque, consciente ou não, aos sagrados interesses da Patria, — e olhando o futuro brasileiro, no alto posto em que o publico a collocou, ella continuará a ser, — espera-o — a voz da consciencia nacional, cada vez mais revoltada contra uma monarchia infame, que, quando não corrompe pelo dinheiro e pelas posições, corrompe pelo cansaço e pelo terror. »

Os partidarios da monarchia decadente deveram ter batido palmas a esse rompimento. O que parecia um

symptoma de fraqueza, era evidentemente um signal de pujança.

Historicamente nada havia que estranhar. Em 1871 o partido conservador se scindira por occasião da emancipação do ventre escravo, ficando radicalmente dividido e caminhando um grupo ao lado do outro, e se revegando no poder; sem fallar da scisão em 1868 entre radicaes que opinaram pela republica (manifesto de 3 de dezembro) e liberaes que, espoliados de seus direitos, levantaram a bandeira da — Reforma ou Revolução.

Nas vespersas da proclamação, o partido liberal, reunido em congresso, disciplinado pela opposição, assentava o programma com um voto em separado.

O Sr. Quintino Bocayuva appellou correctamente para o tribunal da opinião do Partido Republicano, não levando mesmo em conta a declaração de apoio do de Pernambuco, a que alludira Silva Jardim.

O delegado desse na côrte, o Sr. Annibal Falcão, veio em apoio da chefia de Silva Jardim e accentuou melhor a situação politica do chefe eleito no congresso de S. Paulo.

Como delegado e fundador mesmo do partido republicano do Rio Grande do Norte, coherente sempre e solidario com os movimentos de Pernambuco, vim eu, por minha vez, a publico, perfilhar o protesto do Dr. Annibal Falcão, feito em nome de sua provincia, julgando assim bem interpretar os generosos sentimentos dos meus constituintes.

Seguiu-se o Sr. Sá Valle, ex-membro da commissão directora e representante de um pequeno grupo fluminense.

A essas manifestações collectivas pelos órgãos regulares do partido em diversas provincias do imperio juntavam-se outras pessoas e de clubs por onde elle havia passado, o que mais consolidou o seu proposito de proseguir na propaganda revolucionaria.

Por sua vez o Sr. Quintino Bocayuva recebeu grande apoio por parte dos coreligionarios de diversas provincias, o que poz em evidencia a vasta agremiação de republicanos disseminados por todo o ex-imperio.

Entre esses, achava-se o Sr. Alberto Torres e X. da Silveira, nomeado mais tarde governador de uma das *provincias rebeldes*, como acinte naturalmente aos dissidentes, pois o odio partidario abrangeu a todos e a tudo.

Silva Jardim sentio fundamente o desprendimento destes ultimos, pois em seu escriptorio, á rua do Rosario, esquina do becco das Cancellas, fazia elle constantes paradas e não tinha segredo para com elles e com o Sr. Dr. Magalhães Castro, companheiro dos mesmos, e por esses motivos talvez negou-se este a assignar um telegramma de responsabilidade em sua defesa, quando em Pernambuco.

Mais chocou-se ainda Silva Jardim, porque o primeiro desses havia adherido á sua attitudo em 6 de janeiro e mantido essa adhesão mesmo depois da eleição do Sr. Bocayuva, mas que pretendia justificar-se, em vista do protesto do Dr. Annibal Falcão, que creava uma *forte muralha divisoria no terreno dos principios*.

Isso era motivado seguramente pelos votos que fazia aquelle para que se « organisasse um partido verdadeiramente republicano, que realmente queira a instituição de uma dictadura pratica e da mais plena liberdade espirital. »

Emquanto se exerceu directamente a influencia de Benjamin Constant e do Sr. Demetrio Ribeiro, no Governo Provisorio, pôde-se dizer que realizou este os votos do partido pernambucano, que eram plenamente proclamados pela dissidencia, o que não impedio de fazerem parte do conselho dos ministros os Srs. Bocayuva e Campos

Salles e serem os adhesos da chefia desse nomeados para os postos de confiança, de preferencia.

Perdurava viva a impressão desse acto de rebeldia e não houve para o seu promotor clemencia possivel.

De posse das posições que o exercito e a armada, em nome da Nação, lhes confiaram, os adversarios de Silva Jardim aceitavam a sua adhesão á obra commum, mas tratavam-no sempre como inimigo, a quem continuaram, porventura, a attribuir intenções anti-patrioticas!

Desta especie deveram ser as que o levaram a acompanhar o conde d'Eu, no mesmo vapor, em sua viagem ao Norte!

Não perde de valor este acto pelo facto de sua premeditada encenação.

Resolvida definitivamente a partida, tomou Silva Jardim as cautelas precisas, para que essa não abortasse.

Razões tinha para isso, embora mudança profunda se operasse na politica imperial com a subida do partido liberal a 7 de junho desse anno.

Continuava antes contra elle o odio dos fautores da *Guarda negra*, de quem n'um momento de exaltação, perorava a 30 de dezembro, depois dos tristes successos que extremaram a propaganda republicana neste dia, do modo seguinte :

« Um homem só deve viver quando seja util á Familia, á Patria, á Humanidade! Para elle, cidadão, toda a punição, todo o desprezo! Eliminaí-o de vosso conceito! Cidadão, eliminaí-o! O miseravel traidor é o unico responsavel pelos tristes factos de que fostes testemunhas! Só elle? Não! Tambem esse indigno presidente do conselho, que se arvorou em chefe de uma corporação perigosa, armada, illegal, destruidora, fratricida. Sobre o usurpador das glorias abolicionistas deve tambem o povo lançar todo o estigma de seu fortissimo desprezo! »

No 1º anniversario da lei aurea, que, por uma *graça especial*, o presidente do conselho de então logrou comemorar, pois já estava resolvida a sua demissão, dizia-se,

á boca miuda, que Silva Jardim seria violentado com outros coreligionarios.

Admiravam-se mesmo, depois de semelhante offensa ao presidente do conselho, a quem classificava de *indigno*, que elle ainda estivesse vivo. Muitas foram as emboscadas a que escapara depois disso, em sua excursão pelas cidades mineiras.

Tendo apertado o calor, com o seu cortejo de molestias, resolvera Silva Jardim levar a familia para S. Paulo, onde devia permanecer, enquanto elle faria aquella excursão.

Alli encontrara a braços com a morte seu concunhado e antigo inimigo, com quem, depois da morte do conselheiro Martim, havia desapaixonadamente se reconciliado.

Em virtude de semelhante esforço, viagens de ida e volta, noites mal dormidas, etc., ao recolher-se uma noite, depois de uma importante conferencia com o tenente-coronel Madureira sobre a melhor fórma de fazer a revolução, sentio-se incommodado por tal modo que inspirou fortes cuidados ao seu bom amigo Dr. R. de Sá Valle, que logo propoz leval-o para *Paineiras*, onde temporariamente se achava.

Julio Diniz, a quem fizera chamar, acudira, e com elle Barata Ribeiro. Felicio dos Santos, que havia subido para tirar de si uma ligeira, mas importuna febre intermittente, e fôra o primeiro a medicar-me.

Em seguida, os Drs. Julio Brandão, Teixeira de Souza, Stockler e Romagueira Correia se haviam collocado á minha cabeceira, a combater energicamente o mal. Os meus estimados esculapios discutiam entre si o caso, sustentando alguns que era de febre amarella, e outros que de febre pernicioso.

Uma tarde li nos olhares pezarosos dos meus amigos que o meu mal parecia não ter remedio. Era uma dessas enfermidades graves e agudas que nos minam a vida em poucos dias. Apesar de um subdelirio con-

sciente, guardava intacta a razão, de modo a sentir o reconhecimento ao ver-me numerosamente visitado, com um carinho fraterno, e ao saber, pelo pouco que me liam dos jornaes, o interesse geral que despertava no publico a minha doença.

Nesse dia chamei Luiz Pires, e declarei-lhe que me sentia mal, mas que queria morrer como tinha vivido.

Não precisava de soccorros theologicos; julgava-me bem com minha alma, e morreria satisfeito com ter trabalhado pelo meu paiz, embora deixasse esposa e filhos, que estavam ausentes, e que eu impedira de virem ver-me, no estado de epidemia em que se achava a cidade. »¹

Pelo verão reunia-se alli a melhor sociedade e, embora os matizes politicos diversos, deram todos os presentes as mais demonstrativas provas de sympathia ao illustre enfermo.

A molestia fora-lhe um novo estimulo, julgou pelo carinho e interesse que despertara em roda e fóra que a sua vida merecia mais do que lhe parecia. Foi como uma antevisão da eternidade, isto é, da immortalidade posthuma. Os presentes são algumas vezes a representação dos posteros. O seu juizo é o prenuncio da posteridade e é agradável ver-se a gente prejulgada em vida!

Depois de restabelecido, seguira em companhia do Dr. Nominato Lima, com destino á Fazenda do commendador Domingos Theodoro de Azevedo, em Santa Theresza de Valença.

Recomeçava a faina da propaganda, na provincia de Minas.

¹ Memorias e Viagens, pags. 231 e 232.

Depois do repouso de alguns dias, seguiu para *Mar de Hespanha*, onde conferenciou *sentado*, pelo debil estado em que ainda se achava, sendo ahi recebido pelos Drs. Gonçalves Ramos, Costa Reis, J. Caldas e Necesio Tavares.

As suas conferencias desta serie, em *Pomba*, *Rio Novo*, *Rio Branco* e *Ponte Nova*, *Leopoldina*, *Ubã* e *Cataguazes* correram sem alteração de ordem publica.

Os nossos coreligionarios de Leopoldina, a principio *negaram-se a auxilia-lo*, em virtude de não trazer elle *recommendação official*, mas persistindo Silva Jardim em fallar, visto que para fazer propaganda não precisava de *licença do partido*, elles puzeram-se, por fim, a seu lado, correndo a conferencia muito applaudida.

Orou tambem em *Tombos* e *Santa Luzia do Carangola*, onde teve logar a conferencia no Paço da Camara, por impossibilidade absoluta de realizar-se no theatro.

A superexcitação politica propagava-se. A massa dos pretos era posta em campo.

Em Santa Luzia houve grande amotinação de gente em frente ao hotel onde hospedou-se Silva Jardim. Dahi seguiu para Patrocínio, onde foi-lhe offerecido um banquete.

A 13 de março achava-se de volta em *S. Luiz*, em casa do Dr. Monteiro Manso.

Destinava-se á *Angustura* (antiga Madre de Deus do Angú), onde o esperava um temeroso conflicto.

Apezar de prevenido, para alli se dirigiu escoltado por um grupo abnegado de coreligionarios a cavallo.

O carro que lhe era destinado é atacado. Entram a galope na villa. Os pretos cercam o hotel. Silva Jardim procura parlamentar.

Manda chamar o capataz:

— Rapaz, o que quer você?

— Nada, senhor. Mas dizem que este discurso é para nos escravisar outra vez, e que Vm. quer matar a Princeza.

— Deixe-se disso... O melhor é socegarem e irem depois ao seu trabalho.

— Vm. pôde fazer a conferencia, mas não ha de fincar a bandeira da Republica aqui no largo.

— Rapaz, ninguem costuma fincar bandeira e nem matar a sua princeza. A Republica é para bem de todos. Pôde ir embora. ¹

« A conferencia realizara-se em um salão. Um grande numero de senhoras estava presente. Admirei nesse dia o heroismo das mulheres mineiras. Os pretos estavam do lado de fóra, deitados na relva, recostados, a ouvir. Eu fallava n'uma tribuna alta, proximo a uma janella, de modo a acompanhá-los com o olhar.

— Veja! diz-me um amigo, puxando-me o paletot...

Olho : um preto dispunha-se a armar a sua espingarda.

Si o tiro viesse, apanhava-me directamente o tronco.

Voltei-me rapidamente.

— Si vir que elle desarma, tome-me pelo paletot e atire-me ao chão, disse.

De facto, elle preparava-se a apontar-me a arma.

Continuei a fallar... dizendo phrases decoradas, quasi inconscientes, para não alarmar todo o auditorio e produzir um conflicto horrivel...; mas fitei com toda a força possivel de meu olhar o assassino... Naquelle momento fallava só para elle. Tinha-o bem em face. O infeliz, subjugado, fitava-me tambem; não conseguia despregar o seu olhar do meu, e a arma tremia-lhe na mão. Um companheiro, atrás delle, estimulava-o; mas a certeza de que era visto dominava-o... E alli ficou, meia hora ainda, com a arma ao lado, estupidificado, temendo já talvez o castigo. Assim era, porque no dia seguinte, pela manhã, veiu pedir-me perdão. » ²

Em *S. José d'Além Parahyba*, para onde viera, realizára a conferencia sem incidente algum, mas á noite,

¹ Esse dialogo é mais ou menos reproduzido das *Memorias e Viagens*.

² *Memorias e Viagens*, pag. 298 e 299.

quando se achava com os coreligionarios em festa, viera o delegado de policia prevenil-os que os pretos iam invadir-lhes a casa, si não retirassem a illuminação exterior.

Havia uma indignação geral.

Alguns sahiram disfarçadamente para fóra, e infelizmente voltaram convencidos que alguma cousa se tramava nas trevas.

Agora era a entrega dos *musicos*, que elles queriam. A banda era composta de pretos. Silva Jardim oppoz-se. Fallou ao chefe abolicionista do logar, um antigo signatario do manifesto de 3 de dezembro, e esse mostrou-se impotente para conter os assaltantes.

Os negros chegavam de todos os pontos e queriam effectivamente matar Silva Jardim. Este tinha que embarcar na estação do *Porto Novo* nesta manhã. Era impossivel. A cidade estava guardada e não queriam deixal-o sahir.

Conseguiram illudir a vigilancia e sahiram pela madrugada. Embarcara não sem perigo, pois soubera que alli um capanga armado esperava-o para assassinal-o, tendo-o disto persuadido alguns adversarios.

Estava, porém, de maré o nosso heróe.

Chegara á tarde em Valença com estrondosa recepção. Estavam persuadidos que nada haveria, quando de marcha para o theatro, *começaram de ser apupados por grupos de pretos*.

« A conferencia não havia ainda começado e já o theatro era atacado. Em breve, trocavam-se tiros de parte a parte.

Faço um homem correr ao hotel e trazer o meu revólver. Era preciso defender-me. Nesse interim, comecei a dirigir a repulsa contra os que nos atacavam.

N'um momento as portas começaram a ceder.

.....
Emfim reanima-se o combate, e conseguimos rechaçar os assaltantes. Estavamos alli, entre outros, João Barcellos,

o Dr. Urbano Marcondes, o Dr. Jacintho Dutra, o Dr. Paula Fonseca e mais alguns valentes companheiros. » ¹

De volta á còrte, donde fora chamado por telegramma para produzir uma defesa em jury de um seu cliente, faz um notavel discurso de 3 horas, no fim de uma sessão nocturna, conseguindo com o concurso de outro advogado, o Dr. Busch Varella, livrar o réo, o que lhe valeu um grande triumpho. Até então pensava-se que o homem era sómente um agitador e precisou mostrar-se e impor-se como advogado, e mais do que isto, como jurisconsulto consummado.

Além desta causa de falsificação de um testamento teve uma importante de divorcio, e mais tarde aceitou a da defesa do Sr. Capanema, todas importantes, além de outras de menor circumstancia, chegando mesmo a ganhar alguns contos de réis nesses dous annos de advocacia, em que trabalhou em companhia do Dr. Sá Valle, genro daquelle outro seu collega de officio.

Silva Jardim, depois de installado, dirigira uma circular impressa aos seus amigos do interior, em que punha á disposição os serviços politicos e de advogado na capital do imperio.

Nova digressão fizera, em seguida, a *Caxambú* e dahi a *S. João d'Elrey*, chegando até *Ouro Preto*, depois de haver feito conferencia em *Prados*.

Minas recebia-o em festa. A esse tempo já tinha elle conseguido impor-se, bem que ainda não rompesse de todo com o grosso do partido. Fallava-se de sua candidatura pela Bahia, de cuja occasião se aproveitara, como fez em relação ao 8º districto daquelle provincia, para expor suas idéas sobre o parlamentarismo, que combatia.

Em *S. João d'Elrey*, novo conflicto aguardava a propaganda republicana.

A conferencia teve logar no hotel.

« Quando terminava, rompeu na rua nova assuada. Desprezámol-a. Continuou, não obstante.

¹ Memorias e Viagens, pags. 304 e 305.

Estavamos no banquete, quando a casa começou a ser apedrejada. Um dos nossos, que chega á janella, vê um padre a ajuntar pedras na batina e entregal-as a alguns homens. Santo destino da veste sacerdotal! Tinham convencido a alguns italianos que deviam voltar-se contra nós, porque a imperatriz era sua patricia, e esses homens atiravam os projectis, que chegavam ás vidraças de um quarto andar de uma casa de grande altura.

Era um ruido medonho. Fecham-se as portas. Trocam-se tiros. Acalmo as senhoras.

— Aqui só ha esperar, digo eu.

— Fogo! fogo! gritam. Estavam incendiando a casa.

— Façam fogo! digo eu. E afastámos o miseravel incendiario a tiros, que lhe cahem do alto da janella e que por milagre erram o alvo.

A's tres da madrugada, velavamos, quando batem á porta.

— Quem é?

— Amigo. Previnam o Dr. Jardim de que vão impôr-lhe a retirada da cidade já. Acho prudente que saia; do contrario, matam-n'o.

— Diga que venham buscar-me, grito indignado, que os receberei no alto da escada. Ainda temos balas nos revólvers. Armemo-nos todos, senhores.

Que! haviam de impedir-me até o direito de locomoção! Nesse momento chamam-nos dos fundos da casa.

— O que é?

— Armas! gritam.

Eram senhoras que nos forneciam revólvers.

Sublime! Foi em Minas e em Pernambuco que encontrei as mulheres brasileiras mais corajosas.

.....
A' tarde, estava em Queluz, depois de uma viagem fatigantissima, succedendo a uma noite pessimamente dormida, e toda cheia de emoções. Ia coberto de pó, a face vermelha e entumecida, olhar abatido, o ar fatigado.

Conseguí orar á noite. Arthur Nascimento e Camillo Baeta prepararam-me ahi a conferencia.

.....
No dia seguinte fomos visitar uma fazenda, onde conta a tradição que Tiradentes fizera reunião de conjurados.

.....
Entreí em Ouro-Preto, a capital, ao calor do enthusiasmo da mocidade das escolas.

Realizo á tarde uma conferencia muito applaudida.

Quando, prosando, combatia os erros do imperio com a vehemencia que a approvação geral incitava, o trovão troou terrivel sobre os contrafortes em que assenta a antiga Villa Rica. Coincidencia terrivel: eu fallava do martyrio de Tiradentes! A' noite, houve passeiata popular; o Dr. João Pinheiro, que redigia o *Movimento* e que dirigia por eleição do congresso o partido em todo o Estado, fizera um bom discurso.

.....
No outro dia visitei a cidade, quasi sempre coberta de neveiro, de aspecto tristonho, mas de um encanto tradicional, a lembrar todo o nosso passado de colonia; o palacio, que é quasi um castello fortificado, onde vejo um quadro representando o Tiradentes;¹ alli, a casa onde morou Gonzaga; aqui, na prisão, o calabouço onde foi assassinado, ou onde se suicidou Claudio Manoel da Costa; além, a casa onde morrêra Marillia de Dirceu, e ainda a goiabeira silvestre, onde, reza a tradição, era o logar em que ella e Gonzaga fruíam doces amores! que de lendas e tradições historicas!

.....
Nessa mesma tarde cheguei a Barbacena. O Dr. Antonio Carlos, velho advogado liberal, irmão de Martim Francisco, então chefe republicano, recebeu-me carinhoso, bem como os outros coreligionarios. A conferencia correu entre

¹ Trabalho do notavel artista Leopoldino de Faria. (Nota do autor.)

applausos. Martim Francisco, filho de Antonio Carlos, pronunciou um discurso promettedor na passeiata que se realizou.

Foi assim que percorri a terra em que havia um seculo o sangue de Tiradentes regara o solo, adubando-o para bem produzir a arvore da liberdade no Brazil. » (Mem. e Viag., pags. 309 a 317).

Em maio estava já de novo com a familia em Santa Thereza, rua Augusta, pelo anniversario da abolição.

Quando fôra ás compras, a criada ouvira estar fallando que naquelle dia queriam dar cabo do *patrão*.

Voltou assustada e communicou seus receios á dona da casa. Fallava-se de um assalto.

A D. Margarida Jardim, sempre corajosa, não deixou de impressionar-se neste dia.

Os recentes e repetidos conflictos nessa viagem por Minas faziam-na pensar que havia um plano assentado de assassinar o marido.¹

Mandou a rapariga á minha casa chamar Luiz Pires.

Este morava em uma dependencia do *Collegio*, no pendor da montanha, e era seu companheiro Reinaldo Machado, admittido no estabelecimento em condições identicas.

O digno secretario de Silva Jardim estava neste dia de cama com uma tremenda erysipela, de que soffria frequentemente, e não pôde acudir ao chamado, apezar dos rogos e lagrimas da portadora.

Ao passar, de volta, pela frente do estabelecimento, vi que ia desolada e soluçando.

Indaguei do que era, e ella referio-me em poucas palavras o que ouvira na *venda*, e do chamado ao Luiz Pires, de sua recusa, por impossibilidade de manter-se de pé.

Tive apenas tempo de trocar de roupas e segui para lá.

¹ Os jornaes o denunciaram por esse tempo.

Encontrei a D. Margarida um pouco mais acalmada e em preparos para sahir com os pequenos.

O Jardim mostrava-se socegado, mas bem se via que uão ignorava o perigo de que o diziam ameaçado.

— Leão, peço-lhe para acompanhar Guida ate á cidade, onde ella vai passar o dia, em casa do nosso coreligionario José Silverio Barbosa.

— E você ?!

— Eu desço sósinho, a pé, conforme costume. Não quero que pensem que recuo de medo.

E desceu a encosta por *Monte-Alegre* abaixo, passando pela frente da venda onde ouvira a criada fallar que elle seria atacado naquelle dia, despedindo-se de nós ao entrarmos no bond, a familia e eu, que seguíamos pelo *Plano inclinado*.

A' vista de tal temeridade, creio desistiram os *atacantes* de investi-lo, si é que não foi apenas um *susto* que quizeram pregar á rapariga.

Esse dia, passara-o no escriptorio, á *rua Nova do Ouvidor* n. 15, em companhia de alguns amigos, resolvido a vender caro a vida, si acaso fosse atacado.

Não fôra, porém, o governo do Sr. João Alfredo com a sua bella guarda negra além do terreno da ameaça.

Seguiu-se a viagem a S. Paulo para tomar parte no congresso.

Nessa cidade, fora-lhe offerecido um banquete, em adheção á sua attitude.

De volta, já vimos a posição que assumira sobre a questão de chefia.

O congresso de S. Paulo apenas reconhecera de util a necessidade de concentrar em mão de um só a direcção suprema do partido, si bem que por interesses de qualquer ordem e zelos de glorias passadas, confiasse a chefia ao velho coreligionario, tão cheio de serviços á propaganda, como entendiam dever ser feita os evolucionistas.

Com a subida dos liberaes julgou-se Silva Jardim mais a coberto de semelhantes ataques. Era presidente do conselho de ministros o Visconde de Ouro Preto, casado com uma tia de sua mulher.

Essa circumstancia não deixou de influir em seu animo no tocante a realizar sua viagem ao norte.

O governo, porém, havia assumido a responsabilidade de paralisar o movimento republicano, e depois de suggerir a viagem do conde d'Eu, como um expediente salutar, cumpria-lhe desembaraçar a partida desses importunos.

As relações de parentesco com o gabinete 7 de junho de nada valeram, pois, a Silva Jardim. Este tomara o mesmo vapor que o conde e ao saltar na Bahia fôra victima outra vez da *guarda negra*, que outro não era o nome que se arrogava a *policia disfarçada*, que em todos os tempos envergonhava a farda de mantenedores da ordem.

Ao fundear o vapor, fôra Silva Jardim recebido em festa e desembarcou em meio de aclamações, ao passo que o mesmo conde seguira para o palacio da presidencia acompanhado apenas de um pequeno grupo official.

Ao saber-se no Rio de Janeiro da partida de Silva Jardim em companhia do conde d'Eu, a cidade fôra preza de grande commoção. Todos á uma impressionaram-se por este golpe de audacia!

Era o cumulo!

A resolução friamente levada a effeito produzia os resultados previstos. O *povo* agora interessava-se pelo *propagandista* e achava que elle era o *homem* da situação.

Para se arrogar a direcção do partido, marchar á frente, era mister ter bastante coragem e não recuar ante perigo de especie alguma.

Estava, pois, na opinião popular sagrado *chefe da revolução*.

Dahi essa estupefacção publica, quando o viram desalojado do governo da Republica e quiçá desgostoso e perseguido...

Na ladeira do Taboão, um grupo de capadocios bahianos, uma verdadeira malta de capoeiras, composta de policiaes e libertos, de soldados e membros da guarda negra, atacara os populares inermes, os estudantes desarmados, os representantes do commercio e outras classes, travando-se um conflicto medonho, d'onde resultou mortes e ferimentos.

As autoridades por si ou por seus patronos queriam desembaraçar o conde desse impertinente adversario, que se obstinava em seguil-o *per terra marique*, como segue a sombra o corpo.

« De todos esses deploraveis acontecimentos resaltam, digamol-o com franqueza, duas tristes verdades: que a nossa policia descuroou-se inteiramente de prevenir os disturbios e de reprimil-os para garantia da ordem publica, e alguem houve, pelos bastidores, que preparou as vergonhosas scenas. »¹

Seguiu-se um ataque á Escola de Medicina, onde se abrigaram os estudantes, e os proprios lentes tomaram parte na repulsa ao inimigo.

Depois dos conflictos, em que a vida de Silva Jardim esteve em imminente risco², teve logar um banquete na residencia do Dr. Virgilio Damasio, em que foram presentes muitas senhoras e onde ao *dessert* fallaram os mais destemidos campeões da democracia. « Em brilhantes e eloquentissimas palavras agradeceu o Dr. Silva Jardim, salientando a coragem dos coreligionarios bahianos e especialmente a abnegação civica do Dr. Virgilio. »³

Regressara a bordo, em companhia do chefe de policia, que para isso se offereceu, naturalmente admirado de ainda o encontrar vivo e para resalvar juizos temerarios...

¹ *Diario de Noticias*, da Bahia.

² Onde está este Silva Jardim, que eu quero matal-o? gritava, dirigindo-me a pergunta, um capadocio, homem grande e reforçado, côr de mulato, narinas dilatadas, olhos grandes injectados de sangue, physionomia descompsta, cabelos encarapinhados, trajando apenas calça e camisa, e brandindo uma grande faca, especie de punhal... Olhei-o sereno. Dizer-lhe que não sabia? Seria negar-me a mim mesmo. Dizer-lhe que era eu? Fôra um estúpido sacrificio. Fiz silencio. Si a sua penetração fosse maior, estava eu morto. (Mem. e viag., pag. 345.)

³ Luiz Pires. *Cartas aos jornaes fluminenses*.

O desembarque em Pernambuco foi um novo triumpho. A sua estada nesta provincia deu lugar a um pronunciamento manifesto do povo pernambucano em favor da propaganda republicana.

O pensamento de Silva Jardim não era realmente seguir o principe impertinentemente até o Amazonas, *embora isso fosse mais espectacular*, e sim, o que era de mais resultados, sitiá-lhe a propaganda no centro do Norte, em Pernambuco, de modo que ao voltar encontrasse ahi já vibrante a massa popular.

Vieram telegrammas annunciando a attitude aggressiva de José Mariano e o saber-se que dispunha elle de grandes elementos perturbadores poz em sobresaltos os coreligionarios da corte.

A propaganda seguia a sua marcha; Silva Jardim havia fallado por diversas vezes, e de volta de sua excursão pelo interior da provincia já encontrou Annibal Falcão, que voou em seu auxilio.

Elle conhecia melhor que ninguem o character daquelle seu contraparente, e agora, que estava investido do poder, de quanto não seria capaz!

Uma noite, em vista do que se espalhara pela cidade e dias antes de sua partida, passara elle um telegramma ao Sr. José Mariano responsabilizando a sua pela vida de Silva Jardim e firmado pelos coreligionarios presentes, com excepção, como disse, do Sr. M. Castro, que para escusar-se allegou *ser lente da Escola Naval*, etc.

Não será jactancia dizer que depois disso as cousas serenaram um pouco... e Silva Jardim pôde agir com mais liberdade.

A vida, os costumes, a natureza nortistas influenciaram profundamente no animo de Silva Jardim.

Assim, a visita ás cidades do interior de Pernambuco foram fontes de profundas cogitações philosophicas.

Passara por Pau d'Alho, Nazareth e Timbaúba, fallando nestas duas ultimas. Um matuto, que o ouvira, dissera:

— Nunca vi missionario prégar tão bem!

Na verdade, que outra cousa não era, diz Silva Jardim, que achava-lhe talvez razão, o que eu parecia orando em estylo apropriado a este povo ingenuo, simples e bom, que quasi derramava lagrimas, quando eu lhe promettia com a republica uma terra de promissão, ao menos uma patria melhor. Assim seja: se bem que na intimidade digo que *me darei por contente, si os primeiros dias do novo regimen não inspirarem saudades dos ultimos da monarchia, ruins mesmo como elles são.*¹

Outra não é a origem das prophecias. As palavras por mim *griphadas* soaram muitas vezes como um dobre lugubre aos ouvidos dos republicanos sinceros, mas não convenceram nunca da pretensa verdade que encerravam.

Por mais desastrados que correram esses primeiros dias, nunca poderiam despertar saudades pelos ultimos da monarchia.

Em materia de governo não se pôde imaginar cousa mais abominavel que a decomposição moral do regimen decahido. Era o esvoaçar dos corvos em derredor da carniça.

A podridão era a nota moral desse malsinado termo da vida.

Os prophetas eram *contemporaneos* dos acontecimentos, mas escreviam-nos com *antedata*, de modo a parecer que os prognosticavam.

Silva Jardim, que presenciara os primeiros dias da Republica, lia com antecedencia o destino da instituição.

A entrada em Goyana fôra triumphal, as ruas estavam embandeiradas, os habitantes chegavam ás portas, alegres, tumultuosamente, olhando com sympathia o illustre hospede.

A conferencia teve lugar no salão de uma sociedade, ao som de musica, entre vivas e flores e o estrugir de innumerous foguetes.

¹ Memórias. e viagens, pags. 373 e 374.

De Goyana dirigira-se a *Iguarassú*, onde fallara com exito. Desta cidade e seus arredores nos falla cheio de saudosas recordações e por um modo inteiramente estranho á politica, o que me leva a reproduzir essa admiravel impressão que a vida nortista produzira em seu organismo de politico e homem de letras.

« Era á tardinha, o sol punha-se no occaso, e a natureza nortista tomava um aspecto de estranha melancolia naquella solidão. Que o era. Pareciamos marchar por uma cidade deserta. Realmente, *Iguarassú*, a primeira povoação da provincia, testemunha de assaltos continuos de indios durante o periodo colonial, é muito pouco habitada.

Canticos suavissimos chegam aos nossos ouvidos. Partiam do côro de um convento proximo, collocado naquella altura para dominar o horizonte, onde ao longe se destacava a ilha de Itamaracá, a segunda parte da capitania de Santo Amaro, e celebre pela excellencia das suas fructas, especialmente das da arvore da mangueira.

Era uma musica religiosa, um hymno da igreja entoado naquella solidão por umas pobres freiras, que se viam ás vezes a braços com a fome. Naquella hora eram alguma cousa de divinal aquelles accordes, cantados com voz plangente e ungida, especie de lamento de virgens retidas no seu amor pelo mundo, voltados sómente os seus affectos para um deus frio, morto, crucificado, incapaz de realmente estender-lhes os braços n'um amplexo puro e fecundante de esposo. A harmonia do órgão, esse admiravel instrumento creado pela Idade-Média, augmentava o encanto daquelle espectáculo antigo, tão estranho e inesperado nesse momento para o meu espirito, preza da agitação mundana, e convidava-o a uma *reverie*, sem fim, n'uma meditação tranquilla, pelos seculos afóra, transportado do mundo da acção para o do ideal...

Silenciosos, alli ficámos muito tempo, eu e o meu companheiro... Já o luar cahia em cheio sobre o campanario.

Seguimos : agora era uma ruina que se nos apresentava á vista. Uma antiga igreja, que a falta de fê e de recursos fizera abandonar. Era a primeira vez que eu via ruinas em meu paiz. Tres paredes sustentavam-se erguidas, tendo cahido quasi toda a da frente, que servia de entrada, conservando ainda, entretanto, o portal, de um raro lavor. O tecto era o céu, azul e estrellado, sobre as nossas cabeças.

Havia sombras movediças, especie de phantasmas, creados pela oscillação da folhagem recortando-se aos clarões da lua, e alguns insectos rastejavam pelas folhas sêccas.

Um como que ar de mortos bondosos se espalhava no tórno, não sem acordar na alma o pavor natural que inspira todo o passado lugubre. »¹

A 2 de julho regressava ao Recife, voltando por *Olinda*, partindo a 6 para *Palmares*. Naquelle dia commemorava a grande data bahiana e fôra alvo de uma ruidosa manifestação dos academicos de direito, filhos da invicta cidade, que assim achavam meio de protestar contra o ataque, á mão armada, dos capadocios na ladeira do Taboão.

Em *Palmares* fôra-lhe offerecido um banquete de cem talheres, após a conferencia na praça publica, a que assistira numeroso auditorio, que o cobrira de prolongados applausos.

Tres dias depois realizava sua ultima conferencia em excursão pelo interior da provincia, na cidade da *Victoria*, onde lhe foram prodigalisadas novas manifestações de apreço.

A 14 confraternisava com a colonia franceza, por occasião de encerrar a reunião do partido, presidida por Martins Junior.

Era preciso tornar patentes as vistas do conde antes de voltar este do extremo Norte, e lavrar em *meeting* publico um protesto em nome do povo pernambucano.

¹ Memórias e viagens, pags. 380 e 381.

« Estava-se em plena guerra civil e achavamo-nos sob a espada do Poço da Panella, onde morava o caudilho; poderíamos ser victimas da nossa generosidade; mas o *Imperio do Norte* não se formaria para submeter a *Republica do Sul* sem protesto desse mesmo Norte. O principe seria afinal vencido, bem como os seus sequazes.

Não nos enganámos. Esse *meeting*, embora não realizado, oi a demonstração da maior força moral para o nosso partido; e, de torna viagem, o Sr. Gastão de Orléans fazia um discurso aos estudantes, na Academia, garantindo que a monarchia seria a liberdade, e que *cederia no dia em que as urnas exigissem a Republica.* »¹

O motivo por que não realizara-se o *meeting* annuciado foi de todos sabido. A' ultima hora, o delegado de policia, receioso dos successos, procurara Silva Jardim e o dissuadira de fallar, assignando um documento escripto, em que se declarava impotente para manter a ordem.

Em vista dessa fraqueza da autoridade, salva assim a dignidade do partido, terminou a crise aguda da propaganda na capital de Pernambuco com a presença nella de Silva Jardim.

« —Então não vai até o nosso Ceará, perguntava-me João Cordeiro no banquete que lhe offerecemos em Pernambuco, na sua volta ao Sul.

— Não posso, e sinto muito. Queria ver a terra da luz, disse-lhe sorrindo, conhecer Barbosa Lima e outros, e moços da Escola Militar, que Candido Mariano, desterrado do Rio, me informa ser nossa partidaria. Nem poderei mesmo ir ao Rio Grande do Norte, onde Pedro Velho me espera, e onde Luiz Souto, o irmão do nosso coreligionario José Leão, pretende hospedar-me. O mesmo acontece quanto ao Maranhão, Pará e Amazonas, onde tudo estava prompto para receber-me.

— Sabe que se falla na sua candidatura pelo 8º districto de Minas?

¹Memórias e Viagens, pag. 339.

— Sei, e já que assim é, devo estar mais proximo do theatro dos acontecimentos.

— Aconselho-lhe que não toque na Bahia. Seria sujeitar os nossos coreligionarios dalli a um novo conflicto, e expor-se a uma morte certa. Os bateleiros estão todos colligados para afogal-o no mar, na travessia.

— Não serão ameaças vãs?

— Não, não são.

— Nesse caso, irei directamente. ¹ »

.....

« Enquanto o ministerio Ouro Preto se organisava, eu tivera a idéa de enfraquecel-o no berço, convocando um *meeting*, em que o povo do Rio protestasse contra a chamada ao poder de um homem que o opprimira com um imposto que o levara á revolta. Era um recurso de guerra muito justificavel, e que poria o governo, ainda não constituido, sem mesmo ter chefe de policia definitivo, na contingencia, ou de reagir desde logo contra o direito de reunião, impopularisando-se, ou de consentir no exercicio d'elle, deixando, pois, que a torrente republicana seguisse victoriosa. Porém, apesar dos esforços conciliadores de que nesse momento foi orgão Annibal Falcão, nada se pôde conseguir do elemento do partido, que o chefe recém-eleito dirigia, eximindo-se mesmo esses coreligionarios de um modo publico, de toda a responsabilidade dos acontecimentos. Em taes condições preferi, como sempre, a inacção a qualquer attitude que revelasse sérias divergencias, sòmente prejudiciaes ao nosso triumpho politico.

Forte, pelo nosso silencio, o ministro apresentava-se dias depois ás camaras, erguendo o grito de « Viva a Republica », que o padre João Manoel levantara, e elevando o outro de « Viva a Monarchia. » (Obra citada. pag. 413)

.....

« Entre os bons auxilios que nesse momento me não falharam, devo citar a pessoa de Ferreira de Araujo. Com-

¹ Memórias e Viagens, pag. 403 e 409.

quanto a *Gazeta de Noticias* se reservasse uma liberdade de apreciação dos actos governamentais, como jornal *neutro* que era, comtudo a minha columna de franca propaganda ahi funcionava continuamente, sem que a folha tivesse outra recompensa além da minha collaboração. ¹ Já alludi ao papel politico da *Gazeta* na obra republicana; mas devo consignar aqui especialmente esse apoio excepcional, que jámais faltou, vindo de uma personalidade de politico moderado, alma tranquilla, de artista, amigo da vida no que ella tem de são e de forte, e sobretudo coração aberto ao impulso generoso de todos os bons tentamens. » (Obra citada. pag. 416.)

.....
« O ministerio empregava esforços extraordinarios, no sentido de desenvolver o jogo bancario, afim de que a orgia financeira fingisse riqueza, e o paiz se suppuzesse feliz quanto aos recursos materiaes. Politicamente, a maior oppressão e concepção pareciam triumphar da propaganda republicana. As eleições de 31 de agosto tinham sido por toda a parte uma serie de escandalos e de violencias. » (Obra citada. pag. 419.)

A victoria do governo fôra de facto geral, porque a liberdade de voto tinha sido de todo sophismada. Por outro lado, o governo irritava o elemento militar, sendo o incidente acontecido ao tenente Pedro Carolino o primeiro signal de alarma, a que devia responder Benjamin Constant com o celebre discurso da Escola Militar, e a que devia seguir-se dias depois a proclamação da Republica.

Não ha escurecer que o effeito de todo esse trabalho de propaganda fôra de uma influencia capital no animo do governo.

Rememorando esse trabalho, diz o Sr. Felisbello Freire na sua *Historia Constitucional*: « Eis ahi os serviços que prestou Silva Jardim na phase mais aguda e perigosa da propaganda.

¹ O *Paiz* cobrara 200\$ pela publicação da carta de 6 de janeiro.

Foi elle quem lhe deu esta actividade e quem imprimiu-lhe a celeridade que se accentuou de 1888 a novembro de 1889. E' uma das suas mais imponentes figuras. Podemos mesmo dizel-o — nesta phase foi elle quem melhores serviços prestou. Occupou o plano superior da collaboração mental da propaganda, da qual decahiu, logo que a aspiração democratica foi uma realidade com a revolução. ¹

As causas dessa *decadencia* não são outras além das que foram apontadas.

De modo algum podem ser levadas á conta de suas theorias, porque, sendo estas de procedencia republicana, ou melhor, inspiradas na politica positiva de Augusto Comte, não deveriam ser motivo de exclusão em uma republica fundada ao que se diz por Benjamin Constant!

Só o odio pessoal ou colectivo gera dessas monstruosidades.

Pela logica dos factos, onde devera desenvolver-se a actividade de Silva Jardim sinão na sua provincia natal? e esta havia sido entregue ao Sr. Dr. Francisco Portella, naturalmente por indicação do Sr. Quintino Bocayuva, ministro do Exterior e interino da Agricultura.

Duplamente ministro (por uma *falsa modestia* do Sr. Francisco Glicerio, que apresentou um nome laureado por si, ainda nesse *ultimo momento*, sem duvida, por não estar definitivamente *assentada* a republica), o mesmo Sr. Quintino Bocayuva, talvez sem pensal-o, começou obstruindo o accesso de Silva Jardim na direcção da politica de seu Estado, de modo a que nem para representante delle fosse aproveitado na futura Constituinte! Por outro lado, o Sr. Campos Salles, pertencente ao *grupo paulista*, a que Silva Jardim alludira em seu manifesto, empossara-se depois da pasta da Justiça e o Sr. Francisco Glicerio, embora não fosse ministro *de facto*, era-o *de direito*, acocorando-se por detrás de todas as pastas e *cedendo* á que primeiro vagasse, visto como já não havia neces-

¹ Pag. 241.

sidade de *dar homens* por si, porquanto a monarchia havia effectivamente baqueado. Accrescente-se a isso que o Sr. Aristides Lobo, outro adversario, assumira o cargo de ministro do Interior.

O que restava além das pastas technicas? Um transfuga da vespera, um monarchista por temperamento e por educação.

Restava o Sr. Ruy Barbosa, a quem Silva Jardim, é o caso de dizer, nunca vira *mais gordo*.

A aceitação do Sr. Demetrio Ribeiro, partidario das doutrinas positivistas, cuja ultima applicação funesta foi a de indicar em carta o *seu successor*, a aceitação do Sr. Demetrio Ribeiro, dizia, é mais uma prova de que as idéas prégadas por Silva Jardim, que eram as mesmas que elle devera adoptar em communhão com Benjamin Constant, não podiam ser a causa de sua exclusão, pois como é sabido e o proprio Sr. José do Patrocínio o proclamara bem alto «a republica, a que Silva Jardim sacrificara sua vida, não teve um cargo de confiança para dar-lhe».

Mas ahí está a distancia que vai de um *homem de coração* a politicos *sem entranhas*¹

Aquelle soube perdoar os maiores excessos de linguagem do tribuno indignadamente ameaçado em sua vida pelos ataques constantes da *guarda negra*, cuja organização lhe attribuia (conferencia de 30 de janeiro, *in-fine*), e fez-lhe justiça reconhecendo que, á vista do trabalho de Silva Jardim, a republica estava feita nas consciencias.

Si se quizesse compor um tribunal para julgar do autor da *dissidencia*, que se insurgiu contra a eleição do *congresso da rua de S. Bento*, de certo que não encontrariam juizes nem mais *suspeitos* nem tão intimamente mais *interessados* em punir o réo de *lesa-politicagem*.

¹ O Sr. Lafayette R. Pereira disse que a Política não tem entranhas.

Depois, outros elementos de natureza diversa vieram se juntar a estes.

Offerecia-se um enorme campo de exploração *positiva*, na accepção que o vulgo dá a este vocabulo. Surgiram de toda parte os *rabulas de aldeia*.

O governo do Marechal Deodoro fôra tomado de assalto pelos *advogados* da nascente dynastia.

O Sr. Portella, que muito boas propinas possuia em mãos, teve de se ver entre a cruz e a caldeira. Era mister afastar a todo transe os homens serios, os *patriotas*, porque o momento era unico para se *fazer partido* com a sorte do partido. A divisa — *vencer ou morrer* — dos revolucionarios transformou-se nesta outra — *enriquecer para viver*.

A campanha do odio autorisou o conluio da depredação em que, devo fazer justiça, o chefe da primeira não tomou parte, mas também não soube impedir o consorcio. O Sr. Portella, por mais bem intencionado que pareça, foi o instrumento inconsciente de ambas, mostrando-se por fim inconciliavel com Silva Jardim, em materia de administração e representação estadoaes.

No dia 15 de novembro, Silva Jardim esquecera os homens só para ver a Republica. Depois da passeiata patriótica apparecera na rua do Ouvidor, attrahido pelo ruido da proclamação.

Para logo com Annibal, José do Patrocínio e outros companheiros de luta encaminhou-se para a Camara Municipal naquella celebre jornada civica, que conscientemente se dirigia aquella corporação para, na fórmula da lei, o seu vereador mais moço e alli presente proclamar a republica.

Fôra esta a ultima manifestação propagandista de Silva Jardim; dahi por diante consagrou-se todo ao applauso do Governo Provisorio, que tão mal o acolhia.

A direcção que tomaram os negocios publicos no meu Estado e em geral, me afastava desse louva-deus continuo, o que perante os olhos de Silva Jardim não tinha qualificação.

Essa divergencia de idéas nos separava politicamente, e, como succedera com o Positivismo, só mais tarde reconhecera que eu tinha razão e por sua vez retirava seu apoio moral a esse simulacro de governo republicano, que até os ultimos dias do militarismo enchevalhou este miserando paiz com os seus consciences desmandos e condemnaveis pronunciamentos.

Foi depois da proclamação da Republica que Silva Jardim teve consciencia de sua personalidade politica pelo appello universal que fizeram aos seus relevantes serviços para intervir na politica em favor dos opprimidos.

A sua correspondencia duranteo primeiro anno tomou tal extensão que foi preciso ter a seu serviço mais de um auxiliar.

Entre outros, o Sr. Tiberio Mineiro prestou-lhe inolvidaveis obsequios com o desprendimento caracteristico que lhe é proprio. Porém, em geral, nada podia fazer, porque tinha contra si a maioria do *ministerio*, que se acastellara por detrás do *Generalissimo* e só cuidava do que lhe dizia respeito ou a seus amigos.

Em tórno de cada membro do governo gyrava um enchame de pretendentes a todos os logares e emprezas, e difficil fôra tomar chegada junto a qualquer delles.

Nessas condições escrevia e as suas cartas, como a correspondencia em geral, eram sonegadas por essa commandita de interessados na sorte da Republica e a cada instante achava-se em falta com os seus amigos.

Perdera mesmo aquella audacia natural, que tanto o distinguia do commum dos republicanos e sujeitou-se ao papel secundario de membro da commissão eleitoral, a tantos por mez, para fazer o regulamento que de futuro o havia de excluir das urnas, resalvando assim a responsabilidade ministerial, acastellada no proloquio popular de que — *quem parte e reparte o não fica com a melhor parte nem para si tem arte*.

Tambem a Historia difficilmente registrará uma ingratidão tamanha e não ha de ser com demonstrações posthumas

que os factores dessa medonha perversidade se justificarão perante a posteridade da falta de civismo com que trataram o maior vulgarizador das doutrinas republicanas!

Nesta segunda parte procurei esboçar o seu trabalho de *propagandista*, como na primeira me esforcei em demonstrar o que fôra como *homem*. Resta-me agora examinar ligeiramente a sua intervenção nos negocios publicos dos Estados da União, como *politico*, e quaes as causas de seu afastamento do scenario brazileiro. E' o que farei na terceira e ultima parte, que terminará pelo seu exilio e morte.

114

TERCEIRA PARTE

O POLITICO

A Republica fizera-se de sopetão. Quasi que não deu tempo a se chamar a postos os mais empenhados nella.

Cada qual quiz figurar como seu *fundador*. Dahi certa exclusão do elemento popular.

Além do exercito presente na capital, e da *elite* do partido republicano democratico, assistiram á salva dos 21 tiros alguns transeuntes boquiabertos. Si houve um plano de revolução foi de natureza egoistico. Qual a razão? A divergencia entre os grupos politicos que desputavam a gloria de fundar a Republica? Os partidarios da dictadura prégada por Silva Jardim, não se entendiam bem com os positivistas militares, eivados de orthodoxia, que optavam por outra solução politica, e ambos esses grupos eram adversarios intransigentes da democracia do Sr. Quintino Bocayuva, em quem é preciso reconhecer o chefe universalmente aceito pelo evolucionismo republicano.

O que se chama *povo* assistia indifferente ao disputar dos *deuses* nesse olympto da propaganda.

Não comprehendia o fim de taes divergencias. Amava seu socego.

Si o fundador de uma republica é aquelle que a proclama na praça publica, este com certeza não foi entre nós o finado Benjamin Constant; mas, si é o que, no nosso caso, primeiro ergue o grito de revolta entre uma certa classe de opprimidos, seja povo ou exercito, a excita e sahe com ella para o campo da peleja, com muito mais razão não foi este o marechal Deodoro da Fonseca.

Então quem foi? Attribue-se a um certo official o boato espalhado, na vespera, da prisão dos dous ultimos, o que foi a causa determinante da revolta nos quarteis. No momento psychico, aproveitado com talento e maxima sagacidade, o mesmo official talvez, ou outro que igual nome tenha, deu o *alarme* e as tropas sahiram para a rua.

Notou-se que á frente dellas estava então, aureolado pelo grande sol da immortalidade, um martyr da prepotencia monarchica, o major Solon!

Chamou-se ás armas o resto das forças. Diz a chronica que foram procurados em suas casas o tenente-coronel Benjamin e o marechal Deodoro, que, por necessidade desse golpe de mão armada, deviam estar *figuradamente* presos no quartel general.

Si foi o *levante* do dia 15 que produziu a mudança do governo, quem fez esse levante?

A resposta é simples e veridica: o *nono regimento de artilheria*!

Mas não se trata de uma collectividade. E' preciso concretisar o movimento revolucionario n'uma cabeça dirigente.

Então quem foi? O tenente-coronel Benjamin? O marechal Deodoro? Ambos estes?

Não tomo a responsabilidade de dizel-o. A verdade pertence á Historia.

Entretanto, póde-se affirmar, sem medo de contestação positiva, que a *abnegação humana* occupou sempre um logar secundario nos factos politicos.

Segundo uma *Nota* do Sr. Annibal Falcão, constante do 2º volume da obra do Sr. Teixeira Mendes, já atrás

citada, ao apertar aquelle a mão a Benjamin Constant, de volta da passeiata patriotica, na rua do Ouvidor, dissera este: «Agitem o povo, a Republica não está proclamada.»

« Não devo aqui dar conta de minhas impressões pessoas, prosegue o Sr. Annibal Falcão, mas sim referir os factos a que assisti naquelle dia memoravel; é-me, porém, difficil deixar de alludir ao sentimento de angustia que naquelle momento me opprimiu o coração.

Das janellas da *Cidade do Rio* dirigiram-nos saudações. Penetrei no edificio daquelle jornal, e, em breves palavras, expuz a situação. Era necessario um movimento popular, audaz e rapidamente organizado, afim de que, antes de qualquer deliberação do governo que se ia instituir fosse proclamada a Republica. Onde?

Na Camara Municipal.

Convidei o Sr. José do Patrocinio, que era então membro da Edilidade, a annunciar das janellas do predio de seu jornal o que iamos fazer e, em pouco, seguidos de não pequena massa popular, dirigiamo-nos para a casa da Camara.

Emquanto o Sr. Patrocinio fallava ao povo, eu redigia duas moções, que foram publicadas nos jornaes do dia seguinte, a segunda das quaes era da proclamação da Republica por nós outros, órgãos expontaneos da Nação Brasileira.

Chegados á Camara Municipal, cujas chaves haviamos tido o cuidado de obter, hasteámos nas janellas do paço uma bandeira republicana, pertencente a um dos clubs então existentes nessa capital. Consta-me que horas depois essa bandeira foi dalli retirada por ordem do general Deodoro.

Depois de alguns discursos pronunciados por entre applausos unanimes, foram approvadas as moções « e o Sr. José do Patrocinio, como vereador mais moço, a quem, na fórmula da Constituição ainda vigente, incumbia acclamar o novo soberano, tendo decahido D. Pedro II, proclamou a Republica. » (Pags. 230 e 231 das Peças justificativas.)

De minha parte dou testemunho desses factos, menos no tocante ao dialogo travado entre o Sr. Annibal Falcão e Benjamin Constant, a que não assisti, mas que tenho como veridico e de que decorreram taes circumstancias.

A' vista, pois, de tudo isso, onde foi a Republica proclamada *definitivamente*, na porta do quartel general ou no ambito da Camara Municipal? Quem *legalmente* fez a proclamação?

Não é meu desejo despir um santo para vestir outro, mas convém apurar essas questões.

A revolução social, que emergiu da propaganda republicana, quem na fez foi o grande anonymo, a que por escarneo chamavam o povo brasileiro.

Esse teve os seus heróes e os seus martyres, desde 1710 a 1792, de 1817 a 1824, de 1831 a 1835, 1848, de 1870 a 1889, e de 1891 aos dias de hoje.

Em todas essas épocas houve quem se sacrificasse pela liberdade, sahindo do anonymato para morrer no esquecimento.

Nem por isso são menos gloriosos esses illustres e desconhecidos precursores de nossa independencia democratica.

A esses obscuros heróes de todos os tempos, que arrostaram privações ou se abysmaram no sanctuario da Historia, devemos as nossas homenagens. Um preito de coração aos defensores da nossa patria.

No dia 17 de novembro de 1889 foi Silva Jardim apresentado a Benjamin Constant pelo Dr. Teixeira de Souza, que tinha com este antigas relações de amizade. Antes da revolução o organisador do movimento patriotico que explodiu a 15, á frente do qual primeiro tomou logar, como vimos, o distincto major Solon, encontrara-se com o mesmo doutor e lhe fallara rapidamente da intenção, em que estava, de fazer um levante geral, accrescentando não poder adiantar

mais alguma cousa naquella occasião, *por estar sendo espiado*. Dera-se isto na rua do Ouvidor, e havendo communicado essas confidencias a alguns rapazes da Escola Militar, entre estes nomeadamente o Sr. Tasso Fragoso, exultaram de enthusiasmo, por ver que o seu illustre mestre estava resolvido a levar por diante uma resolução definitiva e aconselharam ao Dr. Teixeira de Souza a procurar aquelle em sua propria residencia. A 11 procurara-o o mesmo doutor em companhia de Annibal Falcão, que relatou em *Nota*, já citada, o que de mais importante occorrera nesta conferencia.

Ao ser-lhe apresentado Silva Jardim, dissera-lhe Benjamin Constant conhecel-o de nome e aprecial-o muito pelos seus serviços, e si não procurara entender-se directamente com elle, era por lhe haverem dito que era um republicano *sanguinario* e elles quererem fazer uma revolução toda pacifica...

O Sr. Dr. Teixeira de Souza poderá dar testemunho dessa entrevista, cujo transumpto, si não me falla a memoria, é o que acima referi e que aqui consigno para reforçar a these principal da exclusão politica do biographado do seio do Governo Provisorio.

E' verdade que em Campinas, no mais acerrado do seu discurso, Silva Jardim *pedira para o principe estrangeiro e expatriado a pena ultima, si elle resistisse ao movimento libertador no dia da sua retirada*. (Vid. pag. 159 *in fine* destes Apontamentos.)

Assim, em toda *trica* politica ou mentira social ha um fundo de verdade. Mas era isso razão para os *pacificos* conspiradores do levante revolucionario de 15 de novembro intrigarem-no com o chefe militar? Não se vê nessa delação o antigo odio mal supitado e a vingança premeditada contra a altivez do moço revolucionario?

Silva Jardim tragara calado esse desgosto, como outros muitos, pois elle bem sabia d'onde partiam. Pois não estiveram presentes á conferencia em casa do marechal

Deodoro testemunhas oculares do *meeting* de Campinas? Para que occultar essas circumstancias e levar-se á conta de ingratidão e menospreço o máo pago que a *Republica* deu a um de seus mais eminentes órgãos?

Que os inimigos desta instituição façam desse olvido um capitulo de accusação, comprehende-se logicamente, mas aquelles que acompanharam de perto a vida do illustre propagandista não teem direito de attribuir á collectividade governamental o que foi obra de alguns invejosos perigosos.

Tudo mais que occorreu a Silva Jardim derivou desse afastamento premeditado; sendo certo que uma *nevrose* aguda de mando apoderou-se d'elle, quiçá com vista de rehabilitar-se no conceito de seus coreligionarios.

Seria preciso fechar os olhos á verdade, para não reconhecer que o *organizador* da revolução dos quarteis fôra Benjamin Constant, e assim para não attestar que o *sustentador* das instituições preexistentes, foi o marechal Deodoro da Fonseca. Essas duas individualidades se completam uma á outra. Ambos possuíam um grande coração e differiam apenas em que o saber e a intelligencia de um eram só comparaveis ao character e ao bom senso do outro.

Os dous se completavam no tocante em que ambos, arrastados ou *impulsionados pelo mesmo sentimento*, como diria um positivista em gyria orthodoxa, *era esclarecido o character de um pela intelligencia do outro*.

E' muito commum esse dualismo em nossas cousas publicas.

Cada individuo busca em outro as qualidades que não possui. Deste consorcio de faculdades inherentes ao ser humano nasceu talvez em hora propicia a Republica, assistida além disso pelos espiritos crentes que, tendo se comprometido no movimento dos quarteis, receiavam pela desforra governamental.

E, si o medo no principio das sociedades foi o gerador dos deuses, muito é que no fim do seculo XIX procreasse a Republica, essa diva de nova especie.

Está no consenso de todos que os principaes companheiros da jornada de 15 de novembro concorreram patrioticamente para a installação definitiva do Governo Provisorio naquelle dia memoravel.

Não admira, pois, que alguém se lembre de avocar ao Sr. Quintino Bocayuva, por exemplo, alli presente, a gloria deste feito, que sem a sua logica intervenção e pelas razões adduzidas não se teria feito.

Tudo isso prova que a obra da fundação da Republica é collectiva e, embora alli não estivesse presente, Silva Jardim teve nella um forte quinhão. E' como se tivesse disposto o espirito publico para receber, mesmo subitamente, a nova da proclamação. Lá o facto de o alheiares, por medo de se tornar *sanguinario*, não exclue sua participação na grande obra.

Eu sempre desejaria saber qual teria sido o procedimento dos *pacificos* democratas, si o Conde d'Eu « resistisse ao movimento libertador no dia da retirada »; e si effectivamente não pediriam para « o principe estrangeiro e espatriado a pena ultima?! »

Desde o momento em que os sentimentos do Marechal Deodoro deixaram de ser patrioticamente esclarecidos pelo genio de Benjamin Constant, a dictadura republicana descambou em tyrannia.

O Governo Provisorio enfraqueceu-se na opinião publica, mas o character de ferro do *homem do facão*, como o chamavam os seus afeminados companheiros da junta governativa, manteve a instituição, que sem aquella vontade unica teria naufragado nos rochedos da restauração, que, passada a hora da estupificação da tormenta revolucionaria, surgiram das aguas turvas, como uma ameaça tremenda ao baixel da Republica.

Póde-se dizer que, seja quem for o fundador desta, Benjamin Constant pelo seu espirito organico, ou outro qualquer pela sua intervenção opportuna no movimento libertador, o sustentaculo della nos primeiros tempos, o

seu salvador, foi o Marechal Deodoro da Fonseca, a quem todo republicano bem intencionado deve fazer justiça inteira, apesar dos erros, que por suggestões de outros fôra obrigado a commetter. De tudo isso no emtanto fôra absolvido, pela sua grande abnegação ao poder no dia das reivindicações tumultuarias.

A Republica foi, pois, sobretudo, obra dos brasileiros. Quando assim me pronuncio, é em attenção á differençação ethnica do povo. A obra da Republica é tanto mais meritoria, quanto procede de typos verdadeiramente nacionaes.

Realizara-se a maxima do Marquez de Maricá por quem de direito se arrogara como tal.

Dizia, ha 60 annos, o velho marquez :

« *O primeiro imperador foi deposto, porque não era nato, e o segundo ha de sel-o, porque não é mulato.* »

Peço permissão ao illustre Dr. Silvio Romero, onde se lê essa passagem, com tanta propriedade applicada á situação da Republica no presente, para transcrever aqui, como demonstração a outro principio, os trechos que precedem a esta notavel excavação :

« No Brazil, escreve o benemerito sergipano, onde as duas forças, a natural e a social, tem estado constantemente em acção ; onde a formação do povo foi, por um lado, um resultado da burguezia, da plebe, do terceiro e do quarto estado, e onde, por outro lado, o caldeamento das tres raças fundamentaes tem sido immenso, a democracia é fatal e a monarchia é uma chimera.

Em um povo dest'arte argamassado, os mestiços de todas as gradações e matizes estão em maioria, e nos governos democraticos a maioria dicta a lei. Todos os grandes factos de nossa historia são outras tantas

victorias das populações brasileiras, novas, mestiçadas de sangue e de sentimentos e de intuições.

A primeira raça, cujo concurso directo foi dispensado, foi a do incola primitivo, o caboclo. Cedo se lhe deu liberdade, carta de alforria ; porque cedo foi conhecida a improficuidade de seu auxilio. O indio extreme ou morreu ou retirou-se aos recessos do paiz. Foi isto logo no decorrer do segundo seculo da conquista, até meados do terceiro.

O segundo concurrente, cujo poder directo, cuja direcção immediata teve de dispensar-se, foi o colonizador portuguez.

A *Independencia* não tem outro significado.

O terceiro e ultimo, que pôde ser dispensado em sua contribuição immediata, que era o trabalho, foi o negro.

A *abolição da escravidão* não tem outro sentido.

Sobre estes tres factores de nosso povo, de nossas riquezas, de nossa cultura, e com o proprio auxilio delles, é que se formaram as populações genuinamente brasileiras, resultados das tres correntes que confluíram, das tres almas que se fusionaram.

A Republica foi uma victoria dessas populações novas, representadas por seus homens mais eminentes, e por isso tem o apoio e reclama os applausos do nosso povo. « (*Doutrina contra doutrina*. Introducção, pag. XXIII e XXIV).

O Marechal Deodoro era a integração de todas essas populações, o logarismo das tres raças em fusonamento.

Como tal devera ser acolhida a Republica entre nós e por isso mesmo acatada e respeitada. Mas assim não se deu.

Os representantes do partido republicano de S. Paulo, fieis ás tradições do seu passado, abriram as portas ao *adhesismo*, e a nova organização participou do vicio capital que produzia a antiga carcoma no regimen decahido.

E aquelles adeptos, constantes do que havia de peor nos velhos partidos, e que, fieis por sua vez ás tradições de seu passado indecoroso, erigiram o velho cacique em chefe

de uma dynastia porventura mais ruínosa á Patria que a lista civil dos principes expulsos.

Não houve bastante pátriotismo para assentar a Republica nos grandes moldes democraticos que a aspiração nacional havia delineado.

Já em agosto de 1888 escrevia cousa que se parecesse concitando meus patricios a entrar na cruzada contra a instituição condemnada:

« Estamos convictos de que em breve essa indiferença apparente se converterá em real enthusiasmo pelas idéas democraticas; e o Rio Grande do Norte (Potyguaránia), que se mostrou incapaz de supportar por mais tempo o opprobrio da escravidão da raça negra, não quererá ser cúmplice na escravidão do Brazil inteiro.

A eliminação da escravidão foi o prodómo real da nossa verdadeira emancipação politica, porque antes a communhão brasileira resentia-se da differenciação de castas e privilegios sancionados pela monarchia, a quem cumpre extirpar, como a mais perniciosa das instituições europeas!

O mesmo direito que tinha o senhor sobre o escravo possue o monarcha sobre os subditos, e já que annullámos o primeiro, acabemos de vez com o segundo destes funestos princípios.

Instituamos para sempre um regimen de paz e liberdade, de que só a Republica nos offerece exemplos.

O nosso momento social reclama com todas as forças esta reforma, e as classes industriaes devem comprehender melhor que nenhuma outra a maxima moderna do trabalho livre no paiz livre.

A reorganisação não se fará sem a extincção da monarchia, depois da lei que igualou todas as condições sociaes e lançou fundo a desigualdade entre o regimen dynastico e a liberdade republicana.

Sem a remoção desse pesado e carissimo artefacto não poderemos nunca entrar na senda do progresso e caminhar ao lado das prosperas nações americanas. » (*Potyguaránia* n. 2, pags. 27 e 28)

Ora, o que o adhesismo primeiro instituiu, contra o voto talvez daquelles que o implantaram sem peias nem medidas, foi essa *desigualdade entre o regimen dynastico e a liberdade republicana*.

Emergia-se de um duplo captiveiro para immergir-se noutro, porventura mais torpe e injustificado.

Foi essa a obra do elemento paulista, tão difficil de extirpar ainda hoje pela forte homogeneidade que apresenta.

Facil seria então governar com os republicanos e administrar com os monarchistas probos, como os havia, mas não arredar de seus postos cidadãos dedicados ao serviço publico e substitui-los pela vasa de todos os partidos.

Compreende-se que a parte sã dos monarchistas ficou por um pudor innato nos homens de brio de todos os tempos e que o convite a adherir só aproveitou aos fundibularios de todas as classes, que tinham as crenças daquelles, mas não possuíam as virtudes civicas.

Esse proceder desgostou aos bons republicanos e aos patriotas dos partidos decahidos e afastou-os do Itamaraty, cuja aquisição, como todos sabem, já revelava os tristes acontecimentos que se seguiram.

Foi essa situação que Silva Jardim não vio no principio desse governo, que começa por excluí-lo, chamando em seu apoio tudo que se poderia tornar cúmplice da grande empreitada politica.

A historia demonstra que a toda revolução á mão armada segue-se o saque ou confisco dos bens do paciente.

O 15 de Novembro, feito entre flores e acclamações, parecia ter-se subtraído áquelle fatalismo historico.

O saque veio mais tarde...

Sob esse ponto de vista, onde melhor se descrevem os primeiros tempos do Governo Provisorio é no MANIFESTO POLITICO ao Estado do Rio Grande do Sul, *na apreciação*

da situação politica até 15 de novembro de 1890, de pags. 5 a 15 desse admiravel opusculo, em que a lucidez da argumentação excede as raias da evidencia mathematica, e escripto por uma commissão de moços rio-grandenses e que traz a data de 19 de abril de 1891.

E' em face dessa cruzada unica na vida de um povo que o Sr. Valentim Magalhães, inteiramente infenso á politica, lastimava a attitudo de Silva Jardim depois de 15 de novembro.

Essa parte da biographia do illustre propagandista está feita por mão de mestre e testemunha ocular, sinão verdadeiro confidente de tão imprevistos successos.

Registro gostosamente esse depoimento, de quem foi sempre amigo sincero e admirador do character e dos talentos de Silva Jardim e que, estudando a vida do infeliz moço, nas tristes condições em que finou-se, expoz com toda verdade as suas multiplas impressões.

« Elle pareceu-me diminuir e amesquinhar-se no meio daquelle *ferret opus* de politicagem em que o vi mergulhado, lutando para não ser esmagado pelos elementos contrarios á sua justa victoria.

Quantas transigencias e transacções, quantas promessas, ameaças, solicitações, appellos e estratagemas para arredar adversarios, arrebanhar adeptos, illudir inimigos e preparar, emfim, o almejado triumpho!

Bem sei que tudo isso é licito, natural, admittido e irreprehensivel e que em toda parte a politica é como aqui.

Mas eu, companheiro, camarada, amigo e admirador de Jardim, não podia ver sem magua o illustre moço, tão nobilitado aos olhos do mundo pela coragem heroica com que fizera a propaganda da republica, mas da verdadeira republica, tão engrandecido pelo puro e intrepido patriotismo com que prégara os principios da igualdade perante a lei, do governo do povo pelo povo, da abolição de todas as tyrannias, privilegios e excepções, da liberdade

em todas as suas manifestações sociaes, — eu não podia ver esse grande vulto de reformador e de apostolo diariamente envolvido nas malhas estreitas da politica *pratica*, das quaes é preciso ser pequeno para sahir *grande*, sem que se me confrangesse dolorosamente o coração.

A mim me parecia que a attitudo de Silva Jardim, para não desmerecer de seu passado immaculado, devia ser ou uma abstenção, um afastamento digno e severo, ou a opposição calma, desapaixonada, inabalavel.

Que applaudisse e acompanhasse o grande golpe de 15 de novembro, bem era; afinal, feito de um modo ou de outro, com ou sem vicio de origem, aquillo era o que elle, em fundo, propagandeava e queria — era a republica.

Mas approvar e sustentar todos os erros e attentados que se lhe seguiram em torrente irresistivel e envenenaram o nascente regimen nos seus primeiros passos, isso não.

Isso, porém, que considero erro politico, justificava-se em Jardim, como se justificou em Benjamin Constant, pela necessidade de harmonia e união da familia republicana, para que as instituições novas se consolidassem. Era preciso calcar os protestos e os assomos de indignação no fundo do peito, amordaçar a consciencia, pôr na voz a doçura das loas e na face o franco sorriso do contentamento; era preciso approvar todos os desatinos, applaudir todas as fraquezas, apoiar todos os ataques á Liberdade em nome da Liberdade, para não perturbar a obra da Revolução na sua phase, tão melindrosa e tão grave, de formação, para enganar o mundo, que nos observava de bocca aberta, fazendo-o crer que elle nunca vira tão miraculosa transformação politica.

Essa doutrina — que sempre repudiei, exactamente pela razão por que a maioria a abraçava, escudava-se na « razão das razões » — o patriotismo.

Era anti-patriotico discordar do que se estava fazendo — fosse embora a suspensão das garantias individuaes, o desrespeito completo ás solemnes promessas feitas no dia

da Revolução no famoso manifesto, o repúdio e o esquecimento dos antigos e puros elementos republicanos para acolher com festas e propinas o adhesionismo dos mais antigos e ferrenhos inimigos da idéa republicana, instituindo assim uma disfarçada recompensa ao perjúrio, á apostasia e ao medo; era anti-patriótico não bater palmas aos desbaratamentos dos dinheiros publicos, á larga distribuição de recompensas aos co-religionarios e de iscas aos adhesistas; era anti-patriótico não justificar a substituição da dynastia deposta pela dynastia elevada no dia historico; era anti-patriótico erguer o mais leve protesto contra o amordaçamento da imprensa, a condenação summaria, secreta e sem sombra de processo, o regimen da espionagem e da suspeição; a multiplicação dos empregos publicos, emparelhada com o accrescimento insensato dos vencimentos; era anti-patriótico, em uma palavra, não applaudir, louvar e sustentar a Dictadura em todos os seus actos, fossem quaes fossem.

Jardim foi, como o saudoso patriarcha da Republica, victima e martyr desse geral pensamento, e levou, como elle, aquelle patriotismo — falso a meu ver, mas nelles heroico, porque era sincero — até ao derradeiro sacrificio.

Immolavam-se á Republica na mesma éra em que, em nome della, se immolava a liberdade.

A um e a outro a Historia ha de fazer a merecida justiça.

Entre os grandes serviços prestados por Silva Jardim á Republica avanta-se e agiganta-se esse de não exigir o logar que lhe competia — á frente della, de calar os valiosissimos feitos da sua fé de officio republicana, e de, chefe incontestado e glorioso, mostrar-se satisfeito com a subalternidade ingrata e injuriosa a que parecia condemnado.

Elle teve a dignidade da sua derrota e, vendo que até um logar de representante do povo se lhe recusava,

tomou altiva e dignamente o caminho do exilio, sem uma queixa, sem um protesto, sem uma ameaça.»

Houve um tempo em que Silva Jardim acreditou que seria *ministro*.

Esposando antigos odios, os *jangotes* da situação, accenaram-lhe com essa *miragem*, quando pretenderam firmar a *dictadura* do Marechal Deodoro, confundindo a doutrina positivista por aquelle prégada com a tyrannia despotica que haviam engendrado. Afagado por aquella illusão, o ingenuo moço acreditou que seria *substituto* do Sr. Quintino Bocayuva, contra quem se tramava abertamente no Itamaraty, e teve a simplicidade de o dizer a diversos amigos. Chegou mesmo a persuadir-se de ter de conferenciar com o mesmo Marechal e impor as suas condições a tal respeito!

O desejo do mando cegava-o a ponto de não ver que abertamente se conspirava contra a Patria e que já surgia inteira a manobra do *golpe de estado* para fazer voltar a dictadura ao periodo funesto dos esbanjamentos, sem lembrarem que o cyclo das concessões estava fechado, que os distribuidores dos terrenos a tantos por quadra, e de immigrantes a tantos por cabeça e de estradas de ferro a tantos por kilometro, estavam *repletos* e os fautores de bancos regionaes e partidarios da pluralidade da emissão já se haviam *nababalizado* com as pingues offertas dos felizes concessionarios!

E nem se veja nisso motivos de improbidade. Pois, si uma simples *pennada* podia da noite para o dia tornar um *cidadão* de pretendente a qualquer cargo publico um rico banqueiro ou proprietario, que muito era que este repartisse, o que era seu, *honradamente* com quem lhe havia arrancado o *ventre da miseria*? O Governo Provisorio era composto de uns *pobretões*, verdade é que todos honestissimos, e presenteados em recompensa de tanto

desprendimento não era razão para que fossem considerados menos dignos. A idéa prepoderante entre estes illustres homens de estado era que precisava-se lançar o paiz na senda do progresso, introduzindo *gente estranha* nelle e abrindo os diques á onda do *papel-moeda*.

Pensava-se então fóra do circulo ministerial que esse engôdo de *dictadura* era agradável a Silva Jardim e então tinham com elle conferencias, creio que no proprio nome do Marechal.

Era simplesmente um engôdo indigno, pela razão de que esses proprios *jangotes* estavam convencidos de sua honestidade e que não poderiam em tempo algum contar com sua acquiescencia a tão criminosos manejos.

E eram todas essas cousas que entenebreciam a alma dos patriotas e que traziam tão fortes apprehensões aos amigos de Silva Jardim.

Não havia illusão possível. Esses primeiros mezes da Republica assignalavam-se principalmente pelas delapidações ao Estado, considerando-se felizes os que não se chafurdaram nesse *mare magnum* das concessões com garantia á custa dos cofres do mesmo Estado. E foi essa a maior ventura alcançada por Silva Jardim: o seu nome subsistio puro e immaculado até o momento em que, desilludido, afundou-se no seio da mãe-commum, o *grande fetiche*, como outr'ora repetia com verdadeira uncção religiosa.

D'entre os differentes Estados da União, o Rio de Janeiro, por mais proximo á Capital Federal, foi um dos que mais resentio-se dessa politica nefasta.

Da continuação da fruição desses gozos materiaes nasceu a idéa da candidatura do Marechal Deodoro da Fonseca á primeira magistratura da Nação.

Interessada a camarilha do Itamaraty nessa eterna exploração dos privilegios governamentais, teve de intervir

sobre a escolha dos homens que teriam de elevar o Marechal ao lugar de presidente da Republica.

Silva Jardim, que havia se esforçado para produzir um *Regulamento eleitoral* capaz de garantir a *verdade do voto*, acreditava que seria eleito constituinte quem maior somma de suffragios reunisse. Acreditou mais, que n'um regimen democratico, o candidato devera se limitar ao papel de acceitar o *pesado encargo de representar o povo* e não intervir na escolha, e, ao passo que via com satisfação o seu nome insinuado aqui na Capital Federal, em Minas, na Bahia e no Rio de Janeiro, julgava como certa sua eleição por todas essas circumscripções, e não procurava segurar-se por nenhuma dellas, fazendo convergir para ahi os seus esforços. E' sabido que sobre sua eleição pelo Estado do Rio de Janeiro elle entendeu-se com o Sr. Dr. Portella, que, ao que consta, o recebera sempre muito amavelmente, apesar de não trazer-lhe recommendação do Itamaraty.

Accrescenta-se mesmo, que o illustre governador lhe dissera que o *seu logar* estava garantido na chapa official. Um outro, que não fóra Silva Jardim, contentar-se-hia com essa demonstração de sympathia e iria descansado aguardar o dia do triumpho eleitoral. Mas os seus serviços impunham esta declaração explicita, e elle não a tinha como favor, e a sua qualidade de chefe requeria mais alguma cousa. Tinha compromissos com os seus amigos, e a lealdade politica impunha-lhe o dever de velar pela sorte delles.

Sem cogitar da politica de emboscada que se estava preparando para continuar as *tradições do Governo Provisorio* e em que se tinha por muita conta a questão de votos na Assembléa Constituinte, fez pressão no animo do governador para que com elle incluísse taes e taes nomes de republicanos historicos.

O Sr. Francisco Portella, que bem sabia o papel que estava desempenhando e tinha consciencia do que valem neste paiz os nomes prestigiados, não foi facil em acceder

às exigencias de Silva Jardim, com preterição de seus prohomens e dos muitos recommendados do Itamaraty.

O resultado é que esses dous illustres coreligionarios não se entenderam, não cansando um de affirmar a certeza da eleição do outro e este de rejeitar este offerecimento por amor de estranhos que porventura não possuíam os mesmos direitos.

O procedimento de Silva Jardim a esse respeito pôde ter sido muito correcto e eu o tenho como tal, mas evidentemente não foi *politico*, na accepção em que esse termo é usado entre nós. Elle julgava cousa de somenos a sua eleição, que a tinha por infallivel, não só no seu Estado natal, como em outros por onde levou o testemunho de suas crenças republicanas.

Queria tambem ser *chefe de bancada*, influir na resolução das questões constitucionaes, pesar na balança do Estado e decidir por ultimo da propria eleição presidencial.

Mal sabia elle que estava destinado a debater-se no vacuo e que por sua inexperiencia das cousas politicas estava condemnado a nada conseguir. Bem se sabia que a offerta de um logar de representante da Nação a elle era o requinte da zombaria, porque devera-se contar com sua irritabilidade propria, sua vaidade offendida, seu amor proprio ultrajado, de acceitar do governo republicano, como um favor, aquillo que era um direito seu, que ninguem em boa fé poderia pôr em duvida, pois havia-o conquistado a custo da propria vida, em justas temerarias com inimigos poderosos e implacaveis.

Decorreu dahi o que de antemão se previa, que não acceitasse *esse favor*, o que por outro lado eximia o governo do Estado de semelhante compromisso.

Não tendo o Sr. Dr. Francisco Portella convindo em alterar a sua chapa, foi levado Silva Jardim a organizar outra para seu uso e do eleitorado verdadeiramente republicano.

Tinha dessas utopias em governo, o que bem revelava suas bellas qualidades de espirito e coração, mas que estava muito longe do ser um *homem pratico*.

Ao passo que elle se deixava lograr tão facilmente; pois estou certo que si *fallasse* a Benjamin Constant ou mesmo a Deodoro e pedisse a sua candidatura, máo grado a intriga dos *jangotes*, seria eleito por esse ou qualquer outro Estado. Os seus implacaveis adversarios, percebendo os manejos da camarilha do Itamaraty, que visava o maior numero de adeptos para a eleição do Presidente, abriam os braços ao *adhesismo*, recompensando a mãos cheias os novos adeptos, com que contavam para contrapor ao numero dos designados pelos que sustentavam a candidatura do Marechal.

Accusou-se Silva Jardim de fazer liga com os conservadores do Estado, e nesse sentido consta-me que foi enviado um emissario ao conselheiro Paulino de Souza em sua Fazenda no *Val de Palmas* e que esse francamente dissuadira disso ao mensageiro, a quem aconselhara abertamente, si tinha interesse em ser eleito, não romper com o governador, por ser o pleito seguinte uma farça e a dictadura actual eleger quem bem lhe parecesse.

Esse enviado mostrou ter bem se compenetrado desses conceitos, pois conseguiu obter um logar na chapa officia, sem todavia retirar o seu apoio moral á direcção de Silva Jardim.

Por occasião da eleição geral, é convicção do maior numero, que triumphou a *chapa historica*; mas, como se havia previsto, empregou o governo a fraude e arredou da Constituinte os verdadeiros representantes do Estado substituidos pelos *phosphoros* elegidos a bicco de penna entre as quatro paredes das salas do palacio de São Domingos.

Póde-se comprehender qual a dôr que sentira Silva Jardim ao ver que se mallograra sua candidatura por todos os circulos por onde fôra apresentado, ao passo

que via serem eleitos verdadeiras nullidades, si não attentados contra o pudor e o decoro nacionaes, homens que deveram estar expiando no exilio o mal que fizeram á Patria, tudo para o fim inglorio de dar á Republica um presidente que devesse satisfazer a voracidade da matilha dos famintos patoteiros!

Tentou nesse interim crear um jornal, de que espalhou prospectos impressos entre os amigos, mas não chegou a resultado satisfactorio.

O que iria dizer? combater a Republica, que fôra o sonho de sua vida no ultimo biennio? apoiar esse governo, que se mostrara indifferente aos seus grandes serviços? fazer côro com os desgostosos?

E que programma daria á luz? a estafada aspiração positivista? Longe estava elle da concepção moderna em politica!

Todos os povos tendem para a democracia ou o governo do povo, do maior numero, de igualdade em materia de liberdade, do nivelamento entre as raças existentes, pela completa ausencia de privilegios.

A Republica está feita, mas a propaganda de sua efficacia ainda está por fazer. E' mister fazer surgir por todos os methodos scientificos a natureza da instituição.

O periodo de nossa historia referente a qualquer dos reinados permanece obscuro á comprehensão do povo e, emquanto este não se convencer de sua dupla tyrannia não se manifestará por esta Republica, que se lhe afigura obra da mais condemnavel autocracia.

Silva Jardim vio-se completamente abandonado pelo Poder, de quem procurou pela experiencia approximar-se, a ver se conseguia ser governo e foi victima de peor especie de intrigantes do que aquella que capitulava em seu ultimo manifesto. Era o jangotismo victorioso e farto, a rir-se da penuria republicana, que se deixava matar de fome para não deshonrar as tradições de seu partido.

Triumpharam contra elle todos os seus adversarios, os proprios monarchistas, que sob a capa de *adhesistas*,

sentavam-se á mesa dos novos orçamentos da Republica.

E acima de tudo imperava o luxo e a prosperidade dos Rougons do Itamaraty em plena florescencia dynastica.

Acordara tarde desse horrivel pesadello. Só tinha um caminho a seguir—o exillio voluntario!

« *Vai, peregrino! Segue teu caminho atravez da vida! Segue o destino, que todos o teem!* (Pag. 182 desta obra).

A versão da proposta de um conchavo no *Val de Palmas*, sobre ser escusada, necessita de confirmação. Mais de uma pessoa bem informada me tem fallado nella. Só o apontado *mensageiro* poderia em verdade elucidar este ponto.

Desnecessario, porém, é ir tão longe, quando factos positivos passaram-se em derredor de nós.

Ha a respeito da junção do partido republicano historico com os conservadores, filiados ao grupo do conselheiro Paulino, diversas manifestações de fusionismo.

Depois do gabinete Cotegipe já se fallava que o Sr. Belisario de Souza, ex-ministro, *se republicanisara* e que a este respeito chegou a conferenciar com Silva Jardim...

Nomeado por decreto do Governo Provisorio em 15 de novembro de 1889, o Dr. Francisco Portella, ao assumir o exercicio violento do cargo de governador do Estado do Rio de Janeiro, cogitou logo dos meios de attrahir as sympathias da Assembléa Provincial, d'onde sahira por indicação do Sr. Quintino Bocayuva, naturalmente por ser o decano dos republicanos, si não pelos motivos já indicados. Ora, esta assembléa era em sua maioria conservadora e affeiçãoada á politica do conselheiro Paulino de Souza, como é sabido.

No dia 18 do dito mez, por intermedio de seu secretario, o Sr. Dr. Raymundo Corrêa dirigio a essa corporação um officio, em que se dizia « que o mesmo governador, assumindo o governo do referido Estado, o fez cheio de con-

fiança no auxilio das luzes e patriotismo da mesma assembléa, e que desejava só inspirar-se no bem publico, para o qual só poderá efficazmente contribuir com o apoio daquella corporação, á qual o prendem tantos laços de estima e gratidão.»

Por essa occasião, depois do Sr. Cyrillo de Lemos, que entendia que o governador, *pedindo esse concurso, dava prova de querer dividir com a Assembléa a responsabilidade que lhe cabe*, o Sr. Bento Carneiro, reconhecido *leader* da maioria conservadora, formulara de accordo com esta uma *moção*, que julgava exprimir o modo de ver de seus coreligionarios a respeito da nova situação.

Approvada a moção da comparticipação da responsabilidade, externou o Sr. Almeida Pereira a confiança no futuro da patria fluminense, cuja organização superior independia logicamente do Sr. conselheiro Paulino de Souza.

E em verdade, dias depois, a 27 de novembro, escrevia este illustre fluminense ao Dr. Almeida Nogueira, redactor do *Correio Paulistano*, em resposta a algumas perguntas que esse preclaro *adheso* se apressou a fazer aos chefes dos partidos monarchicos, estas memoraveis palavras: « Não ha quem possa contestar que está de vez firmada no Brazil a fórma do governo republicano; a transformação fez-se sem regresso possivel. E pois, o que importa hoje é a reorganisação politica da Nação como a esta aprouver em sua soberania. Com as instituições aniquiladas a 15 do corrente mez tiveram de desaparecer os antigos partidos monarchicos que dellas tiravam sua razão de ser. Persistem, porém, para entrar em novos quadros, e diversamente affeioados, os elementos que as convicções individuaes e os interesses sociaes poderão talvez pôr logo em movimento na constituição definitiva da fórma do governo. Por minha parte obedeci logo, como declarei pela imprensa, e reconheço a autoridade effectiva do governo existente, responsavel pela ordem publica e pelos direitos do cidadão; não tenho outra intenção politica sinão que a Nação se

pronuncie no mais breve prazo sobre a sua reconstituição e que se funde um governo estavel no seio de uma sociedade verdadeiramente livre. O meu partido é o daquelles que desejam entrar sem demora no regimen da legalidade e que entendem ser a reorganisação federal das antigas provincias condição primordial da união dos novos Estados do Brazil.»¹

Em vista de tão categoricas declarações, o que cumpria ao Sr. Dr. Francisco Portella? Alheiar tão sinceros adeptos? Onde o partido conservador pelo seu órgão mais legitimo manifestou-se assim em qualquer outro Estado? E onde tambem esse mesmo partido era mais disciplinado e coheso?

Não o entendeu assim o Sr. Dr. Portella, porque sua mira era destruir o *colosso* desse mesmo partido e sobre os seus destroços levantar o *pyramidal* imperio de sua individualidade.

Era preciso organizar um Estado á sua feição, que se estreasse na vida publica pela abdicação de seus mais legitimos direitos, concentrados nas mãos de seu primeiro e unico governador.

E foi o que mais tarde succedeu, contra o voto de todos os patriotas fluminenses.

Não parou ali, porém, a expansão franca de sympathia pela nova ordem de cousas. Em reunião politica na *Bibliotheca Fluminense*, presidida pelo conselheiro Paulino de Souza, foram declarados extinctos os dous partidos *conservador* e *liberal*.

O Sr. Portella aproveitou-se, talvez, dessas boas disposições de espirito dos velhos partidos, que se dissolviam espontaneamente e attrahio com promessas indignas os contingentes menos resolutos e mais faceis de uma aggremação indecisa.

Outra não foi a razão de ser do celebre *officio* dirigido pelo Sr. Alberto Brandão ao Dr. governador do Estado do

¹ Citado da *Patria Fluminense* pelo Dr. Oscar de Macedo Soares. Pags. 36 e 37.

Rio de Janeiro, em que se alludia a uma *politica larga e generosa* e na applicação severa da lei (art. 295 do Codigo Criminal), de modo que os libertos de 13 de maio voltem aos estabelecimentos abandonados e assim sejam tambem contidos todos aquelles, qualquer que seja sua origem, que não concorram para a riqueza nacional! » ¹

Junte-se a essas promessas de *volta ao captiveiro*, pela applicação das penas das leis escravocratas, n'um regimen igualitario da mais pura democracia, *a idéa dos bancos regionaes sob responsabilidade das administrações locaes*, e tereis bellos engodos para attrahir os inimigos da liberdade, por conseguinte da *Republica*.

O decreto n. 7 de 20 de novembro de 1889 veio em breve favorecer o Sr. Portella por via de declarar dissolvidas e extinctas as assembléas legislativas provinciaes.

Desembaraçado dessa comparticipação, que por officio solicitara, vira-se só no campo da luta e rejubilou-se com o reflexo do governo pessoal, que todo concentrava-se em suas mãos.

Já o Marechal Deodoro ou alguém por elle cogitava de fazer uma constituinte á sua imagem, e assim procurou imital-o, elegendo tambem um congresso de comparsas, d'onde sahisse triumphante.

Em contraposição a essa politica de campanario, queria Silva Jardim que se organisasse um partido forte, *constructor*, com os elementos *historico* e dos dous outros partidos, sobre a denominação então de *moderado*, segundo a fusão realizada na *Bibliotheca Fluminense*, na noite de 31 de agosto.

Fôra Silva Jardim um politico trivial e sem consciencia do papel que assumira antes e depois da revolução, que teria acceitado o logar na chapa portellista.

¹ A *lavoura e o governo*, por A. P. de Lacerda Werneck — Typ. Central de Evaristo Costa, Travessa do Ouvidor n. 7, Rio de Janeiro, 1890. — O artigo citado 295 corresponde ao 399 do Codigo Penal moderno.

Esse offerecimento, porém, não pé em que estavam os negocios do Estado, constituia um insulto aos coreligionarios e adeptos sinceros da Republica, pela exclusão de suas principaes personalidades politicas.

O partido republicano no Rio de Janeiro tinha tradições proprias, que seguramente não eram as que se prendiam ao nome do Dr. Portella.

Nenhuma outra provincia apresentava uma lista mais arta em cidadãos proeminentes desde a publicação do manifesto de 3 de dezembro de 1870 até o advento da Republica em 15 de novembro de 1889. Assignaram aquelle Rangel Pestana, Quintino Bocayuva, Mauricio de Abreu, Salvador de Mendonça, Lopes Trovão e Miranda Azevedo.

A esses nomes illustres póde-se juntar os de Silva Jardim e Benjamin Constant, que occupam a culminancia, atravez dos Srs. A. L. dos Santos Werneck, J. Thomaz da Porciuncula, Pedro Tavares, Martins Torres (pai e filho), João Barcellos, Torquato Villares e muitos outros.

Rectificando as informações parciaes do Sr. Getulio das Neves sobre o movimento republicano do Rio de Janeiro no decennio de 1870 a 1880, em que, no dizer homologante do Dr. Felisbello Freire na *Historia Constitucional*, o movimento de propaganda limitou-se á creação do *Nacional* em Nitheroy com José Maria do Amaral e á publicação da *Republica* em Campos com o auxilio do Dr. Francisco Portella, affirma o illustre Sr. Dr. Oscar de Macedo Soares no seu importante trabalho a *Patria Fluminense*, paginas 27 e 28: « Ha aqui uma omissão, não duvido seja involuntaria, mas provando que o autor ignorava a existencia do *Club Desesais de Agosto*, creado em S. Fidelis a 16 de agosto de 1876, cuja acta de fundação foi transcripta no hebdomadario *O Povo*, orgão do mesmo club, n. 1, anno 1º, sob a direcção do Dr. Erico Coelho, João José Soares Junior, Dr. Caetano Moreira de Carvalho Goytacaz e Theophilo Tavares Paes. Esse gremio de propaganda manteve-se activo até á proclamação da Republica, collocando-se sempre

na primeira linha os Drs. Erico Coelho e Francisco Vieira de Almeida e Virgilio de Andrade Pessoa, os dous primeiros fluminenses e naturaes de Cabo-Frio e o ultimo cearense, filho de Sobral.

« Lançados á luta, não faltaram perseguições nem seducções de toda a especie. Os dous fluminenses eram intransigentes, recusaram cadeiras de deputados, offerecidas pelos contrarios. Virgilio Pessoa acceitou, sendo eleito, com o concurso dos liberaes de Cantagallo, deputado á Assembléa Provincial.

A propaganda republicana não se limitava sómente a S. Fidelis nem á cidade de Campos, onde o abolicionismo triumphara: a idéa republicana era prégada por Nilo Peçanha, Pedro Tavares e outros fluminenses, que trabalhavam com todo o ardor e enthusiasmo da mocidade.

Em Padua formava-se outro centro propagandista, tendo á frente o Dr. Ferreira da Luz; em Itaperuna, Costa Azevedo; em Sapucaia, Mauricio de Abreu; em Monte Verde, Agostinho Vidal; na Parahyba, Leopoldo Teixeira Leite; em Itaborahy, Fidelis Alves; em Saquarema, José Bueno de Macedo; em Maricá, Alberto Castro; em quasi todas as localidades, enfim, haviam nucleos de propaganda democratica, mas de republicanos intransigentes, que batiam-se por amor aos principios e não pela ambição de galgar posições nas assembléas politicas, ou na administração.

Emquanto no interior assignalavam-se estes centros de propaganda, os republicanos fluminenses foram plantar as suas principaes officinas de trabalho em Nictheroy, capital da provincia, a dous passos da capital do Imperio; em Petropolis, a cidade imperial, onde o Chefe da Nação e a sua côrte iam todos os annos passar o verão.

Os republicanos de Petropolis tinham á sua frente o Dr. José Thomaz da Porciuncula, com auxiliares da ordem de Barros Franco, Hermogenes e outros. Os de Nictheroy eram dirigidos ultimamente por Alberto Torres, que fez propaganda em Maricá, Itaborahy, Saquarema e Araru-

ama, encontrando em cada localidade um nucleo republicano.

Já não fallemos no extraordinario trabalho de Silva Jardim, que levou por toda a parte, em rasgos de audacia e eloquencia, a palavra inflammada de tribuno propagandista. »

Silva Jardim conhecia bem os homens do seu partido e queria dividir com elles e com os novos adherentes a responsabilidade da organização do seu Estado natal. Foi este o maior obstaculo que encontrou no governo encomendado do Sr. Dr. Portella.

O mesmo illustre paladino autor da *Patria Fluminense* encarregou-se, melhor do que eu posso fazer, de resumir este ponto da politica do seu Estado após a revolução de 15 de novembro.

« A proclamação da Republica encontrou na provincia do Rio tres partidos organisados — conservador, liberal e republicano.

A situação era liberal e presidente da provincia o Sr. Carlos Affonso, irmão do chefe do gabinete 7 de Junho. Faziam opposição os conservadores e os republicanos; mas, apeados do poder, os liberaes esqueceram as lutas antigas, comprehendendo que a republica estava feita e o patriotismo impunha-lhes o dever de salvar a Patria pela sustentação das novas instituições; uniram-se aos antigos adversarios, corresponderam ao appello do governador, decidiram apoiar a nova ordem de cousas.

O Dr. Portella soube aproveitar-se das boas disposições leaes e sinceras dos antigos partidos, procurou fundil-os em um só, que tivesse por objectivo sustentar o seu governo.

Com esta palavra de ordem enviou emissarios de sua confiança para os diversos municipios, os quaes foram do mesmo modo recebidos com a maior cordura e lealdade, sem a menor reluctancia dos chefes locaes. Conservadores, liberaes e historicos reuniram-se todos no pensamento commum de consolidar a fórma republicana.

Vendo-se só, sem assembléa legislativa, armado de poderes, que nunca exercitou, o Dr. Portella revelou-se logo politico sem orientação, administrador desastrado. Ao passo que solicitava e obtinha o congraçamento dos partidos, cercava-se de gente estranha ao Estado, trahia aquelles a quem pedia apoio, rojava-se submisso aos pés do Marechal Deodoro, introduzia na politica estadual elementos estranhos, que ninguem sabia d'onde vinham. Perguntava-se quem era um Sr. Fonseca Hermes, que apparecia influindo decisivamente no Estado; respondia-se: é secretario do Marechal, e isto bastava. Por ocasião de organizar a chapa dos deputados á Constituinte, o Dr. Portella fel-a com tal desastre, que os historicos protestaram, porém debalde, porque o governador permanecia no animo deliberado de reagir contra os fluminenses, fazendo o papel daquelle hospede intrujão, que, tomando conta dos melhores commodos, terminou por expulsar os donos da casa, que haviam-n'o acolhido e cumulado de favores e honras. A *chapa* official era uma affronta atirada aos brios fluminenses.

Os historicos romperam desde logo as relações *politic*as, porque o governador trahia o partido e os interesses do Estado na republica.

No manifesto apresentando os candidatos á eleição do primeiro Congresso da União, o directorio do partido republicano fluminense, composto de Silva Jardim, Santos Werneck, Oscar Varady e Francisco Santiago, publicado em 2 de setembro de 1890 na *Gazeta de Noticias*, vem a explicação do rompimento, do qual não podemos furtar-nos ao desejo de extrahir os seguintes topicos:

« O Estado do Rio e o paiz sabem hoje, pelas noticias e pela polemica da imprensa, pela agitação que, desde os paços do Governo Provisorio até ás praças, a todos tem occupado, que o partido republicano fluminense está em completa divergencia com o governador do seu Estado, para elle enviado a 15 de novembro do anno findo a dirigir-lhe os destinos. Enquanto o poder era dictatorial com a responsabilidade

unica do governador local e do governo central, procurou o directorio do partido republicano conter as queixas dos seus companheiros e evitar quaesquer protestos, mesmo o da dignidade pessoal offendida. Chamados, porém, á tarefa de legalisar a obra revolucionaria, sente a direcção do partido republicano fluminense que a sua collaboração só poderá ser valiosa e digna, autonómica e independente, e que desse momento em diante toda a responsabilidade lhe viria dos erros do administrador, desde que, por uma combinação politica, com elle um pacto de combate fosse firmado perante as urnas. O cidadão que governa o Estado do Rio inaugurara uma politica mental, moral e praticamente, magoa é dizel-o, inferior á das situações monarchicas. Os republicanos foram tratados com tanta desconsideração como nos dias do regimen passado, em que theoreticamente elles eram considerados criminosos politicos. Os fluminenses foram considerados intrusos na sua terra e sua preocupação de que fossem tambem aproveitados para o serviço della pareceu-lhe uma parva e infantil exclusão inspirada pelo bairrismo. A noção da antiga e tradicional provincia desapareceu, sem que lhe substituisse a *noção do Estado*: os municipios creados pelos nossos pais foram inoportunamente cortados, divididos, mutilados, cidades, foram antecipada e illegalmente creadas, os impostos foram augmentados; a instrucção, já de si má, desorganizada; o nivel dos costumes abatido; a moralidade da administração deprimida. Repartições inuteis foram creadas, reformas precipitadas foram realizadas; os dinheiros publicos foram malbaratados; aproveitado soffregamente um regimen todo *provisorio* para a imposição de compromissos effectivos que gravam por muitos lustros a sorte de nossa infeliz terra. Politicamente, *do mesmo modo que o republicano, nenhum dos antigos partidos foi, na porção séria do seu pessoal*, aproveitado para a obra fluminense; e assim apenas convidada a collaborar, no *triste trabalho anarchisador*, essa leva inconsciente e egoistica daquelles que em todos

os tempos desconheceram o suave sentimento do bem publico, em detrimento do bem pessoal. Tudo isto com o fito da formação do ridiculo poder individual de *um governador incapaz, indifferente á terra do Rio*, e sómente zeloso das glórias faceis do poder, que dão a subserviência dos máos e a complacência dos tímidos. Sobretudo o sombrio do quadro fluminense *destacou-se pela vassallagem da direcção do nosso Estado ás forças do poder central, com gravame do principio federativo e da autonomia dos Estados*.

Desde a intriga politica relativa ás pessoas (chamo a attenção para esse traço característico da politica portellista) até a exploração da boa fé dos que dirigem neste difficil momento a sorte da Patria, principalmente da do glorioso militar a quem a Historia do Brazil espera tributar paginas de premio, tudo posto em jogo para fazer da terra do Rio de Janeiro uma triste nação de polacos.

Este directorio, jámais considerado pelo governador do Estado do Rio como a autoridade legal do partido, *a que elle (Portella) pertencera, embora como membro até certo ponto muito tibio e obscuro* (chamo tambem a attenção para esta phrase, que demonstra que o Dr. Portella nunca foi tido em conta de chefe do partido)—e como representante da terra onde não nascera e a que não servira, *sem que a um serviço indirecto a ella não se ligasse uma vantagem á sua pessoa*—foi convidado por elle a homologar a comedia da organização de uma *chapa* eleitoral. Essa estava de antemão combinada nas secretarias, e era assentado que se compuzesse de funcionarios da administração do governador, colorida com a presença de nomes republicanos, e o directorio do partido era chamado a confirmal-a.

Não. Nós sabiamos que a autoridade a nós delegada não nos fôra entregue para um tal mister; e nós sabiamos de quanta vergonha podia o nosso nome ser coberto, si deixáramos de cumprir o nosso dever. Recusámos o con-

vite a combinações pouco dignas e apresentámos ao Governador do Rio a nossa indicação eleitoral. Esquecido tão cedo das doutrinas que, ao que parece, pouco sentira, o governador julgou bom, qual autocrata, desprezar o nosso accordo, ou submissão á opinião do seu Estado e do seu partido, e procurou impôr ao eleitorado fluminense uma lista eleitoral que representasse o *poder*. Fêl-a assim e com ella nada temos, como nada tínhamos com os planos eleitoraes do ultimo proconsul monarchico. Fêl-a composta do secretario do seu governo, do seu director de fazenda, do seu commando da força, do seu collega de governança, dos diaristas que o sustentam, e procurou prender, por uma falsa solidariedade partidaria, alguns dignos companheiros, aos quaes lealmente propuzemos a virem trabalhar connosco pela autonomia fluminense nas fileiras republicanas e que preferiram ficar nas linhas officiaes. » E assim continúa o manifesto, que é um verdadeiro libello politico, que recommendo á leitura do Dr. Felisbello, chamando a sua attenção principalmente para o final do documento, afim de que S. Ex. se oriente si é verdade o que por ahí se murmura, isto é, que o Dr. Felisbello quer intervir na politica do Estado a favor do Dr. Portella, parecendo que S. Ex. esquece-se de que faz parte de um governo que o Sr. Custodio de Mello quiz pôr abaixo...

Na parte final do manifesto, attenda bem, dizia o directorio: « Nós queremos a autonomia do Estado do Rio de Janeiro, isto é, a federação nesse Estado, *a intervenção do poder central sómente tanto quanto para os outros Estados da União, conforme a lei*. »

A 16 de agosto já o Dr. Porciuncula havia publicado um manifesto na *Gazeta*, declarando que não era candidato do governador, ao qual rompia em opposição, acrescentando que o Sr. Quintino Bacayuva, assentindo no pedido de demissão do chefe de policia (Dr. Godofredo Cunha, genro do illustre chefe republicano), implicitamente declarou aos republicanos fluminenses que o Dr. Francisco

Portella *faz o que quer* e eximio-se da « responsabilidade da chapa do governador, que é a sanção da doutrina do autoritarismo do poder intervindo na vida intima do partidario politico ». No mesmo manifesto ha o seguinte topico expressivo: « O Sr. Dr. Francisco Portella, a quem o chefe republicano (o Sr. Quintino) confiou a direcção da politica e da administração fluminense (já se vê, pois, que não foi o seu *prestigio de chefe republicano* que ao Dr. Portella deu o honroso posto), forte do poder eleitoral que lhe deu o decreto de 23 de julho (é o celebre decreto eleitoral Cesario Alvim), proclamou-se independente das indicações do seu antigo partido e do seu chefe, e, offendendo direitos que os tempos da adversidade partidaria impunham, assume a attitude de dictador diante da consciencia eleitoral. »

A 27 do mesmo mez, Santos Werneck publicou o seu manifesto na *Gazeta*, rompendo tambem em formal opposição ao governador, devolvendo o diploma de deputado, que lhe fôra offerecido. Nesse manifesto ha os seguintes topicos, para os quaes chamo a attenção do Dr. Felisbello, porque veem confirmar proposições por mim emittidas em artigos anteriores sobre a passada conducta politica do Dr. Francisco Portella:

« Fosse elle (o governador), ingenuamente dedicado aos interesses fluminenses, que não seria candidato pelo Piahy, e duvido que alguém tenha a coragem de affirmar que si elle não occupasse a posição de governador do Estado do Rio apresentaria outro titulo para ser candidato por sua terra natal. O seu amor ás posições fê-lo abandonar o Estado do Rio pelo Piahy, como abandonara o Piahy pelo Estado do Rio. Está ahi uma orientação verdadeiramente republicana, ou um *adherente*, um republicano *dos taes de todos os tempos*, com todos os vicios do antigo regimen. E' de admirar que queira affronter o Estado do Rio com candidatos creados artificialmente quem não pôde deixar de valer-se dos elementos

officiaes para se fazer eleger no Piahy? Como pôde o Sr. Dr. Portella representar a soberania fluminense, si elle precisa de ser governador do Rio para se dar valor no seu Estado? »

Antes destes topicos ha o seguinte: « Enquanto era esse o nosso procedimento, o Dr. Portella, que se dizia *republicano de todos os tempos*, não havia meio de desligal-o do partido liberal monarchico. Só depois de 13 de maio, quando qualquer cartomante adivinharia a republica, é que lembrou-se o original correligionario de mudar de freguezia. »

Santos Werneck, aquella tempera rija do character fluminense, não podia fazer parte de semelhante chapa, que, além de irrisoria, excluia os nomes de Silva Jardim, Porciuncula, Alberto Torres e outros companheiros de lutas nos tempos difficeis da propaganda, e terminou declarando:

« Em todo o caso, ahi fica sobre a mesa dos Srs. Dr. Portella e Alberto Brandão o diploma de deputado á Constituinte, que magestática e oficialmente me offereceram. »

Eis o primeiro erro politico do Dr. Portella: provocar o rompimento do partido republicano historico, divorciando-se dos seus antigos companheiros, sem motivo plausivel, sem necessidade de especie alguma. Retiraram-se os historicos e foram constituir um grupo á parte, tendo á frente os seus melhores e mais prestigiosos chefes.

Rompiam os republicanos historicos as relações politicas com o Dr. Francisco Portella, levando para a opposição a grande força do partido e os seus melhores chefes, ao mesmo tempo os dous antigos partidos congregavam-se em torno do conselheiro Paulino de Souza e formavam o republicano moderado, na reunião havida em 31 de agosto de 1890, no salão da *Bibliotheca Fluminense*, cuja acta foi publicada no *Jornal do Commercio*.

Nessa acta vem transcripto o discurso-programma, proferido pelo conselheiro Paulino de Souza, para o qual

chamo a attenção do Dr. Felisbello, afim de ver si assim modifica os arroubos effervescentes de sua animosidade contra os fluminenses. Nesse documento verá o autor a explicação da conducta politica do illustre chefe conservador em face dos acontecimentos de 15 de novembro, por elle proprio dada com a maior franqueza e lealdade.

Não podiam os antigos partidos politicos continuar a apoiar o Dr. Francisco Portella, quando justa causa dava logar ao rompimento dos historicos, e, conforme dizia o conselheiro Paulino: — « Era primeiro embaraço a espectacular e desastrada administração do Rio de Janeiro, cujos graves desacertos e ruinosas puerilidades, no dizer de um fluminense illustre e insuspeito, enchera de sombras o futuro do novo Estado; era o segundo a imposição official de candidaturas estranhas aos interesses politicos do Rio de Janeiro. »

E adiante continúa o conselheiro Paulino: « A maior das prepotencias politicas na organização social, sob a fórma administrativa, é sem duvida a chapa official, humilhante da dignidade dos cidadãos, de agentes do pensamento nacional reduzidos a instrumentos da vontade governativa, perversora da essencia dos governos livres. Por ella se envenena, dirá melhor, se enxovalha a liberdade na mais fecunda das suas fontes. Vio algumas vezes nos comicios populares, a intervenção do governo, mas disfarçada e encoberta á sombra dos partidos; do que se está passando no Estado do Rio de Janeiro é que não ha exemplo, nem precedente na série historica dos escandalos politicos. Na presença de um partido, como este aqui, brilhantemente representado pela maioria dos melhores homens do Estado; na presença do antigo partido republicano postado na liça para manter os principios e legitimar os actos da Revolução, o Governador do Rio de Janeiro arrosta o decoro publico com a apresentação de uma lista de funcionarios e, salvas algumas excepções, de illustres desconhecidos, trazidos agora á tona neste primeiro revolver das aguas.

Excluisse elle os homens, ainda os mais eminentes e sinceros dos antigos partidos, nada teria que dizer; mas, por que recusa a collaboração e combate de frente pelos meios de todos sabidos, repugnantes de enumerar, os republicanos tradicionaes do Rio de Janeiro, homens sinceros e de valor moral, que pela causa se sacrificaram e a quem, si mais adiantados na idade, chamaria patriarchas da Republica? Postos de parte os republicanos antigos, não si contando os liberaes e conservadores que formam hoje o partido moderado, o que fica no Rio de Janeiro que se possa ter como forças activas na ordem politica? O elemento official, dirá o governador. Mas o que é o elemento official nesta quadra fóra da lei e em que se assanharam tantos appetites? São os dependentes e os pretendentes ao cofre do Estado e a força publica. O Estado do Rio de Janeiro está em um torvelinho que enche de pasmo os seus pacificos habitantes. São chamados a palacio os homens influentes das localidades, sem se indagar o que são e o que pensam, para receberem a lista official; ouve-se aqui, alli e acolá o estrepito da derrubada das primeiras intendencias republicanas em Vassouras, Petropolis, Mangaratiba, Pirahy, Rezende, Parahyba do Sul, etc.; as autoridades policiaes de primeira investidura republicana são mudadas; altos funcionarios do Estado incluídos na lista official percorrem as localidades acompanhados por ordenanças de policia, encontrados por pessoas tambem aqui presentes á conferencia; promettem-se garantias de juro a quem as quer; annuncia-se o reforço dos destacamentos de policia; aprestam-se os alistamentos clandestinos, e ainda hoje, em folha de grande circulação nesta capital, dous illustres cidadãos, altamente qualificados por todos os predicados da distincção social, declararam publicamente ter, pelo facto de conversarem sobre eleições com amigos seus, recebido da parte do governador ameaça de, si continuassem, serem recolhidos á uma fortaleza, para o que elle, governador, já estava directamente autorisado pelo Chefe do Governo Provisorio!

Nunca se avistou até hoje com o illustre Marechal e não pôde, portanto, fallar de observação pessoal por approximação; mas, vendo pelos actos que no fundo do seu character sobresaem a sisudez e a moderação, assegura a todos que a asserção do governador é um excesso de alarde com que a leviandade não lhe deixa ver quanto comprometteria, si pudesse ser acreditado, a primeira autoridade da Nação. »

(Chamo attenção para este traço característico da politica do Dr. Francisco Portella, porque a elle me referirei quando tiver de fallar sobre os manejos postos em pratica actualmente para o proximo pleito eleitoral. Desta vez servem-se do nome de outro illustre Marechal.) « Assim, pois, sem garantias dos direitos individuaes, porque está nesta parte suspensa a execução da nova Constituição, em um regimen marcial, que importa a excepção, com os moldes da nova legislação eleitoral, diante de uma chapa official adrede organizada e sustentada para excluir a collaboração de todos os partidos no Congresso, limitando-se a representação aos designados da autoridade, na presença dos meios já usados como amostra do que na urgencia se fará, na imminencia do emprego annuciado da força publica, sente humilhada a sua dignidade politica e por sua parte não intervirá no proximo pleito eleitoral.

« Sente ter de proceder assim, porque em toda a sua vida publica é esta a vez primeira que se vê forçado a não comparecer nos comicios populares, onde foi sempre bem acceito; sente tambem não poder dar o seu insignificante concurso aos moços de talento, republicanos de sempre, que fazem hoje mais um sacrificio á sua fé e á honra politica e dos quaes a patria ainda espera valiosos serviços. »

Lê em seguida as conclusões que propõe á approvação :

« Os cidadãos presentes declaram extinctos no Estado de Rio de Janeiro os antigos partidos politicos e affirmam a existencia do partido moderado, que tem por intuitos, resistindo a todos os excessos, fundar um governo estavel no seio de uma sociedade verdadeiramente livre, sobre as

bases seguras da união republicana federativa do Brazil. Compromettem-se a concorrer, dentro dos limites da legalidade, até onde puderem chegar os seus esforços, para que se realize a vontade dos fluminenses, a Constituição politica e a organização administrativa do novo Estado do Rio de Janeiro. Sentem-se com pezar obrigados a deixar de collaborar na Constituição Federal, pela abstenção do exercicio do direito de voto nas eleições de 15 de novembro proximo vindouro, evitando assim a responsabilidade de quaesquer superveniencias na luta a que os arrastaria a intervenção official. »

Postas em discussão, foram approvadas as conclusões, votando contra a abstenção os Srs. Hemeterio Martins, por parte dos republicanos de Campos, que alli o deputaram, conselheiro Pereira da Silva, Drs. Ratisbona e Pedro Luiz.

Divorciados dos historicos e dos moderados, vio-se o Dr. Portella inteiramente isolado da opinião politica do Estado. Tratou, portanto, de constituir partido seu; na falta de pessoal fluminense, mandou vir gente de fóra e lançou o anzol dos interesses individuaes. Como sempre acontece, nestas occasiões, aos homens que dispoem da mesa do orçamento, aos que pretendem se assentar nessa mesa, não faltaram peixes não só de fóra, como de dentro, que pegassem na isca. E por isso vimos acompanhar o Dr. Portella alguns antigos conservadores e liberaes que compareceram ou fizeram se representar na reunião do partido moderado. Alguns historicos não puderam resistir á fascinação, abandonaram os companheiros. De sorte que ficou o partido organizado pelo Dr. Portella composto de fracções de desertores dos partidos historico e moderado, sendo mais avultada a fracção liberal, porque aos desertores do partido moderado, de origem liberal, vieram juntar-se os liberaes que intransigentemente sustentavam na provincia a politica reaccionaria do gabinete de 7 de junho, representada pelo Sr. Carlos Affonso. Estes antigos liberaes, que ainda hoje constituem a força principal dos portellistas, eram,

entre outros, que agora não me occorre, os Srs. Rufino Furtado, Ladisláo Acrisio, João Piragiba, Getúlio das Neves, Dermeval da Fonseca, Pedro Gordilho, Alberto Brandão, Portugal, Constantino Gonçalves, etc.

Leia o Dr. Felisbello os *Annaes da Assembléa Legislativa* do anno de 1889, veja um discurso do Sr. Oliveira Pinto á pag. 113 e me diga si fallo ou não a verdade.

Deu-se então um phenomeno curioso: dos inimigos mais encarniçados que a republica possuia até o dia 15 de novembro, o Dr. Portella lançou mão para constituir com os elementos versateis, e, portanto, máos, dos outros, o seu partido. E com estes elementos assim photographados e com os estranhos que mandou vir, montou a sua politica, organisou a chapa dos seus representantes federaes e estaduais. E, na verdade, esses representantes *fizeram honra* ao seu chefe e ao seu partido, conforme demonstrarei.

Resolvida a abstenção, pelo partido moderado, os historicos entenderam que, fosse qual fosse a sorte do pleito, não deveriam ter igual procedimento. Referindo-se a essa medida, dizia o director no manifesto:

« O que para os outros pátriotas pôde ser uma reserva prudente, para nós seria um erro e um crime. Elles não nos prometteram a liberdade na republica; a nós, que nos compromettemos a garantil-a, é que cabe conquistal-a e convidal-os a gozar connosco dos seus fructos. » Apresentaram os seus candidatos, mas a derrota estava de ante-mão preparada. O Dr. Portella, renegando o passado e os compromissos do presente, inflingio aos seus antigos companheiros de lutas as mais duras das provações no primeiro pleito republicano que feria-se no paiz! » (Pags. 39 a 49.)

Passado este vergonhoso pleito de 15 de setembro, retirou-se Silva Jardim da politica, publicando o directorio, de que elle era presidente, um manifesto a 2 de outubro de 1890 declarando retirar-se aquelle patriota á *vida privada* e sendo substituido pelo Dr. Francisco Pinto Ribeiro.

Nesse periodo, em que dirigio com tanto brilho a politica do Estado, tornou-se effectivamente o eixo de toda politica extra-official e desenvolveu uma actividade só comparavel á de um membro de gabinete. Sonhara com um lugar de ministro, porque tinha convicção que o de deputado á Constituinte ninguem lh'o poderia disputar no regimen republicano em face dos seus immortaes esforços para a proclamação da Republica.

A idéa de pretender occupar o lugar de ministro não lhe pertencia exclusivamente.

Muitos coreligionarios e amigos a suggeriram, e houve um destes que de *Baltimore* lhe escrevera comprimentando pelo advento da Republica e pedindo-lhe o retrato, para a hypothese de que, se viesse a ser *ministro*, estar elle aparelhado para dal-o á publicidade no grande meio norte-americano, no que fôra satisfeito.

Nada mais natural.

O proprio Valentim Magalhães era desta opinião, entendendo que Silva Jardim se entregara incondicionalmente ao novo regimen.

« Elle poz ao serviço do Governo Provisorio o seu grande nome, glorificado por serviços incomparaveis, simulando não ver que o *esquecimento delle para a composição do primeiro ministerio republicano* impunha-lhe: ou a altiva reprovação de um exilio voluntario ou a violenta desforra de um rompimento, e sujeitou-se a ser um mero auxiliar delle, aceitando uma commissão secundaria e estipendiada. »

Presumira-se com as qualidades requeridas para ser um *estadista* e não quiz se confundir entre os politicos vulgares.

Um homem que se sente forte pelas idéas que tem a realizar no poder não se *retira* da luta confessando-se impotente para o meio social em que viveu e se fez respeitar.

Só quando se tem o cerebro vasio, recorre-se a taes expedientes. Silva Jardim, porém, reunia a uma preparação não vulgar, ambições insupperaveis do mando. Fez o que se chama uma *retirada falsa* para cahir de sorpresa sobre

o inimigo. Iria refazer as forças para voltar ao scenario politico. Por seu espirito, n'um futuro pouco longe, passou a visão presidencial da Republica. Só assim se explica o seu afastamento.

Como *homem* viveu para a Familia e pela Familia, como *propagandista* para a Patria e pela Patria e foi inexcedivel; como *politico*, porém, feita a Republica, não se elevou á concepção de viver para a Humanidade e pela Humanidade, procurando realizar as medidas indispensaveis ao advento de um governo estavel, que é a condição de ser do *estadista*.

Não fôra elle o unico *desprezado* da Republica; em Pernambuco, Bahia, etc., por onde andara, outros *compartilharam-lhe a sorte* e outros apenas conseguiram sobre-nadar á tyrannia militar, por milagre.

O Marechal Deodoro, ou alguém por elle, em toda parte lançava a postergação dos republicanos em proveito dos *adhesos* da peor especie ou dos militares guindados á politica. Si no Rio de Janeiro o *sobrinho dava as cartas*, na Bahia o *irmão jogava de sóta e basto*.

« As cousas politicas daqui, escrevia o Dr. Virgilio Damasio, estão cada vez mais *embrulhadas*. A proxima eleição vai fazer-se sob a pressão da mais desbragada politicagem: na maioria dos collegios far-se-ha a *bico de penna*.

Em taes termos, é probabilissimo que nem um republicano será eleito deputado. Tinham-me contemplado em uma chapa senatorial, mas comprehendo que, desde que me negaram a inclusão de 3 ou 4 republicanos antigos, eu tive de declarar que não era isso feito mediante combinação commigo e, por este *desaforo* meu, vou sendo cortado impiedosamente, sobretudo por uns tantos politiquinhos incluídos de accordo com o Sr. Marcolino de Moura e chefe de policia da Bahia, na *chapa official*, politiquinhos que foram amigos dedicados da situação Ouro-Preto. » (Carta de 8 de agosto de 1890.)

Um desses republicanos excluídos ¹ escrevera antes a Silva Jardim lembrando o expediente unico que poderia salvar a situação. Vinha, porém, em um tempo que o illustre propagandista estava ameaçado de igual sorte. Entretanto procurou por meios indirectos, visto que não se entendia com os ministros, dar satisfação ao pedido. *Não estava, porém, na alçada do Sr. Fonseca Hermes*, a quem se dirigira em 28 de julho anterior, *garantir a nomeação do Dr. Virgilio Damasio para 1º vice-governador da Bahia, mas ia ver o que era possível fazer!*

No Governo Provisorio via-se disto: homens da estatura moral de Silva Jardim solicitando favores politicos de individuos completamente desconhecidos e que subiram á tona por virtude mesmo da situação que os seus pro-homens crearam! Entretanto prova o meu asserto de que por fim era Silva Jardim victima de uma facinação hypnotica, acreditando em promessas que o levariam ao crime de se tornar solidario com o *golpe de Estado de 3 de novembro*, si antes não optasse por uma viagem á Europa! Essa só teve o defeito, como opina o Sr. Valentim Magalhães, de ser tentada muito tarde.

Em Pernambuco, a confusão foi tamanha, que os republicanos sinceros, companheiros de Silva Jardim nas lutas contra José Mariano, vendo que esse illustre liberalengo era chamado a palacio, tremeram pela sorte da Republica. E comparando as hostes que no dia 22 de julho de 1839, na praça *Saldanha Marinho*, acamparam, com aquelles soldados de Pharaó, que as ondas do Mar Vermelho represadas tragaram no seu bôjo, achavam que só um homem salvou-se illeso—foi Silva Jardim. Este por certo não desmentio o bom conceito que os bons republicanos faziam delle.

« Escrevo-lhe na anti-vespera da batalha, de ouvido ao chão, como outr'ora os meus avós, escutando o rumor

¹ Dr. Pedreira Franco.
S. J.—18

longinquo produzido pelos pés dos barbaros que nos invadem a Patria! E quanto cynismo, quanta covardia, quanta fome traz esse *exercito de invasores!* »¹

Nessa correspondencia particular faz-se allusão á chapa do Sr. Lucena, compara-se-a á arvore maldita, que asphyxia a quantos se abrigam á sua sombra, ou semelhante ao navio que leva a peste no porão!

Uma importante referencia é tambem esta: « Aqui esteve o Nabuco, de passagem, e disse a alguns amigos que V. lhe havia dito que si elle *acceitasse os factos consummados, proclamal-o-hia chefe do partido republicano do Rio*. E' certo? » (Carta citada.)

Como disse, Silva Jardim tinha secretarios, a quem encarregava de responder ás cartas que lhe eram dirigidas, e estas contavam-se por milhares. Quando muito extensas, escrevia á margem *resuma*; quando não, lia-as todas, annotando os pontos a responder. Nesta a que me refiro escreveu por baixo da assignatura do autor: *A respeito de Nabuco, o que disse é que desejava muito que elle viesse a nós*.

Por mais que se conformasse com a politica do *adhesismo*, instituida pelos paulistas do Provisorio, comprehende-se que sobre o homem que elle combatera vehementemente no dia 30 de janeiro, onde sua vida correu imminente perigo, não podia proferir uma aspiração semelhante.

E' bom levantar este protesto, porque póde mais tarde essa referencia servir de argumento contra o character ilibado de Silva Jardim.

Este Sr. Joaquim Nabuco será sempre em politica o que foi em litteratura, e no abolicionismo, um bonito exemplar das civilisações anglo-americanas e que todos reconhecem por — Quincas, o Bello.

A applicação da Politica Positiva de Augusto Comte á Republica Brasileira dera máos fructos em dous importantes

¹ A. M. Vêras, carta de 13 de setembro de 1890.

Estados. Em Pernambuco sob as inspirações a principio de Annibal Falcão, creando a dictadura *lucenista* e por ultimo com Barbosa Lima, gerando o *terror despotico* que tem abatido o animo dos mais fortes republicanos.

No sul, a tentativa de uma tal applicação foi de effeito mais deploravel ainda. A innovação constitucional da indicação do successor no cargo de presidente do Estado, com approvação das camaras municipaes, deu causa, além de outros pretextos geraes, como a suppressão do parlamentarismo, á crise revolucionaria que convulsiona o Rio Grande do Sul e irradiou-se por outros pontos, ameaçando o Brazil inteiro com o pensamento da restauração monarchica.

Na Capital Federal, ao tempo de Benjamin Constant, a tentativa limitou-se a certas fórmulas dogmaticas na correspondencia official e na bandeira nacional. A introdução da constellação do *Cruzeiro do Sul*, em substituição da *esphera armilar* que constitue a melhor inspiração symbolica daquella, não foi obra do *apostolado*. Em 11 de abril de 1889, por occasião de publicar o *Partido Republicano* do Rio-Grande do Norte, procurando adaptar á bandeira imperial as necessidades republicanas, sem me afastar da tradição historica e allegorias que alli se veem, estabeleci como « Solução geral do problema »: As mesmas *côres* e *fôrma* da actual bandeira; sobre losango central um *escudo portuguez*, cercado pelos emblemas do *café* e *fumo* e encimado, no lugar da corôa, pelo *barrete phrygio*; no pequeno espelho onde estão as chagas, e em vez destas, a *Constellação do Cruzeiro do Sul*, como symbolo da Republica Brasileira.

Solução particular: Substituição do *Cruzeiro* na bandeira acima descripta pelas *Armas* de cada provincia, sejam de procedencia republicana ou colonial; onde não existem taes armas, *assimilem-se* as hollandezas, constantes da tradição historica, como succede em relação ao Rio-Grande do Norte ou *Potyguarania*. »

Em relação á minha provincia natal, cheguei a estampar no frontespicio d'aquelle livro de propaganda a modificação precisa, substituindo o *Cruzeiro* pelas nossas armas holandesas, tão felizmente lembradas — uma *ema* e que ainda hoje, segundo o costume, devera, sobre um taboleiro onde ao fundo se elevasse o serro do *Cabugy*, caracterisar a paisagem dos nossos *sellos estadoaes*. Teriamos assim caracterizado historica e geographicamente o nosso sólo norte rio-grandense.

Ao ler a solução que propunha, Silva Jardim me fallára muitas vezes que cogitou de uma transformação igual, e de facto encontrei nas suas *Memorias e viagens*, escripta no seu exilio voluntario, cousa approximada, que elle intencionalmente publica, arrogando-se a precedencia na formação da bandeira republicana a adoptar.

— Veja isto, dizia eu ao cidadão Verissimo,¹ mostrando-lhe alguma cousa d'entre os meus papeis, quando descansava, a trabalhar de gabinete. E' um projecto de bandeira republicana.

— Ah! é necessario estar tudo preparado para o dia, responde com enthusiasmo.

— É um esboço ainda. A bandeira que Julio Ribeiro idealisou e que o Club de S. Paulo e o Club Tiradentes adoptaram, é simples, mas muito monotona; uma successão de listras, que fatiga o olhar. A idéa das vinte e uma estrellas, para significar as vinte e uma provincias, não me parece boa, porque, naturalmente, com o tempo, nós modificaremos a divisão politica, e será preciso estar a modificar a bandeira, que de sua natureza deve ser uma cousa fixa. Melhor idéa vi em Campos, em casa de Pedro Tavares; sobre o escudo actual, levemente alterado, elle puzera o barrete phrygio. No meu projecto, que obedece á evolução historica da Humanidade e do Brazil, o pão da bandeira, como vê, termina por um condor — é a tradição romana

¹ Verissimo Lage, Pharmaceutico.

modificada na America; o panno da bandeira contém no fundo, em tinta pouco viva, as côres correspondentes ás tres raças — a preta, a vermelha e a branca, que compoem ethenographicamente nossa nacionalidade. Sobre este fundo, o escudo brasileiro, tal como na bandeira actual, significa o espirito de defesa, e é rodeado da canna e do café, nossas culturas do norte e do sul; tem no centro o globo, e, atravessando-o, uma ancora, que representa a força maritima, e ao mesmo tempo o commercio, como o escudo significa especialmente a força publica de terra. Póde-se ainda collocar de um lado do escudo o cavallo, e do outro o boi, representando a industria pastoril do sul e norte. Todos estes symbolos são das forças conservadoras e estaticas da Nação. Sobre o escudo e para significar a força progressiva de movimento popular o barrete phrygio, caracteristico proletario.

— Muito bem! muito bem!

— Vê por ali que as tres raças, a classe militar de terra e mar, a classe agricola e pastoril, o commercio, são representados ao lado do passado latino e americano da mesma arte que o mundo inteiro, pela idéa que o globo inspira. Resta realizar o desenho que lhe mostro e ver o effeito que produzirá em grande.» (Pag. 280 a 283.)

A constituição do Espirito Santo tambem é influenciada pelo Positivismo e a existencia alli de um *partido constructor* revela que o seu actual presidente e factor principal daquella lei basica se mostrava iniciado na Politica Positiva.

Como elemento de distincção dos preconceitos monarchicos, em face da anarchia propria de um povo em formação, a doutrina positivista afigurava-se *organica*, como representando um todo philosophicamente concatenado. Moldado, porém, sobre os velhos themas do conservatismo europeu, constitue um erro palmar sua adaptação ás novas republicas americanas. A sua applicação em parte torna-se illogica e falseada e *in totum* seria uma fonte

inesgotável de perturbações por motivo de reivindicações continuadas em favor da consciencia livre.

Silva Jardim bem sentira essa vacuidade no cerebro e possuio-se da necessidade de estudar as sociedades cultas para ver o que dahi poderia resultar de bom e applicavel ao nosso caso.

O seu papel politico depois da Republica consiste na resistencia aos desmandos politicos do Dr. Francisco Portella, secundado nisto pelas vistas geraes do conselheiro Paulino de Souza, como tenho mostrado, e seguido seu exemplo pelos *historicos* de maior valor intellectual que possuia o Estado e a quem coube depois da revolução de 23 de novembro, sob a chefia do Dr. Porciuncula reorganisar bem ou mal o Estado do Rio de Janeiro.

Si fosse eleito *constituente*, teria de, para ser logico, defender o seu manifesto de 25 de maio e reorganisar este paiz, segundo as doutrinas alli esboçadas.

Na ausencia da tribuna congressional, quiz abrir a da imprensa e pretendeu fundar um jornal — a *Politica*, como já alludi, publicado sob a gerencia de André Verneck e outros coreligionarios. Essa idéa, apesar de aceita pelo seus entusiastas, não foi por diante, naturalmente pelas ausencia de um plano seguro para guiar as aspirações do momento.

A verdade é esta : a sua época havia passado. Outros homens mais amestrados na chicana politica haviam-lhe tomado a dianteira. Só tinha a appellar para o futuro.

A Republica constituiu-se um *bom negocio*, e no balcão para onde entraram os commerciantes, industriaes e banqueiros, não havia espaço para os sonhadores utopicos.

Si lá houvera entrado ou pretendesse entrar, seria repudiado como foi, ou teria perecido sem honra.

A sua previsão, ainda que tardia, foi recuar afim de que passasse a onda da exploração e ver o que se podia fazer de util á Patria e á Humanidade, si um dia a Familia brasileira voltasse aos seus habitos normaes.

Aquella fórmula que se encontra em José Bonifacio, o patriarcla de nossa independencia, e tantas vezes invocada por Silva Jardim em seus discursos, de que a *verdadeira politica é filha da moral*, perdera a razão de ser na instituição da Republica, passados os primeiros dias da revolução incruenta.

Que estandarte podia Silva Jardim arvorar junto aos arraiaes dos bancos emissores por circumscripções regionaes, da retalhação do solo e da immigração a tantos por kilometro ou cabeça, da concessão de privilegios cada qual mais deprimente do nosso decoro, dos juro sobre estradas de ferro ou emprezas de qualquer genero?

Em politica vio posto em evidencia os meios mais ignobeis, e depois de se prestar á confecção de um regulamento *soit disant* liberal, em que se procurava dilatar e assegurar o direito do voto, vio sua obra substituida pelo celebre Decreto Alvim sobre materia eleitoral.

« Ferio-se o pleito : a fraude foi a nota dominante. *Forjaram-se as actas no palacio do governador, em Nitheroy* ¹ e de tal arte houve-se a impudencia, que o resultado da votação sahiu o inverso, isto é, publicou-se no resultado official os nomes dos candidatos da chapa governamental com as votações dos contrarios. A muitos sorprehendeu o resultado, a outros não — mas afinal todos se convenceram da realidade : o governador opprimia a consciencia do eleitorado com o peso brutal da tyrannia, mas semeava as primeiras provocações da futura reivindicação dos brios fluminenses. » (*Patria Fluminense*, pags. 52 e 53.)

Em vista disto, que programma iria Silva Jardim elaborar para sua *Politica*? A *pureza* nas eleições? Pedir a *emancipação do municipio no Estado e do Estado na União*?

Esta tarefa deixou-a elle aos seus successores do Directorio, pois seu espirito, attido a questões theoricas de outra ordem, repugnava nutrir-se dessas *velharias* democraticas.

¹ Esse phenomeno generalizou-se a todos os Estados: o clamor publico denunciou-o de norte a sul, de léste a oeste, como um caracteristico da *liberdade do voto*.

Entretanto foi esta a arma com que venceram e conquistaram o poder os seus ex-companheiros de luta, quando a reacção contra o golpe de Estado produzia seus inevitáveis effeitos.

A sua partida para a Europa era mais que justificada.

Faltava-lhe o termo de comparação entre as nossas e as instituições européas. Do confronto dos dous continentes, o velho e o novo, podia resaltar o remedio a tantos males.

Iria ser um *aprendiz de estadista* e daria á sua patria o melhor de seu coração e pensamento, mostrando que foi sempre homem de caracter.

Durante esse periodo de resistencia Silva Jardim aceitou por differentes Estados a sua candidatura, e a sua vasta correspondencia dá disto evidente testemunho, mas sem se decidir por qualquer delles.

A sua vaidade só ficaria completamente satisfeita si visse triumphar aquella por todos os grandes Estados: S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, inclusive o Districto Federal, como politico algum havia conseguido no Brazil.

Era justa sua ambição? Desacertado era sem duvida dispersar forças, desde que effectivamente queria ser eleito.

Os de S. Paulo não se esforçariam em incluí-lo na *chapa official*, contando que os de Minas o fizessem.

Os amigos dalli, depois de havel-o incluído por um districto qualquer, não tratariam decisivamente, contando que fosse eleito pela Capital Federal; e os coreligionarios desta, tendo por certa sua eleição no Estado do Rio, depuravam-no sem remorsos, etc.

Além disso, levantara diversas candidaturas, cujo exito enfraquecia o seu prestigio junto ao Governo, si porventura o tivesse para dispor delle á vontade. Pelo Amazonas empenhava-se pela eleição do seu bom amigo o Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, e pelo Maranhão pela do seu companheiro de escriptorio Dr. Raymundo de Sá

Valle, occupando nesse afan governadores e candidatos a esse cargo. « O seu amigo Dr. Sá Valle sabe que está bem collocada aqui a candidatura delle; é preciso, porem, accrescentava o Dr. Porciuncula, que incumba os parentes e amigos que aqui tem de propagal-a e de trabalhar. » (Carta de 18 de junho de 1890.)

Depois de criticar a administração do então governador do Amazonas como tendo dado as provas mais robustas de insufficiencia e incapacidade, escreve a Silva Jardim um coreligionario, residente no Maranhão, em 16 de julho de 1890: « A eleição do nosso amigo Dr. Herculano de Souza estará perdida, si eu não for para o Amazonas, e só irei no cargo de governador.

Assim, peço-vos que intercedais, com a vossa poderosa influencia, perante o Governo Provisorio, no sentido de conseguir a minha nomeação, pois os nossos amigos do Amazonas querem que eu volte para lá. »

Esse pedido, a que Silva Jardim annotara á margem: *Impossivel*, dá uma idéa da *facilidade* com que se faziam as cousas então. Ignoro si o illustre homem de lettras, que tão criteriosamente afastou-se dos negocios publicos, autorisava esses *manejos*, mas esse facto prova a natureza das solicitações feitas a Silva Jardim.

Individuos de todos os pontos escreviam-lhe pedindo empregos, embora o não conhecessem e por todos elle intercedia. Ora, esse constante solicitar enfraquecia-o, si é que não levasse á mente dos homens do governo que elle pretendia tornar-se excessivamente popular, e a idéa que assaltava a todos é que estava ali se preparando *um Presidente da Republica!*

Muitos esforços despendeu igualmente pela candidatura, aliás justa, como a dos dous referidos, dos Drs. Josephino dos Santos por Minas e Pereira Franco pela Bahia, e quiçá de Martim Francisco por S. Paulo, Estados estes por onde se fallava que seria eleito, além da chapa do Directorio, que em seu nome recommendava ao eleitorado do Rio de Janeiro!

Está claro que a entrar para o Congresso queria ver-se cercado de companheiros de luta e amigos de todos os tempos, pois assim poderia influir directamente na politica.

Falhou-lhe, porém, a tactica, descobrindo-se antes de tempo. Os seus inimigos, porque, invejosos de seu prestigio, *deram-lhe para baixo*, e o real propagandista e prestimoso coreligionario nem sequer obteve um lugar para si no Congresso Constituinte.

Silva Jardim enganava-se a respeito dos homens de seu paiz e fôra victima dessa visão interior, que manda julgar o nosso proximo segundo a opinião que de nós fazemos.

E elle era facil nesses juizos; veja-se o que affirmava por paizes estrangeiros, confiante nos seus patricios: « L'esprit organique qui a présidé à l'installation de notre république par la preponderance de Benjamin Constant est le secret de son événement pacifique. Grâce à cette impulsion première, JE CROIS POUVOIR VOUS ASSURER QUE JAMAIS DANS MON PAYS, QUOI QU'IL ARRIVE, LES COMPÉTITIONS POLITIQUES N'ABOUTIRONT À DES LUTTES FRATRICIDES. *Les vivants sont gouvernés par les morts!* ET LA MÉMOIRE DU GRAND PATRIOTE, QUI inspiré par l'amour de son pays et éclairé par les lumières supérieures de la philosophie positive, A FONDÉ LA RÉPUBLIQUE, NOUS PRÉSERVERA TOUJOURS DE TOUT ÉGAREMENT. » (Discurso pronunciado em 19 de abril de 1891, em Bourg-la-Reine (França), por occasião do 4º anno de Condorcet, respondendo a um *toast* do Dr. Robinet á Republica Brasileira.)

A *revolta de 6 de setembro*, a tentativa de *restauração e a guerra civil* do Rio Grande do Sul, que respondam aos votos de paz externados pelo illustre exilado!

A verdade é que o povo brasileiro não interveio nesses casos, e a politica é obra dos governos e estes de um grupo que, quando muito, representa uma minoria insignificante.

Esse anno de 1890 trouxera a Silva Jardim amargas decepções; no terreno politico a derrota foi compensada

pela convicção de que o seu Estado natal, no ponto mesmo em que collocara a questão, *havia-se portado galhardamente diante da pressão do governador, e a Capital Federal deu-lhe uma votação de estima muito grande além da que devera ter tido em Minas.*

« O effeito de tudo isto, escrevia elle ao pai, me está sendo muito favoravel. » (Carta de 20 de setembro.)

Em começo da situação republicana escrevera ao pai prevenindo-o de que era tempo de reivindicar seus direitos, e nesse sentido fallara ao Dr. Portella, que promettera tomar na devida consideração o caso.

Só, porém, mais tarde, e muito custo, conseguiu para elle um lugar de inspector do districto, após a reforma da Instrucção Publica, feita por aquelle governador.

Depois de feita a Republica, o seu primeiro pensamento foi para o seu bom pai, victima outr'ora de multiplas injustiças.

Amante extremoso da familia, veio no meio de tantas aspirações feril-o a morte na pessoa de um seu infeliz irmão, o Pedrinho, o primeiro da segunda serie.

Mandara-o vir da casa paterna e empregara-o em a casa commercial do Sr. Sucena & Comp., apanhando na capital o germen da terrivel molestia que tem sido o flagello da grande cidade sul-americana.

Pobre, no meio de tanta riqueza, a custo pôde comprar uma pequena casa na Tijuca, que mobiliou com os seus trastes antigos, alugando-a, como estava, quando teve de seguir viagem para a Europa.

Si houvesse nessa terra o culto dos *grandes homens*, o Governo trataria já de tel-a adquirido, tal e qual elle deixou-a, para servir de incentivo ao povo, que por aquella morada singela pôde bem fazer idéa da simplicidade e da modestia, como da honradez e probidade daquelle que se sacrificara tanto pela Patria. Seria uma especie de *Ville d'Avray* e para alli todo o anno, no dia de sua morte, affluiria o povo em romaria, como acontece em Pariz com a casa onde morreu o salvador da França.

« Este culto do passado, diz o Sr. Dr. Campos Sales, exerce poderosa e benéfica influencia na educação da alma popular. Tive a prova disto nas reflexões intimas que me suggerio a visita á casa de Gambeta. Aquella pequena e modesta habitação constitue a um tempo um monumento á honra do estadista e um proveitoso exemplo para servir de guia aos homens publicos na sua conducta. » ¹

A partida de Silva Jardim para Europa é em grande parte devida ao interesse que por elle tomavam alguns amigos, entre elles o distincto Dr. Matta Machado, seu vizinho da Tijuca.

A *Gazeta de Noticias* de 4 de julho de 1891, noticiando sua morte, junta pormenores a este respeito. « Não é uma offensa, nem é um desrespeito á sua memoria dizer que em Pariz elle vivia graças á pensão de 1000 francos, que um espirito superior e seu admirador e amigo alli lhe fornecia... » ²

Sahira daqui a 2 de outubro e chegara a Lisboa em novembro, d'onde partira para Pariz a 14 do dito mez, desembarcando a 23 nesta cidade, depois de estacionar alguns dias em Bordeaux.

Em 1º de janeiro de 1891 escrevia elle de Pariz, datando da *Avenue Velliers*, n. 68:

« Meu pai.

Esta não tem outro fim sinão saudal-o e a toda familia no dia de hoje, bem como pedir-lhe noticias dahi.

De mim, o que lhe posso dizer no momento, é que vou vivendo bem, realizando o programma, que me tracei, de estudar e viajar, esperando o momento opportuno de intervir mais ou menos directamente nos negocios politicos do meu paiz.

Acabo de percorrer a Hollanda e a Belgica, vou continuar os meus cursos de finanças e de estudos politicos

¹ Cartas da Europa, pags. 76 e 77.

² Memorias e Viagens, pag. 463.

na *Escola Livre de Sciencias Politicas*; a correcção de meus discursos e do meu livro de *Memorias e de Viagens*, e os meus trabalhos sobre a politica brasileira, ao lado do que se refere a minha profissão.

Espero que sua situação ali seja a mesma, e que uma attitude moderada o mantenha no seu cargo.

Vai uma lembrança, etc... Um abraço em minha mãe, a quem beijo a mão, outro em Mariquinhas e nos meninos.

Seu filho e amigo.— *Silva Jardim.* »

Esta carta, escripta na maior intimidade, revela o programma de uma carreira bem comprehendida. Dera uma outra orientação ao seu espirito e enriquecia-o de novos conhecimentos. « Em maio estivera em Londres, continuava estudando. » (Carta de 5 deste mez.)

« Afastado momentaneamente do Brazil, diz o Sr. Oscar de Araujo, pelos acasos da politica, Silva Jardim procurava na sociedade dos republicanos francezes e na recapitulação intima da sua vida publica dar ao seu animo a nova tempera que as novas circumstancias da Patria exigiam. Revigorava o espirito com a experiencia alheia e servia o seu paiz e a sua causa no estrangeiro. Desprezando a erudição banal dos visitantes dos museus e dos *touristes* do boulevard, colhia na convivencia dos homens eminentes de França a lição pratica da vida politica e intellectual deste grande povo, iniciador da idéa republicana no mundo. E, enquanto ia rememorando a a dia, no livro que deixou escripto, a historia das suas lutas, dos seus dissabores e das suas esperanças, Silva Jardim não conheceu a descrença, que só accommette os fracos, como não conheceu o desanimo, que é privilegio dos pusillanimes. Ao contrario disto, a sua fé ia até á illusão e a sua coragem até á temeridade, e uma temeridade roubou-o á Patria e aos seus. » (Introducção ás Memorias e viagens, pags. VIII e IX.)

O seu cunhado Martim Francisco, que muito prezava, oppuzera-se a esta viagem; mais de uma vez convidou-o

a voltar a Santos, e que ao menos deixasse com elle, repartidamente com sua mãe, os dous sobrinhos mais moços, netos desta, o Danton e a Beatriz.

Assim aconteceu; acompanhara-o apenas o Antonico, o mais velho. Depois da morte, dera a mulher á luz um outro filho, a quem chamou Franklin. Quatro ao todo.

A causa de sua morte assim tão tragica póde ser levada á conta de seus escassos conhecimentos geológicos, pelo que não se podia tornal-o responsavel. No tempo em que matriculou-se em direito ainda não faziam parte dos exames de admissão os estudos sobre sciencias naturaes.

A pessoa tomada para guia não o era de certo.

Encaminhara-se pela subida mais rapida, sem attender á direcção dos ventos, que arremessam as escorias em certos e determinados pontos, sem haver tempo de solidificarem-se, ao passo que, em sentido opposto, póde-se perfeitamente, mesmo em caso de erupção activa, appproximar a gente da cratera, pela resistencia que offerece a crosta do monte, refrescada pela constante viração. Dera-se alli a fascinação do desconhecido: *abyssus abyssum evocat*. Tal homem tal sepulchro.

Não foi um suicidio, como se ouve dizer a cada passo.

Silva Jardim não conheceu a descrença, que só *accommette os fracos*, nem enveredou jámais pela loucura, que occasiona a morte aos sem ventura.

Fóra da patria, procurou retemperar o animo e illustrar o espirito e foi a sêde de observação, como fonte dos conhecimentos scientificos, que o mergulhou em fumo e lavas.

— O *Diario Official* publicou o seguinte officio do nosso ministro na Italia e o do ministro italiano das relações exteriores:

« Secção central — N. 1 — Legação do Brazil — Roma, 4 de julho de 1891. — Senhor Ministro — E' sob a emoção de profundo sentimento de pezar que me apresso em communicar-vos que o Dr. Silva Jardim foi victima de um

desastre inesperado, visitando as proximidades da cratera do Vesuvio, ás 7 horas da tarde do dia 1 do corrente mez.

« A's 7 horas da tarde do dia seguinte tive a primeira noticia desta lamentavel desgraça por um telegramma do nosso consul geral em Napoles, Dr. Americo de Campos, nos seguintes termos:

« Silva Jardim hontem de tarde excursão Vesuvio desappareceu perto cratera. Mendonça partio agora, chegará Roma nove horas noite — *Americo*. »

« A' hora da chegada do trem de Napoles, encontrei o Sr. Joaquim Carneiro de Mendonça na Estação de Roma, onde fui expressamente esperal-o. Trazia um dos braços ao peito, em consequencia de ferimentos que recebeu, e mostrava-se muito agitado, tendo elle proprio corrido imminente perigo de ter a mesma sorte de seu amigo.

« Referio-me então que, tendo passado o dia todo a visitar Pompéa, fizeram á tarde uma ligeira refeição em um dos hoteis daquelle localidade.

« Logo depois, Silva Jardim manifestou desejo de que aproveitassem as horas do dia que ainda restavam para realizar a projectada excursão ao Vesuvio.

« Carneiro se oppoz, não só por ser tarde, como pelo excessivo calor, como tambem por achar-se indisposto e com dores de cabeça.

« A' vista, porém, da insistencia de Silva Jardim, decidio-se a acompanhal-o, e para o effeito tomaram um guia e seguiram a cavallo.

« A pouca distancia do cone principal da montanha, apearam-se e continuaram a avizinhar-se da cratera.

« Silva Jardim mostrava-se enthusiastico pelo grandioso espectaculo da erupção e expandia-se com o seu amigo em palavras animadas, tendo-lhe occorrido citar o caso de Plinio, o naturalista, que alli perdera a vida por amor á sciencia, asphyxiado pelas emanações do vulcão.

« Pouco depois, Carneiro, que se achava uns doze passos atrás de Silva Jardim, o qual tinha o guia ao seu lado,

bradou-lhe que o perigo alli era imminente e que deviam retroceder.

« Neste momento, Carneiro sente-se cahir em uma fenda aberta sob seus pés e com cerca de dous metros de profundidade.

« Com esforço ingente conseguiu, apoiando-se nas paredes lateraes voltar á superficie do solo, onde o guia, que alli passava, deu-lhe a mão e o ajudou a sahir.

« Carneiro, ferido e attonito, pergunta ao guia por Silva Jardim : a resposta que teve foi : — Morto ! — Silva Jardim havia desaparecido em uma das fendas vizinhas á cratera.

« Na mesma noite do dia 2, deixando Carneiro na estação da estrada de ferro de Roma, d'onde seguio para Pariz, dirigi-me sem demora ao telegrapho, e communiquei a noticia do triste acontecimento ao nosso ministro em Pariz, visto achar-se em França a familia do Dr. Silva Jardim.

« Em acto continuo, procurei o Conde d'Arco, sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, narrei-lhe o occorrido e pedi-lhe com instancia para que mandasse proceder a diligencia no intuito de descobrir o cadaver, si por acaso estivesse sobre a superficie do solo, bem como de mandar proceder a indagações a respeito do facto, afim de averiguar-se qual a parte de responsabilidade que pudesse caber ao guia, que tão imprudentemente conduzio os dous viajantes.

« Recebo neste momento a resposta do Conde d'Arco, da qual junto uma cópia.

« Terminando, não posso eximir-me de manifestar-vos o meu profundo e doloroso sentimento de pezar pela perda sensível que soffreu a nossa Patria com o desaparecimento de um dos seus mais illustres e dignos filhos.

« Reitero-vos os protestos da minha alta estima e perfeita consideração.— *F. Xavier da Cunha.*— Ao Sr. Dr. Justo Chermont, Ministro das Relações Exteriores.»

« Ministero degli Affari Esteri — Il sotto segretario di Stato — Rome, le 4 juillet 1891.

« Monsieur le Ministre — Le Préfet de Naples, á qui j'ai demandé des renseignements au sujet du malheureux accident touché à Mr. le Docteur Jardim, vient de me communiquer ce que suit :

« Le sujet Brésilien Mr. le Docteur Silva Jardim, vers 7 heures du premier de ce mois courant, accompagné par un de ses amis, Mr. Joaquim Carneiro, tous les deux escortés par un guide, grimpèrent le Vesuve. Tou-à-coup, en proximité du nouveau cratere une crevasse s'ouvrit sous les pieds du Docteur Jardim, et une colonne de fumée s'élevant aussitôt, le malheureux fut englouti disparaissant à l'instant. Son ami s'étant lancé vers lui aurait couru le même sort si le guide n'était prêt à le rattraper. Le consulat du Brésil à Naples a été aussitôt informé de l'arrivé. De ce qui procede il faut deduire qui le malheureux fait est conséquence d'une pure accidentalité.

« Veuillez agréer, Monsieur le Ministre, l'assurance de ma très haute considération.— *Arco.*— Monsieur da Cunha, Ministre du Brésil, Rome. »

No dia 2 de julho de 1891, anniversario do nascimento de seu Pai, espalhou-se a infausta noticia na Capital da União e irradiou por todos os Estados com a celeridade do raio.

A commoção foi nunca sentida. Julgou-se até o proprio Governo responsavel pelo desastre. Fôra prodigo em homenagens o nosso Congresso.

A imprensa foi unanime em externar o sentimento de que se possuiam todos, em vista de tamanha catastrophe, aproveitando o ensejo para exaltar as virtudes e referir os grandes dotes de coração do illustre cidadão. Os seus serviços foram pela primeira vez apreciados sem paixão partidaria e o seu nome apontado entre os benemeritos da Patria.

Aos seus adversarios, os que assim concorreram para seu exilio voluntario e morte subita, si bem que imprevida, ficou para sempre desimpedido o caminho dos entaves que as pessoas honestas oppõem aos desmandos

políticos e, envolta com essas vantagens na fruição dos gozos publicos, o remorso eterno das consciencias traíçoeras e ambiciosas.

Si é verdadeira a maxima, como elle acreditava, de que — os vivos são cada vez mais governados pelos mortos — o seu imperio, ao emvez dos que lhe sobreexistiram, começou effectivamente na hora de seu triste passamento e será perpetuo no coração dos que amarem a Republica.

